



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Bartos Batista Bernardes

A FESTA DA CHIQUITA NO TERRENO DO CÍRIO DE NAZARÉ:
uma experiência de lazer entrelaçando a devoção, a diversidade e a economia popular

Belo Horizonte – MG

2023

Bartos Batista Bernardes

A FESTA DA CHIQUITA NO TERRENO DO CÍRIO DE NAZARÉ:

Uma Experiência de Lazer entrelaçando a Devoção, a Diversidade e a Economia Popular

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL, do Curso de Doutorado da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito final para obtenção do título de Doutor.

Linha de Pesquisa: Identidades, sociabilidades e práticas de lazer.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli.

Belo Horizonte – MG

2023

B522f Bernardes, Bartos Batista
2023 A Festa da Chiquita no terreno do Círio de Nazaré: uma experiência de lazer entrelaçando a devoção, a diversidade e a economia popular. [manuscrito] / Bartos Batista Bernardes – 2023.
220 f.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 203-213

1. Lazer – Teses. 2. Círio de Nazaré – Teses. 3. Festas religiosas – Teses. 4. Economia popular – Teses. 5. Minorias sexuais – Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 92ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

BARTOS BATISTA BERNARDES

Às 08h30min do dia 30 de junho de 2023 reuniu-se de modo virtual a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "A FESTA DA CHIQUITA NO TERRENO DO CÍRIO DE NAZARÉ: UMA EXPERIÊNCIA DE LAZER ENTRELACANDO A DEVOÇÃO, A DIVERSIDADE E A ECONOMIA POPULAR", requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelas(es) examinadoras(es), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira (PUC-MG)	X	
Prof. Dr. Rafael Fortes Soares (UFMG)	X	
Profa. Dra. Leilliam Cruz Dantas (UFCG)	X	
Profa. Dra. Sibelle Cornélio Diniz da Costa (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O resultado final foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 30 de junho de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **RAFAEL FORTES SOARES, Usuário Externo**, em 05/07/2023, às 18:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leiliam Cruz Dantas, Usuária Externa**, em 05/07/2023, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amauri Carlos Ferreira, Usuário Externo**, em 05/07/2023, às 19:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 05/07/2023, às 20:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sibelle Cornelio Diniz da Costa, Professora do Magistério Superior**, em 06/07/2023, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2446009** e o código CRC **3CB4F80C**.

*Dedico este trabalho às minhas Rainhas: Ana Pereira de Farias, **Naninha**, bisavó amada e Margarida Pereira de Farias, que é meu tudo, minha **Dida**, o grande ser da minha vida. Todo amor que pulsa em meu coração é seu! Dedico ainda ao meu bisavô e pai, meu “bisavôhai” **Luiz Pereira**, “meu cheiroso, meu lholhoso, meu bonito!”.*

*Dedico também ao inesquecível **Relaxa (Ivan)**, minha primeira referência LGBT; e a **Seu Zé do Doce**, que desde minha infância o vi a passear com seu carrinho de mão, carregado dos mais saborosos doces quebra-queixos que já tive o prazer de experimentar. Que Deus os tenha!*

*Dedico a **Elói Iglesias**, por essa “Força Estranha” que ele carrega dentro de si, e que o leva a lutar, sempre de cabeça erguida e com uma imensa altivez, pelos seus ideais.*

*Dedico especialmente ao meu mestre e orientador **José Alfredo Oliveira Debortoli**, que tanto admiro, por suas múltiplas qualidades, mas sobretudo por sua imensa inteligência e sua noção certa de como um ser humano deve usufruir desse mundo. Seu cuidado e zelo para com o outro é algo de um valor inestimável. Zé carrega consigo um testemunho valoroso de vida e de superação, que deságua numa absurda e rara capacidade de acolhimento, de empatia e de respeito ao próximo, sobretudo com o diferente. Uma espécie rara de gente, um verdadeiro gigante!*

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa retribuir o carinho e o encorajamento encontrado ao longo dessa jornada de estudos, empenho e constante busca pelo conhecimento.

Agradeço primeiramente a Ela, Nossa Senhora de Nazaré, e ao seu filho, o Bom Jesus dos Martírios, por ter nos amparado nesse quadriênio, especialmente no enfrentamento de uma pandemia que tanto nos desgastou, emocional e psicologicamente. Agradeço também ao meu santo, São Jorge, ogum meu protetor; e a São Sebastião, São Cristóvão, Santa Bárbara e Nossa Senhora Aparecida.

À minha mãe Sandra e meu irmão Graco, duas colunas incólumes para minha existência.

À minha querida irmã Irina Bernardes, responsável pela correção ortográfica deste trabalho. Fico imaginando o cuidado e o amor com o qual ela se dedicou a essa tarefa.

Às minhas irmãs Madge, Giselle, Ingrid, Ana Esther, Raíza, Lara, Renata Carine e Patrícia Lapa, e ao meu irmão Rodrigo, por tanto amor, sempre. Às minhas tias Gisele e Soraya e minhas primas Raíssa, Ana Emília, Rebeca, Luanna, Lisandra, Lucas e Gustavo.

Aos meus cinco afilhados: Chistopher Nicholas, Valentina Falcão, Silvinha Ângelo, Gustavo e Francisco Paz.

Aos estimados amigos paraibanos Herbert, Vanderlei, Leka, Narita, Andresa, Kezinha, Fatimitxa, Karla de Déda, Hugo, Elvis, Mano, Yara, Dayse, Odete Assis, Raquel, Dona Santana, Dona Miracy, Sayonara, Gerusa de Regi, Gerlanne, Gerusa de Cotila, Bitá, Minho, Paulo José, Edvan Leite, Glauco, Glauber, Mylena, Efigênia, Sérgio Matos, Vitório Teixeira, Antônio Carlos Melo Filho e Clóvis Fernandes Júnior.

Aos piauienses e colegas do Instituto Federal Renato Bastos, Nalva, Carlinha, Celita, Márcia Mororó, Willame, Rômulo, Marina, Sterfânia; nossos diretores Raimundo Nonato e Willam Mello; e aos queridos Seu Washington, Dona Margareth, Viviane, Andreza, Bruna, Henrique, Nayara, Lucivaldo e Ana Cleide. Em especial aos colegas do eixo de Gestão e Negócios, grandes incentivadores dessa minha batalha: Professores Clayton, Jéssica, Dayane, Marcos, Angélica, Nilton e o Professor Carlos Henrique.

Aos pernambucanos Luciana Rosas, Ana Júlia, Cassiano, Ana Débora, André Riccari, Bruno Tenório, e a turma do mestrado nas pessoas de Vagner, Cícero Carlos, Daniel Geraldo, Augusto, Cléber, Sandra, Tainá e ao grande Vagner, este amigo incentivador e companheiro de viagens.

Aos mineiros e grandes amigos que fiz na terra do pão de queijo: Thiago Neves, Rafael Augusto, Daniel Bezerra, Andréa, Josi Mendes, Nathaly, Bryan, Renato Viana, Luciano, Mateus Santos, Juan Rodrigues, Adriana, Rafael Lemos, Igor Borges, Paulo Vítor, Sérgio Marques, Richard Júnior, Dimas, Orlandinho, Marquinhos, Venício, Silvana Marzano, Renata Pinto, e meus colegas de Doutorado: Joise Simas, Joyce Kimarce, Christian, Jordânia Eugênio, Ju de Paula, Mauro Lúcio, e aos casais Matheus e Karin, Renata e Rodrigo, e meus queridos compadres Renato Saldanha e Verônica Toledo.

Aos paraenses que me acolheram com tanto carinho: Goretti, Olga, Fernando, Saint Clair, Carlos Joaquim e especialmente a Bruno Gomes, por seu lindo papel junto à Chiquita.

Aos meus ídolos: Daniela Mercury, Chico Buarque, Fafá de Belém, Renato Russo, Simone Bittencourt, Cazusa, Clara Nunes, Maria Bethânia, Dona Onete, Marinês de Jesus, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Fagner, Milton Nascimento, Nando Cordel, Amelhinha, Dominginhos, Luiz Gonzaga, Leandro, Anitta, Ricky e Chris Martin, Morten Harket, Herbert Viana, Samuel Rosa, Bell Marques, Durval Lelys, Netinho, Dinho Ouro Preto, e aos conterrâneos Elba Ramalho, Zé Ramalho, Chico César, Flávio José, Jackson do Pandeiro e Juliette.

Aos amigos e amigas do Grupo “*Karnabart lives*”, e aos queridos Márcio Asa, Alberi, Aluizio e Marcelo Wild, Renato Pellizzari e Ricardo Guimarães, respectivamente baiano, cearense, paulistanos, carioca e mineiro.

A toda a turma do NaPrática, em especial aos queridos Genesco, Gabi, Soninha, Eliene Farias, Bruno Nigri, Paulinha, além da imprescindível colaboração de Luis Gustavo, Joise Simas, Jaqueline Silva, Gustavo Eleutério e Douglas Rocha, que me deram um suporte logístico e afetivo no dia da defesa.

Às minhas eternas e inesquecíveis professoras: Dona Santana, Raquel de Fátima, Vanilda (Nide), Luíra Freire, Sônia Calado, Baby, Eude, e especialmente Leiliam Cruz. E também aos professores Damião de Lima, Cícero Rafael e meu querido orientador Rafael Lucian.

A todas as minhas alunas e todos os meus alunos, com quem aprendo o tempo todo, e tento retribuir da melhor forma possível, com os conhecimentos juntados ao longo de uma extensa vida acadêmico-profissional.

Aos mestres que tive a honra de ser aluno no PPGIEL: Christianne Luce, Cléber Dias, Elisângela Chaves, Silvio Ricardo, Rafael Fortes, Helder Isayama. E a todos os servidores desse programa, em especial o colega Danilo Ramos, por sua imensa e importante dedicação. Aos Professores da FACE Roberto Monte-Mór e Sibelle Diniz; e ao Professor Leandro Oliveira, da FAFICH.

Aos estimados amigos que Deus chamou para perto de si, enfeitando o seu plano celeste: Simone de Nido, Fredson Batista, Tia Berenice, Padrinho Vevé, Edméia Marinho, Railton Falcão, Rejane, Jefferson (artista plástico), Biluzinha, Higuinho e principalmente Euclides de Sá, que de tão recente e por sua juventude, ainda dói por demais em meu coração. Saudades de todos vocês!

Aos docentes que participaram de minha banca de defesa, colaborando com suas expertises acumuladas em anos de dedicação à pesquisa acadêmica: Zé Alfredo, Rafael Fortes, Amauri Ferreira, e especialmente às queridas professoras Leiliam Cruz e Sibelle Diniz. Aos cinco, meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

Agradeço, por fim, a todos os que de alguma maneira contribuíram para a confecção deste trabalho, principalmente as pessoas que gentilmente dispuseram de seus tempos para me concederem entrevistas (vendedores, organizadores, devotos e brincantes). Cada participação foi de extrema grandiosidade para mim, por isso, a vocês, todo o meu carinho e gratidão!

*Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz,
Ah, meu Deus!
(Gonzaguinha)*

*Não há sentimento mais gratuito do que o amor
Uma doação sem dimensão ou explicação
Não requer reciprocidade, pois ele se garante sozinho
Não se importa com as aparências
Nem deseja nada por imposição
Mas se deleita com qualquer fragmento sincero
(como as migalhas dormidas do pão do Cazuzo)
Desde que chegue naturalmente
E que lhe diga (se possível ao pé do ouvido)
Que bom, que bom...
Que coisa tão boa é saber que você gosta de mim!
(Bartos)*

*Tá tudo errado, mas mesmo assim eu vou!
Se a liberdade é tão bonita, quero passear no weekend
Tiro essa roupa prisioneira e vou pra vida vadial...
Oba, vou passear, cantarei... e daí?... Andar por aí...
(Durval Lelys)*

*Longe se vai, sonhando de mais
Mas aonde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim...
(Milton Nascimento)*

*Se hoje sou deserto, é que eu não sabia
Que as flores com o tempo perdem a força
E a ventania vem mais forte
Hoje só acredito no pulsar das minhas veias
Nessa estrada, só quem pode me seguir sou eu, sou eu!
(Fagner)*

*Volto quem sabe um dia
Porque os trilhos já tiraram do chão
Olho as tardes, vivo a vida
Nada é em vão!
(Vanessa da Mata)*

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára!
(Cazuza)*

RESUMO

Este estudo procurou compreender os sentidos que emergem das experiências socioculturais, políticas e econômicas da Festa da Chiquita, ambientada no Círio de Nazaré, a partir do entrelaçamento entre a Devoção, o Divertimento e a Economia Popular. Desse modo, foi possível identificar peculiaridades do Círio de Nazaré e sua relação com outros movimentos, não necessariamente religiosos, tendo como protagonista a Festa da Chiquita. Essa festa da diversidade abraça o público LGBT, conectando o lazer a importantes movimentos mobilizadores de lutas em prol do respeito e conquistas de direitos para essa comunidade. Um evento que estimula a Economia Popular através dos vendedores informais, que enxergam nesse período, uma oportunidade imperdível de geração de renda. A partir de uma pesquisa de campo, com observação participante, este estudo utilizou-se da análise de discurso para tratamento dos relatos acolhidos no decorrer das entrevistas. Estas ocorreram no período entre 2021 e 2022, contando com a participação de 15 pessoas, sendo 7 homens e 8 mulheres, com idades entre 19 e 80 anos. Organizadores e participantes do Círio e da Chiquita contribuíram com este estudo, além dos vendedores ambulantes que atuaram nesses eventos. Apesar de não haver a intenção de eleger uma corrente teórica específica para suportar a análise dos dados, a perspectiva foucaultiana de poder acabou se destacando dentre as teorias acolhidas. A pandemia de Covid-19 prejudicou fortemente as atividades de lazer de rua e todas as oportunidades que a elas se somam, sobretudo para a já fragilizada economia popular. Nas considerações, foi possível certificar que o entrelaçamento de aspectos como lazer, devoção e economia popular faz da Festa da Chiquita um importante símbolo sociocultural, político e econômico, com alertas contundentes na luta pelos direitos da comunidade LGBT e pela melhoria das condições de trabalho dos vendedores de rua que atuam na informalidade. Desse modo, ficou evidente a constante necessidade de políticas públicas em prol da população LGBT, tanto em relação a conquista de direitos, como na manutenção dos benefícios já adquiridos, já que o Brasil é campeão mundial em assassinatos de membros dessa comunidade. A Festa de Chiquita, por exemplo, poderia envidar esforços no sentido de fortalecer sua atuação, inclusive na captação de recursos, de modo a ampliar o seu horizonte de debates, dando ainda mais visibilidades às causas por ela acolhidas. Ficou evidente também a urgente necessidade de uma legislação que seja capaz de acolher as demandas específicas da Economia Popular, de modo a garantir, a esses trabalhadores de rua, oportunidades de treinamento e capacitação para um melhor exercício de suas atividades, bem como alternativas de fomento e estratégias de acesso ao crédito, além de mecanismos de promoção de uma assistência previdenciária condizente com sua realidade. A principal fragilidade deste trabalho decorreu sobretudo da ausência do Círio e da Chiquita em seus formatos tradicionais nos anos em 2020 e 2021, por conta da pandemia, limitando a atuação do trabalho de campo. Como dica para novos estudos, recomendamos o aprofundamento de festas que tenham cunho político, social e econômico, onde há uma ampla possibilidade de investigações, face às suas múltiplas conexões.

Palavras-chave: Festa da Chiquita, Círio de Nazaré, Diversidade, Devoção, Economia Popular.

THE CHIQUITA FESTIVAL ON THE LAND OF CÍRIO DE NAZARÉ:
A Leisure Experience Interwinding Devotion, Diversity and the Popular Economy

ABSTRACT

This study sought to understand the meanings that emerge from the sociocultural, political and economic experiences of the Chiquita party, set in the Círio de Nazaré, based on the interweaving of Devotion, Fun and Popular Economy. This way, it was possible to identify the peculiarities of the Círio de Nazaré and its relationship with other movements, not necessarily religious, having as protagonist the Chiquita party. This celebration of diversity mobilizes the LGBT public, connecting leisure to important movements of struggles for respect and for the conquests of rights for this community. An event that moves the Popular Economy, through informal sellers who see this period as an unmissable opportunity to generate income. Based on field research, with participant observation, this study used discourse analysis to treat the reports received during the interviews. These took place in the period between 2021 and 2022, with the participation of 15 people, 7 men and 8 women, aged between 19 and 80 years. Organizers and participants of Círio and Chiquita contributed to this study, in addition to street vendors who worked at these events. Although there was no intention to elect a specific theoretical current to support the analysis of the data, the Foucauldian perspective of power ended up standing out among the accepted theories. The Covid-19 pandemic has seriously damaged street leisure activities and all the opportunities that add to them, especially for the already fragile popular economy. In the considerations, it was possible to certify that the interweaving of aspects such as leisure, devotion and popular economy makes the Festa da Chiquita an important sociocultural, political and economic symbol, with strong warnings in the fight for the rights of the LGBT community and for the improvement of the working conditions of the street vendors who work informally. Thus, the constant need for public policies in favor of the LGBT population became evident, both in terms of gaining rights and maintaining the benefits already acquired, since Brazil is the world champion in murders of members of this community. The Chiquita party, for example, could make efforts to strengthen its performance, including raising funds, in order to broaden its horizon of debates, giving even more visibility to the causes it embraces. It was also evident the urgent need for legislation that is able to accommodate the specific demands of the Popular Economy, in order to guarantee these street workers training and qualification opportunities for a better exercise of their activities, as well as alternatives for fostering and credit access strategies, in addition to mechanisms to promote social security assistance in line with their reality. The main fragility of this work was due to the absence of Círio and Chiquita in their traditional formats in the years 2020 and 2021, due to the pandemic, limiting the performance of the fieldwork. As a tip for further studies, we recommend going deeper into parties that have a political, social and economic nature, where there is a wide possibility of investigations, given their multiple connections.

Keywords: Chiquita party, Círio de Nazaré, Diversity, Popular Economy, Street vendors.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Grupo de 15 pessoas entrevistadas.....	31
Quadro 2	Procissões do Círio de Nazaré.....	40

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Promesseiras do Círio.....	14
FIGURA 2	Equipe da Cruz Vermelha, no resgate.....	14
FIGURA 3	Barracas de ambulantes em frente à Basílica de Nazaré.....	29
FIGURA 4	Barracas de ambulantes na lateral da Basílica de Nazaré.....	30
FIGURA 5	Grupo de evangélicos distribuem água no Círio de 2022.....	43
FIGURA 6	Trajeto do Círio.....	46
FIGURA 7	Concentração da corda do Círio de Nazaré.....	48
FIGURA 8	Promesseira com réplica de imóvel, por graça alcançada.....	50
FIGURA 9	Arte em alusão ao milagre de Dom Fuas.....	81
FIGURA 10	Cartaz do Círio de 1924.....	82
FIGURA 11	Cartaz do Círio de 1909.....	82
FIGURA 12	Entrega de prêmio a servidora da Sec. de Direitos Humanos.....	84
FIGURA 13	Entregadores por aplicativos na Avenida Nazaré.....	133
FIGURA 14	Economia Popular no Círio - Girândola de produtos diversos.....	135
FIGURA 15	Economia Popular no Círio - Girândola de produtos religiosos...	136
FIGURA 16	Exposição de brinquedos de miriti.....	137
FIGURA 17	Participante da Festa da Chiquita em 2019.....	139
FIGURA 18	Participantes e vendedores na Festa da Chiquita de 2022.....	143
FIGURA 19	Vendedores ambulantes na área da Festa da Chiquita.....	143
FIGURA 20	Vendedores na Praça da República 1.....	144
FIGURA 21	Vendedores na Praça da República 2.....	144
FIGURA 22	Elói Iglesias no camarim da Festa da Chiquita 1.....	146
FIGURA 23	Elói Iglesias no camarim da Festa da Chiquita 2.....	146
FIGURA 24	Vendedores na área externa da Chiquita 1.....	147
FIGURA 25	Vendedores na área externa da Chiquita 2.....	147
FIGURA 26	Mapa da Praça da República.....	148
FIGURA 27	Bijuterias e acessórios artesanais	149
FIGURA 28	Festa da Chiquita no Memorial dos Povos, em 2021.....	178
FIGURA 29	Memorial dos Povos - Festa da Chiquita 2021 – Concentração...	179
FIGURA 30	Máscara de proteção contra a Covid-19.....	183
FIGURA 31	Feira de produtos voltados ao público LGBT 1.....	184
FIGURA 32	Feira de produtos voltados ao público LGBT 2.....	184
FIGURA 33	Feira de produtos voltados ao público LGBT 3.....	184

SUMÁRIO

CHIQUITA BACANA DE NAZARÉ.....	12
Problemática e objetivos.....	20
Justificativas.....	22
Aspectos Metodológicos	26
CAPÍTULO 1 – FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ: DA DEVOÇÃO AO DIVERTIMENTO.....	37
1.1- A bisseccular Festa do Círio de Nazaré.....	37
CAPÍTULO 2: O ENCONTRO DA CHIQUITA COM O CÍRIO: DO DIVERTIMENTO À DEVOÇÃO.....	55
2.1- Ave Chiquita! “ <i>A gente faz a política do fervo</i> ”	56
2.2 – Lutar e resistir: A Chiquita e suas bandeiras.....	70
2.3 - A irreverência contumaz da Chiquita.....	77
2.4- TRANSformando Queers em Queens: Faz parte do seu show!.....	87
2.5- “ <i>Bicha também reza!</i> ” A especial devoção da Festa da Chiquita.....	91
2.6- Chiquita é Cultura.....	102
2.7- Círio e Chiquita: Obstáculos e possíveis tensões.....	106
2.8- “ <i>Tudo é muito difícil, mas a gente gosta desse angu</i> ”	121
CAPÍTULO 3: A ECONOMIA NA POPULAR FESTA DA CHIQUITA.....	126
3.1 – “ <i>Tem gente passando fome!</i> ” Elementos constituintes da Economia Popular.....	127
3.2 – “ <i>Eu gosto de comprar terços!</i> ” Movimentação econômica no Círio.....	130
3.3- “ <i>As bichas gastam!</i> ” Festa da Chiquita agita a economia de rua.....	138
3.4- “ <i>Não tem que dar satisfação a patrão!</i> ” O que os leva à Economia Popular?.....	151
3.5- “ <i>Cada um compra o seu!</i> ” Estratégias adotadas pelos ambulantes.....	155
3.6- “ <i>Se a gente cair doente, precisa do apoio de um amigo...</i> ” Solidariedade e diversão.....	161
3.7- A Chiquita, o Círio e a Pandemia de Covid-19.....	169
3.7.1 – A festa virtual da Chiquita.....	177
3.7.2 – Criatividade para driblar os efeitos da pandemia.....	182
3.7.3 – O Estado como esperança de vida.....	185
CONSIDERAÇÕES.....	193
REFERÊNCIAS.....	203
APÊNDICES.....	214

CHIQUITA BACANA DE NAZARÉ

*Eu sou a filha da Chiquita Bacana
Nunca entro em cana porque sou família demais
Puxei a mamãe, não caio em armadilhas
E distribuo bananas com os animais
Na minha ilha, que maravilha!
Eu transei todas sem perder o tom
E a quadrilha toda grita: Viva a filha da Chiquita!
Entrei pra "women's liberation front"
(Caetano Veloso)*

O desenho desta pesquisa iniciou-se a partir de um encontro totalmente desprezioso que tive com a dinâmica do Círio de Nazaré, no ano de 2017. Nele, pude me deparar com aspectos tanto de cunho pessoal como profissional, fossem sob a ótica da devoção e do divertimento, fossem em relação à temática do empreendedorismo, com um olhar atento sobre a economia popular.

Como professor do eixo de gestão e negócios, senti-me fortemente motivado a abraçar a responsabilidade de cursar um programa de doutorado numa área tão especial e peculiar como é esta dos estudos do lazer, sobretudo em razão de sua característica interdisciplinar, acolhendo os aspectos socioeconômicos e culturais que permeiam o Círio de Nazaré. Como diz Victor Melo (2006), o campo do lazer abarca uma amplitude de significados, constituindo-se como uma criação teórica para dar conta de fenômenos por vezes díspares, gerando termos distintos como: diversão, ócio, ludicidade, tempo livre, dentre outros.

Tradicionalmente, no Norte e Nordeste brasileiro, as festas religiosas, também conhecidas como “festas da(o) padroeira(o)” ou simplesmente “festejos”, costumam estar conectadas a movimentos relacionados ao entretenimento, tanto no período anterior quanto posterior aos cumprimentos dos rituais sagrados como celebrações e procissões. Sobre as festas religiosas e as manifestações de lazer que ocorrem através delas, Léa Perez nos traz a seguinte reflexão: “Festas, notadamente procissões e festas de santos, são no Brasil expressões urbanas e formas de espetáculo e de lazer por excelência, mostram uma maneira singular de viver a sociedade e de perceber o mundo e de com ele se relacionar” (PEREZ, 2008, p.45).

Em suas programações, geralmente à noite e após as celebrações litúrgicas, é dado início às festividades sociais, com vistas à arrecadação de recursos para as atividades paroquiais. Há apresentações de bandas musicais de vários estilos, variando conforme a cultura de cada lugar. Barracas de artesanato, de comidas típicas e de jogos, bem como parque de diversões com inúmeros brinquedos, completam esse cenário. Essas atividades sociais são propostas pelas próprias equipes¹ das paróquias, que trabalham voluntariamente. Movimentos como esses fazem parte de toda a minha existência e constituição enquanto indivíduo, a partir dos festejos do Bom Jesus dos Martírios, na Paraíba; de Nossa Senhora da Conceição, no Piauí; do Senhor do Bonfim, na Bahia; e do Padre Cícero, no Ceará. Com essas terras, possuo estreitas relações, inclusive com laços familiares.

O Círio de Nazaré também se insere em um cenário semelhante a esses, só que de maneira exponencial. Concordando com Abreu (2019), para entender o Círio de Nazaré, é preciso ir, ver e viver, não dá para explicar, sendo preciso sentir, se despir de tudo que se imaginava saber. Tocantins (1987), por sua vez, retrata que a movimentação humana durante o Círio é extraordinária, impressionando pelas experiências diversas que se observam nessa marcha apoteótica.

Embora eu já tivesse ouvido falar do Círio em Belém, sobretudo pela forte mídia que se tem cobrindo o evento, aos poucos, eu ia sendo surpreendido por cada uma das manifestações que me eram apresentadas. De fato, foi uma novidade atrás da outra. O grande sentimento foi de que ali eu estava pondo em “xeque” a minha fé, no sentido de que tudo que eu já havia experimentado em termos religiosos não atingia, sequer de perto, com aquilo que eu me deparava. É como se toda a minha devoção fosse mínima em comparação ao que aquele povo estava a demonstrar.

A imponente “berlinda”², onde segue Nossa Senhora de Nazaré durante os cortejos, arrasta uma verdadeira multidão de pessoas a rezar e cantar de forma uníssona, dando a esse espetáculo uma característica própria de despertar a comoção através das manifestações

¹ Equipes são as pastorais que colaboram com o serviço de evangelização da igreja católica. Cada pastoral atua em uma determinada frente, a exemplo do batismo, da comunicação, do dízimo, dentre outras.

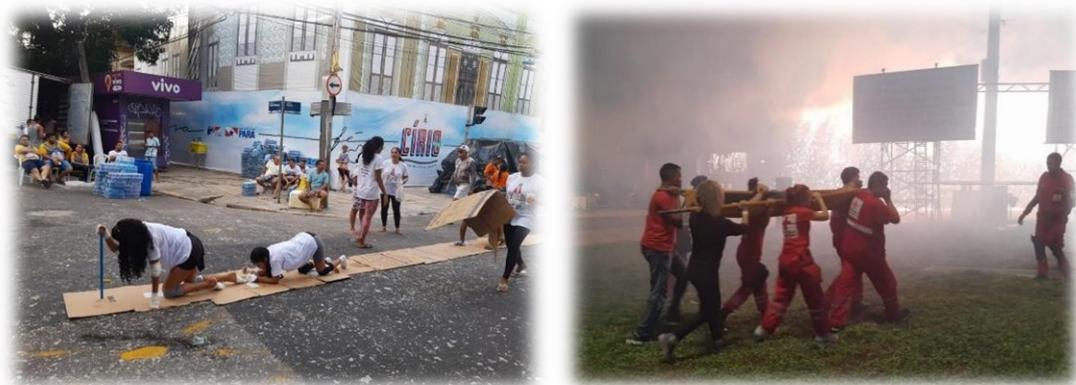
² Berlinda é o nome atribuído ao andor ornamentado com flores e proteção de vidro, onde a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré segue os cortejos processionais. Durante as procissões, sua localização pode ser acompanhada em tempo real através do aplicativo “kd a berlinda”.

devocionais ali vivenciadas. A própria Basílica de Nazaré, possui uma estrutura arquitetônica que não deixa a desejar em aspectos de suntuosidade, beleza, arte e emoção.

Nesse acontecimento da fé e devoção, é impossível não se impressionar com os promesseiros que pagam penitência, sobretudo flagelando seus corpos no período do Círio, rogando auspícios à Nossa Senhora. Segundo o dicionário Michaelis (2015), o termo devoção refere-se a um “sentimento religioso; dedicação às coisas religiosas; culto especial a um santo”. Quanto as promessas, Silva (2021, p.168) mostra se tratar de “um recurso acionado pelo devoto na busca de solução de problemas da vida prática e se concretiza através de um acordo com a divindade”.

Nesse período, Belém se depara com expressões devocionais de toda sorte, desde os que percorrem vários quilômetros de joelhos, àqueles que vêm a pé ou de bicicleta de cidades distantes, ou que carregam objetos pesados nas costas, como cruzeiros confeccionados em madeira. Não é necessário muito esforço para ver pessoas com os pés ou os joelhos em carne viva, sangrando, desmaiadas ou sendo resgatadas por equipes voluntárias como as da Cruz Vermelha, que estão sempre a postos para cumprir com essa finalidade. Em seu trabalho sobre penitentes, Munhoz (2014, p. 2) fala que o autoflagelo remete à “limpeza da alma e o ritual pela proteção de Deus”, onde o corpo, ao derramar sangue, entra em contato com a divindade.

Figuras 1 e 2: Promesseiras / Equipe da cruz vermelha no resgate



Fonte: Imagens produzidas pelo autor (outubro de 2019).

No entanto, para além da celebração da fé, ou seja, dos eventos estritamente relacionados à devoção, muitos paraenses e turistas aproveitam para, paralelamente às obrigações religiosas, participarem dos mais variados eventos que ocorrem na cidade, que

oferece espetáculos culturais para todos os gostos, inclusive tidos como profanos. Ribeiro (2015) destaca como os mais populares o Auto do Círio e a Festa da Chiquita. “Nos anos 1970, os frequentadores do Bar do Parque³, ícone da boêmia paraense, inspiraram-se no movimento que lutava pelos direitos dos homossexuais nos anos 60, e criaram o que hoje é conhecida como a Festa da Chiquita⁴ (FERNANDES; SEIXAS, 2018, p. 247).

Cheguei a Belém no dia 05 de outubro de 2017, motivado por um evento de três dias que iria ocorrer no Teatro da Paz, mas, para minha grata surpresa, fiquei sabendo que eu estava exatamente no final de semana do Círio, fato que, em minha cabeça, só ocorreria no dia 12 de outubro, acredito que em razão do feriado nacional alusivo à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Ao saber do Círio, fiquei bastante empolgado e de imediato busquei me inteirar de toda a programação, para tentar aproveitar ao máximo aquela experiência.

Hospedado em um hostel⁵ na Presidente Vargas, em frente à Praça da República, fui passear após a passagem da trasladação⁶ e conhecer a estrutura que ali se encontrava, passando nas arquibancadas e pelas inúmeras barraquinhas de venda de comidas, bebidas e lembrancinhas do Círio por ali espalhadas. Ao chegar em frente ao Teatro da Paz, que também situa-se nessa Praça, fiquei impressionado com as centenas de pessoas que ali se encontravam, a maioria exibindo um bonito colorido, e algumas trajando luxuosas fantasias carnavalescas.

Havia um palco montado e um locutor fazendo o ritual de testagem do áudio: “*alô som, alô som!*” Foi quando perguntei a uma das moças que estavam sentadas, se ali ocorreria algum evento. Ela, de prontidão, com bastante ênfase, assim me respondeu: “*Vai sim! A festa gay da Chiquita!*”. Curioso como sou, a partir daí procurei saber mais informações sobre a Chiquita e já fiz questão de participar, ouvindo seus discursos e observando as surpreendentes performances dos meninos travestidos de mulheres a se exibirem no palco, cantando e

³ O centenário Bar do Parque foi inaugurado em 1904, e está localizado na Praça da República, ao lado do Teatro da Paz. A Festa da Chiquita divide espaço com esses ícones da cultura paraense, na referida Praça.

⁴ A Festa da Chiquita também é conhecida pelos nomes Filhas da Chiquita, Chiquita Bacana, Filhas da Maria Chiquita, Filhas da Chiquita Bacana ou simplesmente Chiquita.

⁵ Sistema de hospedagem compartilhada e econômica, estilo albergue.

⁶ Na trasladação, eu tive contato, pela primeira vez, com os romeiros da corda. Foi um impacto muito grande para mim, vi cenas que me arrancaram as lágrimas a pleno soluço, uma emoção sem fim. No ano seguinte participei da corda, mas por apenas 30 minutos. É algo que exige uma força de vontade indescritível, valeu muito a pena!

dançando, sem deixar de render homenagens à santa alvissareira. Essas homenagens vão desde saudações entusiasmadas, pedidos de proteção e agradecimentos, até performances *drags* ao som de músicas católicas que exaltem Nossa Senhora de Nazaré.

Subitamente pensei: “*Que cidade mais fantástica é Belém, que coisa mais linda de se ver*”. Essa pluralidade, essa particular convivência entre o sagrado e o profano fez emergir uma série de questões em minha mente. E olhe que aquela era nada mais, nada menos que a quadragésima edição da Festa da Chiquita e eu nunca havia ouvido falar da mesma. Imperdoável! Um acontecimento de enorme significado como esse, ser tão desconhecido no Brasil e no mundo.

Essas festas, que não têm um caráter prioritariamente religioso, não compõem o calendário oficial da celebração da Quadra Nazarena⁷, mesmo sendo de grande notoriedade como o Auto do Círio, o Arrastão do Pavulagem e a Festa da Chiquita. Fernandes e Seixas (2018, p.257) destacam que “todos esses eventos não integram o calendário oficial planejado pela Diretoria da Festa de Nazaré”. A Festa da Chiquita, que é uma festa da diversidade, em Praça Pública, a todo momento rende homenagens à Nossa Senhora, ou seja, não abdicando da devoção à festa religiosa do Círio. Durante essa festa são distribuídos os troféus que visam homenagear personalidades importantes que apoiam a festa profana e militam em favor da causa LGBT⁸.

A Festa da Chiquita tem ainda um sentido político, na luta pelo combate à homofobia e pela conquista de direitos para a comunidade LGBTQIAPN+⁹. Ribeiro (2015, p.2) explica que “a festa profana da Chiquita em meio à Festa do Círio se configura como uma “permanência no centro da ‘festa sagrada’; ou, em torno da ‘pureza’ da festa religiosa

⁷ Quadra Nazarena é uma expressão atribuída ao período quinzenal onde ocorre a programação oficial do Círio de Nazaré.

⁸ Para facilitar o processo tanto de leitura quanto de escrita, priorizei o uso do termo LGBT ao longo desse trabalho, entendendo-o como uma expressão abreviada da sigla completa, sobretudo em razão dela estar em constante e necessária mudança, no intuito de ser o mais inclusiva possível. Ademais, a sigla LGBT costuma ser mais comumente utilizada e prontamente assimilada, cumprindo o seu objetivo maior como veículo de luta e resistência.

⁹ LGBTQIAPN+ é a sigla do movimento que combate a homofobia, representando, em suas letras, a inclusão de pessoas em função da diversidade sexual. Essas letras significam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Panssexuais, Não-binários, e o “+” para incluir outras variações que possam futuramente ser identificadas. Fonte: Página do Diversifica, da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://diversifica.ufsc.br/2021/06/25/lgbtqiapn-mais-do-que-letras-pessoas/>. Acesso em 17 Jan. 2023.

profanada pela presença dissidente”. Desse modo, por sua pluralidade característica e profundo acolhimento à diversidade, a Festa da Chiquita se torna um movimento Queer¹⁰ por excelência.

Fazendo-se uma analogia das condições desse evento ao pensamento de Carrara, entende-se que a Chiquita pode ser vista como “mais um *round* no conflituoso processo de cidadanização de diferentes sujeitos sociais” cujas identidades articulam-se, seja na linguagem do gênero, seja na da sexualidade ou da orientação sexual. CARRARA (2015, p. 324).

A Festa do Círio promove grande visibilidade para a cidade de Belém, sobretudo midiática e comercial, despertando interesses diversos sobre o evento. Ela “modifica a economia, o comércio, o deslocamento, o turismo e a mídia na capital paraense” (RIBEIRO, 2015, p.8). Um período em que todos se preparam e “onde o lazer e os negócios convivem” (ALVES, 1980, p.26). A verdade é que no sistema econômico, o tempo livre, o tempo de não-trabalho, convoca eterna e constantemente os sujeitos a participar do mercado, quer enquanto consumidores ou como produtores de bens. (BAPTISTA, 2016).

Bramante, em seu conceito de lazer, menciona os fatores econômicos que o cercam, inclusive ao vincular as oportunidades de acesso como prerrogativa para a vivência de determinados bens culturais:

Lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana [...] materializado por meio de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada [...] por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, transcende a existência e, muitas vezes, aproxima-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, geralmente, por fatores sociopolítico-econômicos e influenciados por fatores ambientais. (BRAMANTE, 2006, p. 16).

Um evento cultural como a Festa da Chiquita, conectado de um modo extraordinário ao Círio, também representa um reforço à economia local, um estímulo ao consumo pautado no

¹⁰ Segundo González (2008), o modelo Queer representa a luta pelo reconhecimento da alteridade de outras identidades negadas e expulsas para a exterioridade simbólica, onde sujeitos frágeis têm a dificuldade de experimentarem uma identidade ativa. Um movimento onde tudo é questionado e nada é dado como certo, ou seja, o que hoje é o caminho, amanhã poderá ser diferente.

público diverso que a envolve. A quantidade expressiva de pessoas, em torno de 40.000, somado aos inúmeros vendedores que circundam a Praça da República, onde ela se realiza, estabelecem um ambiente de lazer onde se comercializa de tudo um pouco, sobretudo bebidas alcóolicas, comidas típicas, lanches, e objetos alusivos ao Círio.

A Chiquita, o Auto do Círio e o Arrastão da Pavulagem “compõem o grande leque de opções anunciadas permanentemente pelos meios de comunicação e “instâncias de turismo e cultura”, com o intuito de dar mais visibilidade a atrativos diversificados no período do Círio (MATOS, 2010, p. 191). Essa propagação midiática tem sido potencializada nos últimos anos pela explosão das redes sociais e seus efeitos, fazendo com que mais pessoas participem, se divirtam e, obviamente, consumam.

Debortoli (2012, p.4) declara que “a vida social contemporânea se tensiona entre uma perspectiva e relações ligadas a uma lógica do direito e uma perspectiva de entretenimento e de consumo de produtos e práticas de divertimento”. Importante destacar que os vários formatos de negócios proporcionados pelas atividades de lazer encontram-se imbricados e são por isso correspondentes.

Nesse sentido, o Círio e suas festas afins abrem espaço para o comércio, a começar pelo formato tradicional, ou seja, aquele devidamente registrado, a exemplo dos supermercados, farmácias, vestuário, restaurantes e hotéis, dentre outros. Aí se inserem também os negócios relacionados ao entretenimento, como casas de shows, teatros e espaços culturais. No entanto, outras composições negociais também são possíveis, permitindo que os vendedores informais, não regulamentados, também possam beber na fonte de possibilidades que o Círio oferece.

Os vendedores e vendedoras ambulantes constituem um segmento da chamada Economia Popular, um tipo de economia que está voltado às demandas locais, com produção essencialmente artesanal e domiciliar, sendo comercializada em barracas e quiosques, no contexto da rua, da praça, do bairro e da vida urbana (DINIZ, 2019). Os vendedores ambulantes que atuam na informalidade também se inserem neste tipo de economia, sendo comum suas presenças em eventos como o Círio de Nazaré, com destaque para a Praça da República, por ser um local de confluência entre as principais procissões religiosas e onde celebra-se a Festa da Chiquita.

As condições econômicas de um país marcado pelas desigualdades sociais se inserem num ambiente que corrobora para a proliferação do comércio informal e auto gestor (MEZEZES; DEDECCA, 2012). Nesse sentido, o Brasil, por ter uma alta concentração de renda, deixando uma grande massa desassistida e sem oportunidades, contribui diretamente para a proliferação de uma economia que segue à margem dos processos regulatórios, especialmente movida pela busca de subsistência.

A economia informal ou marginal compõe o circuito inferior da economia urbana, uma cultura periférica caracterizada pela precarização do trabalho, fragmentação, e redução das garantias e dos ganhos reais (DINIZ, 2019). Economia essa que se destaca como uma espécie de refúgio, principalmente para quem vive nas periferias dos grandes centros urbanos, no ensejo de obter alguma renda de maneira honesta, ainda que sejam vistos como ilegais, por não possuírem registro oficial.

Em 2020, por conta da Pandemia de Covid-19, a não realização do Círio e da Chiquita em seu modo tradicional, mas tão somente no formato virtual, acabou por tirar a chance de inúmeras pessoas trabalharem nesses eventos. O avanço do vírus gerou “efeitos imediatos sobre a economia popular urbana em função da natureza das atividades econômicas desenvolvidas” (DINIZ, SILVA e GUERCI, 2020, p.1). Assim, vários comerciantes, sobretudo vendedores ambulantes, deixaram de garantir uma renda extra em função do não acontecimento, pela segunda vez numa janela de 227 anos, do Círio presencial. A primeira vez que o Círio deixou de acontecer foi no ano de 1835, em função do caos instalado pela revolta popular da Cabanagem¹¹, que tomou as ruas de Belém naquele ano.

Há que se considerar a urgência de ações específicas em prol desse segmento, de modo a assegurar-lhes melhores condições de inserção no mercado, além de proteção social. Eventos da magnitude do Círio cristalizam um panorama atrelado ao turismo religioso e a uma atmosfera de lazer que gravita sobre ele, dando respaldo à geração de renda em um ambiente democrático, que acolhe os mais diferentes tipos de negócios.

¹¹ O nome Cabanagem se deu em função dos ribeirinhos que moravam em cabanas e que, revoltados com as condições sub-humanas, gerou uma série de revoltas na província do Grão-Pará (AGÊNCIA AMAZÔNIA, 2020). Disponível em: <https://aamazonia.com.br/pandemia-e-conflito-armado-pela-segunda-vez-em-228-anos-o-cirio-de-nazare-deixa-de-acontecer/>. Acesso em 16 Maio 2023.

A Festa da Chiquita traz ainda, em sua constituição, a eterna luta contra a homofobia, reafirmando o combate à invisibilidade e a busca por conquista e permanência de direitos à comunidade LGBT.

Nesta exposição, este trabalho propõe o entrelaçamento de questões sociais sensíveis e importantes, que de forma contundente se fixam na paisagem do Círio de Nazaré: Lazer, Devoção, Economia Popular e Diversidade Sexual.

Elegendo a Festa da Chiquita como o alicerce desse propósito, temas como a relação entre a devoção e o divertimento, em que os princípios religiosos se mesclam às demandas do movimento Queer, deram um contorno especial a esse processo investigatório. Coroando essa configuração, incorporamos questões que permeiam a Economia Popular, através dos vendedores ambulantes que, frutos de um sistema de exclusão e precarização, enxergam essas festas como verdadeiras potências garantidoras de suas subsistências, e oportunamente promotoras de seus sonhos, estes costurados à base de muita luta, como será minuciosamente demonstrado ao longo desta tese.

Diante das noções até aqui apresentadas, pontuamos que esta pesquisa seguiu norteada pela seguinte **problemática**: Que sentidos¹² emergem das experiências socioculturais, políticas e econômicas da Festa da Chiquita, no contexto do Círio de Nazaré, a partir do entrelaçamento entre a Devoção, o Divertimento e a Economia Popular? Em consonância com essa problemática, o **objetivo geral** visou compreender os sentidos que emergem das experiências socioculturais, políticas e econômicas da Festa da Chiquita, ambientada no Círio de Nazaré, a partir do entrelaçamento entre a Devoção, o Divertimento e a Economia Popular.

Para atender a problemática eleita para esta pesquisa, foram definidos três **objetivos específicos**. O **primeiro**, para identificar as peculiaridades do Círio de Nazaré e sua relação com outras expressões socioculturais, a exemplo da Festa da Chiquita. O **segundo**, visando discutir acerca dos movimentos socioculturais, políticos e econômicos mobilizadores do público homossexual envolvido com a Festa da Chiquita. E o **terceiro**, procurando analisar o contexto da Economia Popular através dos vendedores de rua que atuam na Festa da Chiquita, em razão do Círio de Nazaré.

¹² Procurar absorver lições e aprendizados podem ser percebidos na experiência da Festa da Chiquita. A que reflexões ela nos convida e nos inspira? Como atuar em benefício das minorias expressadas ao longo deste trabalho.

Algumas questões foram imprescindíveis de serem levantadas durante o estudo, possibilitando refletir sobre os eixos centrais que o constituem. São elas:

Em relação ao **Círio de Nazaré (Objetivo Específico 01)**: O que é e como surge o Círio de Nazaré? O que representa a Quadra Nazarena com sua extensa programação festiva? Quais os principais símbolos culturais presentes no Círio de Nazaré? Como se dá a conexão do Círio com as festas não religiosas, a exemplo da Festa da Chiquita? Qual a relação do Círio com a economia da cidade de Belém?

Em relação à **Festa da Chiquita (Objetivo Específico 02)**: Que tipo de relação devocional se estabelece entre a Festa da Chiquita e a Festa religiosa do Círio? Que aspectos de diversão emergem na Festa da Chiquita e como eles se expressam no cenário do Círio? Que tipo de diálogo existe entre as organizações do Círio e da Chiquita? Quais as motivações e experiências extraídas das participações nessas festas? Que aspectos de lutas e resistências se manifestam em razão da Festa? Quais os principais apoios e obstáculos enfrentados pela Chiquita? Que oportunidades de negócios são promovidas em função desse evento? Que avanços são percebidos em relação à comunidade LGBT e quais as suas principais reivindicações?

Em relação a **Economia Popular (Objetivo Específico 03)**: Qual a dinâmica de trabalho desses vendedores? Como se dá a preparação para atuação no período do Círio? Qual a importância da Chiquita para esses negócios? Qual a forma de produção e revenda? Qual a conexão desses trabalhadores e trabalhadoras com a Festa da Chiquita e suas causas? Que produtos são demandados em função da Festa da Chiquita? Quais as principais carências e demandas desses trabalhadores de rua? Em relação à pandemia: Quais os impactos da não realização do Círio e da Chiquita em função do vírus da Covid-19, com seus desafios e mobilizações?

A partir dessas questões, foi possível obter uma melhor compreensão das experiências de lazer que permeiam a Festa da Chiquita, de modo a atender a problemática central deste trabalho, que objetivamente envolve duas relevantes questões:

1.^a – Que relevância sociocultural e política é apresentada pela Festa da Chiquita, ao combater o preconceito estruturado sobre a comunidade LGBT, inclusive no âmbito da expressão devocional?

2.^a – Qual a relevância política e econômica que a Chiquita possui, ao mobilizar a Economia Popular através dos trabalhadores informais que realizam suas vendas em razão de sua festa?

Norteados pelos objetivos apresentados, trabalhou-se em cima dos vários elementos que permeiam as questões mencionadas, todas vinculadas à problemática central desta tese. Com isso, foi possível certificar que o entrelaçamento de aspectos como lazer, devoção e economia popular faz da Festa da Chiquita um importante símbolo sociocultural, político e econômico, com alertas contundentes na luta pelos direitos da comunidade LGBT e pela melhoria das condições de trabalho dos vendedores de rua que atuam na informalidade.

Justificativa

A complexidade da Festa do Círio de Nazaré enseja uma série de possibilidades de estudos, pois durante o período em que se realiza esta que é a maior festa religiosa do país, acontece uma variedade de manifestações culturais que chamam a atenção pelas formas como elas se aglutinam. A Festa da Chiquita, que é uma verdadeira celebração à diversidade sexual, se insere nesse contexto, acomodando-se de uma forma surpreendente, ainda que suscitando algumas possíveis tensões, razão pela qual despertou um profundo interesse de investigação. É nessa teia espetacular de relação entre o sagrado e o profano, a devoção e o divertimento, que pretendo contribuir com os estudos do lazer, considerando os aspectos socioculturais, políticos e econômicos que os permeiam.

Diante da trajetória de resistência que envolve a festa da Chiquita, de cunho profano e voltado para um público historicamente “excluído”, por conta de sua diversidade sexual; e considerando que esse evento ocorre dentro de um forte cenário religioso, há nesse contexto uma fértil motivação para investigações. Outrossim, sublinho que a Festa da Chiquita excita uma série de questões que atravessam a minha própria constituição como ser humano, na qual, em diversos momentos, e com bastante humildade, expresse o desejo de apossar do meu lugar de fala, o qual penso eu ser legítimo, dadas as condições que permeiam a minha história de vida.

O lugar de fala emerge como uma ferramenta que legitima identidades (FRANÇA, 2001), uma autorização discursiva daqueles que de alguma forma foram/são excluídos socialmente e relegados ao silêncio (RIBEIRO, 2017), reivindicando espaços e combatendo a marginalização (COELHO, 2020).

Nesse ambiente variado e festivo, aprofundei os estudos acerca do cenário econômico que envolve o Círio, para a cidade de Belém, sobretudo em função da Festa da Chiquita, identificando as oportunidades de negócios que ela gera para os vendedores de rua. Como professor do eixo de Gestão e Negócios, torna-se de suma importância se apropriar da interdisciplinaridade do programa, para fazer uma conexão entre os estudos do lazer e o mercado, identificando os mais diversos formatos de comercialização e estratégias de vendas de produtos e serviços relacionados à Quadra Nazarena. Em relação aos negócios, meu foco foi direcionado para a economia popular ou informal¹³, que tem um destaque especial no Círio, pelo alto número de ambulantes que enxergam nessas festas uma oportunidade ímpar de movimentação comercial e geração de renda, trabalhando nas ruas de Belém.

Quanto à devoção e ao divertimento, ao me aprofundar na dialética entre a festa religiosa do Círio de Nazaré e a festa profana da Chiquita Bacana, espero contribuir com os estudos do lazer, na medida em que pretendo desvendar os aspectos que se conectam nessa relação aparentemente dicotômica. Um cenário recheado de significados, imerso numa atmosfera de julgamentos sociais polarizados que avançam tanto por uma aceitação, quanto por uma rejeição das práticas que nelas se encerram. Desse modo, pretendo contribuir com duas causas importantes e por várias razões confluentes em função das opressões sob as quais estão inseridas no contexto social.

A primeira está relacionada à promoção da diversidade, contribuindo para despertar na sociedade um novo olhar sobre o público LGBTQIA+, acolhendo-o mediante uma compreensão mais detalhada de suas lutas e motivações. Uma busca árdua e incessante por respeito e dignidade que faça valer os direitos constitucionais vigentes num estado democrático. Trevisan (2018) revela tratar-se de um processo em que a compreensão da

¹³ Este trabalho aborda a economia informal como parte da economia popular, por ser uma economia atuante nas ruas, embora o contexto da economia popular possa abarcar também trabalhadores formalizados e simplesmente conformados na esfera domiciliar. Genauto França Filho aponta que a economia popular compreende um amplo leque de iniciativas socioeconômicas, razão pela qual a economia informal e a popular comumente são percebidas como expressões sinônimas, sobretudo quando esse popular representa alguma articulação com uma base social local (FRANÇA FILHO, 2002, p.16), a exemplo do que acontece no Círio de Nazaré.

realidade e o senso de justiça se fundem num projeto de lenta implementação. Por sua vez, Green *et al.* (2018) lembra que conviver com as diferenças não é pensar como, mas atrair forças, encontrar a palavra que se escape às muletas dualistas, à guerra imaginária entre o "Bem" e o "Mal".

A segunda volta-se para a Economia Popular, com todas as fragilidades e potencialidades que a permeiam. A economia popular está inserida num cenário econômico em que a subocupação é uma questão que precisa ser equalizada, de forma a permitir que trabalhadores nessa condição consigam migrar da informalidade para um nível de trabalho que proporcione segurança social para si e seus dependentes (GARCIA *et al.* 2019). Como diz Green *et al.* (2018, p. 481), há vidas altamente protegidas e outras que não gozam de qualquer apoio ou proteção, não se qualificando como "vidas que valem a pena"¹⁴, vidas precárias, vítimas constantes de vetos e censuras que dificultam o ato de existir como cidadão pleno de direito.

Nessa relação entre o sagrado e o profano, é de fundamental relevância se apropriar dos estudos vinculados à Teoria Queer e a economia popular, objetivando elucidar diversos aspectos que circundam a problemática aqui proposta, indo ao encontro do que vem sendo produzido tanto pela linha "Identidade, sociabilidades e práticas do lazer", quanto pelo Grupo NaPrática¹⁵, ambos deste programa de pós-graduação.

Tanto a população LGBT quanto os vendedores informais de rua apresentam motivação de estudos por causas humanitárias em favor de minorias oprimidas pelo sistema social, político e econômico sob o qual estamos inseridos. Através do Grupo NaPrática, temos entrado em contato com temáticas deveras interessantes, a exemplo do estudo acerca das mulheres que participam do movimento da beleza negra, no Bloco Ilê Ayiê, em Salvador. Também lidamos com o lazer no cotidiano de mulheres em situação de rua e com a influência do lazer no processo civilizatório, a partir do Festival Folclórico de Parintins, ou as trajetórias e tradições nos divertimentos das comunidades ribeirinhas da Amazônia. Este estudo vem ratificar o importante papel que o lazer possui, por sua dimensão e abrangência, em uma festa que culturalmente se materializa num dos cartões postais mais importantes da capital paraense.

¹⁴ Menção à Judith Butler na obra de Bruna Andrade Irineu.

¹⁵ Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social – NaPrática.

O propósito é que, a partir dos conhecimentos aqui adquiridos, pautados em eventos culturais como o Círio e a Chiquita, possamos dar a nossa parcela de contribuição para a formulação de políticas públicas, nos âmbitos social e econômico, que possam trazer benefícios concretos para a população LGBT e para os vendedores ambulantes que atuam na informalidade, em eventos de lazer espalhados por todo o nosso país. Nessa senda, reiteramos que o ambiente democrático é basilar para que tais políticas possam ser efetivamente implementadas. Como bem destacam Corte e Corte (2018, p. 183) a democracia, mediante o suporte constitucional, é “considerada indispensável para a construção e consolidação de direitos e, também, para a formulação e execução de políticas públicas”.

Os estudos do lazer têm feito vanguarda no Brasil, proporcionando a essa temática debates amplos e valorativos da rica cultura do nosso país, em uma interdisciplinaridade que passeia por distintas correntes de pensamento. Eles estão aí para expandir os olhares sobre a diversidade cultural da humanidade e de suas práticas tradicionais, renovadoras e inovadoras, promovendo novos direcionamentos sobre essas ações.

Encontros científicos prestigiosos têm sido importantíssimos na disseminação, debate e troca de conhecimentos acerca do que vem sendo produzido no campo interdisciplinar dos estudos do lazer. Alguns dos eventos com maior visibilidade são o Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer – CBEL, Encuentro Latinoamericano de Recreación y Ocio, Colóquio Interdisciplinar de Estudos do Lazer, Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL, e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE, dentre outros que, pela característica interdisciplinar, podem acolher temáticas ou estudos variados associados ao lazer.

O lazer é um campo profundo e abrangente, com muitos aspectos ainda a serem desvendados. Cabe a nós, enquanto acadêmicos e pesquisadores, a missão de nos esforçarmos para produzirmos conteúdos cada vez mais interessantes e inteligentes, e de elevada qualidade. Que a Festa da Chiquita ambientada no Círio de Nazaré seja uma grande oportunidade para essa produção. Vamos nessa?

Aspectos Metodológicos

Este estudo se estabeleceu tomando como centralidade o método da pesquisa de campo, em uma abordagem qualitativa, utilizando-se da análise de discurso para tratamento dos relatos que emergiram durante as entrevistas. Bakhtin aponta que as condições de comunicação estão ligadas às estruturas sociais, formatadoras das ideologias, o que envolve aspectos como conflitos, resistências, hierarquias, dentre outros. Segundo Fiori (2011), o Auditório Social, conclamado por Bakhtin, está diretamente associado a um repertório pré-estabelecido, cujas reflexões, motivações e aspirações possuem um papel bem definido, sendo elementos-chave a influenciar os discursos dos indivíduos.

A observação participante foi utilizada visando uma melhor comunicação, interação e compreensão dos discursos expressos pelos sujeitos convidados a contribuir com esta tese, ao vivenciar de perto todo o contexto a ser explorado. Em razão da pandemia, a edição de 2021 da Festa da Chiquita teve limitação de público, o que não afetou a essência de sua constituição. A alegria, a irreverência, os concursos, os shows e as premiações, além dos potentes discursos em prol da comunidade LGBT, todos esses aspectos foram indiscutivelmente preservados. Durante alguns momentos de observação da festa, foi utilizada a gravação de áudio, visando captar as falas de personalidades que discursaram no evento.

O percurso metodológico foi dividido em três fases essenciais. A **primeira** diz respeito à Pesquisa Bibliográfica, visando ter contato com a literatura pertinente às temáticas abordadas, definindo assim os marcos teóricos necessários a contribuir para uma melhor compreensão dos estudos.

A **segunda** etapa esteve relacionada à Pesquisa de Campo, onde além da observação participante envolvendo o contexto do Círio de Nazaré e da Festa da Chiquita, foram realizadas as entrevistas com participantes e organizadores dessas festas, reforçadas pelas entrevistas com vendedores informais que atuam nas ruas durante a Quadra Nazarena.

A **terceira** e última etapa envolveu a análise do material coletado e discussão dos resultados, culminando com a escrita e finalização deste trabalho, onde seguem inclusas

importantes sugestões de políticas públicas, no intuito de minimizar algumas das tantas fragilidades que se destacaram ao longo desta pesquisa.

A **Pesquisa Bibliográfica** visou um contato com a literatura pertinente às temáticas abordadas, de modo a definir os marcos teóricos necessários a contribuir para uma melhor compreensão dos estudos. Por sua importância estrutural, ela acompanhou a maior parte do processo da pesquisa.

Neste trabalho, não há um espaço exclusivo para tratar da Fundamentação Teórica. As contribuições de importantes teóricos seguem contempladas nos próprios capítulos desta tese, reforçando as discussões, conforme a relevância de cada estudo para as temáticas aqui contempladas. Alguns deles tiveram um destaque maior, a exemplo de Michel Foucault, Judith Butler, Vanessa Leite e James Green, com suas contribuições para o movimento LGBT; e os estudos de Karl Polanyi, Verónica Gago, Sibelle Diniz, Luís Coraggio e Roberto Monte-Mór, em relação à Economia Popular.

Caminho semelhante foi utilizado por Judith Butler, quando do acolhimento em seus estudos de uma “série de paradigmas teóricos sempre que pareça conveniente, sob as mais variadas, e por vezes inesperadas, combinações”. Segundo essa autora, a dialética é um processo em aberto, em que a resolução objetiva de um tema se apresenta como perigosamente antidemocrática (SALIH, 2019, p.16).

Destacamos também a valiosa produção de estudiosos paraenses, como Isidoro Alves, Milton Ribeiro, Maria Goretti Tavares, Vanda Pantoja, Silva Filho, Sílvio Figueiredo, Débora Serra, Phillippe Fernandes, e Netília Seixas, por trazerem conhecimentos importantíssimos para alicerçar este trabalho, tanto em referência a Chiquita quanto ao Círio de Nazaré.

No Campo do Lazer, nomes relevantes, como José Alfredo Debortoli, meu orientador, além de Christianne Luce, Victor Melo, Antônio Bramante, e Guilherme Magnani, estarão presentes, contribuindo com as discussões aqui promovidas. Completando esse time de principais teóricos requisitados por este trabalho, trouxemos a potência das produções de Léa Perez e Mikhail Bakhtin, a respeito do comportamento festivo.

“A Teoria Queer e os Estudos Pós-Coloniais são parte de um conjunto que podemos chamar de teorias subalternas” tecendo críticas aos discursos hegemônicos presentes na

cultura ocidental (MISKOLCI, 2009, p. 158). Dito isso, reforço o compromisso decolonializante que entrelaça todo este trabalho, ainda que implicitamente, seja nas lutas LGBTs, seja nas reivindicações da Economia Popular.

Mais de 90% dos teóricos aqui presentes são latino-americanos, sobretudo brasileiros. Quando não, no caso especial dos europeus, apresentam posturas manifestadamente condizentes com os propósitos mais sensíveis que abrigam as lutas decoloniais.

O campo temático contemplou especificidades constantes da literatura científica acerca do Círio, da Festa LGBT da Chiquita, e da Economia Popular. Inevitavelmente, também abordamos a recente teoria acerca da pandemia de Covid-19, cujos reflexos afetaram seriamente esses eventos nos anos de 2020 e 2021, e conseqüentemente os contornos necessários ao andamento desta pesquisa. Os acessos aos jornais locais durante esse período foram imprescindíveis para uma melhor compreensão dos impactos do isolamento social sobre essas festas.

A segunda fase dos trabalhos foi dedicada à **Pesquisa de Campo**, contando com algumas viagens à cidade de Belém¹⁶, tanto no período do Círio como em outros momentos, de modo a avançar com os procedimentos necessários à continuidade das tarefas estabelecidas.

Um dos objetivos dessas viagens foi fazer uma ambientação nas festas, com um olhar atento de pesquisador, de modo a compreendê-las cada vez melhor, tendo como norte os objetivos previamente estabelecidos. Isso foi feito em 2019, 2020¹⁷, 2021 e também em 2022, este no intuito de dar um melhor acabamento à tese, em sua fase de finalização, mediante o preenchimento de algumas lacunas que não haviam ficado devidamente satisfeitas. Em todas

¹⁶ Foram realizadas 5 viagens à Belém, sendo 4 nos Círios de 2019, 2020, 2021 e 2022, e uma em fevereiro de 2021, quando foram iniciados os procedimentos de entrevistas.

¹⁷ Mesmo em plena pandemia, fiz questão de estar em Belém durante o Círio de 2020, o que foi muito importante para minha pesquisa. Observar a realização virtual dessas festas num ano tão fatídico foi imprescindível para entender melhor o Círio e a fé do seu povo. Tanto a Chiquita quanto o Círio tiveram uma programação exclusivamente virtual em 2020 e um pouco menos restritiva em 2021. Ainda assim, foi possível fazer contato com atores importantes para este estudo, e também colecionar parte considerável das notícias veiculadas nas mídias impressas, durante a semana mais importante para o Estado do Pará. Meu primeiro Círio e minha primeira Festa da Chiquita foram em 2017, mas as datas aqui dispostas entre 2019 e 2022 referem-se ao período em que eu já me encontrava vinculado ao PPGIEL.

essas viagens, foram colecionados importantes materiais jornalísticos relacionados aos temas aqui abordados.

Em relação à Chiquita, foi possível acompanhar as nuances que circundam a festa e a movimentação de sujeitos-chave que vão desde a equipe organizadora aos brincantes/participantes, incluindo os vendedores que comercializam produtos em razão desse evento. Características dos sujeitos, como seus comportamentos, expressões, interações, aspectos de consumo, entretenimento, premiações, vestimentas, acessórios e discursos proferidos, puderam ser observadas. Em alguns momentos da festa, o uso de um gravador de áudio foi imprescindível, visando captar informações relevantes para este estudo. Tratando-se da Festa Religiosa, pude perceber as ações expressas pelos devotos (participantes dos cortejos e promesseiros) e vendedores ambulantes, sobretudo nas imediações da Basílica e da Praça da República. Tanto na Chiquita quanto no Círio, foram feitas algumas fotografias, entendendo-as como facilitadoras do processo de compreensão de algumas situações aqui abordadas. As figuras 3 e 4 apresentam a disposição de algumas barracas na área da Basílica de Nazaré.

Figura 3: Barracas de ambulantes em frente a Basílica de Nazaré



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Figura 4: Barracas de ambulantes na lateral da Basílica de Nazaré



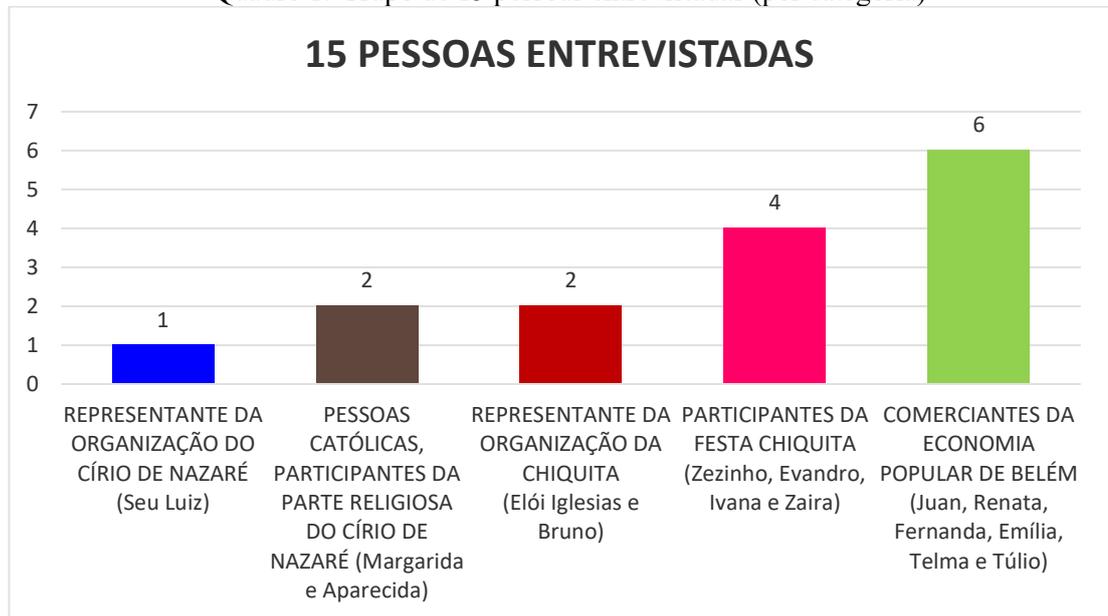
Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Para este trabalho foram entrevistadas 15 pessoas¹⁸, sendo 7 homens e 8 mulheres, com idades entre 19 e 80 anos. Os 6 participantes e organizadores da Chiquita se reconhecem como LGBTs: 2 lésbicas e 4 gays, sendo que 2 destes gays se travestem de mulher, apresentando performances no show das *drags* que ocorre na festa. Afora o anfitrião da Chiquita, Elói Iglesias¹⁹, e seu organizador, Bruno Gomes, que abdicaram formalmente do anonimato, as demais pessoas entrevistadas tiveram seus nomes alterados, visando garantir a mais completa discrição e impossibilidade de identificação. No **Quadro 1**, seguem apresentadas a discriminação dos quantitativos e os gêneros dos participantes das entrevistas.

¹⁸ Na medida em que estes sujeitos entrarem em cena no trabalho, trarei detalhes que ajudarão na compreensão da história e do envolvimento de cada um. Os nomes foram atribuídos em homenagem a pessoas queridas de meu convívio, umas LGBTs, algumas já falecidas, mas todas que acreditam ou acreditaram nas causas aqui presentes e na esperança de um mundo com maior produção de justiça social.

¹⁹ Elói Iglesias é o grande nome da Festa da Chiquita, estando há mais de duas décadas em sua Direção.

Quadro 1: Grupo de 15 pessoas entrevistadas (por categoria)



Fonte: Elaboração própria.

As pessoas entrevistadas foram escolhidas durante a participação nessas festas, considerando o potencial de cada um como agente representativo de cada temática aqui abordada, o que ocorreu naturalmente no período de observação. Os vínculos anteriormente estabelecidos entre este pesquisador e atores importantes, ligados tanto à organização desses eventos quanto aos vendedores que atuam no comércio ambulante da cidade, foram imprescindíveis para o êxito da coleta de dados.

Os organizadores do Círio e da Chiquita foram contatados pessoalmente por intermédio de pessoas próximas a eles. No caso do Círio, o contato foi intermediado por um dos padres barnabitas em exercício na Basílica de Nazaré, onde, após uma breve explicação dos objetivos da pesquisa, ele se prontificou em colaborar. Em relação à Chiquita, o contato se deu através de amigos do meio acadêmico que já haviam de alguma forma se debruçado sobre essa festa em seus estudos. Em ambos os casos, o primeiro acesso direto às pessoas entrevistadas se deu através do aplicativo *WhatsApp*. A entrevista com a organização do Círio se deu na Casa de Plácido, anexa à Basílica de Nazaré. Já a entrevista com Elói Iglesias se deu na Galeria Benedito Nunes, ocasião em que havia a exposição intitulada “Fé na Diversidade”, comemorativa aos então 42 anos da “Festa das Filhas da Chiquita”.

Os demais sujeitos relacionados com esta pesquisa foram contatados durante o período do Círio, entre 2019 e 2022. As católicas devotas e os vendedores ambulantes foram abordados nas áreas entre a Basílica e a Praça da República, respectivamente. Já os participantes da Chiquita foram acessados no decorrer do próprio evento, no Memorial dos Povos.

Após uma conversa inicial de apresentação pessoal como pesquisador, bem como acerca dos objetivos da pesquisa, essas pessoas foram sendo convidadas a contribuir com este trabalho. Conforme os convidados iam aceitando, fomos agendando um encontro presencial, quando possível, para a realização das entrevistas. Assim se deu com os vendedores ambulantes e participantes da Chiquita. Apenas três das entrevistas foram realizadas de forma *online*, mediante envio das questões via *WhatsApp*, especialmente com os ambulantes que atuam apenas sazonalmente.

No caso específico das devotas, não houve necessidade de agendamento prévio, uma vez que ambas demonstraram ter tempo suficiente, se prontificando a responderem aos questionamentos no próprio ambiente em que se encontravam.

Para este trabalho, foram promovidas entrevistas semiestruturadas que, segundo Vieira (2013) trata-se de uma técnica norteada por um conjunto de questões previamente estabelecidas, num roteiro flexível e adaptável acerca dos assuntos de interesse de uma pesquisa. Desse modo, foram elaborados previamente quatro questionários distintos, cada um direcionado a uma colaboração específica, conforme disposição já apresentada no Quadro 1.

Informamos que o Projeto norteador desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – COEP²⁰ da UFMG, em 16 de dezembro de 2020, razão pela qual pudemos dar início aos procedimentos de entrevistas. As 2 primeiras foram realizadas nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2021, em viagem à Belém, onde conversamos, respectivamente, com uma pessoa representante da organização do Círio de Nazaré e outra representando a organização da Festa da Chiquita. Entre os dias 09 e 13 de outubro de 2021, período do Círio, foram realizadas outras 11 entrevistas. As 3 últimas entrevistas foram realizadas no período entre 12 e 20 de outubro de 2022. Oportuno mencionar que não encontramos nenhuma objeção relevante durante todo o processo. Absolutamente todas as pessoas demonstraram grande satisfação em

²⁰ Projeto inscrito sob o CAAE nº: 38416520.5.0000.5149.

contribuírem com este trabalho, como disse uma das pessoas entrevistadas: “Eu achei as perguntas muito apropriadas porque o pessoal vê o Círio como é realmente [...] Não vi pergunta nenhuma que fosse inapropriada ou que eu não pudesse responder”.

Inicialmente havia sido estimado um número de 10 pessoas voluntárias para serem entrevistadas no decorrer deste estudo. No entanto, este número acabou sendo maior em função da necessidade de se oferecer uma visão mais ampla dos conteúdos extraídos das narrativas, e assim oportunizar uma análise mais rebuscada.

Todas as entrevistas ocorreram com as devidas autorizações, consolidadas através dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, e respeitando as regras sanitárias de proteção contra o vírus da Covid-19, quando realizadas presencialmente.

Face ao contexto da pandemia de Covid-19, chamamos a atenção para os desafios vivenciados relacionados à formatação deste trabalho, uma vez que a observação participante tanto na Festa da Chiquita quanto no Círio em 2021 se deu num cenário atípico, em que o número de participantes de ambos os eventos ficou bem aquém do que costumeiramente ocorre. Desse modo, será indispensável trazer para a configuração deste trabalho, a questão pandêmica que assolou o mundo e impactou seriamente nosso cotidiano.

Porém, mesmo com esse cenário, as observações puderam ser realizadas, com uma vivência da Festa da Chiquita de 2021, desde os momentos iniciais ao seu completo encerramento, acompanhando minuciosamente cada detalhe do que ali ocorreu. Em 2022, também houve a observação da festa, registrando aspectos de sua realização em sua primeira edição pós-pandemia. Com essa atitude, elementos complementares puderam ser destacados, sobretudo informações relacionadas ao grande número de vendedores que atuaram no evento, como poderá ser apreciado quando da etapa de análise dos dados.

Ressaltamos que os conteúdos norteadores das entrevistas foram anteriormente submetidos a um pré-teste, com o cuidado de garantir o mais perfeito entendimento possível das questões que foram propostas. Durante as entrevistas presenciais foram realizadas gravações de áudio, sempre acompanhadas das devidas autorizações formalizadas, inclusas no TCLE.

Análise do material

Este estudo não teve a intenção de eleger uma corrente teórica específica para suportar a análise dos dados, uma vez que vários autores e autoras que mencionamos, foram imprescindíveis aos diálogos promovidos no decorrer de cada capítulo.

No entanto, a perspectiva foucaultiana de poder se destacou dentre as teorias acolhidas, por abranger dimensões importantes deste trabalho. Em relação à temática LGBT, ele contribuiu ao tratar da moralidade vigiada sobre os corpos, berço de um forte preconceito sobre as sexualidades consideradas desviantes. Foucault também se destaca ao abordar a aliança do poder com o capitalismo liberal e sua nefasta distribuição hierárquica dos indivíduos, o que resulta na formação de um exército de desempregados que precisa driblar cotidianamente as adversidades para garantir a sobrevivência. Daí a importância do pensamento foucaultiano.

Especificamente ao abordar o lugar de fala, quando dos discursos dos entrevistados, a visão de Bakhtin acerca do auditório social e dos superdestinatários aos quais se destinam tais discursos, também serviram como importante apoio nas análises. Esse autor alerta que o lugar de fala, às vezes, pode se inclinar para uma determinada posição específica, agindo influenciado pelo auditório social que envolve o locutor (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006). Desse modo, esses enunciados promovem palavras e discursos que são atravessados por palavras e discursos de outros, consolidando, inclusive, um espaço de luta entre vozes sociais divergentes. (FIORIN, 2011). A noção de carnavalização de Bakhtin também deu suporte a aspectos contundentemente expressados ao se tratar da Festa da Chiquita.

Coincidência ou nem tanto, a Revolução Industrial²¹, berço do capitalismo que deu os primeiros passos no século XVII, inaugurou um sistema social organizado de opressões que são as colunas deste trabalho: a primeira, ao exercer um rígido controle sobre o gênero e a raça e, principalmente, na dominação do uso do sexo sob o respaldo da Lei, reverberando num punhado de preconceitos, tabus e restrições sexuais.

²¹ Isso sem mencionar o efeito apocalíptico que essa revolução produziu sobre o planeta, devastando o meio ambiente em gatilhos acionados de vários pontos, desde a emissão de gases à derrubada das matas e poluição dos rios, realizando abruptas atrocidades sobre a natureza, sufocando-a.

A segunda, representada pela massa de trabalhadores que formou um exército de reserva para as indústrias, tendo que buscar alternativas para garantir suas sobrevivências, como ocorre na Economia Popular. Como diz Foucault, o capitalismo, tem grande necessidade de uma reserva de desemprego, ao tempo em que abandona a máscara liberal e paternal do pleno emprego. (FOUCAULT, 2021b, p.136).

Os movimentos LGBTQIA+ da atualidade têm cada vez mais se apropriado dos conhecimentos expostos pela Teoria Queer, que tem, em Michael Foucault e em Judith Butler, dois de seus mais notórios expoentes. Miskolci (2009, p.152) revela que teóricos queer encontram nas obras de Foucault “uma empreitada teórica mais ambiciosa do que a empreendida até então pelas ciências sociais”, inclusive sendo fonte de inspiração para Butler.

Foucault (2020, p.10) preceitua que a origem da Idade da Repressão no século XVII coincidiu com o desenvolvimento do capitalismo, seguida da necessidade de construir uma força de trabalho sem energia desperdiçada com um prazer inútil. Trata-se de um biopoder²² como elemento indispensável ao sistema, funcionando às expensas do sistema jurídico da lei, em nome de uma suposta proteção geral da sociedade e da raça.

Esse biopoder atua para que o corpo esteja plenamente à serviço do sistema, não importando a precariedade com a qual ele vá se deparar. Um contexto em que, mesmo sem as garantias de dignidade, busca-se pela docilidade e submissão, para que esse corpo esteja disposto a servir mediante sua força de trabalho. Segundo Foucault, o biopoder foi um “elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (FOUCAULT, 2020b, p. 152). Esse autor pontua que há um micropoder atuante sobre o corpo, cujas vigilâncias e controles se dão de formas “infinitesimais”, em controles expressos nas mais variadas instâncias de saúde, jurídicas, religiosas e tantas outras também. (FOUCAULT, 2020b, p. 157).

²² Foucault revela que as características biológicas fundamentais da espécie humana, passam a fazer parte de uma estratégia política, mediante diversos mecanismos de poder, constituindo-se num Biopoder (FOUCAULT, 2008, p.3). Esse biopoder que regula as populações e age sobre a espécie humana, criando justificativas para um tratamento diferenciado, a partir da hierarquização dos privilégios, num sistema que produz excluídos e marginais.

Antes da emersão capitalista, explica Foucault, as coisas ainda eram feitas sem demasiado disfarce, ou seja, as práticas não procuravam o segredo, eram frouxos os códigos da decência. Após esse período, a sexualidade passa a ser cuidadosamente encerrada, muda-se para dentro de casa, onde a família conjugal a confisca, absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. (FOUCAULT, 2020b, p. 7).

Com isso, pela primeira vez na história da sociedade, seu futuro e fortuna estão ligados também à maneira como cada qual usa seu sexo, que passa a ser objeto de análise e alvo de intervenção. Um dispositivo de aliança com sistema de matrimônio e transmissão dos nomes e dos bens, que clama por uma responsabilidade biológica sobre a hereditariedade, onde o sexo e sua fecundidade devem ser administrados (FOUCAULT, 2020) de forma utilitária e fecunda, vinculada ao casal monogâmico (LEÓN, 2009). Ou seja, uma produção eugênica a partir do “bom” uso dos prazeres (CARRARA, 2015), um controle da população e sua procriação em atendimento às necessidades do sistema capitalista nascente (MARINHO, VERAS, 2017). “O sexo é o principal meio de articulação entre indivíduo e sociedade”, não havendo “questão sobre nacionalidade que não se confunda com raça e sexualidade” (MISKOLCI, 2009, p. 176).

Foucault explica que o racismo, em sua forma moderna, estatal e biologizante, se forma nesse ponto. Toda uma política da família, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes no nível do corpo, “receberam então cor e justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça” (FOUCAULT, 2020b, p. 162). Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, é porque o poder se situa e é exercido no nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população (CARRARA, 2015).

À luz do apresentado, foi possível estar atento aos objetivos norteadores deste trabalho, culminando com a sustentação da tese de que o entrelaçamento de aspectos como lazer, devoção e economia popular fazem da Festa da Chiquita um importante símbolo sociocultural, político e econômico. Um movimento que desperta alertas contundentes na luta pelos direitos da comunidade LGBT e pela melhoria das condições de trabalho dos vendedores de rua que atuam na informalidade, como será possível acompanhar, a partir deste momento, nos três capítulos que doravante compõem este trabalho.

CAPÍTULO 1

Festa do Círio de Nazaré: Da devoção ao divertimento

*A gente não é de paz
A gente é de Festa!
(Nego Bispo²³)*

Este capítulo visa apresentar um panorama geral do Círio de Nazaré, detalhando aspectos importantes de sua estrutura devocional, principalmente a partir dos eventos essencialmente religiosos que o permeiam. Através dele, será possível atender ao **Objetivo Específico 01** pensado para esta pesquisa: Apresentar as peculiaridades socioculturais e econômicas que se conectam à expressão devocional do Círio de Nazaré. Assim, será possível demonstrar o tom eclético do Círio, conhecendo importantes aspectos estruturantes de sua festa, tais como: O que é e como surge o Círio de Nazaré? O que representa a Quadra Nazarena com sua extensa programação festiva? Quais os principais símbolos culturais presentes no Círio de Nazaré? Como se dá a conexão do Círio com as festas não religiosas, a exemplo da Festa da Chiquita? Qual a relação do Círio com a economia da cidade de Belém?

1.1 – A bissecular Festa do Círio de Nazaré

Considerada uma das maiores manifestações religiosas do Brasil e do mundo, o Círio de Nazaré é uma festa bissecular que ocorre anualmente no segundo domingo do mês de outubro, na cidade de Belém, capital do Pará. Montarroyos (2018, p.3) nos conta um pouco dessa história que teve início na data de 08 de setembro de 1793:

Instituído em 1793, ainda no período colonial brasileiro, por iniciativa dos colonizadores portugueses, o Círio é a maior procissão católica do planeta, reunindo mais de 2 milhões e 300 mil pessoas. Na caminhada dessa procissão, os devotos acompanham a berlinda dourada sobre rodas que contém a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro. E

²³ Pensador e ativista quilombola piauiense, que difunde saberes ancestrais através de suas obras literárias e de seus potentes discursos.

atrelada a esse veículo há uma extensa corda com mais de 300 metros de comprimento, que é puxada pelos devotos no trajeto urbano entre o bairro Nazaré e o bairro Cidade Velha com cerca de três quilômetros e meio de caminhada.

O culto a Nazaré tem suas origens na Europa, tendo sua história contextualizada no Pará no âmbito do imaginário local e regional, cuja narrativa expressa o achado de Plácido José de Souza²⁴, da imagem da santa esculpida em madeira (SILVA, 2021). Praticamente 300 anos depois, Nossa Senhora de Nazaré foi consagrada como Padroeira do Pará, por força da Lei Estadual N.º 4.371²⁵ de 1971, sendo desde então aclamada como a Rainha da Amazônia. A magnitude do Círio é inexplicável, sendo difícil expressar por meio de palavras todos os aspectos emocionais de energia e devoção que orbitam sobre a festa.

Uma das pessoas representantes da organização do Círio, e que vamos chama-la de Seu Luiz, assim descreveu esse evento:

O Círio é um [...] espetáculo de fé, de devoção, sobretudo de gratidão, uma coisa única no mundo, a maior festa religiosa católica do planeta. [...] Um espetáculo que eu costumo dizer que traduz a alma do paraense. Não tem limites, não tem restrições, não envolve só católicos, não envolve só marianos, não tem restrições de credo, de raça, de cor, de gênero. É uma festa encantadora, sobretudo pelo quanto ela iguala as pessoas. No Círio não tem ricos nem pobres, letrados ou iletrados, são todos romeiros, devotos, fazendo aquele caminho em homenagem e gratidão a Nossa Senhora. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021)²⁶.

Nesse depoimento emocionado, podemos notar a força e amplitude do evento, além do caráter acolhedor e diverso que o mesmo possui, envolvendo pessoas de diferentes credos

²⁴ O caboclo Plácido era de origem humilde, um caçador. A ele é atribuída a construção de uma ermida de palha (onde hoje se encontra a Basílica Santuário de Nazaré) para cultuar a imagem da santa fujona, pelo fato que a imagem misteriosamente desaparecia e surgia novamente no córrego onde pela primeira vez foi encontrada no ano de 1700. O primeiro Círio, no entanto, só foi ocorrer em 1793.

²⁵ Lei 4.371, de 15 de dezembro de 1971, que proclama Nossa Senhora de Nazaré Patrona do Estado do Pará. Disponível em: <<http://sociedadeparaense.blogspot.com/2011/10/patrona-do-para-por-forca-da-vontade-do.html>>. Acesso em 07 Fev. 2019.

²⁶ Todos os fragmentos de entrevistas inseridos nesta tese aparecerão destacados em itálico. O intuito é de oferecer uma melhor compreensão ao leitor, diferenciando-os dos trechos onde seguem as citações dos autores que compõem o referencial teórico, sejam nos próprios parágrafos ou apresentados através de recuos ao longo do texto.

irmanadas num mesmo ambiente de fé. Por sua vez, uma devota que participa do Círio há vários anos assim nos descreveu:

É algo inexplicável, é algo chamado fé, que é a nossa força espiritual, e todo paraense, belenense principalmente, quando chega o mês de outubro, a gente fica com nosso coração apertado. [...] Então assim: é sentir mesmo um chamado de Nossa Senhora de Nazaré, pra gente estar professando a nossa fé e cada dia mais conectado com a nossa espiritualidade, uma coisa que só a individualidade de cada um pode expressar. Pra mim, o Círio de Nazaré é algo maravilhoso [...] posso sentir a minha alma leve [...] porque sei que estando aqui, na casa do Pai, na casa de nossa mãe, Nossa Senhora de Nazaré, eu estou conectada com a minha fé, com a minha espiritualidade. A minha alma transborda de paz nesse momento. Eu acho que quem nunca veio no Círio tem que vir, tem que sentir esse fervor [...] estar aqui dentro acompanhando essa energia, essa vibração, que (tem) muito amor, muita fé, muita entrega envolvida. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Concordando com Bitar e Reymão (2022, p.50) “O Círio é um exemplo de importante evento para a construção do desenvolvimento, com inclusão social, inovação e valorização da diversidade cultural do país, e por isso, muito relevante que políticas públicas sejam para ele implementadas”. Esses autores lembram que a cultura compõe um direito garantido constitucionalmente, entendendo-a como algo que está em constante readaptação, para se adequar às novas condições sociais, sendo uma expressão complexa de se conceituar:

Ela (a cultura) expressa a noção de modos de vida que caracterizam uma coletividade e é compreendida como componente essencial de políticas públicas, tendo em vista sua contribuição para a formação global do indivíduo. A valorização de seu modo de viver, suas manifestações simbólicas e materiais, são, então, potencializadoras de sua capacidade de agir no mundo. (BITAR; REYMÃO, 2022, P. 51).

A Festa do Círio é repleta de procissões, cada uma com suas especificidades, o que denota uma particular dinâmica ao evento. Tem romaria para todos os gostos, a exemplo da Romaria da Juventude, Romaria Rodoviária, Motorromaria, e das três procissões mais importantes em termos de demanda popular e jornalística: o icônico Círio Fluvial, a

Trasladação do sábado à noite, e o cortejo do Círio no domingo pela manhã. Ao todo, são 13 cortejos oficiais, com os mais variados formatos e intuitos, conforme detalhamento do Quadro 2, a seguir:

Quadro 2- Procissões do Círio de Nazaré.

	PROCISSÃO	DETALHES
1	TRASLADO PARA ANANINDEUA	Sai por volta das 8h da manhã da Basílica Santuário, percorrendo 47 km pelas cidades de Marituba e Ananindeua, na Região Metropolitana de Belém. A procissão é realizada desde 1992 e termina na Igreja Matriz de Ananindeua.
2	ROMARIA RODOVIÁRIA	É a primeira das procissões que ocorrem no sábado que antecede o Círio. Realizada desde 1989, a procissão leva a imagem pela rodovia BR-316, perfazendo um percurso de 24 km até o trapiche de Icoaraci, de onde sai o Círio Fluvial.
3	TRASLADO DOS CARROS	Trata-se da 13. ^a e mais nova romaria do Círio. A imagem peregrina percorre o trajeto sem o manto, que será apresentado oficialmente no dia seguinte, em solenidade na Basílica santuário.
4	CÍRIO FLUVIAL	Começa às 9h do sábado, saindo do trapiche do distrito de Icoaraci. A imagem é colocada em uma corveta da marinha e percorre 18,5 km pela baía do Guajará até chegar na escadinha do cais do porto, em Belém, envolvendo uma média de 500 embarcações, das mais simples às mais sofisticadas.
5	MOTORROMARIA	Após a chegada da romaria fluvial começa a homenagem dos motociclistas. Cerca de 15 mil motos acompanham o traslado da imagem do cais até o colégio Gentil Bittencourt, onde a imagem peregrina fica até o momento da transladação.
6	TRASLADAÇÃO	Última e mais importante das procissões do sábado, a Trasladação sai do colégio Gentil e segue até a Igreja da Sé. O percurso segue no sentido inverso ao da grande procissão do Círio. O colégio Gentil abriga a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré.
7	CÍRIO DE NAZARÉ	A grande procissão, realizada no segundo domingo de outubro, começa após a missa na Sé, por volta de 6h30 da manhã. Após a chegada da procissão, a imagem fica exposta pelos próximos 15 dias, no altar central da Praça Santuário, na Basílica de Nazaré.
8	CICLO ROMARIA	A homenagem dos ciclistas é realizada na manhã do sábado seguinte ao Círio de Nazaré, saindo da Praça Santuário e percorrendo um circuito de 13,8 km que termina no mesmo ponto de partida.
9	ROMARIA DA JUVENTUDE	É a segunda procissão do sábado que sucede ao Círio. Realizada durante a tarde, a procissão sai da paróquia de São Raimundo e segue até a Praça Santuário.
10	ROMARIA DAS CRIANÇAS	A procissão que reúne crianças é realizada no domingo seguinte ao Círio. A romaria faz um circuito pequeno, de 2,8 km, saindo e chegando pela Praça Santuário.
11	ROMARIA DOS CORREDORES	Instituída em 2014, a ideia dessa romaria surgiu de um grupo de corredores de rua, devotos de Nossa Senhora, como forma de homenagem à Padroeira.
12	PROCISSÃO DA FESTA	Realizada no segundo domingo após o Círio, a procissão é a terceira romaria mais antiga da festividade de Nazaré, sendo realizada desde 1881. O cortejo sai da comunidade de Nossa Senhora das Graças e percorre 4,3 km até a Praça Santuário.
13	RECÍRIO	Realizado 15 dias após o Círio, o Recírio é a última romaria da Quadra Nazarena, e marca o encerramento da festividade. A procissão faz o contorno na Praça Santuário, seguindo pelas avenidas Generalíssimo Deodoro, Nazaré e Magalhães Barata, até chegar ao Colégio Gentil.

Fonte: Adaptação de informações constantes dos sites do G1 PA e do Liberal.com²⁷.

A partir de 1986, o Círio passou por um processo de expansão, passando a criar novos eventos, a exemplo desses cortejos. Segundo Bitar e Reymão (2022, p.61) “o acréscimo de novas procissões contribuiu para o desenvolvimento tanto no aspecto econômico quanto

²⁷ Disponíveis em: <<http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2015/noticia/2015/10/cirio-de-nazare-tem-12-procissoes-oficiais-entenda.html>> e <<https://www.oliberal.com/belem/cirio-2020-ganhara-mais-uma-procissao-1.218665>>. Acessos em 13 Mar. 2020.

cultural dos novos trechos inseridos” fomentando o comércio das regiões contempladas nessas expansões.

A organização dessas romarias fica por conta da Guarda de Nazaré, “*envolvendo cerca de 2000 homens*²⁸ *de todas as classes sociais, de juizes a garis, todos irmanados*”. (Fragmento de entrevista com a Organização do Círio, Fevereiro de 2021). Apesar da Festa do Círio ser protagonizada por uma mulher - Nossa Senhora de Nazaré, patrona da Amazônia - a Guarda de Nazaré é composta exclusivamente por homens, infelizmente não possuindo pessoas do gênero feminino dentre os seus colaboradores.

Vivemos um tempo de transformação, onde a pauta da igualdade de gênero tem acendido profundas discussões na sociedade, de modo que a presença feminina, em todas as conjunturas, deve ser objetivamente não apenas respeitada, mas estimulada. É momento de buscarmos por uma ressignificação de valores, dissolvendo as nuances que expressam uma cultura patricarcal, oportunizando que mais e mais espaços sejam ocupados de maneira equânime, sem que o homem figure com o protagonismo absoluto que desde sempre o acompanha.

Foucault (2020a, p. 29) ressalta que vivemos uma moral que não é voltada às mulheres, mas uma moral de homens que desconsidera essas mulheres, “uma moral pensada, escrita, ensinada por homens” e a eles endereçada. Desse modo, é preciso avançarmos nesse espaço, no sentido de pensar na inserção de mulheres na composição da Guarda de Nazaré. É importante e também salutar que tradições com características restritivas sejam repensadas, averiguando a possibilidade de adaptações que promovam o acolhimento de novos atores. Nesse caso em especial, por toda a representatividade que estaria contida num ato não apenas de valorização e respeito ao gênero feminino, mas também pela oxigenação que a Guarda obteria, ao desfrutar de suas competências, talentos e elevadas sabedorias.

A Festa do Círio acontece todos os anos na cidade de Belém do Pará, tendo como ponto auge o cortejo do segundo domingo de outubro. É nesse dia que a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré percorre cerca de 3,5km pelas avenidas centrais da cidade, em direção à Basílica Santuário de Nazaré. A organização do Círio conclama que o “*Círio tem cheiro, a*

²⁸ Não obtivemos qualquer informação sobre a possível existência, nesse universo de 2000 homens, de algum membro da guarda que se considere LGBT.

cidade muda. É muito impressionante e contagiante estar em Belém entre o final de setembro e meados de outubro”. (Fragmento de entrevista com a Organização do Círio, Fevereiro de 2021). Uma aglomeração onde pessoas de diferentes raças, etnias, orientações sexuais, classes sociais e práticas religiosas se fazem presentes de uma forma bastante evidente, expressando o caráter plural e ecumênico que o evento possui. Sobre o Círio, José Maria da Silva sublinha que a Festa do Círio envolve um complexo simbólico classificável em diferentes níveis: sagrado e profano; institucional e popular.

O significado da festa pode ser dimensionado sob diferentes perspectivas, seja pela quantidade de público participante, pelas formas de manifestação de fé, por movimentar a economia do Estado e por se apresentar como referência cultural em manifestações artísticas locais como literatura, música, teatro, entre outros. (SILVA, 2021, p. 160).

Assim, apesar de ser uma festa católica, o Círio conecta seres humanos em toda a sua rica diversidade, sendo um espaço possível para qualquer manifestação do sagrado. Uma reportagem de Mayra Monteiro ilustra que “popular, plural e diversificado, o Círio de Nazaré é de todos os credos e manifestações de fé. Entre os romeiros, participam das procissões devotos de outras religiões, sobretudo de matriz africana, espíritas e ciganos [...] uma festividade ecumênica” (MONTEIRO, 2021, p.71). *Um espetáculo de fé e gratidão que não tem restrições e traduz a alma paraense, sendo encantadora por igualar as pessoas, ricos, pobres, letrados ou não.* (Fragmento de entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Esse posicionamento da organização, trazendo um tom de igualdade em relação à procissão, faz lembrar os questionamentos de alguns estudiosos²⁹ que têm uma visão um pouco diferente acerca disso. Dentre as inúmeras críticas, algumas se destacam, como as hierarquias de posicionamentos de autoridades existentes durante os cortejos, além do fato da Guarda de Nazaré não permitir a participação de mulheres em sua composição, mesmo se tratando de uma festa inteiramente dedicada a uma delas. Isidoro Alves (1980, p.14) já alertava para o simbolismo hierárquico que a corda possui: dentro, nela e fora dela, uma vez que a distinção de grupos, no cortejo, se dá através das cordas. Recentemente, a intolerância em razão da participação de um membro da guarda em religiões de matrizes africanas

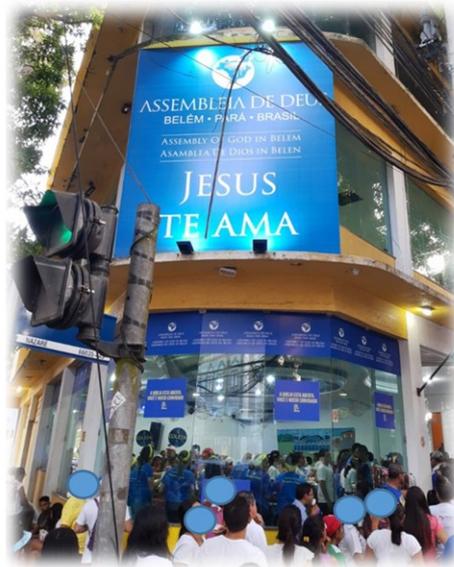
²⁹ Crônicas Coutianas – Círio de Nazaré: “cada macaco no seu galho”, do Professor Márcio Couto Henrique.

culminou com a sua expulsão. O fato ocorreu em 2021, quando Jairo Tapajós³⁰ foi desvinculado da guarda por exercer o sincretismo religioso que é tão comum em nosso país. Tal fato gerou várias críticas e notas de repúdio por parte da sociedade civil organizada, como o Grupo Mulheres de Axé no Brasil.

Torna-se oportuno particularizar outra situação de distinção que notadamente se desenhou nas duas maiores procissões do evento. Enquanto na **Trasladação** do sábado há uma predominância de jovens e pessoas de classe média, a procissão do **Círio** no domingo conta com uma presença maior de “romeiros e de pessoas de classes mais baixas” sobre o asfalto (CARLOS, TAVARES e TRINDADE JÚNIOR, 2021, p. 218).

Um fato que chama a atenção durante o Círio é o engajamento de alguns cristãos evangélicos, que colaboram com os cortejos doando águas aos promesseiros, conforme podemos observar na figura 5.

Figura 5: Grupo de evangélicos³¹ distribuem água durante o Círio



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2019).

³⁰ Reportagem do Jornal o Liberal de 15/10/2021, intitulada “Eu não voltaria para a Guarda de Nazaré”, diz voluntário expulso após levar imagem de Nossa Senhora a terreiro de Candomblé. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/eu-nao-voltaria-para-a-guarda-de-nazare-diz-voluntario-expulso-apos-levar-imagem-de-nossa-senhora-a-terreiro-de-candomble-1.447684>>. Acesso em 02 Nov. 2021.

³¹ Nas fotografias de autoria própria, as pessoas terão seus rostos cobertos por formas geométricas, visando a não identificação das mesmas.

O **Círio Fluvial** envolve “barcos ornamentados, que acompanham a romaria com músicas sacras, e manifestações mais profanas, ligada ao lazer e ao entretenimento, em que são permitidas inclusive, músicas, trajes de banho e outros que não apenas aqueles mais convencionais às práticas religiosas”. (CARLOS, TAVARES e TRINDADE JÚNIOR, 2021, p. 213). O turismo se apropria bastante do Círio Fluvial, onde pacotes de passeios, os mais variados, são ofertados ao público, havendo desde os mais comedidos aos mais exuberantes. Alguns deles, além das programações religiosas, oferecem dinâmicas de lazer com músicas regionais, comidas típicas no café da manhã e também uso de bebidas alcoólicas.

Um dos pontos altos do Círio se dá com a **Trasladação** da imagem da Santa, que sai das proximidades do Santuário de Nazaré, onde se encontra sua belíssima Basílica³², até a não menos pomposa Catedral da Sé. Silva Filho (2014) informa que a trasladação é a segunda procissão mais importante do Círio. Também conhecida como Procissão das Luzes³³, ela foi instituída em 1992 e reúne mais de um milhão e meio de pessoas, antecedendo a Procissão do Círio que ocorre na manhã do dia seguinte, no sentido inverso ao mesmo trajeto. Uma das travestis assim descreve a sensação de ver a trasladação: “*À noite, ver a saída da santa, não sei, é uma mistura muito doida que acontece dentro da gente, que só a gente sente!*”. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Ao raiar do domingo, imediatamente após a missa que acontece às cinco horas da manhã, é dado início ao cortejo oficial do Círio de Nazaré, sendo esse o ápice dessa manifestação religiosa. Acerca das procissões mais demandadas durante a Quadra Nazarena, uma das devotas que conversamos assim declarou, destacando suas memórias afetivas:

³² Apesar de Plácido ter se dedicado à construção de um lugar respeitável para abrigar a pequena estátua desde o início do século XVIII, a inauguração da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré só ocorreu em 1920. Houve também uma preocupação com as condições de preservação da imagem: desde 1966, o Círio é realizado com a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, uma réplica daquela encontrada em 1700, mas com características identificadas na mulher cabocla amazônica. A imagem original não se desloca mais em procissões e fica resguardada no altar mor da Basílica de Nazaré (Maués, 2009) citado por Fernandes e Seixas (2018, p. 250).

³³ Menção à trasladação como Procissão das Luzes ou Romaria das Luzes. Disponível em: Victor Futado (O LIBERAL - 10.10.2020) <https://www.oliberal.com/cirio/documentario-mostra-historia-de-placido-em-3d-1.313989>
Valéria Barros (O LIBERAL - 10.10.2020) <https://www.oliberal.com/cirio/praca-santuario-e-se-estarao-sob-interdicao-militar-1.313929> Também consta na matéria de Suênia Cardoso para o Diário do Pará do dia 12.10.2020 (página 11), com o título: “O caminho das luzes até a Igreja da Sé”.

É realmente a berlinda com a santa dentro dela, porque essa é a expectativa, esse é o objetivo. Eu fico emocionada porque eu acho belíssima e lembro que a gente está ali, ou está aqui nesse domingo pra homenageá-la. O fato de eu ser católica, de ter sido nascida em Belém do Pará, entendeu? E essa festa do Círio é uma festa que é muito familiar, porque desde pequenina que eu assisto a festa e participo da Basílica, das missas durante esse período de celebração, que é todo o mês de outubro no Círio. A minha mãe sempre abriu (a nossa casa) para que os nossos parentes e amigos mais próximos pudessem assistir [...] a passagem da santa tanto na trasladação como na Procissão do Círio. Desde pequenina que eu presencio o Círio, todos os anos! (Fragmento de Entrevista com Dona Aparecida, Outubro de 2021).

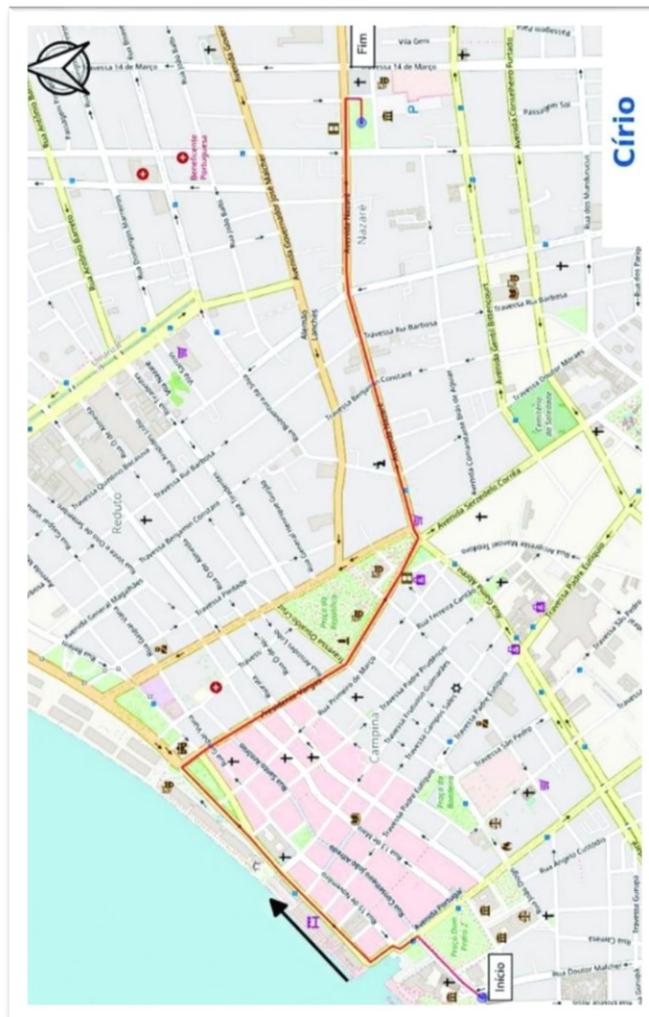
Outra devota fez questão de pontuar a importância das duas maiores procissões, além apresentar sua visão sobre o significado desses cortejos:

Eu diria que é uma procissão, que é uma homenagem a nossa Santa Padroeira Nossa Senhora de Nazaré, e que há realmente duas procissões. Tem a trasladação, que é na noite que antecede ao domingo do Círio, e a Procissão do Círio propriamente dita, que é sempre no segundo domingo do mês de outubro, as duas que congregam a maior parte dos devotos. Os outros são eventos adicionais, mas realmente o Círio são as procissões: a trasladação e a Procissão do dia do Círio. As duas belíssimas, uma porque é a noite, você vê a multidão com velas, todos levando velas, e a outra porque é durante o dia... Você fica naquela expectativa de ver a santa, que é sempre a última a aparecer, entendeu? (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Essa fé católica que acontece em Belém reforça a tradição ocidental de se festejar os santos. Perez (2011, p. 109) aponta que as “festas religiosas são as atividades urbanas mais antigas do Brasil. Até o século XIX foram os acontecimentos culminantes da vida social de nossas cidades”. Essa autora explica que festa, religião e cidade são formas fundamentais de associação, envolvendo comunicação e ligação como afetos, emoções, com o sagrado e com os deuses. Acerca da procissão como ritual religioso, Léa Perez apresenta o seguinte conceito, tomando por base sua experiência em terras lusitanas, de onde o Brasil herdou sua fé na taumaturga Nossa Senhora de Nazaré:

Procissão é um cortejo de corpos individuais, marchando corpo a corpo, criando um corpo coletivo. Corpos em desfile, constituindo um corpo processional. Um corpo constituído a partir de vários corpos, que se ligam por sentimentos e por emoções comuns. [...]Uma corporação: corpo/coração em ação. Corpo-r-ação/Cor-p-ação. (PEREZ, 2017, p. 16).

Figura 6: Trajeto do Círio



Fonte: Diário do Pará On-line³⁴.

O trajeto do Círio é apresentado na Figura 6, divulgada no site oficial do Diário do Pará na internet. Carneiro, Maia e França (2019) mostram que, durante o percurso, fiéis colorem a passagem da berlinda com chuvas de papel picado; e com as mãos apontadas para Nossa Senhora, as pessoas rezam suas preces e agradecem. Os olhos, muitas vezes cheios de

³⁴ Captura de tela do site: <<https://dol.com.br/noticias/cirio/773388/cirio-2022-confira-o-trajeto-das-principais-procissos?d=1>>. Acesso em 16 Abr. 2023.

lágrimas, apreciam a berlinda decorada com cerca de 15 mil cravos, hortênsias e orquídeas. Além da berlinda, a romaria reúne importantes símbolos, a exemplo da corda de 400 metros, dividida em cinco estações e dois núcleos; e dos treze Carros de Promessas³⁵ conduzidos por estudantes.

Tanto na trasladação quanto no Círio, é possível perceber a forte emoção dos fiéis, sobretudo dos romeiros que vão segurando a tradicional corda, pagando promessas e fazendo penitências. A corda³⁶ do Círio é uma atração espetacular de manifestação de fé, aliada a resistência física. Praticamente esmagados um ao outro, numa situação extremamente exaustiva, os devotos realizam um percurso que dura cerca de cinco horas, sem contabilizar o período de concentração, que chega a ser de mais de uma hora.

Chama bastante a atenção a devoção representada pela penitência dos promesseiros e toda a rede de colaboração que se estabelece em torno deles, numa mágica que envolve as pessoas em nome do amor ao próximo e à fé na santa padroeira. Carneiro, Maia e França (2019) mostram que há romeiros na corda; há 'promesseiros' carregando objetos representando graças alcançadas; há voluntários ajudando quem precisa; pessoas doando água. José Maria Silva explica que o “mote para a apelação a uma divindade parte da premissa de que o indivíduo passa por uma situação difícil em alguma esfera da vida”. Esse autor mostra que, durante o Círio, os fiéis fazem suas preces, numa comunicação solitária com a divindade, sendo as promessas partes da crença devotada aos santos do catolicismo popular (SILVA, 2021, p. 168).

Segundo a organização do Círio, a disputa pela corda tem sido um dos principais desafios enfrentados nos últimos anos, não apenas no decorrer das procissões, mas sobretudo ao final dos cortejos, onde se criou o hábito dos fiéis levarem um pedaço dela para casa. Assim nos foi descrito:

É uma luta árdua, nossa! A questão do corte da corda. [...] De uns anos pra cá, começou essa história de cortar a corda pra levá-la como lembrança, um pedaço dela, e isso vem se

³⁵ São carros alegóricos que acompanham os cortejos processionais, conduzindo os ex-votos, que seriam as peças artesanais representando algum pedido ou mesmo uma graça alcançada pelos fiéis, em sua maioria simbolizando partes do corpo humano que necessitam ou que já alcançaram a cura de alguma doença.

³⁶ A corda foi utilizada pela primeira vez na procissão de 1855, para retirar a berlinda de um atoleiro. A corda, como parte da procissão e principal meio de pagar penitência, só seria incorporada à romaria em 1868 (IPHAN, 2006, P. 87), citado por Fernandes e Seixas (2018, p. 254).

tornando um problema sério porque a cada ano ocorre mais cedo (antes do encerramento do cortejo), entendeu? [...] Eu vinha já aqui acompanhando os últimos trechos do Círio, e vi uma briga, briga mesmo, física! Várias pessoas disputando fiapos, pedaços da corda. Ai passei [...] e eu disse: Irmão, vale a pena isso? Olha o tumulto que causa, vocês estão no Círio e brigando, indo às vias de fato, e ele me disse isso: [...] “Eu preciso desse pedaço de corda, porque eu vou fazer um chá pra minha mãe tomar, que ela tem câncer de estômago”. O que é que eu vou dizer, que direito eu tenho de questionar uma pessoa que acredita nisso? É fé! Então, assim, a gente precisa buscar alternativas, fazer as pessoas compreenderem. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Figura 7: Concentração da corda no Círio de 2019



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2019).

Essa acirrada disputa pela corda³⁷ se deve ao fato de que muitos fiéis lhe atribuem poderes milagrosos, tais como aqueles que fazem o “Chá da corda³⁸” utilizado como remédio

³⁷ O manto, a corda e a berlinda são os objetos de representação simbólica do Círio. O manto é adornado com fios dourados e pedras preciosas, financiado por pessoas de alto poder econômico que se mantêm no anonimato. A corda serve tanto de cordão de isolamento quanto proteção da berlinda, como é utilizada nas promessas dos devotos, que a seguram durante a procissão. Já a berlinda constitui uma armação de madeira e vidro, decorada com flores, protegendo a santa durante os cortejos. (SILVA, 2021, p. 164).

³⁸ A menção ao “Chá da corda” se encontra na matéria de Michel Pinho para O LIBERAL do dia 10.10.2020 – página 40, caderno cidades, sob o título “Círio nunca deixou de sair às ruas de Belém”.

para as mais diversas enfermidades. A organização tem envidado esforços no sentido de alterar os pontos de evacuação, visando contornar os empecilhos enfrentados, sobretudo situações de violência, como pudemos constatar.

O aperto sufocante, o empurra-empurra, o calor intenso, a necessidade de estar com os pés descalços em meio a uma multidão quase que incalculável, configuram desconfortos que só são amenizados pela contribuição de outros dois tipos de voluntários: os que compõem as equipes da Cruz Vermelha e os que fazem doações de milhares de copos d'água industrializados. Ambos se encontram espalhados ao longo de todo o trajeto, constituindo reforços imprescindíveis ao arrefecer o sofrimento dos que vivenciam o Círio de uma forma mais intensa.

Os promesseiros estão lá para realizarem suas súplicas ou simplesmente agradecerem pelas graças já alcançadas. Penitências com joelhos em carne viva devido aos longos trajetos percorridos é algo comum de se ver. Um dos participantes da Chiquita contou sua experiência: *“Um ano eu estava passando por uma situação muito complicada em casa, por conta de me descobrir gay” fiz uma promessa pra Nazinha que “se minha família me aceitasse” eu iria andando da Sé até a Basílica, e entraria na igreja de joelhos, até os pés da Santa. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).*

Outra coisa que chama a atenção entre os pagadores de promessas são os objetos confeccionados em madeira ou isopor, representando sonhos conquistados, como casas, carros, diplomas e portarias de nomeação, como demonstrado na figura 8. Há ainda a oferta de partes do corpo humano confeccionadas em cera (os chamados ex-votos), materializando um desejo de cura milagrosa face a alguma doença. Todos esses itens são abundantes no período do Círio.

Figura 8: Promesseira com réplica de imóvel por graça alcançada



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2019).

Com uma programação sempre diversificada, o Círio está sempre trazendo novidades para os fiéis. Em razão da pandemia, uma coisa que talvez tenha vindo pra ficar, seja o sobrevoo da imagem da santa pelos céus de Belém: *“Olha, uma coisa que achei bem bacana, por conta da pandemia, é esse sobrevoo com a imagem pela cidade. Eu acho que deveria ser mantido. [...] Seria interessante assim manter esse sobrevoo da imagem pela cidade nos próximos Círios. É uma novidade a mais!”* (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Oportuno enfatizar que Belém apresenta diferentes expressões culturais além do Círio, caracterizadas principalmente por uma consistente originalidade. Uma cidade com uma cultura fortíssima seja na música, na dança ou na gastronomia, mas também por sua arquitetura e toda uma dinâmica particularmente ligada à natureza, com rios e praias no seu entorno. Uma das entrevistadas fez questão de pontuar sobre isso:

Eu vejo assim, que Belém não deveria se resumir, em termos de Lazer, só ao Círio de Nazaré. [...] Belém principalmente tem muito a ser explorado, pena que a gente não tenha os olhos voltados todo o ano para estimular o turismo em Belém, que se resume mais ao Círio de Nazaré, que é algo grandioso que mostra um pouco da nossa cultura, mas acredito que tenha muitas coisas a serem exploradas. Belém é lindo, basta as pessoas realmente cuidarem da cidade e tomarem esse turismo,

não só o turismo religioso, mas também o turismo normal, das férias escolares, para conhecer. Aqui nós temos bonitas praias perto, praias de água doce, praias de água salgada, lugares lindos! Então eu acho que não deveria ser só no Círio que a metade do mundo vem pra cá, e sim todas as épocas do ano. Isso deveria ser incentivado por políticas públicas melhores. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

O Círio é uma festa que demonstra a forte religiosidade do povo paraense, mas que também consegue se estabelecer para além dos rituais litúrgicos, uma vez que inúmeras festas não religiosas ocorrem em abundância no mesmo final de semana. São eventos de todos os gêneros, desde os voltados eminentemente para a cultura local como os shows de carimbó³⁹ e de aparelhagens⁴⁰, até os artistas de notoriedade nacional que se apresentam nas diversas casas de espetáculos espalhadas por Belém. Uma cidade que transborda cultura, espriando significados os mais distintos através de sua pluralidade característica. Como disse a organização do Círio: *“Até porque o turista quando vem, ele quer ver diversidade[...] Vai se divertir, conhecer algo novo, né? Conhecer um novo tipo de cultura...”* (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Além destes, há ainda importantes eventos tradicionalmente associados ao Círio, que embora não façam parte do calendário oficial da festa religiosa, se constituem como forças culturais inevitavelmente a ela indexados. Três desses movimentos possuem maior destaque, por serem mais emblemáticos em termos culturais e de interesse midiático, movimentando o final de semana mais importante da capital paraense: O Auto do Círio, o Arrastão do Pavulagem e a sofisticada Festa da Chiquita.

O Auto do Círio é um espetáculo teatral de rua que atrai milhares de espectadores, apresentando histórias lúdicas e muitas vezes satirizadas a respeito do Círio de Nazaré.

³⁹ O carimbó é um gênero de música e dança popular da região Norte do Brasil, tendo origem no sincretismo entre as culturas indígena, africana e ibérica. Também conhecido como “samba de roda do Marajó”. (GABBAY, 2010, p. 2).

⁴⁰ Aparelhagens são empresas de sonorização voltadas especialmente para a realização de festas de brega. No sentido estrito, a aparelhagem é o equipamento sonoro composto de uma unidade de controle e seu operador (o DJ), que possibilita o uso de diversos recursos e alta qualidade na emissão musical. Suas caixas de som comportam diversos alto-falantes e *tweeters*, agrupados no formato de colunas de 3 a 5 metros de altura, aproximadamente. A disposição do equipamento sonoro das aparelhagens nas festas de brega é muito parecida à das radiolas das festas de reggae do Maranhão e às equipes dos bailes funk do Rio de Janeiro. (COSTA, 2006, p.95).

Débora Serra (2017, p.261) informa que o Auto do Círio é realizado desde 1993 pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará - UFPA, visando revitalizar o centro histórico de Belém”.

Por sua vez, o Arrastão do Boi Pavulagem surge como um dos atrativos para que mais pessoas tenham interesse em visitar a cidade nesse período. Serra (2017, p.244) mostra que ele apresenta um cortejo que “retrata a cultura popular e regional paraense, passando por importantes pontos turísticos da cidade de Belém, como a Praça do Carmo e o Mercado Ver-o-Peso”.

Nesse ambiente, entre a trasladação noturna e a procissão diurna do Círio, há 45 anos, acontece a já tradicional e insubmissa Festa da Chiquita. Trata-se de um movimento de lazer com devoção, diversão e música, que celebra a diversidade na Praça da República, nas imediações do Bar do Parque, onde se encontra um dos maiores cartões postais do centro da cidade: o centenário Theatro da Paz.

A Festa da Chiquita representa um dos importantes eventos que ocorrem paralelamente aos rituais litúrgicos da quadra nazarena, tendo ainda um caráter politizado na luta pelos direitos das minorias, sobretudo o público LGBT. Antônio Maurício da Costa menciona o “aumento da oferta de eventos profanos na cidade durante este período festivo”, que com características diversas, passaram a fazer parte do calendário “não oficial” do Círio. (COSTA, 2006, p.90).

Bruno Gomes, militante social que faz parte do Grupo Homossexual do Pará – GHP, sendo um dos promotores do Movimento LGBTQIA+ paraense, atua há alguns anos na organização da Festa da Chiquita. De maneira bastante consistente, assim ele apresenta essa Festa:

A Festa da Chiquita, acredito que pra todos nós (Público LGBT), é um evento que celebra e reafirma a nossa cidadania no momento do Círio de Nazaré, que é uma das maiores festas religiosas do país. E, assim: ela vem justamente pra reafirmar a existência dessa população, que é uma população que também tem fé, uma população que também é devota de Nossa Senhora de Nazaré e que tá aí pra expressar a sua cultura, pra expressar os seus costumes, pra expressar a sua cidadania e milhões de questões que garantam direitos [...] É uma questão

mais de resistência, porque a gente sabe que até mesmo a própria igreja católica, ela resiste à nossa existência [...] A gente tá ali todo ano dizendo que a gente vai ficar, que a gente não vai voltar pra trás, que a gente não vai voltar pro armário... E a Festa da Chiquita, ela é mais isso, esse momento de [...] celebrar o nosso orgulho, nossa cultura e a nossa diversidade na Quadra Nazarena. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Todas essas manifestações, ao se aglutinarem no período nazareno, jogam os holofotes para essa cidade amazônica, atraindo incontáveis turistas e fiéis interessados em beber dessa riqueza cultural que lhe é tão específica e original. Oportunamente, elas acabam figurando como estímulos adicionais ao turismo, onde devoção e diversão caminham de forma praticamente indissociável. Muitos dos devotos transitam tranquilamente entre a esfera eminentemente religiosa e também festiva/profana que compõem o evento maior.

Há 40 anos, Isidoro Alves (1980), que possui um estudo icônico sobre o Círio – intitulado Carnaval Devoto - já chamava a atenção para esse aspecto plural da festa, ao mostrar que o Círio é uma tradicional festividade que entrelaça elementos religiosos, recreativos, turísticos e educativos. Desse modo, em meio a essa atmosfera festiva e devocional, elegemos a Festa da Chiquita como um movimento expressivo, performático e político para nos aprofundarmos em algumas das várias possibilidades abraçadas pelos estudos do lazer.

Uma de suas participantes definiu essa festa como “ *uma homenagem ao Círio de Nazaré, da comunidade LGBT, que pensa também nesse lado, que faz a ligação entre o profano e o sagrado [...] A gente tá lá no nosso canto, fazendo a nossa festa que é pra Ela (Nossa Senhora de Nazaré) [...].*” (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

Já outro participante sublinha que se traveste para apresentar seu show em homenagem à Santa, durante a Chiquita: “*Minha primeira apresentação foi no momento em que a Nazinha estava passando [...] Eu tô aqui fazendo o show não só para o pessoal que vai estar vendo, [...] mas é um show pra Ela, dedicado a Ela*”. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021). E esse outro completa que na Chiquita é possível “*mostrar quem a gente é mesmo*”, apresentando sua arte sem rótulos, sem ter que estar se explicando, ainda que num momento católico da cidade. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

A quadragenária Festa da Chiquita representa um movimento transformador, que há muito se tornou importante como símbolo de resistência para uma comunidade que historicamente lida com uma série de preconceitos, pelo simples fato de existir. *A Festa da Chiquita é “um espaço de resistência. Estamos ali resistindo, pra mostrar que nós existimos, que nós rezamos, que nós também somos devotos de Nossa Senhora!” (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).*

Através dessa festa da diversidade, que é parte incontestável do Círio de Nazaré, resolvemos propor um entrelaçamento envolvendo o lazer, a devoção e a Economia Popular que a cerca. A Economia Popular estará representada sobretudo pelos vendedores ambulantes que atuam na Festa da Chiquita, durante o Círio, sendo de grande valor para os que dependem do comércio informal. Bitar e Reymão (2022, p.64) informam, expondo dados do DIEESE, que no período do Círio “há um crescimento de cerca de 30% no mercado de trabalho, a maioria em ocupações do setor informal”. Tal afirmação pode ser respaldada pelo testemunho dessas vendedoras: *“Na Festa da Chiquita, todos os vendedores vendem”; e “Essa venda aqui, abaixo de Deus, é de onde eu tiro o meu sustento”.* (Fragmentos de Entrevistas, respectivamente, com Fernanda e Renata, Outubro de 2021).

Lamentavelmente, com a eclosão da pandemia, em 2020 o Círio de Nazaré e a Festa da Chiquita não puderam acontecer. Com isso, muitas oportunidades de geração de ocupações temporárias foram abortadas, trazendo tristes consequências para os trabalhadores mais vulneráveis, como os vendedores ambulantes: *“Deixei de trabalhar com mais 5 pessoas [...] devido a essa doença aí. Muitos vieram me procurar, mas infelizmente eu não pude ajudar”* (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Lembrando que a Festa da Chiquita tem como localização fixa a Praça da República, que também é local de passagem dos maiores cortejos religiosos do nosso país, configurando-se como um extraordinário ponto de interseção entre as festas sagradas e profanas que permeiam o Círio de Nazaré. Desse modo, vê-se a importância desse eclético evento, que congrega aspectos culturais, sociais e econômicos de uma forma tão significativa na cidade de Belém, algo que procuraremos apresentar com maior riqueza de detalhes a partir do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

O ENCONTRO DA CHIQUITA COM O CÍRIO: DO DIVERTIMENTO À DEVOÇÃO

*Chiquita bacana lá da Martinica
Se veste com uma casca de banana nanica
Não usa vestido, não usa calção
Inverno pra ela, é pleno verão
(João de Barro)*

Neste capítulo serão abordadas as singularidades pertinentes à Festa da Chiquita, trazendo importantes aspectos de sua história. Será destacada a forma como, culturalmente, ela se conecta e dialoga com o Círio de Nazaré, numa relação sacro-profana atípica e por demais interessante. Detalhes da festa como seus shows de calouros, concursos, bandeiras e premiações, também serão apresentados, além de suas expressões devocionais, tensões e obstáculos, elementos estes que conjuntamente visam atender ao **Objetivo específico 02**: Discutir acerca dos movimentos socioculturais, políticos e econômicos, mobilizadores de lutas e resistência do público LGBT presentes no cenário de lazer da Festa da Chiquita.

Questões importantes relacionadas às lutas da comunidade LGBT serão debatidas, a partir dos movimentos de resistência operados na festa, tais como: Que aspectos de devoção e diversão se conectam e como elas se expressam no cenário do Círio? Que tipo de diálogo existe entre as organizações do Círio e da Chiquita? Quais as motivações e experiências extraídas das participações nessas festas? Que aspectos de lutas e resistências se manifestam em razão da Festa da Chiquita? Quais os principais apoios e obstáculos enfrentados pela Festa da Chiquita? Que oportunidades de negócios são promovidas em função da Chiquita? Que avanços são percebidos em relação à comunidade LGBT? Quais os principais anseios e reivindicações dessa comunidade em termos de futuro?

2.1 – Ave Chiquita!: “A gente faz a política do fervor!”

A Festa da Chiquita, como ambientada no espetacular⁴¹ movimento do Círio de Nazaré, conseguiu estabelecer, não sem tensões, uma nova expressão devocional, ao levantar bem alto a bandeira que exalta a diversidade sexual. Nesse sentido, ela se constituiu como uma significativa expressão da alteridade entre o sagrado e o profano, em razão do ambiente essencialmente religioso que a cerca.

Concordando com Brito e Gomes (2016, p. 214), o espaço sagrado e o espaço profano que emergem desta relação da Festa da Chiquita no Círio de Nazaré “estão em intensa ligação e relacionados conflituosamente”. Alves (1980, p.51) reforça a questão heterogênea que o Círio possui, ao agregar toda uma diversidade religiosa, profissional, sexual e de gênero. Sobre as tensões desse encontro inusitado, faremos uma abordagem pormenorizada mais adiante.

A pessoa representante da organização do Círio disse que já participou de alguns desses eventos culturais que ocorrem no período da festa religiosa, o que sinaliza a visibilidade que eles possuem. Assim ela nos apresenta sua visão a respeito das festas que são consideradas profanas no período nazareno:

A gente tem, na verdade, que reconhecer que a festa também é cultural. Nosso enfoque primordial é o enfoque religioso, mas ela é uma festa complexa e esse lado cultural é importantíssimo, o lado profano da festa. A gente tem aqui mesmo, nas dependências do centro social, o arraial de Nazaré, o parque de diversões [...] Então faz parte e eu acho importantíssimo, na medida em que aumenta e democratiza a participação. Por exemplo: você tem o Auto do Círio, você tem a Festa da Chiquita, que é uma coisa que as pessoas costumam achar que é muito problemática ou que a diretoria da Festa é contra, e não existe nada disso. Nós entendemos como uma manifestação livre de devoção. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

⁴¹ O espetáculo promovido pela massa aglomerada de milhões de devotos, numa marcha processional que atrai inúmeros turistas, despertando um contundente interesse midiático. No Círio, muitos vão para apenas para assistir, vendo a santa passar, enquanto outros vão para vivenciar alguma ou algumas das tantas experiências que ali são possibilitadas.

Sobre essas festas, uma devota entrevistada comentou acerca de suas importâncias: *“até porque o turista quando vem, ele quer ver diversidade, então tem aquela parte religiosa e tem aquela parte que você vai se divertir, conhecer algo novo, né? Conhecer um novo tipo de cultura, um novo tipo de abordagem”*. (Fragmento de entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Pujante desde que nasceu, essa festa foi criada na época da ditadura e, assim, Elói Iglesias, atual coordenador da festa, a definiu para a gente: *“A Chiquita é um espaço de resistência, é um território livre, você questiona isso. Queremos ser livres para amar, ser livres para nos encontrar. Porque a gente é de um tempo em que nós não conseguíamos nos reunir, porque mais de 5 pessoas, a polícia estava em cima...”* (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

O estado policial surge com objetivos ilimitados, controlando as atividades dos diferentes tipos de indivíduos até os seus mais ínfimos pormenores. (FOUCAULT, 2021a, p. 31). Os cerceamentos que agem sobre a Chiquita, sejam oriundos das doutrinas religiosas, sejam das forças hostis de um Estado repressor, buscam e encontram elementos para exercerem suas forças, tal como experimentamos até hoje. Daí a questão da resistência ser tema perene no ambiente dessa festa.

Para Rozário (2018, p.7), o processo de organização e mobilização do movimento LGBTQIA+ no município de Belém esteve intimamente ligado à manifestação popular denominada “as filhas da chiquita”, num período que antecedeu a Constituição Federal de 1988, com a abertura política, uma festa que tornou-se um “grito dos excluídos”. Um dos organizadores explica que dimensões variadas podem ser acessadas em função dessa festa:

A Festa da Chiquita, ela une as pessoas! Todos os LGBTs que chegam têm oportunidades de se apresentar, de estar perto de outras pessoas que não fazem parte do seu dia a dia... Então a Festa da Chiquita, ela traz mais isso de carinho, de relação entre as pessoas. São coisas meio que inexplicáveis! (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Uma festa que ocorre de uma maneira espontânea, sendo construída naturalmente no decorrer de sua programação visivelmente flexível, oportunizando alterações de última hora, de modo a dar a chance de um maior número de pessoas dela participarem. Os participantes da Chiquita possuem um olhar específico sobre ela, apresentando-a principalmente como um espaço de respeito, liberdade e acolhimento a uma fé que pode enfim ser vivenciada sem o jugo do preconceito. Um dos participantes a denomina como “o Círio do LGBT”, o que é ratificado também por outros membros da comunidade que dela participam:

A Festa da Chiquita é uma homenagem ao Círio de Nazaré da comunidade LGBT [...] É uma grande comemoração, uma homenagem. Porque como essa comunidade é alijada, ela é demonizada, então é uma forma também deles homenagearem essa relação do sagrado com o profano no Círio de Nazaré. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Eu descreveria a Festa da Chiquita como um momento de entrega das pessoas LGBTs. Um momento em que elas falam “agora é o nosso momento”. O pessoal tem a procissão onde eles nos olham com olhares tortos, tanto pela noite quanto pela manhã, então esse é o nosso momento de mostrar nossa devoção pra Nazinha. Acho que a Festa da Chiquita é esse momento de celebração. A gente não tá lá no meio da corda, não tá lá no meio da reza dos outros, atrapalhando ninguém. A gente tá lá no nosso canto, fazendo a nossa festa, a festa que é pra Ela! (a santa). (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Pelo que se observa, trata-se de uma festa que dá voz e sotaque⁴² às minorias, àquelas que, por força do preconceito, acabam construindo uma história subterrânea, que precisa ser penetrada. Se um movimento gay, a exemplo das paradas que ocorrem em diversas cidades brasileiras, já se constitui como um grande divisor de opiniões, imagine este ocorrendo dentro do maior evento católico do Brasil. Ele é dicotômico em sua essência.

A Chiquita, como festa irreverente que é, não poderia ter nascido em outro evento que não como um bloco de Carnaval. Ela surgiu no final da década de 70, a partir de uma reunião de amigos, expressando bem a realidade cultural então vivenciada em nosso país.

⁴² Voz ao permitir que as pautas da comunidade LGBT possam ser difundidas, cobradas e exigidas. Sotaque por essas pautas serem abordadas de uma maneira bastante particular, com todas as sutilizas características da cultura paraense, genuinamente expressadas naquele acontecimento de fé, arte, diversão e diversidade.

Concordando com DaMatta (1983), a nossa sociabilidade está submetida às regras de um país carnavalizado, logo, às regras de um modelo de festa, sendo o Carnaval a maior festa brasileira, além de um modo privilegiado de dramatização da vida social. Segundo Trevisan (2018), o carnaval brasileiro é uma festa gay por excelência, encontrando entre os homossexuais a sua expressão mais perfeita e desmedida.

Bakhtin elucida que a carnavalização dota o indivíduo de uma segunda vida, permitindo o estabelecimento de novas relações. Um contexto em que há uma abolição provisória de toda uma verdade dominante e de “todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus”, sendo uma “autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações” (BAKHTIN, 1999, pp. 8-9). O efeito catártico da festa carnavalesca permite aliviar a hipocrisia social, representando um direito de gozar a liberdade, quebrando tabus e regras habituais da vida cotidiana, mostrando como o tecido social necessita mudar seus valores e concepções. (GREEN *et al.* 2018).

Sobre essa linguagem carnavalesca, Bakhtin (1999, pp. 9-10) diz que seus símbolos estão impregnados de renovação, caracterizando-se por uma lógica ao avesso e pelas diversas formas de travestismos, profanações, coroamentos e destronamentos. A Festa da Chiquita é banhada por aspectos carnavalescos, desde os contramovimentos de combate à hipocrisia social até o engajamento na promoção de novos valores na luta pela quebra de preconceitos.

Apesar de iniciada no Carnaval de 1976⁴³, a Festa da Chiquita logo em seguida, em 1978, se atrelou ao Círio de Nazaré, coincidentemente o ano do assassinato de Harvey Milk⁴⁴. Este foi o primeiro ativista estadunidense abertamente gay a ser eleito em cargo público (GREEN *et al.* 2018) e um dos responsáveis pela criação da bandeira⁴⁵ gay com as cores do

⁴³ Em 2023, a Chiquita completa 47 anos de existência, sendo que, em 45 destes, esteve atrelada ao Círio. Este ano, deverá ser realizada a sua 46ª edição. Esta pesquisa se deu principalmente nos anos de 2021 e 2022, quando a Chiquita contava com 43 e 44 anos de realização no Círio de Nazaré, respectivamente, promovendo suas 44ª e 45ª edições.

⁴⁴ Harvey Bernard Milk foi um político e ativista gay norte-americano, assassinado em San Francisco em 27 de novembro de 1978. Em meio às mudanças sociais amplas em que a cidade passava, ele conseguiu se eleger em 1977, como supervisor do bairro Castro. É considerado um “mártir dos direitos gays” e em 2002 foi reconhecido como “o mais famoso e mais influente político abertamente gay dos Estados Unidos”. (ALTMAN, 2013).

⁴⁵ Entre 1977 e 1978, Harvey Milk encomendou (junto com o escritor Cleve Jones e o cineasta Artie Bressan), ao designer americano Gilbert Baker “a criação de um emblema unificador, reconhecível, bonito e principalmente positivo para o movimento gay, a fim de abandonar a estrela rosa e abraçar um emblema único e

arco-íris. Segundo Moraes (2022, p. 16) os “movimentos nos Estados Unidos, liderados por Milk e a revolta de Stonewall” também foram inspirações intelectuais para a organização da Chiquita. Milton Ribeiro detalha a cronologia desse momento de estruturação a Festa da Chiquita:

Iniciada entre os anos de 1975 e 1976, como o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não-religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré (SILVA FILHO, 2014, p.198).

O ano de 1978 tornou-se icônico por abarcar a primeira onda do movimento LGBT brasileiro. Nele, além de ocorrer a primeira edição da Chiquita, o Brasil dava início a uma lenta transição da ditadura para a democracia, momento em que surgia a primeira organização pelos direitos gays em nosso país, o icônico “SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual” (MARINHO, VERAS, 2017).

Em entrevista⁴⁶ exclusiva para este trabalho, Elói Iglesias, que participou da primeira edição da Festa da Chiquita e que a coordena há cerca de 30 anos, nos dá detalhe sobre o momento de sua criação. Segundo ele, a Festa cresceu de forma espontânea, e foi idealizada como bloco de Carnaval em 1976 por Antônio Bandeira, em cortejo saindo de seu apartamento, que ficava defronte a um presídio em Belém. Elói nos apresenta outros detalhes desse momento histórico para a cultura paraense, ao apontar para uma foto que compunha uma exposição comemorativa dos 42 anos da Festa da Chiquita:

Esse aqui é o cara que é responsável pelo início da festa, Antônio Bandeira. [...] Partiu dele (a ideia do bloco) e foi acolhida pelos paraenses, porque ele é carioca, ele é gay, mas

à altura da luta”. O triângulo rosa remetia a uma lembrança assombrosa, “outrora utilizado nos campos de concentração nazistas costurado à roupa dos que ali estavam presos por serem homossexuais”. (PAIVA, 2017).

⁴⁶ Todas as menções às falas extraídas da entrevista que fizemos com Elói Iglesias em fevereiro de 2021, serão referenciadas como “Iglesias, 2021”. A mesma ocorreu na Galeria Benedito Nunes, ocasião em que havia a exposição Fé na Diversidade, comemorativa aos 42 anos da Festa das Filhas da Chiquita. Ressaltamos que Elói fez questão de abdicar do anonimato que lhe foi oferecido quando da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deixando nele registrado a sua total intenção na divulgação de seus posicionamentos.

[...] ele estava num armário lá no Rio de Janeiro. Ele é negro, filho de pessoas pobres, humildes, fez uma faculdade e quando ele chegou aqui e trabalhou na Vale do Rio Doce [...] Ele viu uma cidade libertária, e ele não acreditava no que ele via, né? Na verdade essa relação entre pessoas, a facilidade de você transar, o despojamento dos paraenses. [...] Estou desde o princípio. A gente não tinha organizador porque era totalmente... era uma organização que a gente tentou deixar essa coisa acontecer, essa coisa espontânea, né? [...] Eu entro quando a chiquita começa a fazer o 15º ano. Acho que nos 15 anos da Chiquita, ele (Antônio Bandeira) fala: olha, Elói, eu vou embora, você fica, coordena... E aí, é lógico que eu não ia perder isso, porque a gente, os movimentos sociais, começaram a se organizar. Até aqui, não existia um movimento social, a gente acabava fazendo uma política do corpo, né? Do prazer, do amor, mas realmente não tinha, a maioria das pessoas eram classe média, eram jornalistas, eram artistas. [...] Quando ela passa pra cá (pro Círio) ela já tinha uma história no carnaval. A gente começou como um bloco de Carnaval chamado “As Filhas da Chiquita” e foi no ano que o Caetano gravou Eu sou a filha da Chiquita, a coisa do exílio que ele tinha chegado, a coisa toda. E a gente enfrentou um pouquinho de repressão. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Observa-se que a canção de Caetano⁴⁷ foi inspiração para o nome do bloco, o que é primoroso em razão da simbologia e adequação que esse poeta sempre teve, ainda que despretensiosamente, com o que hoje chamamos de movimento Queer. Marinho e Veras (2017) apontam que, no campo cultural, cantores como Ney Matogrosso e Caetano Veloso projetavam uma imagem andrógina, insinuando suas bissexualidades, o que ajudou a criar um clima favorável (MARINHO, VERAS, 2017), conquistando a admiração dos fãs não apenas através da arte, mas também por seus estilos de vida, que envolviam a adoção de valores comunitários de liberdade sexual. (GREEN *et al.* 2018).

A época de consolidação da Chiquita também é vista como um momento de transição, de abertura política e de acolhimento das novidades que vinham de fora, em razão dos

⁴⁷ A canção “A filha da chiquita bacana” foi lançada por Caetano Veloso em 1977, em seu álbum intitulado “Muitos Carnavais”.

inúmeros exilados que retornavam ao Brasil. Foi num cenário como este que a Chiquita evoluiu como evento:

Teve uma diretora de teatro que trabalhei, Nivalda Costa, e a gente transitava porque as pessoas estavam vindo do exílio e traziam essa coisa de: “poxa, vamos revolucionar o Brasil, que tá precisando avançar, nós estamos atrás, nós temos políticas a serem feitas”. A gente continua atrás porque acabou que ficamos atrasados durante muito tempo. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Nota-se aí um grande desejo pelo novo, pelo avanço, pelo abraçar a modernidade, buscando saída para um retrocesso no campo social. Silva Filho (2014, p. 208) alastra que a Festa da Chiquita chega a ser considerada uma das primeiras paradas gays do mundo. Elói colabora com esse pensamento, ao lembrar que *“As pessoas falam que a Chiquita é a primeira parada gay do Brasil, porque a parada gay de São Paulo parece que tem 23 anos ou 24 anos”*. Com justa razão, a Festa da Chiquita teve início duas décadas antes da primeira parada gay de São Paulo⁴⁸, o que demonstra o pioneirismo de Belém nesse aspecto. Mesmo o termo “parada gay” nunca tendo sido utilizado oficialmente pela Chiquita, em sua prática, acaba que ela adquire esse desenho, dadas as causas que desde sempre ela abraçou para si.

Essa agenda acolhida pela Chiquita, a mesma que norteia as paradas gays do mundo, tem a ver com as lutas contra o preconceito e por uma série de direitos para a comunidade LGBT. Muitos já foram adquiridos, como a possibilidade do casamento civil e da adoção. No entanto, a luta se pauta tanto na manutenção do que já foi conquistado, pois há sempre um perigo de retrocesso, quanto no seu alargamento, a exemplo da Lei que criminaliza a homofobia, que ainda não foi efetivada, mas que foi equiparada à que pune os atos de racismo pelo Superior Tribunal de Justiça – STJ. Na verdade, essa Lei necessita existir de maneira isolada para garantir que as especificidades que afetam a causa LGBT sejam plenamente acolhidas. Além de tudo, é bom lembrar que sempre se corre risco de revogação de direitos já acolhidos pelo judiciário, uma vez que os discursos religiosos ventilados no Congresso, dificultam bastante a abertura de novas conquistas, sendo inimigos declarados à causa da diversidade, como diz Elói:

⁴⁸ A Parada de São Paulo, por exemplo, aconteceu num ato público na Praça Roosevelt, em 28 de junho de 1997, reunindo cerca de 20.000 pessoas (GREEN *et al.* 2018). Ou seja, um número bem inferior ao que a Chiquita já aglomerava em Belém no mesmo período, só que em outra Praça, a da República.

Assim, tu vê que os evangélicos querem que revoguem essa Lei. Já não é bem a Lei que a gente quer, mas a gente já conseguiu levar isso porque as pessoas já entenderam que gay é igual vassoura, toda casa tem alguém, toda casa tem um, tem dois, tem três. Já vi casa que tem quatro gays, uma família inteira. E assim... todo mundo tem um amigo, tem alguém que cuida... Falam que desde a época de Jesus, porque antigamente todo mundo tinha seus pupilos, né? E os pupilos aprenderam tudo... Todos tinham pupilos. Tem um filme do Felini que fala a coisa de dois irmãos que se apaixonam. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

O discurso religioso tem sido uma grande pedra no caminho das conquistas pretendidas, uma vez que o Congresso possui significativa representatividade nesse âmbito. Silvério Trevisan aponta que chega a provocar perplexidade a maneira como os direitos LGBT foram colocados no topo das prioridades de lideranças do fundamentalismo religioso ou não, para serem repetidamente atacados e amaldiçoados (TREVISAN, 2018).

Foucault pontua que na doutrina cristã da carne, a força excessiva do prazer encontra seu princípio na queda e na falta que marca desde então a natureza humana, onde a “questão moral consistirá em saber de que maneira enfrentar essa força, de que maneira dominá-la”. (FOUCAULT, 2020a, p. 62).

Com isso, os dogmas religiosos se armam num poderoso plano de combate ao prazer, sobretudo o sexual, alicerçado numa culpabilidade perene, atemorizada pelo pecado e consequente castigo. A intenção parece ser “normatizar” apenas o que eles consideram coerente socialmente, desconsiderando as potencialidades da diversidade humana. Uma insistência pela promoção de uma família padrão, com sujeitos dóceis, convergentes a um sistema que descaradamente os oprime. Foucault mostra que o processo de moralização das classes pobres envolveu aprendizado das regras elementares da propriedade e da poupança, treinamento para a docilidade no trabalho, para a estabilidade da habitação e da família. (FOUCAULT, 2014, p.280). Uma moralidade vigiada, composta por muros, espaços, instituições, regras e discursos. (FOUCAULT, 2014, p. 302).

No Brasil, essa luta tem uma motivação especial, pois essa dicotomia entre o sagrado e o profano, a religiosidade e a carnavalização, se reflete também no fato de termos uma agenda

avançada em eventos LGBT, ao passo em que somos campeões em mortes violentas de pessoas dessa comunidade (AGUIÃO, 2014).

Seguramente essa seja uma importante questão a ser evidenciada. Exatamente por sermos o país que mais mata⁴⁹ é que realmente devemos apresentar uma postura mais assertiva, colaborando para que nossas estatísticas alcancem um patamar menos cruel, reduzindo drasticamente os índices de violência e desrespeito contra a população LGBT. Nessa direção, a organização da Chiquita destacou a necessidade de se garantir a cidadania LGBT, que é uma das frentes de luta acolhidas pela festa:

Principalmente a cidadania da população LGBT. A gente sabe que somos o país que mais mata a população LGBT no mundo, especialmente a população trans. Então a Festa da Chiquita garante essa cidadania, ela garante a afirmação dessa população nesse momento importante que é o Círio de Nazaré, onde vêm milhões de pessoas pra nossa cidade. E a gente tá ali fazendo parte desse evento, mesmo que com muita resistência, a gente está ali, resistindo. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Bruno Gomes, jovem que também compõe o movimento LGBT da cidade de Belém, detalha como se deu o seu encontro com esse movimento da Chiquita:

Quando eu comecei, entrei para a Festa da Chiquita, foi a convite do Elói, nós éramos três, era eu, o Elói e o Adonys⁵⁰ que hoje não está mais entre nós. Ele faleceu. Então assim, quando o Elói me chamou, na verdade eu nem acreditei, porque eu tinha acabado de entrar pro movimento LGBT do estado do Pará, aí a gente foi se conhecendo, conhecendo as pessoas, e o Elói foi conhecendo meu trabalho. A gente se tornou amigo e desde esse momento, a gente nunca mais se tornou distante um do outro. Foi quando, então, ele disse: “Vem! Vem pra produção, vem pra cá com a gente construir isso”. Então, assim, a sensação que eu tenho é de muita emoção, muita realização, por fazer parte desse evento tão importante, por ser amigo do Elói e estar dentro desse processo que é muito

⁴⁹ Apenas em 2022, foram 228 assassinatos de LGBTs no Brasil, além de 30 suicídios e 15 outras causas, totalizando 273 mortes e violências ao total, ou seja, uma morte a cada 32 horas. Fonte: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org>. Acesso em 16 Maio 2023.

⁵⁰ Adonys foi um membro do movimento LGBT e que infelizmente faleceu em decorrência da sorologia positiva. Era um dos braços direito do Elói na Organização da Chiquita. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

gratificante pra mim enquanto ativista LGBT, pra luta dessa população. E assim, a sensação de dever cumprido quando a gente faz, por exemplo, este ano a gente fez esse evento num lugar diferente, com um tom diferente e tudo mais, a gente não ouviu sequer uma reclamação, a gente só ouviu elogio das pessoas, dizendo que foram bem acolhidas, que o espaço era maravilhoso, que o evento foi bom, que as atrações eram boas. Então assim, a gente se sente completamente realizado, né? por fazer parte desse processo. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Acerca da questão do engajamento, Elói chama a atenção para os membros da comunidade LGBT que têm boas condições financeiras, mas se esquivam em contribuir com a causa, deixando a militância nas mãos dos menos favorecidos.

É muito difícil os empresários gays entrarem de cabeça nas manifestações, dar apoio, porque eles são gays de vez em quando, quando saem, quando querem, e depois eles voltam com suas vidas, são ricos. [...] quem faz a militância são as pessoas que sofrem, que só começam a entender como seu corpo politiza na hora que você sofre o preconceito, o atentado, aí você corre. Então nós temos hoje delegacias, temos ONGs, Associações que cuidam. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Pensando nisso, vê-se que quem está na base do preconceito, sofrendo as violências cotidianas é que assume a linha de frente na luta por direitos que irão beneficiar os que se mantêm alheios à causa que também lhes pertencem. São pessoas que seguem sendo invisibilizadas tanto dentro da comunidade quanto fora dela. Um participante da festa aborda essa questão, ao mencionar que “*é difícil porque existe preconceito tanto fora quanto no próprio meio LGBT eu acho, ainda mais sendo drag queen, o peso é ainda mais forte*”. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021). A organização da Chiquita tece críticas à situação lamentável em que héteros se dizem solidários à causa, ao tempo em que expressam orgulho em não terem membros LGBTs em suas famílias:

Acho que o que me magoa é aquela história de uma pessoa hétero, que faz parte da heteronormatividade, dizer assim: “eu sou muito solidário à luta de vocês, à causa de vocês, mas eu não tenho LGBT na minha casa”. Automaticamente isso me faz entender que é muita hipocrisia da parte dessa pessoa dizer pra mim que ela apoia a minha luta, que ela apoia a minha cidadania, mas que ela não tem nenhum LGBT na casa dela

(orgulhando-se dessa ausência). Isso me mostra que ela não quer uma pessoa LGBT no convívio dela, no meio dela, então é meio hipocrisia. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Para Foucault, a afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociada e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. Segundo esse autor, vivemos “uma sociedade que se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia” que tenta a todo custo direcionar um controle padronizado sobre o uso da sexualidade, alicerçado numa moral cristã que prega o pecado, o temor e até a cura gay como vias de dominação. (FOUCAULT, 2020b, p.13).

Foucault (2014, 181) pontua a existência de um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. Esse autor ressalta que a chegada da burguesia foi base contundente para estabelecer essa regra moral através da verdade⁵¹, que deve ser sempre dita através dos mais variados mecanismos de confissão, sejam religiosos, jurídicos ou até mesmo familiares, sendo punida quando subverte a economia⁵² que lhe é estabelecida, ou seja, a do mecanismo do autocontrole.

Diante dessas negações e da ausência de um apoio autêntico, é fundamental que mais vozes com potencial disseminador em discursos pró-LGBTs tenham destaque, sobretudo no cenário político. Nessa particularidade, as eleições municipais de 2020 referendaram um alcance significativo para a população LGBTQIA+, dado ao número expressivo e recorde de representantes dessa comunidade que foram eleitas, alguns casos, inclusive, posicionadas no topo das mais votadas, como os das mulheres trans Érika Hilton, em São Paulo, e Duda Salabert, em Belo Horizonte. Tal feito se repetiu em 2022, quando estas conseguiram se eleger para composição do Congresso Nacional, como Deputadas Federais. A estas, somam-se nomes importantes à causa como Viviane Reis, do Pará; Natália Bonevides e Daiana

⁵¹ Segundo Foucault (2010, p.22), a verdade é a norma, é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, propulsa os efeitos do poder. Somos julgados, condenados, classificados e destinados a viver de uma certa maneira em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder. Portanto: regras de direito, mecanismos de poder, efeitos de verdade.

⁵² No sentido foucaultiano, essa economia refere-se as estratégias adotadas pelos sistemas de poder para vigiar, controlar e até mesmo punir as condutas humanas, estabelecendo um tipo de conduta majoritária que deve ser seguida pelos cidadãos.

Santos, ambas do Rio Grande do Norte; Dandara, de Minas Gerais; e Clodoaldo Magalhães, de Pernambuco. Destacamos ainda a reeleição do Governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, sendo sua primeira disputa eleitoral após anunciar sua condição de LGBT.

Esperamos que essa representatividade possa ter a força necessária que necessitamos para que nossos direitos sejam não apenas conquistados, mas também preservados e melhor administrados. Elói comenta sobre o alcance que a comunidade tem obtido, inclusive ressaltando a educação universitária como promotora desse movimento:

Em São Paulo é muito forte, a gente sabe que o movimento das trans, elas estão ocupando muito espaço, né? Assim, os gays estão mais atrás. Mas elas se definem, na minha concepção, como é bem definido, elas estão ocupando os cargos e elas estão entendendo que elas têm que estar nas universidades. É a universidade que pode libertar, o estudo, o conhecimento. [...] Cada hora eu fico pensando que existem mais gêneros, eu acho ótimo porque vai desconstruindo. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Assim, vemos como extremamente importante essa conquista em termos de representatividade em cargos políticos, capazes de agir nessa luta em prol de direitos historicamente negados. Um espaço para discussão de questões relevantes para que a população LGBT seja cada vez mais respeitada, tendo atores escolhidos para tal finalidade, numa ocupação legítima na luta por amplos direitos sociais.

Como diz Foucault, para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele, e que, como ele, se distribua estrategicamente (FOUCAULT, 2021b, p.360). Esse autor afirma que é preciso captar o poder nas suas extremidades, em suas últimas ramificações, nas suas formas e instituições mais regionais e locais (FOUCAULT, 2021b, 282). Os resultados das eleições de 2020 e de 2022 demonstraram um pouco desse avanço. Certamente, estar nas Câmaras de Vereadores, nas Assembleias Legislativas, no Congresso e no Senado representa essa coragem de quebrar barreiras e alçar postos anteriormente impensáveis para membros da diversidade sexual e de gênero.

É justamente essa pluralidade de gêneros que dá o Norte à Teoria Queer, tendo, nas pessoas trans, fortes representações dessa mobilidade de sexo, gênero e de performance sexual. O Queer se caracteriza como algo indefinível, um movimento contínuo que não está

preocupado com estabilidade. Representou o homossexual como algo estranho, relacionando-o a comportamentos desprezíveis de uma sexualidade perversa, um lugar de perigo e poluição, tendo como propósito envergonhar o sujeito por meio de uma interpelação humilhante (FOUCAULT, 2009; BUTLER, 2020). No entanto, o que era um insulto acabou adquirindo força na repetição, constituindo-se como oportunidade de contramobilizações e reapropriações radicais (BUTLER, 2020) designando uma natureza vingativa que acabou por ressignificá-lo (GONZÁLEZ, 2008). Desse modo, foi reivindicada pelos grupos LGBTs num processo que tornou a palavra queer valorativa (FIGUEIREDO, 2018) constituindo-se como produto e produtora de novos pensamentos e de novos conceitos (LEÓN, 2009).

Vê-se que, desde cedo, muitos ainda crianças, contatam um vasto vocabulário pejorativo vinculado às tramas do erotismo com o mesmo sexo, tais como sodomitas, frescos, pederastas, putos, bichas, viados, afeminados, entendidos, homossexuais e gays (GREEN, 2019), bicha, baitola, sapatão, traveco (MARINHO, VERAS, 2017). No entanto, estas autoras apontam que tais adjetivos injuriosos foram aos poucos sendo ressignificados pela comunidade LGBT para uma conotação de orgulho, visibilidade e de inspiração para o movimento de resistência Queer.

Foucault (2021b, p.20) mostra que o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica que tem como alvo o corpo humano, visando aprimorá-lo, adestrá-lo. A título de exemplo, o menino, o adolescente ou o adulto gay que não apresenta uma postura esperada para o comportamento do corpo masculino, passa a ser atacado, violentado verbal e também fisicamente. É por isso que muitos homens gays tentam esconder seus traços femininos, como forma de se proteger desses ataques que causam prejuízos psicológicos muitas vezes irreversíveis. As mulheres masculinizadas também sofrem efeito similar.

Importante frisar que vários estudiosos afirmam existir um alinhamento entre as diversas opressões e controles que cercam a sociedade. Desse modo, estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como variáveis independentes porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra e são retroalimentadas por uma moralidade que tem como base a reafirmação das desigualdades (LEITE, 2014). Assim, a orientação sexual se torna a cereja do bolo no processo das identidades coletivas, inclusive invocando e aprendendo com os movimentos sociais e identitários que o antecederam na arquitetura dos Direitos Humanos (ALMEIDA, 2010).

Nesse raciocínio inclusivo, Elói nos conta um pouco a respeito da mescla entre os movimentos sociais que lutam por causas humanitárias, ao falar dos novos contornos que a Festa da Chiquita foi tomando ao longo de sua existência, migrando de um movimento simplório de puro entretenimento para uma firme conotação de lutas políticas por direitos e conquistas sociais:

[...] teve uma reciclagem, a gente acabou transformando a Chiquita. A festa começou a ter um acesso muito grande, a população começou a tomar conta da festa, porque hoje é uma festa da cultura paraense, embora seja do movimento LGBTQIA+, o movimento negro e os movimentos sociais acabaram se incorporando à festa e aí saiu um pouco dessa coisa que tinha antes que era uma coisa mais de elite. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

A festa da chiquita, só pelo fato de existir, já possui uma postura de resistência, de política de afirmação. Como diz Elói a respeito da contribuição da Chiquita com a causa LGBT, “*Ela faz a política do ferver, ferver é política. Então na verdade ela faz a política do prazer, do amor, e é diferente das marchas por onde você vai...*” (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021). Uma festa que amadureceu ao longo do seu percurso, abandonando uma vertente cercada por um nicho intelectualizado e popularizando-se muito bem acompanhada de causas sensíveis e necessárias.

Foucault reforça que somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função dos discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 2010, p.22). Uma verdade estabelecida, apoiada por instituições como Estado, Justiça, Igreja, dentre outras que juntas disseminam seus poderes através de normas que devem ser obrigatoriamente seguidas.

É essa engrenagem formadora do discurso verdadeiro que os movimentos combatem, cientes de que é preciso lutar e resistir para que direitos sejam cada vez mais conquistados, minimizando os efeitos dessa justificação racional de uma verdade conservadora, onde os sujeitos são constantemente subjetivados.

2.2 – Lutar e resistir: A Chiquita e suas bandeiras!

A Festa da Chiquita propõe uma ação inclusive educativa a partir da reflexão que se provoca acerca do respeito que se deve ter com o desejo do outro, sendo reforçado pelas mensagens emitidas pelos corpos-bandeira e pelas vozes potentes protagonizadas por vários de seus participantes. Segundo um dos seus organizadores, a Festa da Chiquita:

No momento do Círio, é uma questão mais de resistência, porque a gente sabe que até mesmo a própria Igreja Católica, ela resiste à nossa existência [...] A gente tá ali todo ano dizendo que a gente vai ficar, que a gente não vai voltar pra trás, que a gente não vai voltar pro armário! E a Festa da Chiquita, ela é mais isso, esse momento de mostrar pra população, pra sociedade como um todo, que a gente existe, que a gente vai celebrar o nosso orgulho, a nossa cultura e a nossa diversidade na quadra nazarena! (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

A edição de 2021 da Chiquita contou com discursos contundentes e emocionantes de personalidades como a Deputada Federal Vivi Reis e do Historiador Professor Michel Pinho, sempre abraçando a causa LGBT. O vereador Fernando Carneiro também foi um dos premiados na festa, usando a palavra para ressaltar que a alegria da Chiquita faz parte da história da cidade.

A Deputada Vivi Reis foi honrada com o prêmio **Botina de Prata**. Agradecida, ela se pronunciou pontuando as dificuldades cotidianamente enfrentadas e os contornos que às vezes são necessários para que um LGBT possa se proteger:

(Nessa) conjuntura tão difícil para nós LGBTs, Gostaria de olhar para cada um e dizer: estamos resistindo, estamos lutando diariamente pela nossa sobrevivência. Eu queria chamar minha esposa Sônia, pois sou a primeira mulher assumidamente bissexual a ser Deputada Federal, portanto, do Brasil, eu tenho certeza de que já tivemos outras mulheres bissexuais, lésbicas e gays a serem Deputadas Federais, Estaduais... mas, infelizmente, muitos não puderam assumir isso como uma pauta política e a gente precisa seguir demarcando. O nosso corpo é um corpo político. Todas as vezes que evito andar de mãos dadas com minha esposa para não sofrer violência, isso é LGBTfobia. Toda vez que sabemos

que uma pessoa trans foi assassinada, isso é transfobia. Todas as vezes que a gente olha para os espaços de poder, para as universidades, pros espaços dos empregos formais e não vemos corpos trans, a gente precisa questionar: Que sociedade é essa? Todas as vezes que a gente não conseguir chegar a algum lugar pelo fato de ser LGBT, a gente precisa questionar: Que sociedade é essa? Todas as vezes que um de vocês levar um não, só pelo fato de ser LGBT, a gente precisa questionar que sociedade é essa. Questionar esse sistema machista, LGBTfóbico, opressor, que nos trata com violência e coloca nossos corpos sempre como secundários. (Trecho do discurso da Deputada Vivi Reis, durante a Festa da Chiquita realizada em 09 de outubro de 2021).

Durante a festa, a possibilidade de experimentar vivências alternativas resulta numa atípica notoriedade, dada a forma como nossa sociedade está posta, tornando marginal qualquer movimento alheio ao que está conformado. De fato, esse evento acaba apresentando essa configuração ao exibir em praça pública algo que no cotidiano é inviável, de certa forma proibido, ficando restrito a clubes fechados ou guetos que não exponham o que ainda é visto como algo errado, sujo, pecaminoso, e por isso suscetível a múltiplas violências.

Acerca dessa visibilidade, uma das participantes, desse modo, observa: *“Primeiro que é uma das poucas festas abertas! Praticamente a única oportunidade que a gente tem no ano de ir numa festa aberta que seja da comunidade LGBT, além das paradas. Mas são as poucas oportunidades que se tem, né?” (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).* Outra participante fala dos momentos de descontração que a festa possui, sendo uma excelente oportunidade para *“interagir com o público, conhecer pessoas, rever pessoas que não são daqui as vezes, aí vem pro Círio de Nazaré, vem pra Festa da Chiquita também”.* (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

Anderson Moisés, mestre de cerimônia responsável por apresentar os shows da Chiquita em 2021, pontuou a importância da Chiquita voltar a acontecer ao lado do Bar do Parque, que é seu lugar de direito. Como ele bem lembrou *“Antes de ter parada LGBT no Brasil, já existia a Festa da Chiquita! Isso aqui é mais do que uma festa... É resistência, é política... A gente merece respeito!”.* Ele ainda destacou que *“Os corpos trans estão sempre à frente no movimento”* e que *“Não somos só uma palavra, uma sigla. Todo mundo é uma pessoa!”.*

Conforme Moraes (2022, p. 22) “As ‘*drags*’ em vários momentos de sua história foram confinadas a bares e marginalizadas, entendidas como uma arte que não seria digna de grandes palcos e grandes mídias, ou nem arte seria considerada, diferente do que se vê na atualidade”. Segundo esse autor, as performances da Festa da Chiquita fogem de “uma pedagogia do corpo, se tornando uma contravenção à norma que é imposta para a sociedade de forma geral”, um espaço subversivo que acaba por opor o que se espera de uma festa religiosa. (MORAES, 2022, pp. 23-24).

É reconhecido que o peso maior da LGBTfobia recai sobre os que ousam realizar a transformação de gênero, seja por fazer parte do nicho dos transexuais ou por simplesmente exuberarem-se com performances *drags*, razões pelas quais muitas vezes são tolhidos socialmente. Apesar disso, o importante é que na Chiquita, aquele pedaço, ao menos por uma noite, representa um espaço de proteção, de liberdade, de poder ser o que realmente se é, mesmo que por vezes utilizando máscaras, através das performances de gênero.

Como diz Green *et al.* (2018, p. 360), durante o ano todo é que essas pessoas usam máscaras, ao se enfiarem dentro dos escritórios, consultórios, casas comerciais, pensões e iniciam uma luta para o próximo Carnaval, numa relação de desprezo por tudo que as cerca. Esse uso das máscaras, esse escapar das regras e tabus cotidianos, também foram pensados por Roger Caillois, ao apresentar a noção de simulacro. Nazaré Carvalho⁵³ explica que o simulacro representa a categoria *mimicry*, onde é possível usar da fantasia, afastando-se do mundo real. Desse modo, um jogador incorpora um papel, simulando uma personalidade que não é sua, valendo-se da invenção, do disfarce e da máscara, podendo surgir diversos personagens, numa dicotomia onde tanto esconde como revela como nós somos e pensamos, apresentando o nosso eu e o nosso outro, ou nossos vários outros ao mesmo tempo (CARVALHO, 2008).

Por vezes as máscaras são usadas como forma de proteção dos rótulos preconceituosos que são fixados em cada membro que resolve apresentar seu aspecto diverso. Não raramente sequer é uma questão de escolha, a exemplo dos gays mais afeminados ou das lésbicas mais masculinizadas. Para Foucault, é através da consolidação das sexualidades periféricas que as

⁵³ Texto de Nazaré Cristina Carvalho sobre a obra “Os jogos e os homens” do francês Roger Caillois, publicado na Revista COCAL do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, em 2008. Disponível em <https://periodicos.uepa.br>. Acesso em 07 Maio 2023.

relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e se multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática (FOUCAULT, 2020b, p.54). Esse autor destaca também que, em relação ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja negativa: rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento. (FOUCAULT, 2020b).

Desse modo, as sexualidades periféricas, por inúmeras razões, chegam a necessitar do uso de máscaras. Se fosse tão somente para se proteger das ruas, já seria desolador. No entanto, essa proteção muitas das vezes se faz necessária também na própria casa, em situações de rejeição dos pais, irmãos, primos, tios e até avós, dentre outros.

Existem mecanismos sutis na sociedade, que primam pela invisibilização de sujeitos diferentes. É como dispor de uma vida anulada, é como ser enterrado vivo, ao agregar valores e formatos de vida que não condizem com a essência de suas existências. Daí a necessidade da “máscara”, como diz Trevisan (2018) “tudo que é profundo ama a máscara”. Na Chiquita, através do uso da máscara, bandeiras são levantadas. Um participante que se traveste durante o evento assim declarou: *“Eu acho que o fato da gente estar ali já é uma luta sim. A gente tá ali levantando a nossa bandeira. Fazer a Festa da Chiquita já é uma luta pela causa LGBT”*. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

Uma das participantes também aponta esse aspecto: *“É, mas assim, o tempo todo se fala dessa luta, né? Assim como a gente presenciou esse ano entre uma apresentação e outra, entre uma brincadeira e outra, mas fala desse processo político de resistência que é estar ali, né?”* (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021). Foucault (2021b, 141) mostra que os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles.

Infelizmente o celeiro do preconceito é bem mais abrangente do que se imagina. Em alguns casos o sentimento de exclusão chega a ser agudizado a partir de ações protagonizadas pelos próprios membros da comunidade, que se hierarquizam numa espécie de pirâmide de aceitação “homossocial”, como relata uma das participantes:

Por mais que a gente esteja ali no meio LGBT, sempre vai haver gays, lésbicas, trans, que vão te olhar de um jeito

diferente, porque, infelizmente, nossa comunidade não é unida. Eu digo isso enquanto drag. Que é uma arte, qualquer um pode fazer drag, mas ainda assim eu tenho os olhares tortos de pessoas trans, tenho os olhares tortos de gays. [...] A gente sabe quando tem um olhar torto de um gay falando “hum, bonito, mas não vou me misturar porque é estranho, é um homem vestido de mulher”. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Foucault (2021b, p. 369) fala que o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Vê-se que há preconceito até dentro do próprio movimento, pautado numa hierarquia de uma mesma minoria que se estranha, enfraquecendo a luta. Um poder que se estabelece amplamente desde as mais inimagináveis situações presentes no convívio social, estando presente em todas as casas, em todas as classes, em todos os lugares, não havendo esconderijo que o impeça de penetrar.

Daí a necessidade de um caráter educativo estar sempre contido no tecido da festa, tendo como norte a promoção de um novo horizonte nos costumes. Essa reeducação comportamental estaria alicerçada nos testemunhos da própria comunidade, no intuito de tentar se expandir para as demais esferas sociais, que costumam ficar alheias a detalhes importantíssimos para a compreensão das fraturas expostas pelo público LGBT. Nesse bojo, torna-se profundamente salutar a ação política que se mescla na festa, sem com isso perder o tom lúdico e muito menos devocional que lhe é característico. Sobre os discursos de conotação política que ocorrem no evento, uma participante enfatizou que:

É super válido, super importante sempre frisar todos os movimentos políticos, todas as nossas lutas políticas no momento da festa. Porque querendo ou não, como eu falei, às vezes vai um público diferente, às vezes vai gente que não tem nem conhecimento daquilo. Então eu acho super bonito, super importante inclusive, sempre frisar que estamos ali, mas não estamos só por estar, só pra festejar, só pra mostrar nossa devoção à santa, mas é pra lutar! Um espaço de resistência! Estamos ali resistindo, pra mostrar que nós existimos, que nós rezamos, que nós também somos promesseiros, que nós também vamos na corda, e que nós também somos devotos de Nossa

Senhora. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Ainda é preciso um longo esforço de desconstrução na trajetória desse cenário, para que a invisibilidade deixe dar o contorno a experiência de vida das múltiplas e distintas identidades constantes da sigla LGBT. Nesse terreno, Silva Filho revela que:

Este momento de “festa dentro da festa” pode ser entendido como fruto de reivindicação e afirmação política de sujeitos homoeróticos que tomam a Praça da República assim que passa a Trasladação em direção à Catedral Metropolitana de Belém, tudo isso envolto numa atmosfera onde a noite representa um papel importante por: permitir que as travestis, drag queens, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e outros “carnavalizem” suas performances em plena noite de sábado, antes do domingo do Círio. (SILVA FILHO, 2014, p. 209).

Uma senhora devota, participante das celebrações religiosas do Círio, se pronunciou acerca do preconceito vivenciado pelo público da Chiquita:

A Festa da Chiquita é considerada assim, festa de gente assim, sei lá! Como é que o povo fala? Festa de homossexuais. Chiquita é até um termo meio do mundo LBGTSQUIA, sei lá, coisa assim! Então acredito que eles acabam sofrendo preconceito por muitas pessoas. É aqueles nossos irmãos que têm esse tipo de opção sexual de participarem mas [...] Eu acho que isso tem que ser quebrado a cada dia. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Essa fala demonstra um pouco do descaso vivenciado pelos homossexuais, apontando um distanciamento com a causa, como no ato de falar da sigla da comunidade, incluindo letras aleatórias e sem sentido. Esse desrespeito, ainda que não intencional, também foi vislumbrado ao tratar como “opção” o que na verdade se trata de uma “condição” ou “orientação”, além do uso da frase “como é que o povo fala?” para mencionar a comunidade.

Mesmo parecendo solidária à causa e reconhecendo o preconceito vivenciado pelos LBGTs, fica notória o quão sublimada e mal compreendida ainda é essa comunidade. A forma como essa entrevistada mencionou a sigla do movimento como “LBGTSQUIA sei lá, coisa assim...” pareceu um pouco desrespeitosa, o que nos leva a questionar, por sua entonação, se o seu apoio é aparente ou real, e se o que houve foi uma intenção em agradar, mediante seu

discurso, o auditório social ou o superdestinatário, ambos representados pelos condenam veementemente quaisquer tipos de manifestações homofóbicas.

Leite (2014) chega a apresentar a discriminação contra o LGBTQIA+ como um dos piores preconceitos, citando, como exemplo, o fato de que uma criança negra não apanha dos seus pais por conta de sua cor, algo que é recorrente no universo gay, dada a intolerância, não raras vezes, já a se iniciar dentro de sua própria casa, inclusive resultando em traumáticas expulsões.

Por sua vez, um componente da organização da Chiquita ressalta as conquistas individuais por ele alcançadas, enfatizando a possibilidade de vencer os obstáculos que vão se capilarizando no decorrer da caminhada, enaltecendo pontos positivos de ser um LGBT:

Então, eu acredito que ser LGBT hoje pra mim é um momento de muita felicidade, de muitas realizações. Eu consegui alcançar meus objetivos sendo LGBT muito antes (tempos atrás). Desde que eu me identifiquei como LGBT, eu entendi que ali era o momento da minha liberdade, ali eu poderia ser o que eu queria ser, independente do que as pessoas iriam achar disso. Então eu acho que ser LGBT é muito importante, é muita alegria, porque onde tem fresco, onde tem LGBT, tem diversão, tem milhões de coisas boas! (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

No entanto, ele também destaca outros elementos constantes na esfera do preconceito, visivelmente sentidos ainda no cotidiano atual, quando essas questões já poderiam estar mais avançadas:

Na verdade, ainda é muito dolorido pra gente, infelizmente. Mesmo com toda essa abertura, com todo esse espaço que a população LGBT tem, ainda é muito complicado a gente expressar a nossa cidadania no meio dessa sociedade hipócrita que insiste em nos esconder, que insiste em nos ocultar. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Green *et al.* (2018) mostram que conviver com as diferenças não é pensar como, mas atrair forças, encontrar a palavra que se escape às muletas dualistas, à guerra imaginária entre o "Bem" e o "Mal"⁵⁴. Esses autores trazem o importante pensamento do advogado e ativista

⁵⁴ Fábio Morelli mencionando as palavras de Alexandre Peixe dos Santos, na obra de Green *et al.* (2018).

Roberto Iotti, ao apontar que a democracia não significa ditadura da maioria, pois o que deve prevalecer é a sua noção substantiva, de respeitar os direitos fundamentais da sociedade, garantindo, de forma contramajoritária, o benefício da não-discriminação e outros que arbitrariamente têm sido negados às minorias sexuais.

Uma participante pontua a importância dessas quatro décadas de Festa da Chiquita, e da trajetória histórica de resistência percorrida até aqui, estabelecendo-se como uma fortaleza da cultura paraense:

Ratificar mesmo esse momento de resistência, né? Por estar aí esses 44 anos, imagine aí? Se a gente pensar que 44 anos era ditadura, exatamente 44 anos atrás era ditadura, então se a gente pensar em todo esse processo, é mesmo um movimento de resistência muito, muito forte! (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

A luta contra o preconceito é eterna, no sentido de que ela permeará toda a existência das gerações atuais e até mesmo das próximas. Foucault (2006, p.67) reforça que “estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção”. É por isso que precisamos estar vigilantes e cada um, ao seu modo e dentro das suas possibilidades, dar sua parcela de contribuição para amenizar as tantas opressões que vivenciamos cotidianamente. A manutenção de um estado democrático de direito é imprescindível para que o movimento Queer continue a florescer, frutificar. Apesar de todas as vicissitudes, de todos os estigmas carregados, a irreverência será sempre a marca registrada dessa comunidade. E a Festa da Chiquita jamais seria alheia a isso.

2.3 – A irreverência contumaz da Festa da Chiquita

A Festa da Chiquita, adicionalmente ao caráter de luta em prol do público LGBT, traz consigo uma vertente lúdica e irreverente, que dialoga de maneira muito própria diante da religiosidade que envolve o Círio. Bakhtin (1999, p. 64) apresenta as “festas dos loucos” que haviam na França, onde, assim como a Chiquita, representavam uma “inversão paródica do culto oficial acompanhado de fantasias, mascaradas e danças obscenas”. Semelhante a esse

feito, a Festa da Chiquita se manifesta na Praça da República, mesmo local onde passa a Procissão do Círio, contendo elementos de paródia, beijos homossexuais, danças e o uso de roupas sensuais.

Elói nos fala das oportunidades de paquera durante a festa: *“Umam pessoas ficam pros shows, outras ficam no entorno, aqui tem a feira [...] na verdade as pessoas ficam na feira pra paquerar, né? E essa coisa do teatro [...] A feira é onde as pessoas caçam né? Onde as pessoas fazem suas vendas”*. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Outubro de 2021). Como revela Fiorin (2011, p.63) a literatura carnalizada contida em Bakhtin trata das partes íntimas como algo natural e vinculado à saúde. Nela, “o baixo toma seu lugar, não como algo negativo, mas como algo positivo, princípio da vida, da saúde e da renovação”, ou seja, não de uma maneira vergonhosa, e sim de uma forma descontraída e bem-humorada.

O professor Boaventura⁵⁵ mostra que um dos corpos privilegiados é o corpo jubiloso, ou seja, aquele “que se regozija com o prazer, a festa, o riso, a dança, o canto, o erotismo, tudo em celebração da alegria do corpo. As lutas sociais não são apenas morte e sofrimento, são também alegria e júbilo, felicidade com as vitórias” (SANTOS, 2019, p. 142). E a Chiquita é assim, seu caráter profano a faz ser denominada como o “Lado B” do Círio. Ivone Almeida (2013, p.170) esclarece que “o sentido atribuído é o de dar visibilidade social aos sujeitos que produzem e vivem o evento, ou seja, gays, lésbicas, homossexuais, bissexuais e transexuais”. Essa autora mostra que a expressão lado B é assumidamente positiva, já que tem o intuito de forçar a sociedade local a enxergar a vida para além do discurso da sexualidade pautado em um modelo heteronormativo.

A Chiquita revela o próprio Dionísio carnavalesco que se estabelece à natureza de suas comemorações, misturando ritmos genuinamente paraenses com outros em evidência, onde casais do mesmo sexo expressam outros formatos de amor e de relacionamento. Nessa direção, Perez (2011, p. 119) subscreve que “carnais e orgiásticas, nossas festas revelam uma sociedade que, desde o começo, vive do espetáculo, das mudanças, dos contrastes, das misturas e da fusão de coisas e pessoas, de deuses e homens”.

⁵⁵ “As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado”. (SANTOS, 2019, p.17). Busca através do que o autor chama de “sociologia das ausências”, “transformar sujeitos ausentes em sujeitos presentes” revelando conhecimentos de povos silenciados, excluídos do modo dominante de conhecer representado pelo eurocentrismo constante das epistemologias do Norte (SANTOS, 2019, p. 19).

Uma das representações satíricas da festa está na “transviadação”, que nada mais é do que um cortejo profano que conduz os participantes da Chiquita até a Praça da República, onde ocorre o evento. Fantasiados, travestidos e dotados de irreverência, centenas de pessoas participam desse momento peculiar que antecede a festa, no sábado do Círio.

Durante a entrevista, Elói nos contou que o movimento chamado “Noite Suja da Bolsa” é novo, de uns cinco anos pra cá, responsável pela “transviadação” com suas “*drags* que saem completamente do padrão” por fazerem uma linha mais *cult*, fora da estética habitualmente associada a esse público. Assim ele detalha:

São pessoas que têm uma outra formação, porque muitas estão vindo de universidades, algumas defendem tese em cima do que elas aprontam. Por exemplo: Tem uma drag que ela trabalha com lixo, então a roupa dela é toda feita com lixo. Ela passa a mão no chão e faz a maquiagem. [...] Então, é diferente da vocação que eu gosto: O glamour! Na verdade, tu quer glamour, sou de uma geração onde tudo é super espetáculo, a gente quer fazer a coisa espetacular. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Vê-se que Elói estranha um pouco a novidade trazida pelo pessoal da Bolsa, que possui uma pegada mais alternativa, na contramão dos brilhos característicos que tradicionalmente compõem a Chiquita. Porém, nem por isso elas deixam de ser bem vindas e muito bem acolhidas, já que literalmente se trata de uma festa da diversidade. Lais Azevedo (2019) fala que Transviadação: é uma espécie de cortejo pré-Chiquita, a partir das 18h30, na Raio Que o Parta⁵⁶, com palco aberto para os artistas que depois seguirão em cortejo até a festa de Elói. Segundo Moraes (2022, p.15) “muitas dessas montações têm sua origem na utilização de matérias diferentes, como [...] plástico, lixo e tintas não convencionais” promovendo as modificações corporais na busca de uma feminilidade ou dela se afastando na aproximação de uma animalidade.

Fica evidente que Festa da Chiquita possui vários elementos, apresentando uma dinâmica repleta de contextos diferenciados, sempre trazendo inovações que possibilitem a ampliação do seu repertório cultural. Uma festa que mistura em seu caldeirão aspectos

⁵⁶ Região de Belém com casas ornadas com cacos de azulejos coloridos que formam painéis imitando setas e raios. Informações do GIPARÁ (2020). Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/e-do-para/noticia/2020/09/19/arquitetura-raio-que-o-parta-chama-atencao-na-fachada-das-casas-antigas-de-belem.ghtml>>. Acesso em 17 Ago. 2021.

políticos, lúdicos e devocionais, com vários concursos, premiações e shows musicais, contando ainda com a participação de celebridades, muito se assemelhando a programas de auditório, sendo impecavelmente conduzida por apresentadoras(es) locais. Sobre a dinâmica de preparação da festa, a organização destacou as constantes inovações realizadas para deixá-la ainda mais atrativa, colorida e repleta de significados, ratificando sua importância no cenário cultural paraense, sobretudo por dar visibilidades aos diversos componentes da comunidade LGBT:

A gente tem sempre procurado melhorar, porque a gente sabe que têm pessoas que são loucas pela festa, que gostam da festa, perguntam pela festa. Depois a gente faz uma avaliação nossa, interna, do que foi legal, do que não foi, do que precisa ser mudado. Por exemplo: Uma das coisas que a gente começou a colocar na Chiquita foi o concurso Garoto Chiquito, que a gente não tinha. E a gente foi abrindo pra urso, pra drag, pra musa... Então a gente sempre vai procurando inovar para que as pessoas se sintam inseridas nesse processo. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

A Festa da Chiquita é diversificada em simbolismos que contribuem para lhe dar notoriedade, estimulando assim tanto um engajamento quanto um sentimento de pertença para com ela. Fernandes e Seixas (2018, p.256) mostram que, durante a festa, diversos grupos folclóricos com ritmos do Pará se apresentam. “Também são realizados concursos de performances que mobilizam *drag queens*, transexuais e travestis”. Há ainda um destaque para as várias premiações que ocorrem no decorrer da noite, o que lhe permite uma atmosfera que a deixa ainda mais envolvente e interessante.

Essas premiações visam homenagear personalidades importantes que apoiam a festa e militam em favor da causa LGBT. Oportuno dizer que o troféu “**Veado de Ouro**⁵⁷”, também conhecido como Troféu Oliveira Bastos⁵⁸, é o mais antigo e mais importante do evento. Personalidades como as cantoras Fafá de Belém, Dona Onete, Gretchen e Gaby Amarantos, o

⁵⁷ Curiosamente a história de Nossa Senhora de Nazaré está atrelada a uma lenda, uma das mais famosas do folclore de Portugal, onde um alcaide-mór, em 1182, ao caçar um veado, foi coberto por uma névoa que tirou a visão de um precipício que estava à sua frente. Montado sobre um cavalo em alta velocidade nessa perseguição, ao deparar-se com o precipício, viu que não daria tempo de frear a ponto de se salvar de uma queda descomunal. Foi quando ele viu nos céus a imagem iluminada de Nossa Senhora de Nazaré, que o salvou e também ao seu equino. Disponível em: <<http://folcloredeportugal.blogspot.com/2012/09/lenda-da-nazare-e-festas-2012.html>>. Acesso em 06 Fev. 2020>.

⁵⁸ A ideia do nome Oliveira Bastos surgiu como uma “homenagem” às avessas, satirizada, ao jornalista homônimo, conhecido pelas duras críticas feitas por ele ao incipiente movimento gay de Belém.

Professor Jean Wyllys, a deputada Marta Suplicy e a romancista Glória Perez, já foram contempladas com esse troféu.

É necessário lembrar que a história oficial de Nossa Senhora de Nazaré está associada a um milagre em que um cavaleiro, ao perseguir um veado, é salvo, ele e seu cavalo, por Nossa Senhora de Nazaré, enquanto o veado cai no abismo, supostamente sem salvação. Essa passagem relacionada ao milagre recebido por Dom Fuas, está demonstrada na Figura 9, a seguir.

Figura 9: Arte em alusão ao milagre de Dom Fuas Roupinho



Fonte: Wikipédia⁵⁹

Elói explica que os primeiros cartazes da festa do Círio traziam a imagem do veado, em menção ao episódio milagroso do guerreiro português Fernão Gonçalves Churrichão, conhecido como Dom Fuas Roupinho, no século XII, como podemos observar nas figuras 10

⁵⁹ Recorte de tela do site Wikipédia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Legend_of_Nazaré>. Acesso em: 13 set. 2022.

e 11. Aos risos, ele conta que depois o veado foi abduzido dos cartazes oficiais da igreja. Elói considera injusta a história do veado morrer e, de modo irreverente, defende um novo desfecho para esse episódio, ressignificando-o:

Como o negócio já vem de muito tempo, então assim: o veado caiu, né? No mar! Mas aí tu mudou a história, porque o veado pegou uma corrente marítima e veio bater no Bar do Parque⁶⁰. Então na verdade tu desconstruiu um pouco essa coisa, aquela coisa antropofágica, pega uma coisa que é tabu e transforma numa coisa maior. E aí ficou o Veado de Ouro⁶¹ que é um prêmio que a gente adotado desde a primeira edição. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Figuras 10 e 11: Cartazes dos Círios de 1924 e 1909, com destaque azul circulando os veados



Fonte: Recorte de tela do Blog Belém do passado⁶² e destaque de elaboração própria.

Vê-se que Elói deu um novo contorno a história do veado, trazendo-o em queda livre da Europa até o Bar do Parque, em Belém, onde teve início a Festa da Chiquita,

⁶⁰ A história oficial da santa diz que um Cavaleiro que perseguia um veado foi salvo de um abismo na última hora por intercessão de Nossa Senhora de Nazaré. O veado, no entanto, caiu no abismo.

⁶² Disponível em: <<http://belemdopassado.blogspot.com/2010/10/cirio-de-1886-cirio-de-1901-cirio-de.html>>. Acesso em 01 Nov. 2021.

homenageando-o quando da criação do troféu “**veado de ouro**”, o mais importante da festa. Ele conta que o primeiro contemplado com esse prêmio foi o Uriel, por seu despojamento e inteligência, mas também por sua situação de vulnerabilidade, em função de sua condição de homossexual.

Uriel era uma pessoa importantíssima. Na verdade, era um menino que era aluno de medicina, uma pessoa muito despojada, muito inteligente, e que tinha um pé na vala, aquela coisa: “Um pé no high (Society) e um pé na vala!”. Ele foi o primeiro Veado de Ouro porque ele representava bem isso, essa coisa da inteligência [...] Pra fazer jus a esse prêmio, você tem que ter um trabalho, né? ligado ao movimento social de hoje. Nessa época a gente pegava as pessoas que estavam mais vulneráveis; Uriel, na verdade, apesar de ser um estudante de medicina, mas era uma pessoa muito vulnerável. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

O número de troféus tem crescido nos últimos anos. Atualmente, além do “**Veado de Ouro**” e da “**Botina de Prata**”, tem também o da “**Rainha do Círio**”, “**Veado Supremo**”, “**Cidadania LGBT**”, “**Walter Bandeira**⁶³”, “**Veado Peregrino**” e “**Veado Amigo da Chiquita**”. Eles são importantes na medida em que reconhecem o papel desempenhado por seus premiados protagonistas nas ações voltadas à causa LGBT. Essa contribuição pode ser desde uma ajuda para a realização do evento - que enfrenta várias dificuldades - mas principalmente para dar visibilidade a algum representante que tenha demonstrado sensibilidade e apoio à comunidade.

Os concursos de “**Garoto Chiquito**”, “**Urso da Chiquita**”, “**Trans da Chiquita**” e “**Drag da Chiquita**” também movimentam a noite da Festa, empolgando a plateia com suas torcidas para os que apresentam o melhor desempenho. A figura 12 demonstra o momento da entrega de uma dessas premiações.

⁶³ Filósofo, professor e reconhecido artista paraense, notabilizado como ator e cantor. Faleceu em junho de 2009, aos 57 anos.

Figura 12: Entrega de prêmio a servidora da Secretaria de Direitos Humanos



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Um fato que tem chamado a atenção nas últimas edições da Chiquita tem sido a visibilidade dada às lésbicas, que por vezes sentem a ausência de uma participação mais firme no movimento. Uma mulher participante da Chiquita discorre sobre a importância dessa inclusão em tempos de politização acirrada:

Eu vejo que ao mesmo tempo em que a gente vive um momento reacionário, né? De muitos ataques, a gente também está muito mais articulado, né? Inclusive pra nós que somos mulheres, né? Bi, sapatão... A gente tá conseguindo se sentir mais incluída, porque acaba que essa organização foca muito mais na sexualidade masculina, não do gênero, mas da sexualidade. E agora a gente tá conseguindo ter essa articulação a um nível maior, tá conseguindo se sentir realmente uma comunidade LGBTQIA+. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Outra participante lembra que em 2022 a Festa da Chiquita completará 44 anos, razão pela qual as lésbicas deveriam ser especialmente homenageadas. O troféu **Botina de Prata**, por exemplo, foi instituído para contribuir com a questão da visibilidade lésbica, inclusive permitindo a premiação de pessoas trans que assumiram a identidade de gênero feminina, como ressalta Elói:

A gente acrescentou as lésbicas. Na verdade, é um movimento em que elas não apareciam, né? Então, na hora em que os movimentos de lésbicas começam a surgir, a gente teve que

fazer a (premiação) Botina de Prata. No movimento LGBTQIA+, as lésbicas já estão muito presentes. Então, assim, no ano retrasado (2019) porque ano passado (2020) foi online, nós colocamos um casal de trans. Ela é uma mulher trans e ele é um homem trans. Então a gente acabou pulando a fase da lésbica, porque acabou que a sexualidade ocupou um valor muito forte neste momento. As pessoas começaram a repensar. O próprio Laerte⁶⁴ que a gente vê, depois de tanto tempo, né? Militando nas artes plásticas, e é uma pessoa importantíssima, inteligentíssima. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Essa exaltação promovida pelos troféus distribuídos na Chiquita, assim como a atmosfera que envolve sua festa, lembra a lógica da inversão apresentada por Bakhtin, que a considera como própria da cultura popular, um princípio ridente e renovador onde “os grandes são destronados e os inferiores são coroados” (DISCINI, 2014, p.55). Essa lógica consolida-se na medida em que os “inferiores”, representados pelo público homossexual, vivem o seu dia de coroamento e exaltação de suas essências como seres humanos, num ambiente atípico de proteção e acolhimento, como acontece na Chiquita. Foucault (1975 [2021], p. 61) também adentra essa seara, ao falar de “um aspecto de carnaval em que os papéis são invertidos, os poderes ridicularizados” e os excluídos transformados em heróis, ou seja, uma atmosfera carnavalesca que permite que esse tipo de ação aconteça sem culpa.

Observa-se que a irreverência presente na Chiquita vem na contracorrente da festa oficial, apresentando formas de representação da vida, contribuindo para importantes aspectos associados ao desenvolvimento humano. A partir de suas ações, muitas vezes impactantes, são demonstradas as pluralidades de modos de se existir, destacando diferenças que cotidianamente desaguam num verdadeiro espetáculo de discriminações.

Uma participante faz um importante alerta sobre esse lado cômico característico das festas da diversidade. Muitas vezes as festas com o público LGBT acabam servindo entretenimento para héteros curiosos que chacoteiam e descredibilizam a causa, se apropriando de fragilidades para, inclusive, incitar a violência, através da palhaçaria e da ridicularização:

⁶⁴ Referência a Laerte Coutinho, uma importante cartunista trans, ilustradora e roteirista brasileira.

Eu acho que a festa toda tem muito esse lado que é do cômico, do lúdico, inclusive atraindo muita gente preconceituosa, que de certa forma vai pra lá (apenas) pra satirizar, pra fazer graça. Tem um público masculino muito grande assim, inclusive que tem afastado, porque vai pra fazer briga. Enfim, existe isso também. [...] Já alcoolizadas, a malandragem aproveita pra furtos, agressões. Essa é a parte triste da Chiquita. Tanto que a segurança foi dobrada, né? Triplicada! Com o passar do tempo ela foi mais reforçada. Pelo menos isso tem. (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

Nesse mesmo raciocínio, outra participante comenta sobre a questão da homofobia de alguns frequentadores, chamando a atenção para a necessidade de uma conscientização nesse aspecto:

Eu percebi que tem uma galera muito homofóbica que vai pra ficar fazendo chacota mesmo. Um homem encarnando no outro (dizendo) não sei o quê: “Olha, aquela ali é tua” (apontando para alguma drag). Então, no sentido de trabalhar mesmo nesse sentido, da prevenção e da conscientização, né? De que aquilo ali é um momento festivo, mas também um ato político, um ato de respeito. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Ao performar o gênero, a *drag* revela o seu caráter imitativo, tornando o gênero um artifício flutuante, onde um homem masculino pode, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino (BUTLER, 2020), assim como o seu inverso. Mas há que se alertar sobre algumas performances paródicas que acabam perdendo o seu potencial subversivo e funcionando meramente como entretenimento hétero de luxo, o que pode contribuir para a perpetuação do preconceito (SALIH, 2019).

Por sorte, a Chiquita consegue apresentar a real natureza da festa humana, assim como tem sido feito desde o seu surgimento. A festa no sentido de liberdade de expressão do real sentido de existir, convergindo com o sentimento pessoal de cada um, no ato individual de escolher a quem amar, sem estar submetido a qualquer espécie de dogma que lhe restrinja. O ato político de se (trans)formar se insere nesse contexto, como veremos na seção seguinte.

2.4 - TRANSformando *Queers* em *Queens*: Faz parte do seu show!

Originalmente a Festa da Chiquita já respira diversidade, com um público indiscutivelmente representativo da comunidade LGBT. Nessa fotografia, as protagonistas da noite são as travestis e transexuais, que, ao exibirem suas luxuosas vestimentas e performances, acabam roubando a cena, transformando a Chiquita num espetáculo de muito brilho e alegria. Um momento em que a disforia de gênero e a angústia podem ser esquecidas, deixando entrar pela janela da fantasia, uma liberdade e um empoderamento raramente experimentados.

Uma das participantes considera que a festa dá bastante ênfase ao público *drag*, revelando que as performances dessas *drags* são dos momentos mais aguardados por ela na festa: “*Ah, eu gosto das performances de modo geral. Eu gosto muito de dança, sou da capoeira [...] então eu fico muito admirada, assim, da performance das drags mesmo, do processo de criação, fico muito encantada*”. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Zaira completou dizendo que “*é uma festa que vai mudando, não sendo enjoativa, com vários concursos, como a do urso, sendo inclusiva para um grande público*”. De fato, a Festa da Chiquita se assemelha, em vários pontos, a um programa de auditório, com vários quadros distintos, onde danças performáticas, concursos, premiações, shows musicais, humor e potentes discursos de combate à homofobia se alternam durante o evento.

A Chiquita se revela ainda como um espaço de *network* onde as profissionais da arte *drag* tem a chance de dar visibilidade aos seus trabalhos, difundindo suas carreiras ao socializar com outros artistas que atuam nesse segmento, gerando oportunidades. Mesmo optando por uma discrição em relação ao envolvimento político, esta *drag* diz ter ciência da sua contribuição para a luta, a partir de sua apresentação:

A Chiquita nada mais é do que uma grande vitrine de venda do seu trabalho. E também é aquele momento de resistência. Eu não sou uma drag que me envolvo muito com a política, mas é um momento que por mais que meu show não tenha nada a ver com movimentos sociais, é um momento que eu tô ali mostrando a minha resistência. A minha drag tá ali. E se faz

presente. Ela pode não estar envolvida é firmemente lá naquele movimento, naquela luta, mas ela tá ali pra apoiar. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Outra *drag* que também se apresentou na festa da Chiquita de 2021, discorreu em tom de liberdade, acerca da oportunidade de mostrar sua arte, sem a necessidade de se policiar, de ter que dar qualquer tipo de satisfação:

Em questão da Chiquita, ela significa a gente poder expressar nossa arte, sem rótulos, sem tá explicando nada. A gente é só ir e mostrar quem a gente é mesmo, dentro de uma... como é que posso falar? De um momento católico da cidade, a gente poder expressar nossa arte, sem rótulos, eu acho que (a Chiquita) é isso. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

Nesse sentido, essa participante mostra o exemplo fiel da dupla finalidade do uso da máscara: Uma no sentido de se transformar através da arte *drag*, como ocorre na Chiquita, quando da oportunidade de se desvencilhar da pesada outra máscara, a que é utilizada cotidianamente. Esta máscara de uso cotidiano visa a proteção do julgo alheio, numa busca por enquadramento e aceitação social, evitando ataques homofóbicos que podem ser disparados de todos os lados, até dos menos imagináveis: em casa, no trabalho, encontros de família, e por aí vai...

É possível sentir a emoção de uma participante ao falar da chance de brilhar no palco da Chiquita, enfatizando a mágica de quando esse momento coincide com a passagem da berlinda que conduz Nossa Senhora de Nazaré:

O show das drags encanta o público, mostra uma arte que passa o resto do ano escondida nas esquinas das festas, nos bares, dentro das boates. A Festa da Chiquita é um momento mágico porque a gente, querendo ou não, consegue sair um pouco mais da bolha LGBT, porque as vezes sempre vai um promesseiro que é curioso que nunca foi, que não é gay, e que vai lá: “hum, eu queria ver esse trabalho!” E aí, no momento que a drag pisa no palco, pra mim é o momento mais mágico da Festa da Chiquita e mais mágico se torna ainda quando ocorre no exato momento da passagem da Santa. Eu acho que é a cereja do bolo. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

As *drags* da Chiquita usam do próprio corpo numa ação de contrapoder, apresentando o seu prazer contra as normas morais vinculadas às suas sexualidades, fortificando o movimento com sua luta, com sua resistência. Foucault explica que a partir do momento em que o poder produz seu efeito, emerge a reivindicação do seu do corpo contra o poder, da saúde contra a economia, do prazer contra as normas morais de sexualidade, do casamento, do pudor. E assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (FOUCAULT, 2021b, 235). Nesse contexto, as *drags* da Chiquita expõem seu poder através de seus corpos, do movimento de suas danças, de suas artes.

A apresentação das *drags* faz parte de um concurso que é promovido pela Chiquita, premiando a melhor performance conforme julgamento do público presente, mediante aplausos calorosos e ovações. Uma das concorrentes conta que o concurso é sua grande motivação para participar da festa:

O intuito de fazer eu participar é o concurso de drag queen. Sempre tive vontade, acompanhava pelas redes sociais. Na verdade eu era menor de idade, eu nunca podia ir pelo fato da minha idade, mas agora com 19 anos... Na verdade ano passado (2020) não teve, e agora que voltou a Festa da Chiquita, eu já com os meus 19 anos, então eu pude participar. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

Uma participante que esteve curtindo a edição de 2021 da Chiquita, falou de forma elogiosa acerca dessas apresentações, destacando as que homenageiam Nossa Senhora de Nazaré, por se articularem fortemente com o ambiente sagrado do Círio:

É surpreendente ver o povo no palco, né? Várias apresentações, o público em geral super animado. Também tem a questão que é muito emocionante, durante a passagem e após a passagem quando eles começam a homenagear a Santa, né? É deslumbrante! (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

Daniel Moraes (2022, p.15) aponta o papel desempenhado por cantoras como Pablio Vittar, “Aretuza Lovi, Gloria Groove, Lia Clark, entre outras, que estão reivindicando o espaço de fazer música para falar sobre preconceito sofrido no cotidiano e as conquistas da comunidade LGBT” (MORAES, 2022, p.15). Na atualidade, sobretudo em função das interações através das redes sociais, esses meninos conseguem acompanhar de perto a

realidade de artistas que lhes são inspiradoras, dadas as projeções que elas possuem no âmbito nacional:

Eu falaria muito na Pabllo Vittar, ela pode ter sido um impulso para muitas meninas começarem a se montar dentro do Brasil. Também acompanho demais a Robert Moon, que é uma drag queen de São Paulo. Laisa Bombom e Márcia Pantera que são drags que tem como seu ponto forte o bate cabelo que também é o forte do meu show e eu acho legal. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

Elói lembra que várias travestis paraenses migram para outros países, muito em função da pobreza e do desejo de ganhar dinheiro para dar uma condição de vida melhor aos seus familiares. Segundo ele, elas querem protegê-los, orientar os irmãos mais novos para que não tenham o mesmo destino: o da prostituição. Querem também preservar suas mães, dar o melhor para elas:

E tem aquela coisa, os gays adoram as mães, né? Eles não querem que aconteça nada com a mãe, eles querem tomar conta [...] “Essa coisa do sonho, porque ninguém quer estar embaixo, todo mundo quer espaço, quer ser livre, quer poder ter dinheiro pra comer, pra morar. Tu quer coisas básicas, quer uma boa casa, ter tua geladeira cheia, então assim, é transitar. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

As travestis e transexuais são, no mundo e em especial no Brasil, as representantes do movimento LGBT que mais são vítimas da violência e do preconceito que estão arraigados em nossa sociedade. E o mais lamentável é que os confrontos por vezes começam na própria casa e se estendem para as ruas, quando muitas são expulsas, restando-lhes poucas alternativas de sobrevivência. Vanessa Leite explica que nesse abandono, dificilmente conseguem emprego, e não raras vezes a prostituição emerge como inevitável opção, já que as portas das cafetinas são as únicas que se abrem nesses casos. (LEITE, 2014).

É preciso que essas pessoas tenham a chance de redirecionar suas histórias, e viver num mundo onde a morte real ou simbólica deixe de ser uma eterna tormenta. Nascimento (2016) difunde que o corpo travesti não é visto como a imagem ideal da cidade, mas se faz justamente em sua invisibilidade na paisagem urbana, nas esquinas escuras, beiras de

marginais, de estradas, de portos. Nesse caminho, González (2008, p.30) explica que para a Teoria Queer o corpo também é um campo de batalha, lugar onde as marcas de poder são inscritas e muitas vezes de forma não metafórica.

Infelizmente, ainda há um longo percurso a ser trilhado, a fim de desconstruir o terreno pantanoso que foi estabelecido para essas pessoas. As ações em prol das travestis são sempre muito tensas e marcadas por recuos, retrocessos e muita hipocrisia. No Pará, a Festa da Chiquita é um símbolo incontestado de ações contra a “travestifobia”, seja por seus testemunhos, por seus discursos, ou pela própria festa em si, consolidada no seio de uma importante manifestação católica. Um ativismo árduo e necessário que não pode e nem deve ser abandonado.

Em relação ao contexto do Círio, não poucas vezes, a Festa da Chiquita é vista como uma afronta, como se não houvesse possibilidade de conexão entre LGBTs e o exercício da fé. Porém, muito ao contrário disso, a devoção abunda durante toda a Chiquita, como veremos na próxima seção.

2.5 – “Bicha também reza”: A especial devoção na Festa da Chiquita!

Embora imersa num contexto lúdico, exótico e até mesmo sexual, um dos aspectos que chamam a atenção na Chiquita, sobretudo para os que participam pela primeira vez do evento, é a estreita ligação da festa e de seu público para com Nossa Senhora de Nazaré, a rainha da Amazônia e protagonista do Círio.

Por ser considerada uma festa profana, ainda soa estranha a possibilidade de que naquele contexto tão diverso, repouse também o espetáculo da fé. Há, na verdade, além de todas as lutas que envolvem esse público minoritário em tamanho e em direitos, uma busca pelo reconhecimento de exercerem a sua fé. Os relatos reunidos durante a pesquisa de campo trouxeram importantes nuances a esse respeito, ratificando as práticas religiosas e de fé dos membros da comunidade LGBT. A organização da Chiquita se sensibiliza ao comentar que:

O Círio é outra emoção diferenciada por demais! Aquele momento em que você vê as pessoas na rua, pedindo proteção,

pedindo paz, pedindo felicidade... Eu inclusive não sou aquele católico assíduo, mas tenho uma reverência muito grande... (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Uma das travestis aborda o seu modo particular e ao mesmo tempo inusitado de expressar sua fé, o que pode ocorrer durante a sua apresentação na Chiquita. Ela afirma que tal ação não afeta o poder de sua entrega e muito menos a força de sua devoção, independentemente dos julgamentos alheios. Inclusive ela admite perceber um maior acolhimento das pessoas por se tratar do período nazareno:

Eu sei dos meus problemas, eu sei que os outros têm problemas também, mas a minha fé não é maior do que a deles, é o meu jeito de, apesar de não estar na corda, a minha fé não é diferente e não tem porque ser anulada. A minha fé vai ser demonstrada não estando na corda, mas estando no show! É estar de longe, assim, só observando o pessoal... É tá dando a água... Eu acho que no Círio o LGBT ele se sente, querendo ou não, um pouco mais acolhido! (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Marcelo Natividade considera fundamentais os trabalhos que se empenham em promover atividades cujos efeitos esperados sejam “dissociar travestis das experiências exclusivas de prostituição, da exploração do corpo e da violência”. (NATIVIDADE, 2016, p. 225). Nesse sentido, é preciso reforçar o arco de possibilidades de atuação das travestis, tanto em termos profissionais como em outras atividades cotidianas, como direito pleno dispensado a qualquer indivíduo. Tal feito inclui a possibilidade do exercício de suas fés em quaisquer religiões que lhes aprouverem, sem que sejam vitimados pela discriminação arraigada em nossas relações sociais.

Duas travestis que se apresentaram na Chiquita assim abordaram sobre as suas manifestações de fé no momento do Círio, expondo suas visões acerca desse cenário devocional:

O que baseia o Círio é a fé, eu acho que não é Nossa Senhora de Nazaré, não seria Jesus Cristo, eu acho que seria a fé que as pessoas têm em seus corações. Eu acho que a fé é quem move tudo, ela move as pessoas, ela move o Círio. Acho que essa palavra pode definir tudo: Fé. [...] Em questão do Círio, na verdade, eu fico muito emocionado com a fé das pessoas

porque eu acho que tudo é baseado na fé. Eu acho que a nossa fé, ela pode realizar nossos sonhos, ela pode nos colocar pra frente. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

Acho que vai muito da música que eu performei na Chiquita, não tem explicação. [...] Nada e nunca vai ser explicado no momento da transladação, no momento do Círio em si, no momento em que a santa passa. À Noite, ver a saída da santa, não sei, é uma mistura muito doida que acontece dentro da gente, que só a gente sente! (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Percebe-se que esses participantes o tempo todo reiteram suas devoções e principalmente as emoções vivenciadas através do cortejo do Círio, sobretudo quando da passagem do cortejo da santa, margeando a praça onde acontece a Festa da Chiquita. Monteiro (2021, p.71) menciona o olhar de uma conceituada antropóloga⁶⁵ paraense sobre a Festa da Chiquita, que a caracteriza como irreverente, sem deixar de ser respeitosa à imagem da santa e ao Círio.

Em alguns momentos percebe-se o quão tênue demonstra ser a relação entre a comunidade LGBT e a religião, motivada sobretudo pela discriminação oriunda dos dogmas fundantes das doutrinas eclesiais. Somam-se a isso os direcionamentos estatais, que por vezes operam sob uma linha conservadora, agindo na contramão de uma laicidade que deveria ser constitucionalmente cumprida.

Segundo informações do jornalista Yuri (2015), Elói Iglesias afirma que “é um direito que essa população tenha fé. Existe uma ditadura da fé, as pessoas acham que LGBT não pode ter fé, que a festa não pode ser uma homenagem”. Nessa direção, Pereira (2019) acrescenta que a Chiquita “tem reza antes da festa e distribuição de prêmios”.

Um dos meninos que se travestem para se apresentar na Chiquita, se declarou como seguidor da corrente evangélica, nos contando como é vivenciar o preconceito diante de sua prática religiosa: “Não digo preconceito, (mas) exclusão! Na verdade, depois de eu me assumir homossexual, acho que teve um grande afastamento de muitas pessoas dentro da igreja a mim. No caso atualmente eu frequento, mas não participo, só assistindo”. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

⁶⁵ Doutora Taissa Tavernard de Luca, professora da Universidade Estadual do Pará – UEPA.

Pelo relato, nota-se que houve uma espécie de silenciamento, distanciando-o de uma participação mais efetiva na igreja em que sempre visitou. Desse modo, para se proteger, esse jovem optou pela simples observação dos ritos. Passou a eximir-se de qualquer tipo de interação, uma vez que sentiu o preconceito falar mais alto em situações de visível afastamento de pessoas que antes faziam parte de seu convívio próximo.

Ao abordarmos uma religiosa participante do Círio, sobre a devoção apresentada pelo público da Chiquita, assim ela opinou, apontando a questão da hipocrisia no cenário religioso:

Até porque essa questão de você gostar do profano não quer dizer que você é uma pessoa que você não possa ter uma fé, professar uma fé, independentemente de religião. Eu acredito que existe muita hipocrisia em questão de religiosidade. Tem gente que tá dentro da igreja professando uma fé, com a bíblia debaixo do braço (e nem sempre são aquilo que parecem)... Eu já quebrei esse paradigma há muito tempo. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Apesar de tudo, há um grande consenso na comunidade LGBT sobre a notória participação de muitos de seus membros como propulsores dos ritos católicos, contribuindo para o andamento das celebrações litúrgicas. “Até mesmo porque a gente tem um público muito grande de católicos que são LGBTs, né? E que vivem pra igreja”. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021). Um dos organizadores da Festa da Chiquita assim expressa sobre a devoção de seu público à santa taumaturga, e, de modo irreverente, faz um alerta aos membros da comunidade: que eles não queiram brilhar mais do que Nossa Senhora!

Na verdade, é muito grande, a maioria da comunidade LGBT está incluída na quadra nazarena (atuando dentro das paróquias) porque a gente tem muitos LGBTs que são coroinhas, a gente tem muitos LGBTs que estão dentro da igreja católica, que pagam promessas. Então, assim: A ligação de Nossa Senhora de Nazaré com a população LGBT no nosso Estado, ela é muito grande. Você vê aí milhares e milhares de LGBTs fazendo promessas, estando nas missas... Muito grande essa relação e automaticamente ela se torna inexplicável, porque é só a pessoa que sente essa ligação. Na verdade, quem já veio no Círio de Nazaré sente isso, sente esse momento importante, principalmente na transladação, quando a santa passa. Então é lógico que a gente tem muito essa ligação. Tem até uma música da Leona que diz assim: “As bichas só não

podem querer brilhar mais do que a santa!”. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Já outro participante da Chiquita manifesta-se de modo contundente ao afirmar sua devoção: *“Sou muito, muito, muito devoto! Sou extremamente devoto de Nossa Senhora de Nazaré. Devido a minha avó ser devota, minha mãe, minha família toda ser devota e católica. Eu e a Nazinha somos quase íntimos!”*. Ele segue, inclusive, apresentando um exemplo de graça alcançada através da santa, relacionada a manifestação de sua orientação sexual junto ao seio familiar:

Um ano em que eu estava passando por uma situação muito complicada em casa, por conta de me descobrir gay, eu tinha feito uma promessa pra Nazinha que se tudo desse certo, se a minha família me aceitasse, se eu me mostrasse uma pessoa que é completamente diferente do que eles acham que é uma pessoa gay, eu iria andando sozinho, lá da Sé até a Basílica e quando eu chegasse lá, eu iria de joelhos até os pés dela (da santa)! E aí que no mesmo ano eu tive a resposta e eu fiz o mesmo trajeto sozinho de manhã cedo, naquela muvuca lá. Ainda era antes da pandemia, e eu consegui passar pelo povo, no maior aperto, no maior sufoco. Desde lá da Sé acompanhando o povo até a Basílica. Quando cheguei na igreja eu vim de joelhos da porta da igreja até o pé da santa original, que fica exposta, quando ela desce⁶⁶ do altar dela lá na igreja. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Tais testemunhos apontam para a necessidade de um maior exercício de combate à intolerância religiosa que paira sobre a comunidade LGBT, exclusão essa diretamente associada à esfera devocional. Sobre essa abordagem, Elói, de maneira firme, nos expôs o que segue:

As bichas são muito católicas! bicha reza! bicha reza o terço... elas vão para a festa da Chiquita e elas estão com a santinha delas. [...] Tem devoção, existe devoção! Elas fazem (pedidos) hoje e já tem promessa até a Chiquita. Elas ficam nervosas nisso, as pessoas fazem promessas, mas minha promessa é ir até a Chiquita. Lá, acabou minha promessa! Quando chega lá

⁶⁶ A descida do altar faz parte da programação religiosa do Círio, sendo um momento bastante demandado pelos fiéis. Nela, ocorre a descida da imagem original de Nossa Senhora de Nazaré, da parte alta do altar (conhecida como Glória) para uma base no chão da Basílica, protegida por uma redoma de vidro. Assim, ela fica bem próxima aos fiéis, em razão das comemorações do Círio.

*acabou, elas já param ali*⁶⁷. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Pelo exposto, fica evidente a devoção entre os membros da comunidade, ainda que sempre acompanhada de receios, dúvidas e não raras vezes, ausência de empatia por parte de outros companheiros religiosos. Fernandes e Seixas (2018, p. 251) questionam se “em meio às tantas homenagens e aos milhares de devotos de Nossa Senhora de Nazaré, as filhas da Chiquita também são filhas de Maria? Há quem diga que sim. Há quem diga, ou melhor, brade, que não”. Dotada de um preconceito patente, uma das devotas entrevistadas foi categórica ao julgar desnecessária a Festa da Chiquita em meio ao Círio:

Eu acho inapropriado, porque afinal de contas a gente está homenageando a santa e não nenhuma sexualidade em particular. Eu acho que sexualizar é uma coisa muito íntima da pessoa e não é pra ser divulgado assim. Eu nunca achei correto eles fazerem parada e acharem que porque são da maneira que são, todo mundo tem que saber o que eles são ou não são. Eu acho isso: inapropriado. Não tem justificativa, ao meu ver. (Fragmento de Entrevista com Dona Aparecida, Outubro de 2021).

Importante ter a noção de que tal fala representa o pensamento de uma significativa parcela da sociedade que, autoproclamada conservadora, emite preconceitos contundentes, tendo visíveis dificuldades em lidar com as diferenças.

A repressão foi “o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade”, com um puritanismo moderno impondo um “tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo”. (FOUCAULT, 2020b, p. 09). Esse autor fala da existência de um “à priori histórico”, um princípio que define um modo de ser, “arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro” (FOUCAULT, 1999, p. 219). Assim, percebe-se que a égide do poder expõe uma verdade que atua na promoção da invisibilidade e do silenciamento tanto de corpos como de atitudes que escapem à regra da dinâmica heterossexual, inclusive sobre os aspectos devocionais.

⁶⁷ Ao chegar na Praça da República, onde ocorre a Festa da Chiquita, o cortejo atinge cerca de 50% do seu percurso, restando ainda outro trecho para completá-la integralmente. O trecho se refere às pessoas que seguem a procissão somente até a praça e por lá já ficam para a Festa da Chiquita, não seguindo até a Catedral da Sé, que seria o ponto final do trajeto.

Foucault traz à tona um pensamento acerca da questão do proibido, e do impacto que ele possui sobre a curiosidade popular, quando ao tentar excluir determinado tema, acaba obtendo um efeito contrário, ou seja, aumentando o desejo de conhecê-lo em seus mais íntimos detalhes:

Evoca-se com frequência os inúmeros procedimentos pelos quais o cristianismo antigo nos teria feito detestar o corpo; mas pensemos um pouco em todos esses ardis pelos quais, há vários séculos, fizeram-nos amar o sexo, tornaram desejável para nós conhecê-lo e precioso tudo o que se diz ao seu respeito. (FOUCAULT, 2020b, p.p. 173-174).

Esse autor pontua a questão religiosa como estimulante à rejeição ao corpo, reforçando um distanciamento entre os aspectos sexuais e religiosos, como se eles não fossem passíveis de convivência. Sobre esse tema delicado, uma das participantes da Chiquita assim desabafa:

É o pessoal parar com essa coisa de nos rotular: “Ah, ali é um promesseiro, mas é um promesseiro que é gay, é uma promesseira que é lésbica! Aquela ali é uma mulher trans que é promesseira!”. Não, ela só é uma promesseira, porque nesse momento não tem gay, não tem trans... São todos promesseiros, todos devotos de uma só santa, sabe? Nenhuma fé é maior que a outra. Nesse momento toda fé é igualitária, toda fé tem o seu momento. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Vê-se que há um jogo de poder que se articula trazendo reflexos de ações tanto do Estado quanto de parcela mais conservadora da sociedade, a maioria se justificando mediante um discurso religioso retrógrado e divergente das reais manifestações acolhedoras de Jesus Cristo. Há uma razão para disso? A resposta é sim, ou seja, o modo como cada um lida com seu próprio sexo, que passa a operar como uma questão absolutamente relevante para os moralistas mais ferrenhos, que se acham no direito de determinar quem pode ou não exercer uma ligação com o sagrado, com o devocional. Foucault (2006, p.10) aponta que o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Esse apoderamento do devocional tem sido uma constante entre o público da diversidade que não recua em meio aos desafios.

Nessa direção, Pereira (2019) destaca uma importante menção de Iglesias: "Não é só hétero que tem fé. Nós queremos homenagear Nazaré e também ser respeitadas. Ninguém precisa mais se esconder". Em praticamente todos os discursos da Chiquita, seja dos organizadores, políticos, artistas e outras personalidades engajadas na causa gay, há uma menção honrosa à Santa Padroeira, a querida Nazinha, como intimamente é chamada pelos paraenses.

Em sua "História da sexualidade: a vontade de saber", Foucault expressa que prazer e poder não se anulam. Um poder que reprime o sexo é pobre em seus recursos, econômico em seus procedimentos e monótono em suas táticas, pois nada ele pode contra o sexo e o uso dos prazeres, salvo dizer-lhes não, de modo que "onde há poder há resistência" (FOUCAULT, 2020, p. 104).

Em outro momento, ao tratar da realização da Festa da Chiquita em meio ao Círio de Nazaré, uma das participantes pontua que não enxerga como falta de respeito, mas como "uma forma da gente conseguir festejar do nosso jeito". (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021). Emocionado, outro jovem que se apresentou na festa assim declara:

Minha primeira apresentação na Festa da Chiquita foi no momento exato em que a Nazinha estava passando. Foi um momento que eu falei: "Eu não tô na corda porque sei que eu não me garanto de estar na corda da Nazinha, mas eu estou presente, mostrando pra ela que eu tô aqui fazendo o show não só para o pessoal que vai estar vendo, vai estar gritando, mas é um show pra Ela! (Nossa Senhora). Eu faço show nesse dia, dedicado a Ela, independente se vão gostar do meu show ou não, é pra Ela nesse dia". (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Nesse depoimento podemos acessar uma devoção integral à Senhora de Nazaré, patrona da Amazônia, num sentimento sincero de comunhão e harmonia, mostrando que essa conexão entre o profano e o sagrado é perfeitamente possível. Há que se destacar as situações em que membros da comunidade se esquivam de alguma afiliação religiosa, justamente por temerem retaliações e se sentirem excluídos, razão pela qual os próprios LGBTs, por vezes, acabam criticando seus pares que aderem a alguma profissão devocional, como nos relata essa participante:

Tem pessoas assim, né? Que não criticam diretamente, porque às vezes a gente acaba não falando tanto: “Ah, eu sou devota”, tal... Mas o que nós percebemos é que tem alguns colegas da comunidade, que aproveitam as redes sociais para fazer essa crítica ao público que é devoto. [...] Eu tenho um amigo, aí você vê essa crítica assim: “Ah, essa igreja católica, por todo o processo histórico de satanizar a nossa comunidade...” Quase todas as religiões, né? Tirando as afros, as espíritas... (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Da mesma forma, existem LGBTs que não aprovam o fato da festa da Chiquita estar atrelada a um evento religioso, sendo contrárias às pessoas do movimento que pregam uma fé católica, por acharem que “não tem nada a ver” essa mistura. Discordando veementemente desse raciocínio, Elói desta forma objeta: “*Eu acho que Deus é pra todos e eu acho que Nossa Senhora de Nazaré na verdade ela gosta é da gente, que somos pessoas que estamos ali livres, estamos respeitando o outro, que queremos amar, queremos que é uma coisa, não tem coisa mais bicha do que isso né? De querer amar ao próximo*”. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Um dos reconhecimentos importantes para a comunidade LGBT, seria o de um acolhimento mais contundente da Igreja em relação aos novos formatos de família, outras configurações fora do enquadramento heteronormativo. Importante lembrar que o Papa Francisco, chefe da Igreja Católica no mundo, tem sido bastante solidário à causa LGBT, mesmo entendendo que se trata de uma bandeira pesada para lidar diante dos dogmas seculares. Ainda assim, as vezes avançando⁶⁸, outras recuando⁶⁹ (não se sabe precisamente o motivo), sempre que possível, ele tem envidado esforços no sentido de quebrar os paradigmas existentes em relação a homossexualidade.

O dispositivo de sexualidade envolve “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 2021b, p.364). São micropoderes que se instalam nas mais diferentes frentes

⁶⁸ Reportagem de Daniel Verdú para o El País, em 21/10/2020, disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-10-21/papa-francisco-apoia-uniao-civil-entre-homossexuais.html>>. Acesso em 17 Ago. 2021.

⁶⁹ Reportagem do O Globo, em 15/03/2021, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/com-aval-do-papa-vaticano-proibe-bencao-uniao-gay-classifica-homossexualidade-como-pecado-24925447>>. Acesso em 17 Ago. 2021.

de ação. Estão nos obeliscos das cidades e também nas narrativas dos cidadãos, na legislação e em tudo que se possa imaginar, até nos aspectos mais sutis e menos previsíveis, inclusive no seio das instituições religiosas.

Destacamos que a “heterossexualidade compulsória” é construída socialmente pelos instrumentos sociais de poder, conforme os códigos vigentes que exaltam um falocentrismo que precisa ser enfrentado (FIGUEIREDO, 2018, p. 41). Tiago Andrade recorre a Foucault para lembrar que, independentemente de classe social, raça, religião, ou postura política, o amor homossexual sempre esteve presente na História, não existindo povo na terra onde a homossexualidade não tenha se manifestado (ANDRADE, 2017).

Na Festa da Chiquita, nos deparamos com participantes que enxergam o Círio por uma lente eminentemente cultural, sem desconsiderar o lado emocional do evento. Uma delas, que professa uma religião africana, admite absorver o sincretismo imbuído em sua estratégia devocional particular. Nesse aspecto, assim ela se posiciona:

Eu venho de uma base do catolicismo. Não que eu não tenha, mas pra mim o Círio é um aspecto muito mais cultural, e assim: Nossa Senhora de Nazaré, ela transcende muita coisa, né? Porque por mais que eu não vá fazer uma promessa de vir de joelho, não chego a esse nível, mas tem uma emoção, e ao mesmo tempo é um período que você se sente fortalecido, se você estiver passando por alguma coisa. [...] Não com aquela devoção exagerada, né? Mas eu me considero devota sim. Hoje em dia eu me sinto muito mais ligada à afroreligião, mas entendo também (pelo sincretismo) enquanto símbolo de Oxum, enquanto uma ligação com Oxum, nessa relação. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Já outra participante, também não muito devota, revela achar que algo “muito bonito mesmo é ver a fé das pessoas. O quanto que elas acreditam, ao ponto que elas chegam, isso aí não tem como (não se emocionar). (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

Um representante da organização da Chiquita aponta para a multiplicidade de influências religiosas que o cerca, tendo como Norte o aspecto da fé protetora resguardada a Nossa Senhora de Nazaré, sobretudo em função do período Nazareno. Assim ele declara:

Não me identifico com nenhuma religião que eu possa dizer assim: “Eu sou dessa religião!”. Eu costumo dizer que eu estou em todas elas. Que eu me permito conhecer as mais diversas religiões, né? E respeito cada uma delas, mas não tenho uma que posso dizer assim: “É minha!” Vim da religião evangélica e tudo mais... mas não é a religião que eu professo de fato. Já com relação ao Círio é só isso: Um momento de muita emoção, de muita fé, de acreditar que Nossa Senhora nos protege e segura em nossas mãos pra que a gente possa caminhar. É isso. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Pela diversidade de maneiras de se conectar ao sagrado na Festa do Círio, destacamos a necessidade de se pautar no respeito à liberdade de cada um escolher, conforme sua cultura, o olhar que mais se adegue ao seu interior. Que as vivências e os testemunhos de vida de cada um funcionem como instrumentos de decisão pessoal no campo religioso, contanto que esta não seja compulsória e nem prejudicial à vida de outrem. Nesse caminho, a organização do Círio também reconheceu a devoção presente na Festa da Chiquita: *“Não tenho dúvidas de que sim (que há devoção). Cada um manifesta da sua forma ou por que razão ela é feita na época do Círio? Deve haver alguma motivação, mas a gente precisa respeitar a fé dessas pessoas, né? Enfim...”* (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Trevisan (2018) faz eco à voz de Judith Butler ao destacar que a liberdade não é – nunca é – a liberdade de fazer o mal. Se uma ação faz mal a outra pessoa, essa ação não pode ser qualificada como livre (TREVISAN, 2018). Seguindo nesse tema, Karl Polanyi (2021, p. 351) já afirmava que não podemos alcançar a liberdade que buscamos se não compreendermos o seu verdadeiro significado numa sociedade complexa. (POLANYI, 2021, p. 351). É através do gozo dessa liberdade que poderemos atuar na contramão dessa biopolítica perversa, cujo repertório atua diretamente sobre as mais distintas vias da opressão.

Curiosamente, um participante disse que já chegou a ouvir que ele não seria gay pelo simples fato de estar expressando sua devoção, como se essa conexão fosse impossível de acontecer, ou seja, como se uma condição obrigatoriamente desabonasse a outra: *“é o único momento que o pessoal fala assim: É devoto, ele não é um gay!”*. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

É preciso esclarecer que questões como direitos garantidos aos cidadãos como basilares, a exemplo do casamento civil e da adoção, não sejam vistos como exclusivamente relacionados aos heterossexuais. É importante que os membros LGBTs continuem tendo pleno acesso a esses direitos, bem como a expressarem suas devoções, usando do livre arbítrio que é conferido a cada um. Todas as pessoas precisam dispor dessas opções, para, com liberdade, terem o poder de decidirem se querem usufruir ou não desses direitos. Isso inclui o poder de optar desde se casar ou adotar filhos, até o de seguir a corrente religiosa que lhe aprouver, sem que haja qualquer espécie de censura sobre o gozo dessas conquistas.

A festa da chiquita é uma festa diversa, plural, democrática, onde as pessoas se despem das máscaras sociais para experimentarem serem elas próprias, livrando-se das duras amarras do preconceito, permitindo-se momentos de paz, alegria e regozijo, numa excepcional conexão entre o lazer e a devoção, por que não? Heintzman (2017) recorda que o lazer é uma atividade mental daqueles que são abertos a tudo, deixam as rédeas soltas – livres e fáceis – quase como um adormecer, semelhante ao deixar-se ir. Essa é a Chiquita!

2.6 - Chiquita é Cultura!

Ainda que protagonizando um enredo recheado por circunstâncias adversas, durante suas quatro décadas de existência, a Chiquita conseguiu marcar seu lugar na Festa do Círio, consolidando-se como uma das grandes atrações culturais que cercam o evento principal, mesmo alheia ao reconhecimento oficial da Igreja católica.

Um dos fatores que reforçaram essa consolidação veio do atestado que se deu no ano de 2004, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, responsável pela preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial do país, registrou a Chiquita como parte integrante do Círio. Em outras palavras, a Festa da Chiquita “assumiu o lugar de principal manifestação profana do Círio de Nazaré, conseguindo se firmar no calendário festivo de Belém, apesar de não ter vínculo oficial com a celebração religiosa”. (FERNANDES; SEIXAS, 2018, p.258).

Sendo um patrimônio cultural e imaterial, a Chiquita se juntou ao Auto do Círio nesse movimento que reflete as redes relacionais que se articulam a partir do evento religioso. Uma das participantes de Chiquita desse modo comentou sobre o Círio:

Eu acho que é sobretudo um movimento cultural, né? Além da energia, o Círio transcende a própria fé, a própria religiosidade. Tanto é que tem poucas igrejas evangélicas que dão apoio ao Círio, né? Porque ele é visto mesmo como uma festa... É coletividade, é família. É você ter uma agenda pra isso, pra viver todos os momentos, porque infelizmente a gente está no ano da pandemia. Mas começa assim: com o Auto do Círio, aí no sábado tem a trasladação, mas aí tem a Festa da Chiquita depois e domingo quem vai pro Círio, vai pro Círio! Mas quem não vai tem o almoço e que tu vai pra casa de alguém comer a maniçoba. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021).

Nota-se que a participante traça um roteiro sacro-profano que além de incluir as duas festas, o Auto do Círio e a Chiquita, abrange também as duas principais procissões do período nazareno, culminando com o tradicional almoço do círio, característico do domingo pós-procissão, que conta com o protagonismo gastronômico exercido pela maniçoba, outro patrimônio cultural paraense⁷⁰.

Todos esses elementos acabaram sendo acolhidos no trabalho realizado pelo IPHAN, que tem por função defender e favorecer os bens culturais do país, proporcionando sua existência e usufruto para as gerações presentes e futuras. Mesmo tendo galgado esse reconhecimento, e também da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, este em 2013, a Festa da Chiquita não foi reconhecida pela organização do Círio, conforme relato feito em 2005 por Maria Dorotéa Lima, então coordenadora do Inventário do Círio de Nazaré, para o IPHAN:

Considerando, portanto, que a revisão do processo de registro do Círio será realizada a cada dez anos e, ainda, diante das atribuições do IPHAN perante os bens registrados, ficaram identificados e destacados no registro de elementos estruturantes da festa – aqueles sem os quais o Círio não existiria – das expressões contemporâneas a ela associadas. Excetuando-se a igreja e a diretoria da festa, que revelaram

⁷⁰ A maniçoba se tornou patrimônio cultural de natureza imaterial do Pará através da Lei Estadual 9.601, de 02 de junho de 2022. Disponível em: bancodeleis.alepa.pa.gov.br:8080/lei9601_2022_84585.pdf. Acesso em 08 set. 2022.

insatisfação pelo fato do inventário documentar também as manifestações profanas, principalmente a Festa da Chiquita, para os paraenses, de modo geral, essa distinção não fez a menor diferença. (SILVA FILHO, 2014, p.199).

Vê-se que na contramão da então organização do Círio, o IPHAN considerou a Chiquita como um dos elementos constitutivos do Círio, “uma expressão dos grupos homossexuais que, na festa das filhas da Chiquita, homenageiam (e utilizam) Nossa Senhora de Nazaré a seu modo, para defender suas causas” (IPHAN, 2004). Uma devota do Círio enfatizou desse modo acerca da Festa da Chiquita em meio à manifestação religiosa do Círio: *“Eu não tenho problemas com a expressão da cultura, até porque sou uma pessoa muito aberta, então eu acredito que ela (a Chiquita) tem sim a sua parte de contribuição. Pelo menos eu não imagino o Círio sem ter a Festa da Chiquita”*. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Pantoja mostra que o fato do Círio de Nazaré ser a “única celebração religiosa registrada” no IPHAN como “Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, no livro das Celebrações” corrobora para deixar essas duas festas cada vez mais indissociáveis. Segundo essa autora, tal ação foi possível em razão das manifestações artístico-culturais que ocorrem no Círio serem de “grande relevância para a identidade local, nacional e regional” (PANTOJA, 2012, p. 262). Nessa direção, Elói se expressa, reforçando a quantidade enorme de pessoas que participam da Chiquita, uma vez que muitos fiéis deixam a procissão na altura da Praça da República:

(O reconhecimento do IPHAN) facilita pra gente entrar porque você tem essa: Nós somos reconhecidos [...] Estamos no registro como Patrimônio Imaterial do Círio, que a igreja pediu. Mas a igreja não imaginava que o IPHAN ia (reconhecer a Chiquita)... Na verdade não tem como a gente passar por cima de quase 200, 300 mil pessoas, porque as pessoas ficam né⁷¹? (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Adicionalmente a menção ao IPHAN, outro componente da Organização da Chiquita fala ainda sobre a importância do tombamento da Festa pelo Governo do Estado:

⁷¹ Menção às pessoas que ficam na Praça da República, sem completar o trajeto oficial da trasladação, e aproveitando para dar uma “olhada” na Chiquita.

Hoje a gente também é tombado pelo Estado do Pará. Temos esse reconhecimento que se deu ano passado (2020) [...] e se soma ao tombamento da UNESCO e do IPHAN e está se encaminhando para o tombamento municipal pela Câmara de vereadores da capital. Então, assim, eu vejo esses resultados que a gente têm, eles só nos dão coragem de levar esse evento por muito mais anos. Lógico que o fato de ter o tombamento não nos garante a realização do evento, o que nos garante a realização do evento é a estrutura toda, perpassa por tudo, os custos financeiros que a festa tem. É uma festa grande, então a gente precisa. Tem a pré-produção, tem um monte de história. Mas esses tombamentos, eles só nos fortalecem pra que a gente não saia do nosso objetivo, porque se a gente não tivesse esses tombamentos, com certeza hoje seria muito mais difícil a gente fazer esse evento. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Esses reconhecimentos inclusive colaboram para que a Chiquita permaneça ocupando seu espaço na Praça da República, já que, não raras vezes, surgem eventuais impasses acerca de sua localização. Lembrando que o local é uma das razões questionadas pela organização do Círio, como podemos observar no seguinte trecho:

A gente tem alguns problemas apenas em relação a formato, local. Como é uma festa que vara a madrugada e ela está num ponto que faz parte do percurso, às vezes de manhã você tem problema, tem muita garrafa, tem caco de vidro. Eu acho que a gente pode buscar um meio termo. É uma festa que cada vez usa uma potência de som maior, ao lado do Teatro da Paz⁷², que tem ar frescos circulares lá dentro. O Teatro fez agora 143 anos, salvo engano... Então tem coisas que podem haver um bom senso e buscar uma adaptação, porque tudo que é tradição é difícil você alterar. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Porém, a organização da Chiquita enfatiza que se não for na Praça da República não há como haver festa, pois já é um espaço mais do que consolidado, inclusive nos registros oficiais do IPHAN, como condição para a sua existência. Elói menciona, por exemplo, que para mudar o local da festa para outro ponto, ainda que dentro da mesma praça, em função de uma obra pública, se fez necessário comunicar ao IPHAN, para não correr o risco de comprometer o reconhecimento adquirido. Como ele disse: “o IPHAN é a nossa única segurança da festa existir” (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021),

⁷² O Teatro da Paz foi inaugurado em 15 de fevereiro de 1898, durante o período áureo do Ciclo da Borracha. Em 2023 ele completou 145 anos. Fonte: www.theatrodapaz.com.br. Acesso em 07 Mar. 2023.

sendo essa Praça um cenário icônico, um pedaço fundamental ali fincado para que esse feito se realize.

Foucault (2006, p. 39) esclarece que os discursos religiosos não podem ser dissociados de “um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. Nessa razão, percebe-se uma mensagem latente de que a festa não fosse realizada naquele pedaço simbólico da cidade, já que ela impõe alguns possíveis obstáculos ao evento religioso que a cerca.

Elói revela que a Igreja solicitou o reconhecimento do IPHAN para o Círio, mas não imaginava que a Chiquita pudesse ser contemplada, como efetivamente acabou ocorrendo. O que se tem é uma história de tradição que reúne uma multidão na Praça da República, este expressivo “pedaço” onde a festa ocorre. Ancorado no raciocínio de Magnani (2003, p.138) um entretenimento desfrutado num “pedaço” envolve a “produção e circulação de significados” onde há passagens entre o que ocorre naquele “pedaço e a sociedade mais ampla”. Esse autor continua: Há “um complexo sistema de mediações que processa, em ambos os sentidos, as múltiplas formas de interseção entre o nós, do pedaço’ e o ‘eles’ dos centros de poder da sociedade abrangente”.

Percebemos que a ação da Organização do Círio, em tentar pôr obstáculos ao reconhecimento da Festa da Chiquita, traz em seu bojo reflexos constitutivos de uma moralidade disciplinadora que impõe regras restritivas de comportamento social, enquadrando os sujeitos a uma disciplina excludente e preconceituosa. Outras dificuldades enfrentadas pela Chiquita, no afã de realizar sua Festa, serão detalhadas no decorrer da próxima seção.

2.7 – Círio e Chiquita: Obstáculos e possíveis tensões.

A Festa da Chiquita, por conta da cena religiosa do Círio, já teve que se deparar com diversos obstáculos ao longo de sua existência. Alguns deles, inclusive, recorrentes, sem dúvidas alicerçados pelo preconceito característico vinculado ao público que dela participa. Yuri (2015) traz um relato do Elói sobre esse aspecto: “a dificuldade para viabilizar a festa é provocada pelo preconceito, já que a Chiquita tem um público majoritariamente formado por

lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT)”. Fernandes e Seixas (2015) informam que, em 2015, a Prefeitura de Belém limitou o tempo de realização da Festa da Chiquita a até uma hora da manhã. Essa atitude denota algumas dificuldades enfrentadas nos últimos anos, com a inserção de novas restrições.

Na edição de 2022, essa limitação de tempo estreitou-se ainda mais, determinando o seu término à zero hora e trinta minutos. Yuri (2015) apresentou o desconforto de Iglesias sobre alguns desses problemas: “Todo ano as pessoas querem enfraquecer, já diminuíram o palco, já diminuíram o horário”, lamenta. Bruno Gomes, que também compõe a organização da Chiquita, revela o descaso com a festa, evidenciando algumas dificuldades quando do acesso a algumas instituições públicas:

Por exemplo, quando perdem um ofício nosso, o que na verdade é um absurdo! Um órgão público, um setor público, perder um ofício de um evento importante. Inclusive esse setor tem conhecimento (da importância da festa). A gente entende que é uma pura rejeição da nossa existência, da gente, um descaso total! Então é assim: Quando a gente sofre todos os anos para fazer o evento, porque todos os anos é um sofrimento pra fazer a Chiquita... Todos os anos a gente tem que bater na mesma tecla, dizer da importância do evento, falar que é necessário, o porquê da sua existência. Então, assim: É muito complicado quando tu vai conversar com o poder público e tu vê que têm muitas dificuldades, muitas barreiras. As vezes a gente não tem nem retorno... A festa acontece porque - lógico - a gente tem pessoas que são muito parceiras do evento, tudo... Mas na maioria das vezes, a gente vê essa rejeição das pessoas. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Pelo relato fica óbvio que o preconceito é patente nas instituições que deveriam ser apoiadoras do evento, até pela representatividade que ele possui para a cena cultural da cidade e do Estado. O que se espera desses órgãos é tão somente o cumprimento das funções que são de suas alçadas, com o devido zelo, mas principalmente o respeito para uma causa que tem sido tão cara, sobretudo nos tempos atuais. Lembramos que o fato da Chiquita ter quase meio século de história, além de ser reconhecida por vários órgãos importantes, parece não ser suficiente para que ela tenha um tratamento mais cordial. A organização detalha outros perrengues com os quais se depara ao longo do percurso de preparação da festa:

A pior parte é quando a gente recebe um não. Porque a gente tem todo um trabalho de construção, a gente constrói um projeto todo ano com um tema. A gente sabe as pessoas que vão ser premiadas (pessoas engajadas), que vão receber prêmios... A gente elabora ofícios, a gente constrói o evento um mês antes do evento acontecer. Daí a gente sai disparando os ofícios, dando encaminhamentos. Algumas vezes a gente tem retorno logo, outras a gente não tem retorno. Outros dizem pra gente esperar... Mas assim: É muita luta, é muita correria pra fazer esse evento e a gente consegue, com tanto sofrimento, com muita luta, mas a gente consegue. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Elói também ressalta a grande burocracia que é enfrentada para colocar o evento na rua. Segundo ele, são necessárias 12 licenças para a realização da festa, embora pontue que já se possui uma habilidade adquirida com os vários anos de experiência no comando do evento. Para ele, a licença mais difícil de se obter é a do DPA, gerando uma ansiedade, já que é um documento que costuma sair apenas na última hora:

A última que sai é a da DPA - Departamento de Polícia Administrativa. Essa sempre sai no último momento. Então fica até difícil a gente correr atrás pra fazer divulgação, porque todo ano as pessoas têm uma pergunta: Vai ter festa da Chiquita este ano? Porque todas as pessoas querem se encontrar na festa da Chiquita pra falar de coisas que fazem parte [...] Elas querem falar de sexo, de amor, de política, vocação... A gente tem uma fala política, os corpos das pessoas já são políticos, as pessoas que frequentam já são políticas. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Afora isso, não há como desmerecer os altos custos que envolvem uma festa como essa, por mais enxuta que ela se proponha a ser. Elói destaca o Estado e o Município como os principais apoiadores do evento, mencionando a contribuição positiva da prefeitura na época do tombamento da Chiquita pelo IPHAN. “O atual prefeito, Edmilson Rodrigues, já foi contemplado com o prêmio Veado Amigo da Chiquita, enquanto o atual governador, Hélder Barbalho, fez jus ao troféu Veado de Ouro”. (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021). Essas premiações se deram com um intuito de reconhecimento e valorização dos governantes que dão credibilidade à festa, abraçando sua causa.

A dificuldade em conseguir patrocínio também foi ventilada pela Organização do Círio. Bruno Gomes menciona que só obteve sucesso em alguns anos, envolvendo parceiros de diferentes ramos empresariais, como cervejas, universidades particulares e cosméticos. Ocorre que esses apoios se dão com alternâncias, ou seja, não havendo parceiros fixos, engajados, que deem um certo conforto com a garantia de que a parceria continuará nas próximas edições, constituindo-se como um empecilho: “*A gente não tem essa garantia todos os anos. Sempre um ano tá legal, o outro não tá*”. Mais uma vez a organização atribui ao preconceito, as tensões relacionadas a esse aspecto de patrocínio. Fica a impressão de que apenas externamente todos aparentam serem solidários ao movimento, porém se eximindo de promover um vínculo mais aproximado.

Quem é que vai estar apoiando evento de fresco? É muito difícil hoje em dia, ainda mais no Círio, aquilo que eu falei logo no início pra ti. Por mais que a gente tenha pessoas que digam “eu sou solidária com a luta, sou solidária com a tua existência, mas eu não quero na minha casa”. Então é muito complicado isso. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Sobre os apoios recebidos, imprescindíveis como estruturantes da festa, a organização destaca a contribuição da Secretaria de Estado de Justiça:

A Secretaria de Justiça do Estado [...] garante toda a estrutura. Sempre foi ela, inclusive a gente ouviu relatos de que a secretaria não deveria apoiar, que quem deveria apoiar era a Secretaria de Cultura do Estado. Não é que a gente não tenha o apoio deles, a gente tem, mas é bem mínimo. Quem oferece toda a estrutura de som, de iluminação, de tela de led, de camisas, tudo! É a Secretaria de Justiça. A Prefeitura de Belém [...] tem dado um aporte maior através das outras Secretarias, como a SEGEP (Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão), da Coordenação Municipal da Diversidade e outros vereadores, deputados, pessoas assim, mas são bem poucos. Tudo é muito sofrido, muito humilhante, porque a gente que está ali, tem que estar correndo atrás... As pessoas não têm tanta vontade de fato em ajudar para que o evento aconteça. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Bruno Gomes lembra que um dos maiores patrocinadores da Chiquita era o Banco da Amazônia, mas que infelizmente deixou de ser há alguns anos (ou seja, 2018): “*Todo ano era*

parceiro, mas tem uns três anos que a gente não tem mais essa parceria”. No entanto, ele aponta que numa escala menor, mas não menos importante, existem outros parceiros que apoiam por fora, em itens como banners, kits, e outras amenidades.

Pelo exposto, vê-se que a intensidade desses apoios segue norteadada pelas posturas ideológicas dos representantes políticos que estão no poder, o que pode facilitar ou dificultar a fluidez das ações necessárias à realização da Festa. Por sorte, Elói afirma que hoje já há um olhar mais brando em relação à comunidade, principalmente em razão dos possíveis interesses políticos, visando a angariação de votos. Sobre esses aspectos, ele nos detalha da seguinte maneira:

Depende de quem está lá na cabeça⁷³. Hoje não, hoje elas vão porque hoje em dia eles querem voto e gay vota! Então assim: As pessoas estão lá, as pessoas que são sérias que vão lá, que sabem que é melhor apoiar esse evento [...], as pessoas conseguem sobreviver com a trans, com o gay, com o preto, com a puta [...] A diversidade se apresenta ali, assim, e o show, a gente sabe que a gente quer o show! (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Outro ponto de tensão se refere à localização da Festa, por ser um espaço de confluência entre a Procissão religiosa e o evento profano. Essa questão foi abordada na seção anterior, mas achamos pertinente trazer o testemunho de uma das participantes da Chiquita sobre a repercussão dessa tentativa de mudança de local:

Já fizeram de tudo para que isso acontecesse, né? Para retirá-la de lá (da Praça da República). Tentaram colocar pro portal da Amazônia e foram lá e resistiram! (Disseram) “Não, é aqui que vai ser, pronto!” [...] Porque tentaram tirar de lá, tentaram acabar com a Festa da Chiquita definitivamente. (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

Fica evidente que há um desejo de alteração do local da festa, evacuando-a da Praça da República, para que ela saia das imediações das procissões. No entanto, a organização da Chiquita tem sido bastante atuante nessa questão, resistindo com firmeza à qualquer tentativa de mudança de espaço, principalmente por ser algo já tradicional, razão pela qual não haveria sentido algum que essa espécie de “gentrificação LGBT” viesse a se concretizar.

⁷³ Referência às lideranças políticas.

Uma das entrevistadas reforçou que “*O lugar oficial dela é em frente ao Theatro da Paz, ali ao lado do Bar do Parque. [...] Porque como essa comunidade é alijada, é demonizada, então é uma forma de homenagear essa relação do sagrado com o profano no Círio*”. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021). Durante seu discurso na Festa, Elói também pontuou sobre essa demonização:

Há uma demonização [...] somos chamados de filhos do demônio para os evangélicos, são 43 anos sofrendo demonização, de que não somos filhos de Deus. Somos a liberdade, a diversidade, isso incomoda a sociedade. Tem órgãos que nem leem nossos ofícios, outros perdem, mas não tem nada não: Eles passarão, e nós passarinho!⁷⁴. (Trecho do discurso de Elói Iglesias, durante a Festa da Chiquita realizada em 09 de outubro de 2021).

Elói também aborda a dificuldade em conseguir patrocinadores desde que o local exato da realização da festa afastou um pouco para outro ponto da Praça, em razão de uma obra no Bar do Parque, que faz parte do seu complexo. Tal mudança de local, inclusive, tornou ainda mais difícil a possibilidade de se encontrar patrocínio para a festa:

Há um tempo atrás, a gente conseguiu apoio. Como a gente saiu de um lugar que tinha muita visibilidade pra procissão... Você sabe que empresário quer isso, né? Ele quer que tenha a visibilidade da marca dele! Então, como nós saímos dali por conta da reforma do Bar do Parque, nós perdemos muito essa coisa do apoio, essa coisa que a gente tinha que dava pra gente pagar músico, pagava depois a estrutura... (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Não há como se abster de uma dúvida a partir dessa colocação: Se há um mercado latente voltado ao público Queer, qual seria a razão dessa falta de patrocínio? Isso nos leva a refletir se não seria mera consequência do possível embaraço que permeia a Festa da Chiquita, ao se estabelecer como uma peça afrontosa através de sua conjuntura cultural e artística, no seio do Círio de Nazaré!

⁷⁴ Em referência a famosa frase de Mário Quintana: “Eles passarão, Eu passarinho”.

É fato que a Festa da Chiquita já se consolidou na fotografia do Círio de Nazaré. Há ainda conflitos? Sim, sobretudo advindos da parcela mais conservadora da sociedade, sedimentada também pelos preceitos morais fundados na religião, que acabam contribuindo para reforçar o preconceito. No calendário não-oficial do Círio, sobretudo após a visibilidade advinda com o reconhecimento do IPHAN, a Chiquita já consegue marcar presença com dignidade dentre os eventos culturais ali apresentados.

Após a Berlinda passar pela avenida Presidente Vargas, no centro de Belém, durante a Trasladação na noite deste sábado (12) ocorre o momento profano da Quadra Nazarena: a Festa da Chiquita, evento organizado desde suas origens pela comunidade LGBTQIA+ da capital paraense e que não é reconhecida oficialmente pela diretoria da Festa de Nazaré, que promove o Círio. O reconhecimento, no entanto, vem do grande público que comparece à Praça da República, em frente ao Theatro da Paz, para ver shows de transformistas, travestis, transexuais, *drag queens* e misses gays, tudo com muita cor e brilho e ainda com consciência política (GIUSTI, 2013, p.1).

Ainda assim, não se pode abster do impacto positivo que a inclusão da Festa da Chiquita e das demais expressões culturais⁷⁵ na programação oficial do Círio traria para o movimento LGBT, sobretudo pelo reflexo educativo que essa ação traria no combate à discriminação institucionalizada. Esse desejo, embora pareça utópico, é válido ao se lembrar de que o preconceito estimula a violência, perpetuando que esse grupo minoritário e oprimido continue sujeito a uma série de sanções sociais, sendo que a Igreja possui um papel importantíssimo na conscientização humana. Gabriel e Marcellino (2007, p.117) expressaram a necessidade da:

Vivência de uma espiritualidade, dentro da igreja, que leve em conta a integralidade humana, sem dicotomizar ou tricotomizar a vida, deve manter evidente que os conceitos de ludicidade e lazer, ligados ao prazer, podendo ser desfrutado em um tempo específico, com uma atitude favorável, necessitam libertar-se de tradições religiosas que legitimam um processo de dominação e até de violência dentro das igrejas.

Há um olhar míope sobre a Chiquita que necessita ser pulverizado, emergindo tentáculos para alcançar as múltiplas sensibilidades que a norteiam. Uma manifestação

⁷⁵ Outras festas profanas abertas ao público, como o Auto do Círio e o Arrastão do Pavulagem.

cultural atípica que se conecta a uma potente exposição religiosa no seio amazônico. Perez (2011) elucida que a religiosidade brasileira, sendo essencialmente festiva e carnal, é uma das melhores demonstrações do caráter mestiço de nossa sociedade e de sua maneira de se relacionar através de hibridação entre códigos e pessoas. A Chiquita é uma evidente expressão dessa hibridação apontada pela autora.

O fato da Festa da Chiquita ainda encontrar forte rejeição por uma parcela mais tradicional da cidade, acaba sendo um embaraço para a organização do Círio. Fernandes e Seixas (2018, p.259) destacam que “setores conservadores interpretam a realização da festa no meio do percurso de uma das principais procissões do Círio de Nazaré como uma afronta, um desrespeito ao rito”.

Esse preconceito também é demonstrado por uma católica devota, no momento em que ela diz que, mesmo sendo belenense, nunca ouviu falar na Festa da Chiquita, ainda que esta siga fazendo história no Círio há quase meio século: *“É uma novidade isso (risos) porque eu não sei, nunca ouvi [...] Tô aprendendo agora com você e olha que sou daqui de Belém!”*. A entonação dada nessa frase continha uma certa ironia, o que foi comprovado em seguida, quando essa entrevistada diz que *“eles (os gays e a comunidade LGBT) fazem parada e acham porque são da maneira que são, todo mundo tem que saber o que eles são ou não são”*. (Fragmento de Entrevista com Dona Aparecida, Outubro de 2021). Essa devota usa da entonação para ratificar sua inconformidade com a realização dessa festa, mas não apenas no Círio, já que, em sua opinião, festas que exaltem a diversidade jamais deveriam ocorrer à céu aberto, a exemplo das paradas gays. Bakhtin diz que cada discurso é único, mesmo sendo atravessado por palavras e discursos de outros, que são apreendidos por cada indivíduo. Com palavras e entonações próprias, conforme as especificidades do contexto vivenciado, o discurso dá margem à réplica, ao debate, ao contraditório.

Importante lembrar que tais palavras não ocorrem isoladamente, mas representam a voz de uma parcela significativa da população, que se inflama com o potencial de liberdade que é demonstrado pela comunidade LGBT. Um atestado nítido do preconceito reforçador da noção do quão árduo ainda é o percurso a ser caminhado nessa luta contra a intolerância. Essa devota deixa claro o desejo de que essa comunidade não tenha qualquer tipo de visibilidade:

A qualquer momento, eu acho que não é apropriado a pessoa estar querendo dizer que é gay, que você tem que aceitar que

eles são dessa maneira e que Deus não tem nada a ver com isso, entendeu? Não sei, eu só acho que não é apropriado, seja na época do Círio ou em qualquer outra época do ano. (Fragmento de Entrevista com Dona Aparecida, Outubro de 2021).

A organização da Chiquita comenta acerca dessa relação conflituosa, enaltecendo a importância da comunidade LGBT marcar seu espaço nesse grandioso evento:

Independente da gente ter 43 anos de existência, a gente ainda tem muito essa resistência por parte da Igreja Católica querer pôr um fim nessa festa. [...] A gente estar mais na rua... a gente estar na Praça da República dando espaço pro público LGBT fazer sua devoção. É justamente porque a gente quer que as pessoas entendam que a nossa cidadania existe, que ela precisa ser ouvida, precisa de espaço, seja no momento do Círio, seja fora do Círio. A gente existe, a gente tá todo ano aí, daí a importância da festa ser na Quadra Nazarena. [...] Seria meio que retroceder se a gente mudasse a Festa da Chiquita para outro momento, até porque ela nasceu no Círio, então ela tem que permanecer no Círio! (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Durante a Chiquita, o sagrado e o profano dialogam numa manifestação de fé que é difícil de explicar para quem não vivenciou essa expressão de alteridade e de entrega, que ocorre todos os anos na cidade de Belém. Montarroyos (2018, p.2) mostra que a “festa gay da Chiquita suscita polêmicas, porque defende preceitos opostos ou profanos que afrontam as autoridades eclesiásticas que não a reconhecem como integrante da extensa programação sagrada do Círio”.

Uma religiosa participante do Círio disse que chegou a participar uma única vez da Festa da Chiquita, entendendo-a como uma potência cultural para a cidade de Belém. Assim ela declarou:

Eu só participei uma única vez da Festa da Chiquita, mas acredito que seja assim, algo da cultura profana muito forte e significativa, e que por conta da pandemia sofreu o seu abalo sendo feita em outro local, parece que foi no Memorial dos Povos. [...] Eu tenho uma prima que mora fora e, sempre que ela vem pro Brasil na época de outubro, ela participa da Chiquita, ela convida os amigos. Ela gosta muito também, ela participa do Círio e também participa da Chiquita, pra

valorização cultural. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

O Círio é, inquestionavelmente, um potente evento cultural onde os elementos de lazer se difundem por todas as partes, contribuindo para fortalecer e dar mais notoriedade às múltiplas festividades que a ele se atrelam durante a Quadra Nazarena. No entanto, ainda parece um pouco desconfortável associar qualquer manifestação religiosa às práticas de lazer. É como se elas, *a priori*, não se encaixassem, salvo se absolutamente moralizadas. Acerca dessa dificuldade na associação entre religiosidade e práticas de lazer, Gabriel e Marcellino (2007, p.16) destacam que:

Nas análises sobre a relação entre o lazer e a religião evidenciase “que a religião, com seus valores e costumes, possui na atualidade uma relação direta com o lazer. Esta relação está ligada na maioria das vezes à tentativa de moralização das práticas de lazer, tidas como mundanas, em contraposição às práticas tidas como santas, as quais não quebram a relação com o sagrado.

Nesse raciocínio, há que se reconhecer que, quando se trata de festas profanas como a Chiquita, a convivência com o segmento religioso inevitavelmente provoca tensões que acabam estremecendo as estruturas sociais. Em seus estudos, Joyce Kimarce destaca que, há muito, a Igreja segue considerada como a principal promotora das festividades religiosas e profanas ocorridas nas antigas cidades brasileiras (PEREIRA, 2017, p. 47). Isso mostra que festas religiosas sempre coexistiram com ambientes descontraídos e de múltiplas interações, onde, em muitos dos casos, as danças e outros “prazeres”, como namoro e o consumo de bebidas, são facilmente perceptíveis. Assim, parece que o problema é endereçado a um nicho em específico: os membros da sigla LGBTQIA+.

Há sempre uma dúvida em relação a existência de um possível diálogo entre a organização dos dois eventos: o Círio e a Chiquita. Ao questionarmos seus organizadores acerca dessa aproximação, degustamos o amargor do distanciamento, visivelmente identificado nas seguintes respostas:

Não, com a Chiquita não temos tido (conversa) ao longo dos últimos anos. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Olha, nos anos em que se deram o processo de tombamento, nós começamos a conversar... Então eu até já tentei buscar, mas assim: Como eles acham que nós não existimos, nós também não fazemos a menor questão, queremos que eles continuem achando isso e nos deixem em paz. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Segundo Elói, apenas durante a época do processo de tombamento das festas pelo IPHAN é que houve uma tímida aproximação em termos de conversa, mas que, por sua fragilidade, acabou não evoluindo, sendo mantido o distanciamento que, de praxe, sempre ocorreu, como é comprovado pela fala da organização do Círio. Já outro membro da organização da Chiquita, de maneira desolada e apresentando forte indignação, fala acerca dessa lacuna dialógica:

Na verdade, pela comissão do Círio a gente nem existiria. [...] A única coisa que eu tenho que falar em meio a toda essa história, é que quanto mais eles resistirem à gente, mais a gente vai resistir a eles. A gente vai fazer, vai continuar com essa programação, eles querendo ou não. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Conquanto, ainda que uma festa esteja dentro da outra, muitas pessoas ainda chegam a desconhecer suas existências. Por incrível que pareça, além de pessoas afirmarem desconhecer a Chiquita, há pessoas que vão a Belém atraídas especificamente por essa festa, sem se darem conta de que ela está (in)diretamente atrelada ao Círio. Elói sustenta que “As pessoas não sabiam que tinha o Círio, eu achava até incrível. Algumas pensavam que era só a festa (da Chiquita). Eu disse: Não, tem a procissão! E isso é que é legal, essa coisa dialética, dos dois lados da moeda”. (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Elói pontua a importância de um acontecimento estar vinculado ao outro, como uma via vital de reflexão, mediante os contrapontos norteados pelas bandeiras que ambas carregam como fundantes de suas existências:

Eu conheci pessoas que vieram assistir a Chiquita. Eu disse “Nós existimos por conta do Círio”. O Círio foi o nosso contraponto, entendestes? Na verdade, nós tínhamos aquilo ali pra gente debater a coisa do preconceito, da exclusão. Então é muito importante, né? (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Confere mencionar a percepção de uma atmosfera ainda que minimamente cordial entre as partes, de modo a não afetar o espaço do outro. Até porque a Chiquita dá uma visibilidade toda especial, tanto ao Círio quanto a Belém, como cidade acolhedora e aberta à diversidade que ela é. Sobre as mensagens que as festas não religiosas como a Chiquita transmitem à sociedade, a organização do Círio foi categórica:

Olha, eu acho que é importante a gente compreender que o Círio é um organismo vivo de alegria. A obra de Deus é uma obra de alegria. Jesus não quer nenhum cristão entristecido. Então, se o povo encontra uma maneira de externar aquela felicidade, e de alguma maneira associa isso ao Círio, eu pessoalmente acho que a gente tem aí um terreno fértil para trabalhar, pra evangelizar, pra catequizar. Não sou contra em aspecto nenhum. Acho que desde a criança que se emociona porque na época do Círio vem ao parque de diversão, até o adulto que aproveita a festa do Círio porque a cidade está fervendo, porque tem mais shows, porque tem mais eventos, eu acho que a construção dessa grande identidade do Círio passa é sem sombra de dúvida por aí. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Percebe-se que a visibilidade das festas não religiosas é um ponto importante para construção da identidade do Círio, onde jovens e adultos aproveitam outras oportunidades de lazer, abrangendo desde os parques de diversão aos shows musicais. Quanto ao posicionamento da igreja, vimos uma menção à oportunidade de evangelizar, catequizar a partir dessa atmosfera devocional. No entanto, não nos aprofundamos acerca dos pormenores que estariam envolvidos nessa “catequização”.

Se considerarmos o contexto de como a homossexualidade é vista pela igreja, chegamos a vislumbrar que podem existir alguns aspectos positivos, muito embora os dogmas católicos vigentes nos façam imaginar exatamente o contrário. Uma catequização disciplinadora a partir de uma culpabilidade que permeia o indivíduo, convidando-o a se adequar às normas dogmáticas que lhes são propostas.

Foucault se dedica a mostrar como esse poder se exerce sobre o indivíduo, com o objetivo de um conhecimento exaustivo de sua interioridade, da produção de sua verdade subjetiva, através das técnicas de confissão, do exame de consciência, da direção espiritual (FOUCAULT, 2021b, p.31). Segundo esse autor, os controles têm por

objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir”. (FOUCAULT, 2020b. p.50).

Aqui, Foucault mostra as duplas jornadas exercidas pelo poder e pelo prazer, onde tanto conservadores como libertários se põem em ambas as situações. Em relação ao poder, o conservador tem o prazer em exercer seu controle, fiscalizar, enquanto o libertário goza do prazer de escapar, de fugir desse poder, travesti-lo para transgredir. Quanto ao prazer, este invade o poder conservador que o persegue, mas que por vezes também o admira, embora não chegue a confessar, fato esse que chamamos de hipocrisia. Assim, pode-se dizer que os libertários gozam do prazer de escandalizar ao tempo em que resiste a esse mesmo poder, como acontece na Festa da Chiquita.

Como dito, ao mencionar algum atrito com a Chiquita, a organização do Círio foi enfática em sublinhar um ponto nevrálgico de divergência sobre essa festa, justamente relacionado à localização. Ela chamou a atenção para a alta potência do som e dos cacos de vidro presentes nas proximidades da procissão. No entanto, observamos que esses desconfortos não apresentam uma gravidade a ponto de se inclinarem pela mudança de local, o que seria injustificável, até pelas normas de tombamento do IPHAN. Assim, entendemos tais incômodos como plenamente passíveis de soluções gerenciais, não se constituindo como obstáculos relevantes à realização do evento. Ademais, pensando na procissão do dia seguinte, algumas medidas já foram tomadas, visto que houve uma limitação do tempo de festa, como já ventilado.

A questão dos frascos pode ser simplesmente contornada através de uma regulamentação visando banir o uso de recipientes em vidro, exigindo o uso de materiais em plástico, papel ou lata, todos recicláveis, e que não ofereçam perigos aos participantes. Sobre a potência sonora, também parece ser algo já resolvido, em função das regras que existem

para o seu uso na própria legislação municipal, através do seu código de postura⁷⁶. Lembramos que a Festa da Chiquita só é realizada após a expedição de todas as licenças institucionais que lhe são exigidas. Enfim, o fato é que a Chiquita e a Praça da República já são indiscutivelmente indissociáveis, de modo que, após a 45.^a edição da festa, dificilmente algum obstáculo representará um empecilho para sua realização num local cujas raízes já foram forte e merecidamente fixadas.

Mesmo apontando essas divergências como potenciais geradoras de alguns desconfortos entre as coordenações das festas, ficou sinalizada a possibilidade de um diálogo futuro, ancorado na consagração de um objetivo comum, como resume a organização do Círio:

Não vejo como razão pra choque, eu acho que tudo faz parte de um grande evento da cidade. [...] Enquanto organização, o nosso movimento é o da Igreja, é a questão religiosa, mas é impossível a gente pensar nisso sem conhecer tudo que cerca o Círio. Eu acho que a gente tem todas as razões possíveis pra caminhar cada vez mais de mãos dadas, tentando engrandecer a festa, tentando transformar a cidade num lugar cada vez melhor, tentando gerar cada vez mais emprego e renda. Eu acho que nós temos a mesma devoção, a gente só precisa talvez ajustar algumas pequenas visões, né? Que cada um tem pra consagrar um objetivo comum, desde que haja respeito. O grande problema hoje desses choques de gerações, desses conflitos que a gente vê latentes, é porque as pessoas entendem que o choque, o confronto, é a melhor solução. E nunca é! Eu nunca vou impor a minha vontade, a minha opinião à força. Eu acho que conjugando aquilo que eu acho com aquilo de quem vê a festa por uma outra ótica, a gente só tem a ganhar. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Bakhtin revela que certos discursos cumprem a função de ir ao encontro de um auditório social, lugar este onde se estabelece uma visão mais sedimentada sobre determinado tema. Não que este seja necessariamente o caso da organização do Círio, até porque ela foi extremamente respeitosa em relação a Chiquita. No entanto, cabe-nos sublinhar que ficaria inadequado expor um preconceito quando tal fato, é tido como retrógrado e inaceitável pela

⁷⁶ O Código de Postura tem uma seção específica dedicada à poluição sonora na cidade de Belém. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/semaj/codigo_de_postura.htm> . Acesso em 26 Ago. 2021.

maioria dos formadores de opinião que atuam tanto artes, universidades, imprensa e mídias em geral.

Pensando na Festa da Chiquita, notamos que alguns contextos que emergiram nos últimos anos acabaram contribuindo para um melhor acolhimento das diferenças, o que não significa que não haja ainda um caminho árduo a ser tráfegado. Mencionamos os discursos do Papa Francisco, líder da igreja católica no mundo, em favor da comunidade LGBT, ainda que por vezes recuando; e o reconhecimento da festa pelo IPHAN; como sendo pistas plausíveis de que há transformações positivas acontecendo, mesmo que a passos lentíssimos.

Às vezes, temos a sensação de que o próprio Papa, quando recua, o faz por razões que fogem ao seu controle. Certamente são forças que operam cimentadas em dogmas seculares de preconceitos e de rejeição da homossexualidade. Normas que intervêm e manipulam sempre que sentem que o mecanismo de poder possa estar ameaçado. Foucault (2021b, p. 404) diz que há um poder sobre a vida, através do estabelecimento de aparelhos de poder que permitem não somente a observação, mas a intervenção direta e a manipulação de tudo isso.

Mencionamos ainda as diversas bandeiras que têm sido levantadas por ativistas do mundo inteiro, na luta pelos direitos humanos, tendo atualmente suas discussões perpetradas nas redes sociais. Desse modo, ataques explícitos a qualquer tipo de minoria ou grupo oprimido têm sido considerados absolutamente combatíveis e, quando exagerados, também passíveis de criminalização. Tal entendimento faz com que as pessoas tenham mais cautela quando do uso das palavras, num verdadeiro exercício empático para que o respeito e a responsabilidade emocional com o outro estejam, de fato, sempre presentes.

Como mostramos, a organização do Círio chama a atenção para a ocorrência de uma aprendizagem mútua, através das trocas de experiências que ocorrem durante o Círio. Segundo ela, uma festa *“que não tem limites, não tem restrições” e que precisa ser a mais democrática possível, tendo o respeito como limite. “Cresci aprendendo que o meu direito termina onde começa o seu, então porque é que eu preciso entrar em choque com você, só porque você pensa diferente? Vamos ver qual o nosso objetivo principal e buscá-lo conjuntamente”*. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Oportuno lembrar que a diretoria do Círio é cíclica, renovando-se a cada biênio, contando com cerca de 40 membros⁷⁷. De fato, temos sentido uma evolução em termos de aceitação, mesmo que ainda tímida. Esperamos que a cada composição de diretoria, seja possível enxergarmos entendimentos cada vez mais acolhedores, relacionados às causas que são fundamentalmente reais para a construção da dignidade humana, como a que abrange a comunidade LGBT. Que essas festas continuem trabalhando para a mudança da ordem existente, permitindo uma maior tolerância para esse espaço sagrado de resistência e devoção, mas também de muito brilho e exuberância, assim como vemos na Festa da Chiquita.

2.8 *“Tudo é muito sofrido, mas a gente gosta desse angu!”*

Diante dessa realidade, trazemos o pensamento de Bakhtin (1999) para lembrar que as festas oficiais, já na Idade Média, fossem da Igreja, fossem do Estado feudal, “não arrancavam o povo à ordem existente, não criavam essa segunda vida. Pelo contrário, apenas contribuíam para consagrar, sancionar o regime em vigor, para fortificá-lo”. (BAKHTIN, 1999, p.8). Segundo ele, as festas oficiais tão somente consagram a perenidade das regras, hierarquias, valores e tabus religiosos e morais correntes, representando, por isso, o triunfo de uma verdade pré-fabricada, traindo, assim, “a verdadeira natureza da festa humana”.

A Chiquita é uma festa que luta pela transformação dessas hierarquias morais secularmente implantadas, agindo fielmente à verdadeira natureza festiva e a todos os elementos fundantes que a cercam. É preciso pensar num futuro onde as características de manutenção de privilégios sejam cada vez mais dissolvidas. Um participante da festa da Chiquita expressa o desejo de que *“A gente possa ser quem nós somos de verdade, sem precisar ter o peso na consciência, sem precisar ligar pro que as pessoas vão falar. Na verdade, igualdade... Igualdade seria a palavra certa”*. (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021). Nessa direção, outro participante também falou dos seus sonhos em relação à comunidade, enfatizando o desejo de que outras festas como a Chiquita possam acontecer no decorrer do ano:

⁷⁷ Informações constantes da página oficial do Círio de Nazaré na internet, onde apresenta a Diretoria Colegiada, Diretorias Executivas e outras comissões. Disponível em: <https://www.ciriodenazare.com.br/diretoria-2022>. Acesso em 07 Maio 2023.

Olha, meu grande sonho pra comunidade LGBT é de ser aceito e respeitado [...] Na Chiquita a gente se sente um pouco mais abraçado, então eu acho que é um dos momentos que eu gostaria que acontecesse mais vezes em Belém, sabe? Mais vezes não só em Belém, mas no Brasil, no mundo todo! Que nós fossemos um pouco mais acolhidos, como pessoas normais, porque é o que somos! Somos pessoas normais, que se cortar vai sair o mesmo sangue. Então é isso, nós nascemos no mesmo lugar, vamos morrer e seremos enterrados no mesmo lugar. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Sobre o que poderia ser melhorado na Chiquita, esses dois participantes revelaram o desejo de que houvesse também um tempo maior de durabilidade, ser prolongada por mais algumas horas e continuar levantando a bandeira das *drag queens* de Belém. Um deles prossegue dando sugestões para que a Festa adquira ainda mais notoriedade: “*Aumentar os dias de Festa da Chiquita [...] separada em vários momentos até chegar o grande dia [...] com prévias, apresentações, oficinas, rodas de conversas, vivências, preparando o pessoal para receber a Festa da Chiquita*”. (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021). Ele conta que os artistas que se apresentam na Chiquita se esforçam bastante, ensaiam, vêm estudando e vendo tudo antecipadamente, explicando inclusive o sentido daquelas apresentações para que as pessoas que estão ali possam compreender.

Uma participante do sexo feminino se mostrou desejosa de uma maior inclusão das lésbicas na festa, mesmo reconhecendo que ela possui um viés mais voltado para a apresentação *drag*. Outra questão ventilada foi a necessidade de um reforço na segurança, “*trabalhando nesse tema de prevenção à violência em relação a possíveis atos homofóbicos de vândalos que têm por intuito atrapalhar a festa*”. (Fragmento de Entrevista com Zaira, Outubro de 2021). Já sua companheira chamou a atenção para a participação de mais artistas na festa: “*A gente conhece tantas cantoras que a gente gostaria de ver lá contribuindo também, cantando, DJs, seria ótimo!*”. (Fragmento de Entrevista com Ivana, Outubro de 2021).

A organização da Chiquita, de maneira emocionada, sonha com o futuro de uma forma mais abrangente, tendo como Norte a revolução social que essa festa tem potencial de promover:

Ah, eu vejo com muito glamour, com muito mais poder. Que a gente consiga fazer tudo que a gente quer, [...] de uma forma

muito mais fácil, muito mais viável, porque é tudo muito sofrido. Como diz o Elói: “Tudo é muito sofrido, mas a gente gosta de fazer, a gente gosta desse angu!”. Que a gente possa minimamente ter o que já se tem, mas sem sofrimento, que seja mais suave da gente conseguir. Que a gente possa dar espaço, ter outras personalidades que a gente gostaria de ter no evento, mas que a gente não tem, justamente por conta dessa logística, dessa questão financeira. Que as pessoas possam dizer assim “hoje a Chiquita é uma das maiores e melhores”. Não que ela não seja, mas que ela seja de fato uma das maiores festas da diversidade. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Esse mesmo membro da organização elenca algumas ações fundamentalmente necessárias para que haja uma transformação positiva em prol dessa festa:

Que a gente tenha parceiros que apostem na festa e no evento com mais amor, com mais vontade, porque às vezes a gente vê que é mais uma questão de obrigação. As pessoas atendem a gente, fazem o que é solicitado, porém mais por uma história de obrigação, e a gente não quer isso. A gente quer que as pessoas sejam mesmo parceiras de corpo e alma da festa. Que a gente conseguisse todos os anos trazer gente de fora para estar com a gente, (cantoras como) a Daniela, a Ivete e outras artistas. A gente já teve personalidades nacionais que passaram, mas a gente quer pessoas que tenham mais engajamento com a nossa luta, com a nossa população. Isso seria algo assim... histórico! (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Apesar de tudo, Elói considera que realmente houve mais avanços que retrocessos, compreendendo que é preciso trazer um pouco do passado para o presente e vislumbrar “*um futuro de lutas e garantias, garantir o futuro da gente*”. Reclama que temos tido conquistas como criminalizar a homofobia, mas infelizmente ainda há quem diga que “*isso é uma palhaçada!*” (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021). Elói destaca a atuação de Paulo Iotti na questão da criminalização e da presença de valiosas vozes no judiciário, sensíveis à causa LGBT, a exemplo do Ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal, importante aliado para o movimento junto à magistratura brasileira. Naturalmente, cada conquista alcançada pela comunidade LGBT acaba reverberando na Chiquita, fundamentalmente por seus princípios e sua razão de existir.

Está mais do que na hora da sociedade redirecionar suas energias para assuntos realmente importantes ao bem comum. Temos sido bombardeados por doenças, guerras, crises financeiras e ambientais, mas, ainda assim, a moralidade sexual parece figurar no topo das prioridades políticas, o que é um erro lamentável e injustificável. Concordando com Foucault:

Por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados são objeto de uma preocupação moral? Por que esse cuidado ético que, pelo menos em certos momentos, em certas sociedades ou em certos grupos, parece mais importante do que a atenção moral que se resta a outros campos, não obstante essenciais na vida individual ou coletiva, como condutas alimentares ou a realização de deveres cívicos? (FOUCAULT, 2020a, p. 15).

Diante do que foi apresentado neste capítulo, vê-se que a Festa da Chiquita precisa ser cada vez melhor compreendida. Os primeiros passos já têm sido dados, mas é necessário que a sociedade tenha um conhecimento mais aprofundado da realidade que a cerca. Sem dúvidas, trata-se de uma tarefa árdua, morosa e fortemente dependente da contribuição de uma política educacional aliada, como ferramenta essencialmente transformadora para tantos embaraços sociais, como os que tratamos ao longo dessas páginas.

Percebe-se que, diferentemente do vivenciado no passado, há uma abertura significativa com as instâncias de apoio, notadamente reforçadas por jogos de interesses sobre uma comunidade que tem alargado seu espaço de visibilidade e que tem se mostrado potente como cidadã que exerce seus direitos, que consome, que paga seus impostos e que vota. Elói comenta sobre essa visibilidade crescente alcançada nos últimos anos, destacando a importância inequívoca do consumo para esse feito:

Até porque existe mercado, tudo passa por isso. [...] A gente conquistou muitos direitos. Antes as pessoas diziam: “Ah, tudo bem, é gay, mas ele está lá, ele faz laje, cozinha pra gente, ele limpa nossa casa”. Hoje não, hoje os gays são reitores, são professores de universidades. Você é casado, você apresenta seu marido pra sua turma, as pessoas começaram a se acostumar, né? Você pode não gostar, mas você tem que respeitar as pessoas. Então, hoje é fácil, você vai pra televisão e você fala que seu marido está em casa sem que isso seja uma coisa pejorativa, porque antigamente você falava em marido e

as pessoas não levavam a sério. (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

No Brasil, já é possível consumir graças à homossexualidade, já que o consumo gay, que continuou crescendo vertiginosamente, revelou, aos olhos da sociedade, a capacidade de consumir a partir de necessidades homossexuais. (TREVISAN, 2018). Um processo de segmentação de mercado que gera uma visibilidade positiva, produzida a partir do próprio movimento, intensificando-se assim lançamentos de candidaturas, criação de projetos de lei, incidência política e participação em espaços de diálogo socioestatal. (GREEN *et al.*, 2018). Como mencionado, há um longo trajeto a ser percorrido, pois os avanços ocorrem a passos lentos, o que não impede de celebrarmos as conquistas obtidas, as vitórias alcançadas, já que cada uma delas é de extrema importância.

Lidamos com estruturas rígidas, fortemente alicerçadas em preconceitos construídos ao longo dos séculos. Quebrá-las requer um exercício parcimonioso e resistente, cujas forças necessitam ser constantemente retroalimentadas. Não é fácil, não foi e nunca será. A nossa luta é para arrefecer os controles exercidos à base de tabus e dogmas deveras ultrapassados, e que não contribuem em nada para o progresso civilizatório. A Festa da Chiquita representa uma enorme quebra de paradigmas, por tudo que aqui expusemos. É uma festa que “mexe com as coisas”, “uma brincadeira que não está pra brincadeira”!

CAPÍTULO 3: A ECONOMIA NA POPULAR FESTA DA CHIQUITA

*Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague!
(Chico Buarque)*

Este capítulo dedica-se à temática da Economia Popular, através dos trabalhadores e trabalhadoras informais⁷⁸ que comercializam produtos nas ruas de Belém, tendo como norte suas atuações durante a Festa da Chiquita e no modo como eles operam através dessa Festa. Serão enfatizadas as peculiaridades, fragilidades, desafios e movimentos, mas também contramovimentos e ressignificações que são características dessa Economia. Os impactos da pandemia sobre esse segmento ganham uma seção especial, dadas as suas particularidades, que culminaram com a reformulação total das Festas do Círio e da Chiquita, nos anos de 2020 e 2021. Desse modo, será possível atender ao **Objetivo específico 03**: Analisar o contexto da economia popular, através dos vendedores de rua que atuam na Festa da Chiquita, por ocasião do Círio de Nazaré.

Algumas questões foram imprescindíveis para uma melhor compreensão do contexto apresentado, tais como: Qual a dinâmica do cotidiano de trabalho desses vendedores? Como se dá a preparação para atuação no período do Círio? Qual a importância do Chiquita em termos econômicos para esses negócios? Qual a forma de produção e/ou aquisição de produtos para revenda? Quais as estratégias de venda adotadas? Qual a conexão desses trabalhadores e trabalhadoras com a Festa da Chiquita e suas causas? Que produtos são demandados em função da Festa da Chiquita? Quais as principais dificuldades, carências e demandas desses trabalhadores de rua? Em relação à pandemia: Quais os impactos da não realização do Círio e da Chiquita em função do vírus da Covid-19, seus desafios e mobilizações?

⁷⁸ Trabalhadores informais, no contexto deste estudo, referem-se aos vendedores ambulantes, esses pequenos empreendedores de rua que lutam diariamente pela subsistência, sem estarem regulamentados como empreendedores individuais ou inscritos no sistema previdenciário nacional. Certamente deve haver vendedores de rua que possuam registros formalizados como Microempreendedores Individuais – MEIs atuando nas ruas de Belém, embora acreditemos que sejam casos pontuais dentro de um universo maior. Para este trabalho, por exemplo, todos afirmaram não possuir qualquer registro como vendedores formais.

3.1 – “*Tem gente passando fome!*” Elementos constituintes da Economia Popular

Não dá pra pensar na economia, ao menos na forma em que ela se apresenta na atualidade, sem mencionar aspectos relevantes de sua origem e que promoveram essa grande transformação na qual estamos imersos, sobretudo se considerarmos o contexto latino-americano.

Karl Polanyi, em seu ensaio sobre a falácia economicista, compartilha que desde sempre, os homens encontram sustento no leite materno e, depois, no meio ambiente, como caçadores, coletores e lavradores, tendo seu sustento como a única necessidade natural. Destaca, ainda, que isso foi brutalmente modificado com o estilo de vida nascido das dores da Revolução Industrial, que, com seu mecanismo de oferta-procura-preço, converteu-se rapidamente numa das “forças mais poderosas que já entraram no cenário humano” (POLANYI, 2012, p.51).

Esse autor preconiza que o bem-estar material passou a ser controlado tão somente por dois incentivos: a fome e os ganhos. A fome, pelo medo de passar necessidades, atormentando o trabalhador; e os ganhos, representados pelo lucro do empregador. Assim, os despossuídos passaram a matar sua fome vendendo seu trabalho no mercado, ao passo em que as motivações materiais passaram a determinar o mundo humano: podendo estas serem de ordem religiosa, política ou estética, movida por orgulho, preconceito, amor ou puramente inveja. (POLANYI, 2012).

De forma mais objetiva, a fome é que submete o corpo ao trabalho, para que este corpo produza em troca de sua subsistência, sujeitando-se completamente ao sistema do capital que o envolve. Foucault alerta que o investimento político do corpo está ligado à sua utilização econômica, numa boa proporção, como força de produção inserida em relações de poder e de dominação. Desse modo, sua constituição como força de trabalho só é possível se este corpo estiver preso num sistema de sujeição cuidadosamente organizado, calculado e utilizado, onde sua força só será útil se ele for ao mesmo tempo um corpo produtivo e um corpo submisso. (FOUCAULT, 2014. p.29).

Assim, essa implantação de corpos no espaço, essa distribuição dos indivíduos (a mesma que atinge o público LGBT, só que no âmbito da moralidade) reverbera fortemente

sobre os trabalhadores vulneráveis, que encontram, no comércio de rua, uma artéria para driblar a fome e garantir o seu sustento. No meio desse pacote institucional de poder surgido com a Revolução Industrial, uma ferramenta danosa passa a ser a grande intérprete desse enredo de dominação e exclusão: a Fome, com letra maiúscula. Polanyi, de uma forma bastante coerente, chama a atenção para o poder da fome, consolidando-a como uma pressão silenciosa e implacável, a motivação mais natural da industriabilidade e do trabalho. Ele difunde que a fome é capaz de domar os animais mais ferozes, de modo que, se ela resolvesse a questão, não havia a necessidade de outra penalidade. Reforça ainda que a inferioridade econômica leva a parte mais fraca a ceder, resultando na perda do amor-próprio e dos seus padrões de referência. (POLANYI, 2021, p.184).

Com a industrialização na Europa e a força das colônias como material de exploração, estava armado o cenário ideal para que esse movimento fosse exitoso. Esse sistema foi estruturado de uma forma tão visceral e potente, que seus reflexos são perfeitamente sentidos na atualidade e, ao que parece, ainda nos acompanharão por longas e sucessivas gerações, tamanha é a sua força, infelizmente.

Em nosso país, as cicatrizes coloniais e as constantes marcas neoliberais que a elas se conectam, estimulam um ambiente de fragmentação e desigualdades que põe em risco a subsistência de muitas trabalhadoras e trabalhadores. Sem muitas escolhas, as poucas oportunidades que surgem são respaldadas pela Economia Popular através da informalidade, que, embora precária, envolve uma rede de solidariedade e reciprocidade de significado ímpar nesse cenário desolador. Menezes e Dedecca (2012) explicam que as condições econômicas de um país marcado pelas desigualdades sociais compõem um ambiente que corrobora para a proliferação do comércio informal e auto gestor, sendo ele uma artéria para se buscar garantir o sustento de inúmeras famílias.

Significativamente, no entanto, a Economia Popular também apresenta uma conotação de resistência para o contexto latino-americano, em meio às configurações do capitalismo e do seu catálogo de imposições neoliberais. Luís Coraggio reforça que o neoliberalismo é um sistema que compete ao invés de mostrar solidariedade, uma economia de guerra prolongada, com valores baseados no egoísmo utilitarista, no oportunismo e na irresponsabilidade pelo destino dos outros e da natureza (CORAGGIO, 2018). Roberto Monte-Mór, por sua vez, destaca que o neoliberalismo apresenta um repertório que abrange

aspectos como redução dos custos de produção, diminuição das garantias trabalhistas e queda nos salários (MONTE-MÓR, 2008).

Para além das fragilidades conjunturais que permeiam a lógica das economias populares, é fundamental chamar a atenção para a grande contribuição que essas economias alternativas têm dado para a sociedade. Revolucionárias e multiarticuladas, elas garantem a subsistência de uma gama enorme de trabalhadores, razão pela qual precisam e devem ser enxergadas com um novo olhar, sendo acolhidas pelas mais diferentes instâncias sociais, sobretudo pelo poder público.

Verônica Gago expõe que, ao tempo em que a economia popular se constitui como uma forma rejuvenescida de exploração, com uma inserção forçada dos empobrecidos a uma posição de subordinação à economia formal, ela também carrega uma genealogia política que permite uma releitura do mundo. Assim, ela representa um novo terreno com novas figuras e lutas, numa dinâmica fundamental de impulso e versatilidade, que permite avaliar como a riqueza social é apropriada (GAGO, 2018). Genauto França Filho (2002, p. 9), por sua vez, fala da economia popular percebida “também como lugar de produção e distribuição de riqueza, portanto, como mais um espaço econômico [...] lugar de geração de emprego e renda”, desempenhando um “papel fundamental para amplas fatias da população de países como o nosso”. (FRANÇA FILHO, 2002, p.10).

Diante do exposto, é importante encarar a economia popular como uma verdadeira potência de resistência e ação, abrindo novos horizontes de atuação, com cooperação e reciprocidade, inclusive para lutar por dignidade e melhores condições para o exercício de suas atividades. Como pontuou Coraggio (2018), trata-se de uma economia de guerra prolongada, necessitando cavar trincheiras na sociedade, resistindo e avançando quando for permitido. Que esse imperativo poder seja capaz de promover cenários melhores no futuro. Veremos agora como a Economia Popular entrelaça nos contextos do Círio de Nazaré e da Festa da Chiquita.

3.2 – “*Eu gosto de comprar terços!*” Movimentação econômica no Círio

É natural pensar que a Festa do Círio provoca uma movimentação intensa no comércio de Belém, sobretudo em função do alto número de pessoas que participam das suas programações festivas. Sílvio Figueiredo destaca que, no Círio, “o divertimento dos participantes é uma busca, em maior ou menor grau, aliada ao ritual religioso”, um ritual fora do cotidiano e por vezes cercado de elementos de lazer. (FIGUEIREDO, 2005, p.32). Já Milton Ribeiro explica que o Círio “modifica a economia, o comércio, o deslocamento, o turismo e a mídia na capital paraense”, uma época em que todos se preparam e “onde o lazer e os negócios convivem” num mesmo espaço (RIBEIRO, 2015, p.8).

No sistema liberal sob o qual estamos imersos, parece que nada consegue escapar à substância mercadológica, nem mesmo a religião, tampouco o lazer. Victor Melo (2013⁷⁹, p.26) discorre que “não se trata de pensar que o ‘mercado’ apreendeu o lazer, mas sim de dizer que o lazer é inseparável do mercado”. Debortoli (2012, p.4) por sua vez, especifica que a vida social contemporânea se tensiona entre “relações ligadas a uma lógica do direito e uma perspectiva de entretenimento e de consumo de produtos e práticas de divertimento”.

Nessa paisagem, atividades que envolvem lazer, devoção e economia encontram-se imbricadas; uma conjuntura que favorece o aquecimento do comércio regional, inclusive através das economias alternativas, muitas atuantes na informalidade. Sibelle Diniz explica que a Economia Popular envolve um conjunto heterogêneo de práticas, estando voltada prioritariamente às demandas locais, como produção de alimentos e artesanatos, geralmente realizada no ambiente domiciliar e comercializada nas ruas e praças, barracas e quiosques (DINIZ, 2019).

A organização do Círio comenta, sobre o alto movimento econômico que ocorre na cidade durante o período festivo: “*O que a gente tem de informação oficial é que o turista de fora do estado deixa em torno de 100 milhões de reais na quinzena da festa, mas o movimento*

⁷⁹ Revista Sinais Sociais, SESC Nacional, Volume 8, número 23, Set-Dez, 2013. Disponível em: [Revista Sinais Sociais by SescBrasil - Issuu](#). Acesso em 10 Mar. 2023.

econômico que o Círio gera é em torno de 1 bilhão⁸⁰. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

O volume financeiro mencionado ratifica a importância do Círio como propulsor econômico para a cidade de Belém. Cientes da força que o “final de semana do Círio” possui, empresários aproveitam a expectativa de lucro para otimizar suas ações, promovendo festas durante o evento religioso (COSTA, 2006, P.93). Um dos sentidos imbricados nessa multiplicidade presente no “Carnaval Devoto⁸¹” que é o Círio, faz dele uma forte marca, que pode gerar benefícios também para a igreja. Além de firmar parcerias com empresários, e de promover o “Arraial de Nazaré⁸²”, a Basílica possui uma loja própria, a Lírío Mimoso, que possui grande demanda no período. Uma devota mencionou essa loja como local de aquisição de produtos religiosos: *“Geralmente eu vou naquela Lírío Mimoso, que é a loja filiada à Basílica, e lá eu compro estátuas de santos, coisas assim que eu gosto de ter na minha casa”*. (Fragmento de Entrevista com Dona Aparecida, Outubro de 2021).

De um modo geral, todo o comércio se beneficia, tendo oportunidade de ganhos, principalmente os segmentos atrelados ao turismo, como os de hospedagens, bares, restaurantes e serviços de transportes (CARLOS, TAVARES e TRINDADE JÚNIOR, 2021) estes aéreos, terrestres e fluviais. Assim, a atividade empresarial e a frequência do circuito durante o Círio “é enriquecida pelo espírito festivo que toma conta da cidade e, ao mesmo tempo, adapta-se a ela” (COSTA, 2006, p.84).

Empresas privadas de entretenimento, por exemplo, ofertam diversos shows musicais com artistas de renome nacional e regional para dar vazão ao fluxo turístico que, além da parte devocional, costuma se dedicar às atividades de lazer.

Acerca dessa relação com as festas privadas durante o período do Círio, Isidoro Alves certifica que isso é algo que já vem acontecendo há pelo menos 80 anos, ao apontar que, nas décadas de 1940 e 1950, o “lazer assumia manifesta preponderância, refletida nos teatros e

⁸⁰ Ver VAZ (2020), sobre dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE no Estado do Pará - DIEESE.

⁸¹ Título do livro de Isidoro Alves, um icônico e dos mais completos estudos acerca do Círio de Nazaré, lançado no ano de 1980.

⁸² O Arraial de Nazaré se trata de um espaço de sociabilização, na área externa ao lado da Basílica de Nazaré, onde ocorrem apresentações culturais promovidas pela Igreja, além de inúmeras barracas de artesanato, comidas e também a presença de um parque de diversões.

companhias teatrais que se apresentavam durante a festa, assim como na presença de renomados artistas nacionais” (ALVES, 1980, p.84). Nota-se aí que a festa religiosa há muito dialoga com vertentes consideradas mais profanas, com características predominantemente atreladas ao lazer e à diversão.

Parker (1978) fala que muitas atividades de lazer envolvem serviços que precisam ser fornecidos por iniciativas particulares e não somente públicas. A organização do Círio revela que “Belém tem uma estrutura atuante” no ramo do entretenimento, com arranjo próprio e muitos anos de experiência, avaliando de forma positiva a realização de outras festas durante a Quadra Nazarena:

Também por conta desses eventos, o Círio tem sido cada vez maior. Antigamente você tinha duas semanas de festa. Você começava num fim de semana, num sábado, com a trasladação e tal, e ia terminar duas semanas depois no Recírio. Hoje você já está praticamente com 3 semanas. A gente já tem a abertura oficial do Círio na terça-feira anterior. Então você já tem 3 semanas de eventos oficiais. E, em torno disso, toda essa gama de eventos paralelos com os shows e os artistas que vêm a Belém. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Assim, cada evento cultural que se estabelece no Círio acaba emergindo oportunidades de negócios, com destaque para os incontáveis vendedores ambulantes que se proliferam por toda a região central da cidade no período nazareno, e que são uma das razões constituintes deste estudo.

Chama bastante a atenção o modo como esses vendedores e vendedoras se espriam nas imediações dos trajetos processionais, de modo a ser impossível não percebê-los em absolutamente todos os percursos. Vê-se de tudo um pouco, a exemplo da comercialização de objetos religiosos como terços, camisas com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, chaveiros, velas, livros católicos, dentre outros. Vanda Pantoja afirma que no contexto religioso do Círio, o mercado descobriu nas celebrações católicas, com suas diferentes representações, um “grande potencial para o comércio” (PANTOJA, 2012, p.264). Esses produtos religiosos, quando vendidos nas ruas e calçadas, são essencialmente ofertados pelos que concebem a Economia Popular.

Uma das religiosas entrevistadas disse consumir principalmente guloseimas, atraída pelas comidas típicas da cidade. Já outra entrevistada, dessa forma nos contou sobre sua forma de consumo no período do Círio:

Se eu não tivesse aqui nessa fila (para entrar na Basílica de Nazaré) eu estaria nas barraquinhas comprando (risos). Eu gosto de comprar terços porque eu levo para outras cidades, para dar de presente. Camisa eu também tenho que comprar outra, porque esta daqui está bem velhinha (tocando na sua própria camisa). Eu tenho que comprar terços, daqui a pouco eu vou sair por aí... (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Verônica Gago diz que a Economia Popular integra pessoas através do acesso a formas mais baratas de consumo: vendedores, catadores, cozinheiros (GAGO, 2014). Os vendedores ambulantes de produtos artesanais, bebidas, ervas medicinais e comidas típicas compõem formatos alternativos de economia, podendo inclusive envolver traços de cooperação, reciprocidade e sobretudo solidariedade.

Figura 13: Entregadores de Aplicativos na Avenida Nazaré



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Inserem-se também, nesse contingente precarizado, os trabalhadores uberizados que eclodiram na última década, a exemplo dos motoristas e entregadores vinculados a aplicativos, como demonstrado na figura 13. Luís Coraggio preconiza que a Economia Popular é uma economia dos trabalhadores que vivem do seu trabalho, uma economia doméstica das famílias e das comunidades, com recursos materiais geralmente limitados e

dependente da contínua realização da sua força de trabalho para sobreviver (CORAGGIO, 2018, p. 9). Nesse sentido, há uma dependência perene de se trabalhar para garantir o sustento familiar, o que se torna um potente obstáculo quando do surgimento de adversidades como doenças, acidentes ou casos fortuitos como o da pandemia de Covid-19. Dada a ausência de garantias, são nesses momentos cruciais que a solidariedade se instala, como será detalhado mais adiante.

Uma economia que abrange desde o trabalhador individual ou familiar, cotidiano ou ocasional, que se dedica à venda, revenda ou produção de produtos ou serviços, os mais variados. Destacamos que comerciantes, artesãos, trabalhadores domésticos, do campo e os que produzem riqueza para o próprio consumo, a exemplo de alimentos e serviços de cuidados⁸³ e consertos também compõem a Economia Popular (CORAGGIO, 2018). Costa e Monte-Mór (2015), por sua vez, inferem que a Economia Popular possui uma produção pautada em outros objetivos que não o lucro, e em outras relações de trabalho, de modo que se identificam muito mais com um sentido de garantia de uma subsistência familiar, de sobrevivência mesmo, do que com a mera lógica lucrativa. Oportunamente, Diniz (2019) expõe que a economia informal ou marginal compõe o circuito inferior da economia urbana, uma cultura periférica caracterizada pela precarização do trabalho, fragmentação e redução das garantias e dos ganhos reais, inserida num contexto de uma crise societária generalizada.

Anualmente, o Círio apresenta o cartaz oficial da festa, trazendo a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. A Organização conta que, para utilização dessa imagem em produtos destinados à comercialização, os interessados devem solicitar uma autorização e também pagar uma taxa. Mas ressalta que há também os vendedores que utilizam a imagem de forma extraoficial, sem que isso lhes cause constrangimento, conforme podemos observar:

Olhe, tem um mercado assim, digamos, por exemplo: nós lançamos todo ano o cartaz e temos a foto oficial da imagem peregrina com o manto do ano anterior. Alguns vendedores vêm aqui e pagam o que a gente chama transfer, que é uma espécie de direito de uso para poder estampar essa imagem... Mas outras fazem extraoficialmente mesmo. Alguns são licenciados por nós para atuar aqui nos arredores da igreja, na área da praça, mas a gente também não coíbe aqueles que não

⁸³ Cuidadores refere-se a toda uma lógica de cuidado expressa, por exemplo, desde o auxílio à idosos ou crianças, bem como a pessoas doentes que necessitem algum tipo de suporte.

são (licenciados), porque a gente entende que é uma festa popular, isso não é propriedade nossa. A gente apenas tem a incumbência de cuidar disso com carinho pra manter sempre uma crescente, manter sempre acesa, mas realmente tem um mercado informal muito grande também. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Os vendedores ambulantes se estabelecem ao longo de todo o itinerário das procissões, principalmente nos arredores da Basílica de Nazaré, e da Praça da República, por serem pontos de grande fluxo de pessoas. Barracas vendendo comidas típicas e lanches e ambulantes carregando girândolas oferecendo produtos religiosos, como terços, camisetas, chaveiros, fitinhas e imagens de santos, constituem cenas bastante comuns na cidade nesse período. As figuras 14 e 15 mostram um pouco desse comércio.

No entanto, para atuar precisamente nas calçadas da Basílica, é necessário pagar uma licença, motivo pelo qual os ambulantes, pelo menos em 2022, se concentraram mais fortemente do outro lado da calçada. Um deles contou que não teve condições de colocar seu carrinho de vendas na calçada da Basílica, em função do alto valor cobrado pela licença, segundo ele, superior a 1.000 reais.

Figura 14: Economia Popular no Círio – Girândola com produtos diversos



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2020).

Figura 15: Economia Popular no Círio – Girândola com produtos religiosos



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2020).

Curiosamente, apenas um dos vendedores entrevistados se considera católico e devoto de Nossa Senhora. Os demais se declararam evangélicos ou mesmo alheios a qualquer religião. Já outro assim se expressou, quando questionado: *“Todos os anos quando Ela (a santa) passa aos domingos na corda, meu carro fica aberto pra distribuir águas para o povo que vem pagando essas promessas”* (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021). Acerca dos produtos mais procurados pelos turistas durante o período do Círio, a organização ressalta a importância dessas vendas, destacando a inconfundível e comemorada gastronomia paraense:

Primeiro a gastronomia, que é uma identidade cultural do Pará, do Círio. O paraense pode até comer maniçoba o ano inteiro, mas é uma comida associada ao Círio, ao almoço do Círio. Então, desde lá do interior, desde a moagem da mandioca pra fazer a farinha, desde a questão da maniva, que é a folha da mandioca, o tucupi, é... Pra você ter uma ideia, é um mercado tão grande que começou a atrair gigantes da indústria nacional, né? [...] Depois, a gente tem muita coisa de vestuário, artigos religiosos, artesanato, sobretudo de miriti, que é outra coisa também muito ligada ao Círio [...] sobretudo Abaetetuba que são as grandes cooperativas de artesãos de miriti. Então é uma gama muito grande de produtos. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

A atividade artesanal é uma das vertentes da economia popular, envolvendo características importantes de sua constituição, como a domesticidade e a reciprocidade. Os brinquedos de miriti são bons exemplos disso. Carlos, Tavares e Trindade Júnior (2021) apontam que esses brinquedos fazem sucesso durante o Círio, sendo famosos itens produzidos pelos artesãos do Município de Abaetetuba, vizinho a Belém, chegando a envolver famílias inteiras, dando um colorido todo especial à cidade. A figura 16 mostra a tradicional exposição desses brinquedos, ornando a fachada do Tribunal de Contas do Estado do Pará.

Figura 16: Exposição de Brinquedos de Miriti



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2022).

Alves (1980, p.82) ressalta que, no Círio, o comércio de quinquilharias, brinquedos de plástico, comidas regionais e bebidas são expostos pelos vendedores no “leito da rua” ou em “carros ou pequenas coberturas de madeira”, sendo uma época propícia para vários empreendedores informais ganharem dinheiro, se aproveitando da “época da festa para obter alguma renda”.

O Círio de Nazaré é um testemunho da hibridação que ocorre na economia brasileira, onde os comércios formal e informal, respectivamente representantes dos circuitos superiores e inferiores da economia, têm a chance de obterem ganhos, seja na lógica do lucro, como da subsistência. Ambas as opções convivem e se tensionam em função da falta de políticas públicas que minimizem as disparidades existentes entre esses dois circuitos.

Pelo exposto, a Festa do Círio e o modo como ela dialoga com outras economias se configura como importante para uma reflexão sobre as contradições sociais às quais estamos

submetidos. Ao se entrelaçar com elementos de lazer numa atmosfera devocional e ao mesmo tempo festiva, desperta a necessidade de questionamentos na busca pela promoção de ações defensivas e de resistência que alterem a ordem social para um sistema mais inclusivo. Christianne Gomes (2004) mostra que, se, por um lado, o lazer pode contribuir com o mascaramento das contradições sociais, por outro, ele pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência a uma ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio.

Nesse contexto, a Festa da Chiquita desponta também como um importante evento gerador de oportunidades, uma festa dentro da festa, numa atmosfera que dialoga (in)diretamente com o Círio que a circunda, principalmente em função de sua localização no interior da Praça da República, como veremos a seguir.

3.3 - “As bichas gastam!” Festa da Chiquita agita a economia de rua

Embora a Festa da Chiquita, em aspectos como tempo de duração, público e visibilidade, não tenha a mesma proporção, se considerarmos o contexto geral do Círio, é possível entender que ela, por si só, representa um importante movimento socioeconômico, político e cultural na estrutura da cidade.

Como um evento da diversidade, a Chiquita se torna um importante palco para proliferação da Economia Popular, onde centenas de pessoas têm a chance de garantir uma rentabilidade extra, desempenhando um papel significativo para a conjuntura familiar de cada um. Sobre esse possível benefício da Chiquita para a economia da cidade, uma religiosa respondeu de um modo afirmativo: *“Até porque o turista quando vem, ele quer diversidade. Então tem aquela parte religiosa e tem aquela parte que você vai se divertir, conhecer algo novo, né? Conhecer um novo tipo de cultura, um novo tipo de abordagem”*. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Em relação a possível existência de um mercado específico para o público da Chiquita, uma participante dessa festa foi categórica:

Sim, sim, vários produtos! Inclusive hoje tem um mercado chamado Pink Money, além dos produtos com as cores do arco-íris no geral, né? Tem alguns adereços, principalmente para as drags. E assim... na Festa da Chiquita todo mundo quer ir mais irreverente. Você não vai com uma bermudinha jeans, uma blusinha, você vai com mais adereços, com alguma (roupa) mais alegre. Ela nunca deixou de ser um Carnaval. (Fragmento de Entrevista com Telma, Outubro de 2021).

Figura 17: Participante da Festa da Chiquita em 2019



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2019).

Um representante da organização da Chiquita também faz alusão ao *Pink Money*, expressão essa que está associada ao volume de dinheiro que a comunidade LGBT injeta no mercado de consumo. Assim ele comenta:

O dinheiro é solto, as bichas gastam! E tem aquele negócio de uma querer estar mais bonita que a outra. Então, quanto mais bonitas elas querem ficar, mais consumistas elas serão, porque elas vão adquirir coisas mais caras, coisas boas. Então, quando chega nesse período, que é um período que tem muitas festas para além da Festa da Chiquita, há um mercado de consumo, principalmente na área comercial de Belém. As partes de estética para produção, tudo isso tem esse consumo geral. Até mesmo a questão da alimentação. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

A Chiquita é realizada na Praça da República, espaço representativo das dinâmicas que circundam a economia popular, além de ponto crucial de confluência com o Círio e suas duas principais procissões. Os ambulantes que atuam nessa tradicional festa revelam como motivação os benefícios que ela proporciona para suas vendas:

A multidão! Porque vem muita gente, muita mesmo. E a nossa renda com certeza é muito boa na Festa da Chiquita. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Já vendi outras vezes na Festa da Chiquita. É um evento em que a gente pode adquirir uma renda a mais, durante o Círio. Nós que trabalhamos por conta própria, no mercado informal, a gente tem mais vantagens de adquirir uma renda maior. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Devido ao movimento que é grande, né? Isso dá vontade da gente trabalhar a noite toda, o dia. Todos os anos eu viro a noite na Festa da Chiquita. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

A quantidade de gente, porque vem muita gente de fora, principalmente os turistas. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Os vendedores foram unânimes em considerar a Festa da Chiquita uma excelente oportunidade de vendas, não demonstrando qualquer objeção pelo fato de se tratar de uma festa LGBT em pleno Círio de Nazaré. Os depoimentos a seguir ratificam um pouco dessas características:

A Festa da Chiquita é uma festa que os gays promovem, né? Dá um bocado de travestis, entendeu? Lésbicas... Mas é uma festa bacana, entendeu? Que dá muita gente pra ver. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

É uma época que atrai muitas pessoas. Aí se junta o pessoal do Círio com o pessoal da Chiquita. [...] Nada contra, eles brincam legal... Eu nunca vi brigas entre eles [...] Primeiro que é só depois que passa a trasladação. Não acho (que atrapalha o Círio), não tenho nada contra. [...] Eu gosto, é uma festa espetacular, eles são muito... Eu adoro eles, pessoas alegres. Pelo menos os que bebem, tem uns que já vinham certinho no meu carro: “Ei, tia, nós voltamos de novo!” Então fique à vontade! Eu adoro eles, não tenho nada contra eles, são pessoas maravilhosas! (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

A festa da Chiquita é uma festa muito boa, tem muita gente legal que vem se divertir, sabe? E a gente faz muita amizade com eles. É, eles não são más pessoas não, são gente fina eles. [...] A parte que mais gosto é quando ele (o Elói) está no palco. Ele é muito divertido, eu gosto (risos). [...] Pra mim, o ser humano tem que viver do jeito que ele achar que tem que viver, entendeu? A gente tem arbítrio livre pra viver a vida, entendeu? Pra mim não tem nenhum problema, não tem preconceito nem nada. Entendeu? (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Eu acho que não influi em nada, principalmente porque eles respeitam a procissão. A trasladação é o primeiro passo, para depois eles fazerem a homenagem. Primeiro eles fazem a homenagem à santa, tudinho, pra depois eles fazerem a brincadeira deles. Então a minha opinião é favorável a eles, com certeza. (Falo isso) não é porque eu trabalhe no comércio dependendo do movimento da festa deles, jamais! [...] Seria a melhor festa depois do Carnaval, porque eles fazem a alegria do pessoal. A Chiquita e o Arraial do Pavulagem são as duas atrações melhores que nós temos em Belém do Pará, no meu modo de ver. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Dentre essas falas, nos deparamos com trechos como “*eles não são más pessoas*” e “*dá um bocado de travesti, mas é uma festa bacana*”. Essas frases demonstram a presença de um preconceito estrutural que pode emergir de uma maneira velada, quando os depoentes sentem a necessidade de se justificarem pela demonstração de apoio. Vê-se que o tempo todo há uma preocupação em contornar os efeitos que estão sedimentados na sociedade, ou seja, de contrariar as opiniões disseminadas de forma conservadora, onde membros da comunidade LGBT não raramente são taxados por inúmeros adjetivos pejorativos e desqualificadores.

Essa necessidade de se justificar reforça como o poder tem a capacidade de se entranhar, sub-repticiamente, mesmo partindo das próprias parcelas também oprimidas da sociedade. Como bem observa Foucault, as relações de poder estão talvez entre as coisas mais escondidas no corpo social. Este autor preceitua que esses micropoderes estão em toda parte, atuando até dentro de nossas casas, nas relações conjugais, ou mesmo entre pais e filhos, entre irmãos... (FOUCAULT, 2021b, p. 355). Desse modo, podem se fazer presentes no convívio com os nossos amigos, vizinhos e colegas de trabalho, não importando o cenário social, podendo, inclusive, se dar em relações estritamente construídas entre os próprios oprimidos, ou seja, uns com os outros.

O fato de não demonstrar um preconceito de forma mais evidente pode estar relacionado à preocupação de não contrariar o que Bakhtin chama de superdestinatário, ou seja, uma opinião geral sedimentada por um sistema de valores que costuma ser socialmente mais aceitável. O auditório social, onde determinadas noções sobre diversos temas, a exemplo do preconceito de raça, já se encontram previamente estabelecidas e aprovadas por uma maioria formadora de opinião, envolvida com as questões e demandas do tempo atual.

Conforme expomos, a Chiquita se destaca pelo alto número de comerciantes que atuam na informalidade. Eles realizam suas vendas em barraquinhas ou em carrinhos, e também isopores, se alastrando por todas as imediações da festa. Elói conta que a Chiquita “*movimenta o comércio informal, as pessoas que na verdade vão ali para ganhar o seu dinheirinho rápido, vender uma cerveja, vender um salgado...*”, afirmando que tem pessoas que são da Chiquita, que a partir da sexta-feira já se organizam e colocam uma feira de ambulantes na festa (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Figura 18: Participantes e vendedores na Festa da Chiquita 2022



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2022).

Figura 19: Vendedores ambulantes na área da Festa da Chiquita



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2022).

Carlos, Tavares e Trindade Júnior (2021, p. 215) expressam que a Chiquita confere vida e animação à Praça da República, sendo relevante também pela “presença de camelôs e ambulantes que vendem bebidas e comidas variadas, além de objetos relacionados ou não ao Círio”. Uma ambulante afirmou dessa maneira sobre suas vendas: *“Trabalhamos com os mesmos produtos o ano todo, (vende) tudo: água, refrigerante, cerveja... É uma maravilha!”* (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

As vendedoras também demonstraram a importância da Chiquita, expressando que vários colegas se beneficiam, inclusive pela variedade de itens ofertados:

Na Festa da Chiquita, todos os vendedores vendem. É mais cerveja, meus colegas têm praticamente a mesma coisa. (Mas também) tem roupa, blusas normais, comida, vatapá, tacacá, maniçoba. A noite toda (vende) coxinha, hot-dog, batata frita... (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Vem de tudo pra cá, o pessoal aqui da praça. Vem o artesanato, o pessoal da batata frita, carrinho de pipoca, ajuda a todos! É uma festa significativa com certeza. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Muitos colegas. Uns vendem churrasco, outros vendem batata, outros vendem coco. Muitos amigos que trabalham no mercado informal. É um evento muito bom pra gente trabalhar. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

A gente vende muita bebida, principalmente as destiladas que são bebidas fortes, com certeza: ice, vinho, cerveja. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Em 2022, apenas na área mais próxima do palco da Festa Chiquita, contabilizamos **47 vendedores e vendedoras ambulantes**, comercializando majoritariamente bebidas como cervejas, refrigerantes e água. Porém, algumas dessas barracas se dedicaram à venda de churrasco, batata frita, pastéis, bombons, sorvetes e acarajé⁸⁴. Pela sorte de produtos, nota-se que há um comércio bastante variado, sendo bastante significativo para esses vendedores.

Figuras 20 e 21: Vendedores na Praça da República (1 e 2)



Fonte: Imagens produzidas pelo autor (outubro de 2022).

⁸⁴ Já virou tradição entre os vendedores de acarajé, um grupo praticante da religião afro-brasileira, realizar uma cerimônia com cantos e batuques antes do início das vendas na Festa da Chiquita.

Túlio, vendedor que trabalhou na Praça durante a Chiquita de 2022, disse que conseguiu lucrar 1.700 reais em um apurado superior a 3.000 reais em vendas, valor esse que se assemelhou ao de outros vendedores. Segundo ele, a venda de “*bebidas com álcool*”⁸⁵, *cigarro e café*” foi o que garantiu a lucratividade, definindo-a assim: “*um evento organizado, adorei o público, a segurança, tudo calmo e moderado*”. (Fragmento de Entrevista com Túlio, Outubro de 2022). Outra vendedora citou a cerveja e o cigarro como os produtos mais procurados, ressaltando sua motivação para participar do evento: “*o lucro rápido, por ser (a Chiquita) uma festa tradicional que arrasta muita gente, optei por ganhar um extra*” (Fragmento de Entrevista com Telma, Outubro de 2022).

Uma das *drags* que participou dos shows na Chiquita revelou consumir lanches, mas principalmente água e refrigerante, segundo ela, “*pra manter a energia lá em cima*”. Essa participante também chama a atenção para um detalhe importante, ou seja, de que o consumo relacionado à Chiquita não fica restrito ao dia da festa, pois há toda uma produção individual das *drags* que apresentarão seus shows no palco da festa e que também adquirem produtos dos vendedores ambulantes:

Quem não vai no comércio comprar uma unha que falta pra usar no dia da Chiquita? Ou um cílio? Naquele ambulante que vende, que tu sabe que é o mesmo cílio que vende na loja, mas tu sabe que ali vai sair um pouco mais barato... (Fragmento de Entrevista com Evandro, Outubro de 2021).

Adicionalmente, a organização da chiquita comentou sobre os produtos previamente mais procurados pelos artistas *drags* participantes da festa, imprescindíveis de serem utilizados durante os shows, aquecendo a demanda por esses itens no comércio local:

*Elas usam muitos tecidos, maquiagens, pedrarias, acessórios*⁸⁶ *pra se produzir. As drags queens usam muito esses produtos... O próprio Elói, a gente sabe que todo ano ele vem com uma roupa diferente. A gente usa produtos de (lojas de aviamentos),*

⁸⁵ O alto consumo de bebidas alcóolicas na Festa da Chiquita, faz com que a vendagem nesse dia seja bem mais proveitosa que nos demais dias do Círio, muito em função dos cortejos religiosos que margeiam a Praça da República fazerem com que, os devotos participantes das procissões, procurem evitar o consumo de tais bebidas.

⁸⁶ Importante pontuar que a Economia Popular vai além das vendas de rua, já que uma de suas artérias repousa na produção domiciliar. Desse modo, o trabalho de profissionais como costureiras, artesãs, maquiadoras e cabeleireiras, quando realizadas na própria residência, também fazem parte dessa Economia, possuindo significativa demanda em função da Festa da Chiquita.

é pedra, é maquiagem, sapato, são coisas muito grandes. Todo ano a gente tem esse mercado consumidor. Todo ano as pessoas fazem uma produção nova para estar na Chiquita, pensa em algo diferente. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Há também o caso de um participante revelando que em 2021, por já ter seu figurino e maquiagem própria, não necessitou adquirir nada pensando na festa. Mas já outra mencionou a compra de itens como colares e outros adereços com as cores do movimento LGBT (Fragmento de Entrevista com Ivana Kelly, Outubro de 2021). Vale lembrar que a Chiquita chega a juntar um público de até 40mil pessoas na Praça da República, seu lugar cativo desde a sua primeira edição.

Figuras 22 e 23: Elói Iglesias no Camarim da Festa da Chiquita 1 e 2



Fonte: Reprodução Instagram @eloiiglesias oficial⁸⁷.

Milton Ribeiro mostra que o campo que envolve a Festa da Chiquita pode ser considerado como autônomo, sendo independente de estruturas e instituições. Numa relação de simbiose que mantém diretamente com segmentos de mercado (contratação de artistas), o Estado (em razão das inúmeras concessões que são necessárias); a Igreja, “visto que a Festa está diretamente relacionada ao Círio, embora não seja por ele encapsulada, pelo menos

⁸⁷ Imagem divulgada em 10 de outubro de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cji6gSOJGeN/?img_index=1 e 2. Acessada e reproduzida em 01 de novembro de 2022.

oficialmente”; e o movimento LGBT paraense, que contribui com a sua organização. (RIBEIRO, 2015, p. 10).

O nicho Queer que frequenta a Chiquita forma uma cadeia de consumo específica, fortificada pelo número expressivo de participantes, numa conexão estrutural que ocorre na Praça da República ao se mesclar ao Círio, corroborando com potenciais oportunidades de ganhos através das economias alternativas.

Figuras 24 e 25: Vendedores ambulantes na área externa da Festa da Chiquita



Fonte: Imagens produzidas pelo autor (outubro de 2021).

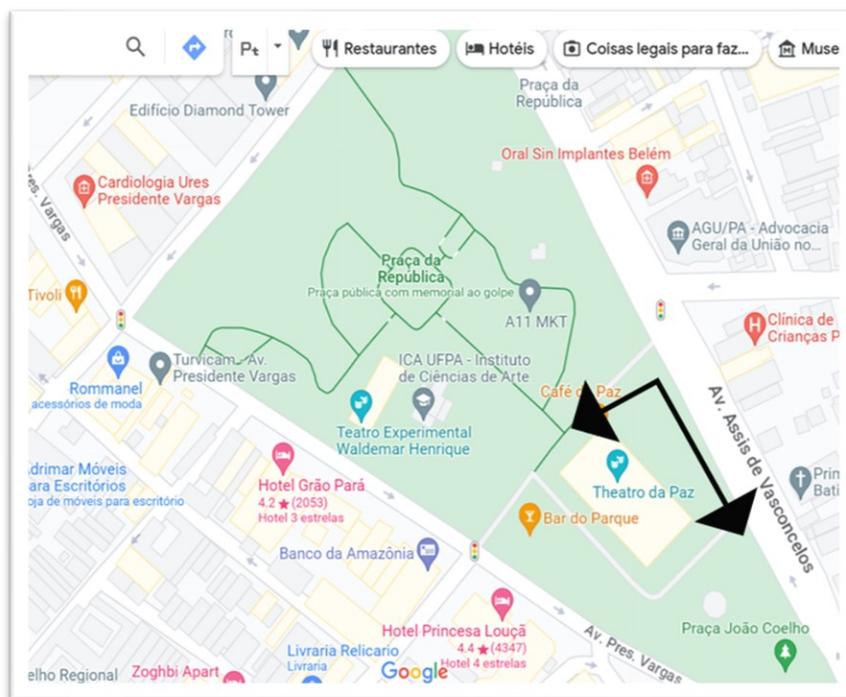
Sobre o movimento dessa cadeia de comércios informais, Elói complementa:

Sempre aparece alguém... Eles me procuram. Tem os caras que vendem gelo pra eles. Mas é muito grande, são mais de 50 [...] porque as pessoas vivem em torno daquilo tudo, ou seja, da quantidade de pessoas que ficam no entorno. E elas (participantes da festa) querem se colocar! Elas querem a bebida. Realmente a bebida é o grande item, é o que movimenta. Elas vão pra festa, então na verdade elas consomem muita cerveja, muito vinho, porque vinho é barato. (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

As 47 barracas já mencionadas, vinculadas a Festa Chiquita, situam-se apenas em um pequeno espaço dentre o destacado com setas pretas na Figura 26, notadamente representando uma ínfima parte da **Praça da República**, margeando a **Av. Assis de Vasconcelos**, onde fica

situado o palco do evento. Nessa contagem ficaram de fora centenas de outras barracas instaladas ao longo de todo o restante desta Avenida, bem como os lados da Praça que margeiam a **Rua Oswaldo Cruz** e a **Av. Presidente Vargas**, além todo o interior da Praça.

Figura 26: Mapa da Praça da República



Fonte: Adaptação de recorte de tela do Google Maps. Acesso em 16 Maio 2023.

Pela Figura 26, dá pra ter uma noção da enorme extensão da Praça da República e da possibilidade de negociação que se tem diante dela. Nesses espaços, além das bebidas, o destaque ficou para a grande quantidade de produtos como bijuterias, capas para celular, camisas e brinquedos. No entanto, artigos como acessórios em couro, sandálias, bolsas, óculos, vestidos, redes de balanço, leques, churrasco, salgados, maçã do amor e imagens de santos também compunham as opções ali disponibilizadas pelas centenas de vendedores.

A organização da Chiquita revela que não há um controle específico sobre os vendedores que atuam durante a festa, reforçando que, quando há, fica a critério da Secretaria Municipal de Economia em Belém – SECON. Ela também enfatiza que há um engajamento da organização, apoiando que esses trabalhadores tenham seus espaços de venda garantidos:

A gente não faz esse controle porque quem faz esse controle de vendedores ambulantes é a SECON - Secretaria Municipal de Economia. Então é ela que autoriza os vendedores ambulantes

a estarem na praça. Ela que faz esse controle, até porque são muitos, não são poucos, são milhares. A Praça da República é imensa! Eles gostam da Festa da Chiquita justamente pelo apoio que a gente dá a eles. Quando a festa tá rolando e com eles ali do lado, o Elói está sempre ressaltando a importância deles, deles estarem ali e tudo mais... Às vezes até chamando a atenção do poder público quando o poder público expulsa eles dos espaços, não permitindo que eles estejam nos espaços. A Festa da Chiquita tem muito essa ligação com os vendedores ambulantes. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Figura 27: Bijuterias e acessórios artesanais na Praça



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2022).

No discurso de abertura da Festa da Chiquita de 2022, a apresentadora fez questão de agradecer a presença das vendedoras e vendedores ambulantes que ocupavam aquele pedaço, desejando-lhes boas vindas e ótimas vendas, na torcida de que o evento pudesse lhes garantir excelentes oportunidades de negócios naquela noite. Nessa conjuntura socioeconômica de ausência de oportunidades de trabalho, a informalidade passa a ter uma representação importantíssima, já que é através dela que eles adquirem renda para o sustento pessoal e também de suas famílias.

Para se ter uma noção mais precisa do impacto da Chiquita nas vendas desses comerciantes de rua, apresentamos alguns trechos por eles expressados, onde afirmam vender

o dobro e até o triplo de um período habitual, exatamente pela grande quantidade de pessoas que dela costumam participar. Eles também comentam sobre o destino dado ao dinheiro conquistado nesse período:

Vale muito a pena! Já juntei dinheiro no Círio, Chiquita e outras festas do ano. Chegamos a juntar 20 mil pra dar de entrada num carro de passeio”. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

São vendas muito boas na Chiquita, porque são várias fantasias e muita divulgação, principalmente porque é muito atrativo. Vem muita gente de vários lugares pra ver, principalmente esse show pirotécnico deles. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Os vendedores demonstram um especial apreço por essa atividade, enfatizando as oportunidades que surgem função do contexto geral da festa do Círio:

Essa venda aqui pra mim, abaixo de Deus, é de onde eu tiro o meu sustento, né? Tiro pra minha alimentação, remédio, tudo! Abaixo de Deus, entendeu? Porque eu não sou empregada, eu sou autônoma. Então, onde tem esses eventos (como a Chiquita) na época do Círio que é o evento maior, você pode adquirir uma venda maior. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Representa o meu emprego, o que dá pra gente... A minha sobrevivência é daqui, na nossa venda. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

A gente ganha bastante, a verba é boa. Só que este ano como não teve não foi boa (por conta da pandemia). O Círio traz a multidão, né? (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Eu compro alguma coisa especial pra mim, entendeu? Vamos supor: quando eu não tinha televisão, eu trabalhei, trabalhei e comprei pra mim. Quer dizer, cada coisa que eu tinha, eu espero o Círio ser bom e aí eu compro pra mim. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Como vimos, em 2022, com a volta da Chiquita presencial, as vendas puderam retornar com força habitual. A única reclamação ficou por conta do tempo limitado da festa,

que foi reduzido mais uma vez, encurtando o limite para às 00h30, quando antes ia até a 1h da madrugada, o que é lamentável. Com isso, o tempo total de festa não passou de cinco horas, já que seu início se deu após a passagem da Santa, por volta das 20h.

Esses trabalhadores e trabalhadoras se esforçam bastante para colocar suas barraquinhas na Praça, enfrentando dificuldades de transporte e estocagem naquele espaço público, dedicando-se ao máximo para aproveitar as chances de realizar boas vendas. Uma festa que gera oportunidades para uma classe que se desdobra para atingir seus objetivos, atuando na contramão de uma realidade que a ela se impõe, como veremos a seguir.

3.4- “*Não tem que dar satisfação a patrão!*” O que os leva à Economia Popular?

A Economia Popular ganha notoriedade no campo da informalidade, dado ao cenário em que ela orbita, ou seja, de precariedades, somada a uma baixa qualificação de seus atores e a um cenário de carência de empregos formais que os absorva. Uma zona ainda bastante marginalizada, por vezes encarada como inferior, inclusive sendo considerada subalterna e até mesmo promíscua, sobretudo em função de sua forte atuação nas periferias urbanas. Ela surge como reflexo dos sintomas de esgotamento do modelo neoliberal e de seus inconfundíveis sinais, a exemplo da

Explosão de desigualdades sociais e da violência, o aumento do custo de vida, os mecanismos de favelização e gentrificação, o desencaixe entre as necessidades das comunidades, cidadãos e trabalhadores locais e as dinâmicas privadas e públicas de investimento e oferta de empregos, equipamentos e serviços (FRANÇA FILHO, MAGNELLI e EYNAUD, 2020, p. 172).

Cada uma dessas vendedoras e desses vendedores tem sua história escrita no contexto das vendas de rua, que é uma das poucas saídas para quem, pela baixa qualificação, e poucas chances de empregabilidade, necessita viabilizar alguma atividade que garanta o seu sustento. Assim, uma vendedora comenta sobre suas motivações para enveredar pelo caminho da informalidade:

Fui influenciada pelo desemprego. Um dia meu irmão mesmo me falou, ele viu que eu estava desempregada, trabalhava no comércio desde os 15 anos, aí quando foi um dia ele falou pra mim: “Olha, tu quer botar uma venda pra ti? Eu disse: onde? O irmão respondeu: Lá na Praça da República! Vai lá que dá muita gente aos domingos”. Aí eu fui e pedi uma cargueira emprestada para o marido de minha prima. Ele me emprestou aquelas bicicletas cargueiras e eu comprei um isopor e vim pra cá. A cerveja que eu trouxe, trouxe bem pouco, porque estava começando, né? Foi (vendeu) num piscar de olho! Aí, no próximo domingo, eu fui trazendo mais, e assim fui... Teve uma época aqui de eu empilhar 40, 50 grades de cerveja. Nesse tempo era grade. Colocava e cobria pra esperar o Círio. Vendia tudo e ainda ficava atrás de depósito para comprar mais. Era muito bom aqui a venda. Meu marido está comigo desde o começo, mas a ideia foi do meu irmão. Ele que me deu essa luz e ele nem trabalhava com isso. Ele é motorista, via o movimento e deu essa ideia e até hoje eu estou por aqui. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Outra ambulante reforça a questão do desemprego como razão para sua adesão ao trabalho informal, além da inspiração familiar. Ela falou que seu pai já negociava com bombons, roscas, pipoca e água, num ponto fixo situado em outra cidade. Depois, dois de seus irmãos passaram a ser vendedores ambulantes também, lhe influenciando. No caso dela, a situação foi a seguinte:

Eu trabalhava de empregada (doméstica) aí eu fiquei desempregada em 1999. [...] Como não consegui mais trabalhar, aí como tem que sobreviver, tem que fazer alguma coisa na vida... Comecei trabalhando com lanche e daí eu passei (mudei) pra vender água e refrigerante, porque é uma coisa que você só perde o gelo. Por exemplo: Se você não vender tudo durante o dia, você só vai perder o gelo, porque no outro dia você coloca o gelo na mercadoria e continua vendendo. E o lanche não, se você não despachar tudo naquele dia, ele não presta pro outro dia, aí é prejuízo! Aí dá mais trabalho, entendeu? (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Observa-se que essa vendedora passou por uma reformulação em seu negócio, a fim de evitar perdas, em função da perecibilidade dos produtos alimentícios, migrando para uma venda exclusivamente de bebidas. Por sua vez, um dos vendedores atribui ao dom herdado de

seu pai, sua inclinação para o comércio. Ele também ressalta o significado desse negócio como elemento fundante, base da sustentação de sua família:

Isso é um dom já! Meu pai [...] trabalhava vendendo peças de gesso, né? Que eram as imagens. E isso já vem de dom. Então, eu mesmo me estimulei, eu mesmo comecei a trabalhar, não foi ninguém que (incentivou)... Eu mesmo tive a ideia, eu mesmo botei meu próprio negócio. Corri atrás e hoje, graças a Deus, tá dando tudo certo! [...] Isso aqui pra mim é tudo! Primeiramente é Deus, depois o meu equipamento de trabalho, porque é daqui que eu tiro meu sustento. Daqui é que eu pago minha despesa. Daqui é que eu compro minha roupa, da minha mulher, da minha família, tudinho! Então isso aqui é meu tudo. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Também temos o testemunho de uma vendedora que, ao contrário das mencionadas, que foram influenciadas por familiares, foi motivada pelos próprios amigos a ter o seu negócio:

Eu trabalhava num restaurante primeiro, aí depois como eu ganhava bem pouco, teve um amigo que me deu uma ideia. Aí pegou e disse que eu deveria trabalhar pra mim mesmo, do que ficar dependendo e ganhando pouco dinheiro. Aí foi que eu botei bombons, água, refrigerante, coco, já aqui nesse local. Eu tenho muitos anos aqui (na Praça da República). (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Apesar de todo um cenário desmotivador, a informalidade também é vista sob uma perspectiva de reconstrução de significados, um fortificado fator de resistência. Assim, é necessária uma certa cautela acerca da conotação dada ao termo informalidade, face às circunstâncias ora apresentadas. Verónica Gago destaca que a informalidade não é sempre uma forma negativa dado ao que é legal/ilegal, mas positiva por sua natureza inovadora, por sua dimensão de *práxis* na busca por novas formas. O informal não por não ter forma, mas porque inventa e promove novas formas – produtivas, comerciais e relacionais, num momento de produção de novas dinâmicas sociais (GAGO, 2014).

Desse modo, a Economia Popular faz da força e da crise promovidas pelo neoliberalismo uma tecnologia de autoempreendedorismo em massa, que leva à uma

economia informal como pragmática vitalista⁸⁸(GAGO, 2014). Essa autora ressalta que uma massa de trabalhadores desempregada foi levada para as ruas e rodovias, estabelecendo formas de trabalho sem patrão, autogestionárias, mediante um forte desejo de autonomia, face à urgente necessidade de sobrevivência em uma situação cada vez mais desesperadora.

Algumas das entrevistadas trouxeram essa questão da autogestão, mencionando o fato de não ter patrão como algo relevante, um ponto positivo na atividade de vendedora ambulante. Assim, elas foram firmes ao apontarem essas e outras vantagens de se trabalhar na dimensão dessa *práxis*:

A parte boa do mercado informal é porque você trabalha todos os dias, mas também no dia que você não quer ir, você fica na sua casa e não tem que dar satisfação pra patrão, porque o patrão é você mesmo. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Que a gente dá pra pagar as dívidas, dá pra dar um passeio que nem eu fiz lá (na praia), passei 5 dias, pra que melhor? De vez em quando tem que dar uma voltinha. Pagar minhas dívidas e passear. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Porque trabalhar de empregado, você vai ter que aturar patrão, entendeu? Ele vai te pagar quando ele bem entender. E eu não, eu gosto de ter meu dinheiro todos os dias. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Tu pode tá sem nada, mas a partir do momento que você começa a trabalhar, começa a ganhar um dinheiro, com certeza. Aquele dinheiro, você vai comprar o que está necessitando. Você precisa de uma boa alimentação e pagar o que você está devendo. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

No entanto, mesmo sabendo dessa flexibilidade em termos de opção por não ter de dar satisfação em caso de não querer ir trabalhar, essas trabalhadoras são cerceadas de proteção

⁸⁸ A força do neoliberalismo leva à economia informal como pragmática vitalista, uma força vital microempreendedora com capacidade de conquistar, construir, liberar e também defender o espaço, o que envolve uma temporalidade. (GAGO, 2014).

previdenciária. Em casos emergenciais de saúde, ou mesmo em grandes eventos como o caso da pandemia, não há alternativas de seguridade para acolhê-las, que considerem as particularidades de suas atividades.

Daí a necessidade de um acolhimento mais eficaz sobre esse nicho, com respeito às histórias de lutas desses, como diz Gago “autoempreendedores” que labutam nas ruas, sobretudo no reconhecimento de seus esforços e no consequente direito às garantias que sempre lhe foram negadas.

3.5- “Cada um compra o seu!” Estratégias adotadas pelos ambulantes

As estratégias acolhidas pelos ambulantes entrevistados apontam para um panorama individualista de preparação de seus negócios, com cada um buscando os caminhos que mais lhe aprouverem. Detalhes como a forma de aquisição dos produtos, preparação para a Festa da Chiquita, estratégias de vendas a exemplo de busca por locais e condições de pagamento serão tratadas nesta seção.

Quanto à preparação dos negócios, todos os vendedores foram categóricos ao afirmar que adquirem seus produtos de forma individual. Nesse aspecto, não há quaisquer parcerias no sentido de compras compartilhadas ou coletivas, como também não há vínculos associativos. Os produtos são adquiridos geralmente em depósitos⁸⁹ de bairros, variando o sortimento e as quantidades de vendedor para vendedor. Enquanto uns compram um volume elevado constantemente, outros só aumentam a quantidade sazonalmente, como na época do Círio.

Não faço compras compartilhadas, porque nós todos temos uma maneira de comprar diferenciada. Principalmente porque eu compro muito, aí tem gente que compra pouco, aí não tem como fazer isso. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Não. Cada um compra o seu. Não tem parceria. Onde eu compro sai bem em conta, lá pro lado dos Jurunas, depósito

⁸⁹ Depósitos são as chamadas distribuidoras de itens com vendas no atacado, onde revendedores costumam adquirir seus produtos, principalmente bebidas.

grande... Há muito tempo (compro lá) e o preço é bom. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Há vendedores que adquirem itens não industrializados no Mercado Ver-O-Peso de Belém, como é o caso dos que disponibilizam água de coco em seus carrinhos. Mesmo assim, as demais bebidas costumam ser adquiridas em depósitos de bairro, reiterando que o lucro nessas festas, na grande parte das vezes, vem majoritariamente da venda de cerveja.

Em função do Círio, alguns ambulantes disseram procurar economizar com antecedência, para poder adquirir uma quantidade maior de mercadorias, inclusive diversificando os itens ofertados, tudo na expectativa de otimizarem suas vendas. Uma vendedora assim relatou:

A gente vem guardando. Eu trabalho num ponto da parada (de ônibus). Aí, quando é final de semana, a gente vai guardando um pouquinho pra, quando chegar nessa época, a gente ter o capital para comprar o material pra gente trabalhar, né? Porque geralmente a gente vende mais no Círio do que no dia a dia. Então eu venho economizando [...] pra poder comprar minha mercadoria. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

A maioria dos entrevistados afirmou trabalhar geralmente sozinhos, recorrendo à ajuda de terceiros apenas em grandes eventos como no caso da Chiquita. Uns trabalham com suas companheiras e seus companheiros, outros com os filhos: “São só meus filhos que me ajudam, somos três. Quando tem festa, assim, com bastante gente. Em dia normal só é eu”. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021). Há também os vendedores que possuem um faturamento tão expressivo que precisam da colaboração de outras pessoas, para ajudar em suas vendas, numa espécie de subcontratação que também ocorre de maneira informal. Em função da pandemia, esse vendedor disse que foi impossível tal colaboração em 2021:

Deixei de trabalhar com mais 5 pessoas, que a gente paga 250 reais pra cada pessoa que trabalha comigo. Trabalham vendendo, só fazem a venda. Eu pago almoço, janta e café da manhã e a merenda. Devido o movimento ter essa queda devido a essa doença aí (pandemia de Covid-19), muitos vieram me procurar, mas infelizmente eu não pude. Minha esposa que me ajuda na Av. Presidente Vargas. [...] No Círio a gente chega a

arrumar uns 10 mil reais, dependendo do que a gente vai trabalhar e as pessoas que tão ao nosso redor, nossos colaboradores, que a gente não diz funcionário, a gente diz colaboradores que trabalham pra gente. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

No horizonte dos estudos de Veronica Gago (2014), as economias populares apresentam uma composição estratégica de elementos de microempresa, sendo eficazes na superposição de laços de parentesco e lealdade, ligados ao território, bem como formatos contratuais não tradicionais. Essa configuração de trabalho é a base do comércio informal relacionado às atividades principalmente artesanais, sendo comum a comercialização de produtos em eventos urbanos de grande porte, como é o caso do Círio de Nazaré.

Todos os entrevistados disseram que só realizam suas vendas nas ruas, eximindo-se de praticar vendas em seus domicílios. A maioria percorre ainda outros grandes eventos da cidade, como festas juninas e natalinas, além de buscar equipamentos de lazer que possuam uma alta concentração de pessoas:

Geralmente, dia de domingo, quando tem concurso público, a gente trabalha. (Fragmento de Entrevista com Emilia, Outubro de 2021).

Dia 02 de novembro, estamos na porta do cemitério, dezembro no comércio porque é o movimento comercial muito grande. Virada de ano na beira das praias, Salinas, Mosqueiro, onde o custo tiver melhor. Também porque eu tenho outros equipamentos: tenho carro de pipoca, tenho carro de bebida, tenho carro de lanche, tenho tudo isso. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Mesmo mencionando outras oportunidades de venda, que vão desde locais onde ocorrem concursos públicos às portas dos cemitérios no feriado de finados, e praias durante o verão, realmente o Círio é que é tido como o maior evento com esse potencial. A Festa da Chiquita, em especial, em função do alto consumo de cerveja por parte do seu público, item esse que é naturalmente evitado pelos participantes das procissões religiosas. Outrossim, lembramos que a Chiquita adentra pela noite com um público enorme, fortalecendo a elevação dessas vendagens.

Uma vendedora lembrou seu percurso de vendas durante essas festas: “*A gente trabalha no Auto do Círio, ali próximo ao Tribunal. De lá a gente vem para a Chiquita e depois para a Motorromaria, e encerra no domingo do Círio*” (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021). Nota-se aí, a gama de possibilidades de atuação dos vendedores durante as festividades profanas ou mesmo religiosas realizadas nesse período.

Para trabalhar na Praça da República, os ambulantes pagam uma taxa visando emitir uma licença junto a Secretaria de Economia do Município de Belém - SECON. De posse dessa licença, não há um ponto exato para se posicionar nessa praça, ou seja, eles podem escolher o local que melhor lhes aprouver naquele espaço. A licença deverá ser apresentada em caso de alguma fiscalização solicitá-la. Uma ambulante nos detalha sobre esse aspecto:

Somos cadastrados na SECON da Prefeitura. Anual, a gente paga uma taxa, que não precisa pagar de novo no Círio. Não é melhor porque vem muita gente de fora. Esse pessoal de fora não paga nada e vende. Às vezes trazem cerveja mais em conta, porque eles não pagam. A gente ainda paga depósito, tudo isso aqui, para guardar os carros. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

A gente tem que pagar uma licença pra gente trabalhar. Paga à Secretaria de Economia da Prefeitura. No último ano que a gente trabalhou, eu paguei 50 reais. [...] A gente pode ficar à vontade, a gente só tem que tirar a licença, que é a licença pra gente trabalhar. Temos que apresentar, caso passe algum fiscal. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Ocorre que não há qualquer cadastro prévio por ocasião da Festa do Círio, tampouco em função da Chiquita. A licença a que os ambulantes se referem, vincula-se a uma autorização para o exercício da venda durante todo o ano, na Praça da República. Para a Festa da Chiquita, por exemplo, não existem critérios definidos sobre a ocupação dos espaços da Praça. Cada vendedor tenta se encaixar à sua maneira, lutando por um espaço para realizar suas vendas, sem a necessidade de pagamento de qualquer taxa. Quanto mais cedo eles chegarem, melhor posição eles conseguirão, em locais com maior visibilidade e principalmente passagens de pessoas.

Há também os que chegam quase no horário da Festa da Chiquita, tendo que se virar na busca de um encaixe em disputados espaços: “*Quando cheguei estava tudo lotado já,*

então eu só abri uma brecha para entrar na parte da grama” (Fragmento de Entrevista com Telma, Outubro de 2022). Esta vendedora disse ainda que a dificuldade maior se deu por conta do trânsito caótico, que a fez atrasar, chegando tarde e não conseguindo um lugar melhor para se alocar. Ela faz parte dos vendedores sazonais, que atuam precisa e unicamente em eventos com grande aglomeração de pessoas.

No entanto, vários ambulantes trabalham o ano todo nas imediações da Praça. Nesse cenário, um ponto que se destaca são as estratégias adotadas pelos vendedores, visando a atração de clientes, bem como na busca por deixá-los satisfeitos e assim ter a chance de conquistar a fidelidade desses consumidores. Aspectos do composto de Marketing são facilmente identificados nas atividades dos vendedores ambulantes que atuam na Chiquita. Las Casas (2009) explica que o composto de Marketing ou *mix* de Marketing envolve 4 variáveis: Preço, Praça, Produto e Promoção. Segundo esse autor, o Preço refere-se a quantia estipulada por um determinado produto ou serviço; a Praça está relacionada aos locais de venda ou distribuição desses itens; o Produto tem a ver com o que está sendo ofertado, podendo também ser um serviço; e a Promoção representa as técnicas utilizadas para se promover as vendas.

Já destacamos os produtos mais ofertados, conforme demanda da festa, e também já falamos sobre a praça de atuação, ou seja, o espaço onde os comerciantes informais estabelecem seus pontos de vendas. No caso dos nossos entrevistados, eles atuam mais precisamente nas imediações da Praça da República, como podemos observar:

Não, só fico aqui mesmo. Tenho clientes fixos que já são conhecidos e compram só em mim. Aparecem (na Festa da Chiquita) e vêm comprar comigo. Não conheço por nome, mas conheço de vista. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Pois tem os seus clientes que todo dia já compra com você, entendeu? Principalmente eu que já tenho um ponto fixo, graças a Deus, né? Então eu tenho meus clientes porque todo dia eles vão trabalhar e passam por lá comigo, me ajudam, compram uma água... Se você vai trabalhar naquela função ali, você tem que ter responsabilidade. Não é porque você trabalha pra você, que você vai (dizer): “Ah, hoje eu não vou trabalhar!” (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Constatou-se que o boca a boca e a visibilidade adquirida pelos pontos elegidos para o trabalho têm sido os grandes disseminadores de seus comércios. Uma promoção pautada principalmente em função da qualidade oferecida por eles durante o atendimento, o que tem contribuído sobremaneira para que os clientes sintam desejo de retornarem:

Eu tenho um amigo professor que atendo ele há 10 anos. Aí ele começou a trazer dois, que traziam mais dois. Teve um rapaz que me pediu uma cerveja e sentou ali no banco e disse: “Senhora, eu lhe observei. A senhora atende muito bem os clientes, oferece cadeira... Já umas duas vezes eu me sento nesse banco e fico só lhe olhando: você trata todos iguais!” Eu digo: “Com certeza! Para todos voltarem.” Pra que diferença entre clientes, né? Por que tem aquele que financeiramente é bem, né? E tem uns que são humildes. Todos são iguais pra mim. Eu tenho muitos clientes. Todo domingo estão aqui, mandam WhatsApp. [...] Eu viajei num domingo aí, fui dar uma volta lá em Fortaleza e avisei: “olha, domingo eu não estou na praça, mas tem minhas amigas que vendem. Quem quiser pode ir lá, mas quando eu retornar quero todo mundo firme e forte!” [...] Mas não tenho grupo de clientes. Mantenho contato com mais ou menos uns 10 aí digo: “Hoje estou aqui, já cheguei!” ...E eles vêm, às vezes eles dizem: “Olha, hoje não dá, mas tal domingo eu estarei aí!”. Teve um que ficou de vir e não veio e disse: “Olha, hoje estou com uma ressaca, sem condições!”. Sei que, graças a Deus, eu tenho muitos clientes! (disse, orgulhosa). (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

O uso do *WhatsApp* parece que vem, aos poucos, se tornando um aliado para esse grupo de trabalhadores, embora sua utilização ainda seja bem tímida e aquém de seu potencial. Como pudemos observar, a vendedora Renata disse que faz o uso desse aplicativo para manter contato com os clientes e avisar acerca de qualquer imprevisto que possa vir a ocorrer. Nenhum dos vendedores ventilou a intenção de um uso mais forte das redes sociais em prol de seus negócios, garantindo que o boca-a-boca ainda é uma estratégia bastante eficaz de promoção de suas vendas, bastando manter seu ponto fixo para que os clientes sempre voltem: “*Tem grupo no WhatsApp, mas quase a gente não usa. A gente conversa mais entre nós, mas não por telefone. Eles vêm até minha pessoa e às vezes eles me ligam, o pessoal me procura muito!*” (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Já outra vendedora se apropriou de uma maneira mais precisa e eficiente das facilidades tecnológicas, para conquistar mais clientes e elevar seu volume de vendas: *“Trabalho com cartão, porque tem muita gente que não tem (dinheiro em espécie), maquininha, Pix... Tudo a gente trabalha! Coloco cartaz que aceito”*. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Pode-se observar que, mesmo na informalidade, os vendedores têm buscado alternativas junto às tecnologias disponíveis, as que são acessíveis a um baixo custo, usando-as como aliadas às suas vendas, fortalecendo seus negócios. Elas se constituem como um apoio a mais nesse cenário de crise generalizada, a exemplo do uso do pix na hora dos pagamentos, como se observou na Festa da Chiquita de 2022.

Seria relevante, nesse sentido, uma ação promovida por órgãos de apoio ao empreendedorismo como o SEBRAE, ou mesmo universidades e escolas técnicas, com o intuito de oferecer atualização e estímulo ao uso de tecnologias de apoio às vendas. Elas dariam novas possibilidades de interação com o consumidor e impulso aos autoempreendimentos, contribuindo para minorar as dificuldades vivenciadas cotidianamente.

O fato é que, diante da ausência de uma orientação mais precisa, muitos vendedores perdem oportunidade de, ao utilizar ferramentas tecnológicas de baixo custo disponíveis, elevarem seus volumes de vendas. Há também uma ausência de orientação no sentido de se organizar para um acesso à previdência no futuro, e até no presente, uma vez que eles se encontram desprotegidos. Na ausência de uma seguridade, essas trabalhadoras e trabalhadores de rua costumam formar uma rede de apoio entre si, informalmente, no afã de lhes dar suporte quando da ocorrência de eventualidades que de algum modo prejudiquem as suas lidas, como detalharemos na seção seguinte.

3.6- *“Se a gente cair doente, precisa do apoio de um amigo...”* Dificuldades, diversão e solidariedade no trabalho de rua

Dentre as dificuldades enfrentadas, a pandemia teve grande destaque entre os vendedores que participaram deste estudo, sobretudo em função dessa crise sanitária ainda estar em vigor quando do procedimento das entrevistas. Aqui, esses trabalhadores tiveram a

chance de desabafar situações lamentáveis e por vezes constrangedoras que foram vivenciadas nas ruas, no decorrer desse período. Em razão do vírus da Covid, a população ficou ainda mais reticente, esquivando-se em adquirir produtos ofertados nas ruas, possivelmente por julgá-los mais suscetíveis ao contágio. Dada a relevância da pandemia para o contexto da Economia Popular atuante no Círio e na Chiquita, abrangendo exatamente o período desta pesquisa, dedicaremos um espaço neste trabalho especificamente para abordá-la.

No entanto, para além da questão pandêmica, o cenário cotidiano dos vendedores de rua reproduz uma série de obstáculos que deixa evidente o contexto de fragilidade e de precarização sob o qual eles operam. Uma vendedora expressa experiências vexatórias que ocorrem no dia a dia de seu trabalho, trazendo como exemplo a proibição da venda de cervejas pela Prefeitura local, justamente o item que representa sua maior fonte de lucro. Sobre essa situação, assim ela desabafou:

O que piorou foi mais na venda de cerveja porque nós somos proibidos de vender cerveja aqui. [...] Porém tem o Bar do Parque que não é proibido, que é dentro da praça. A gente vende com medo, com um pé atrás. [...] De primeiro (antes), eles levavam mesmo, quando pegavam cerveja no nosso carro, levavam. Tinham que levar porque era proibido, mas agora, graças a Deus estamos mais em paz. Eu espero que mude, né? Seja liberado mesmo. (Fragmento de entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Essa vigilância descrita pela ambulante se conecta à biopolítica expressada por Foucault através do poder disciplinar convergente à ação capitalista. “A vigilância se torna um poder operador decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar”. (FOUCAULT, 2014, p. 172). Observa-se no relato que, apesar de ser proibida a venda de bebida na Praça da República, o Bar do Parque, que está localizado nessa mesma Praça, consegue realizar suas vendas normalmente.

A ambulante mencionou que a motivação seria o perigo das garrafas de vidro, sendo que há muito tempo estas já foram substituídas pelas latinhas. Foucault (2010, p. 65) alega que existem duas raças quando há dois grupos onde, apesar de sua coabitação, não se misturam por causa de diferenças e barragens devidas aos privilégios e ao modo de exercício de poder. É o que a situação descrita parece denotar.

O relato da vendedora demonstra que o poder também se expressa de forma seletiva, havendo pesos e medidas divergentes, a depender do contexto social abordado, bem como de sua representatividade junto ao capital dominante. Foucault (2014) observa que o poder na vigilância hierarquizada das disciplinas funciona como uma máquina, distribuindo os indivíduos num campo permanente e contínuo.

Esse autor reforça que essa nova mecânica de poder incide primeiro sobre os corpos, extraindo deles tempo e trabalho, sendo exercida continuamente por uma vigilância que é suportada pelos sistemas de tributos e de obrigações crônicas (FOUCAULT, 2010, p.31). Assim, o vendedor ambulante, que já se origina de um exército de desempregados que não conseguiu se instalar no ambiente formal, ainda tem que se sujeitar a uma vigilância constante, muitas vezes rígidas, pautadas no cumprimento de obrigações assaz disciplinadoras, dadas as circunstâncias que permeiam sua informalidade.

Mesmo a situação tendo ficado mais amena em relação a esse problema, sem todo o rigor fiscalizatório que havia antes, há um desejo expresso de que a liberação da venda de cervejas seja enfim regulamentada. Até porque não faz sentido algum que os ambulantes sejam cerceados de comercializar algo que a poucos metros segue liberado, só que num espaço mais requintado e atrativo para uma classe social mais abastada.

Tal situação deixa os vendedores ambulantes suscetíveis a constrangimentos, uma vez que, para continuarem suas vendas, muitos se arriscam na ilegalidade, inclusive correndo o risco de terem suas mercadorias apreendidas. *“Ainda não tá liberado pra gente vender, mas aqui e acolá a gente dá o jeito da gente, e vai vendendo... (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).*

Outra dificuldade ventilada ficou por conta do aumento dos custos para a aquisição dos produtos na base, nos chamados depósitos. Em razão desses aumentos, lidar com a insatisfação dos clientes é algo inevitável, uma vez que não há como se esquivar de repassá-los para os itens que são negociados, inclusive como premissa básica para continuidade dos negócios:

Muitas das vezes os clientes reclamam, mas o que eu digo sempre: “Moço, eu tenho que aumentar meu produto, se não daqui a algum tempo eu não terei condição de repor a minha mercadoria!” Porque se eu sair pra rua e vender as minhas

coisas barato, eu não vou ter condição de repor de novo pra mim continuar trabalhando. Porque se eu aumento pra mim, olha: O depósito aumenta, pede o preço dele... Tem que pagar, né? Então tem que repassar pro cliente também, né? Que é pra gente poder continuar no ramo. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

A ausência de uma infraestrutura adequada que proteja das chuvas diárias que ocorrem em Belém, independentemente da estação do ano, também estão entre as queixas dos vendedores, que lamentam a não autorização da SECON para que eles coloquem cobertas sobre o carrinho de vendas:

Só é ruim porque assim: E eu tenho que levar o carrinho. Aí chove, entendeu? Aí tem que ficar aqui, não pode botar coberta porque tu tem o limite do pessoal da Prefeitura, entendesse? É só assim e pronto, acabou-se. É só isso! (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

O preconceito sofrido também foi evidenciado pelos vendedores ambulantes, destacando desde os olhares de estranhamento até as pessoas que fecham os vidros dos carros ao vê-los nas ruas, despertando sentimentos de rejeição em alguns deles. Apenas um dos vendedores declarou não ter sentido preconceito ao longo de sua trajetória. Já entre os demais, ouvimos relatos como:

Muita gente renega a nossa pessoa (por medo de contágio com o vírus), muita gente humilha a gente pra caramba (Fragmento de entrevistas com Juan, Outubro de 2021).

Às vezes as pessoas não entendem que é daqui que a gente tira o nosso sustento, mas dificilmente acontece isso. Quando acontece, a gente tira de letra. Às vezes, as pessoas não gostam que a gente, [...] tem muita gente que fecha o vidro do carro, mas isso aí é coisa banal. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021)

Às vezes a gente vê que tem pessoas que olham que “Ah! Tá trabalhando aí...” Acha que tu tá aqui se divertindo... Não! Se a pessoa tá aqui é porque ela precisa, entendeu? (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

No entanto, nesse contexto, o que mais pesa é, sem dúvidas, a total ausência de proteção previdenciária e assistencial sobre esse segmento, de modo que, numa eventualidade,

a atividade simplesmente estaciona, restando-lhes os dissabores da ausência de recursos que possam suprir suas demandas básicas.

Assim, quando da ocorrência de alguma eventualidade, a exemplo de um acidente, doença ou qualquer outro motivo que os obrigue a um afastamento urgente das atividades, uma das características que mais se destacam no contexto da Economia Popular é a solidariedade; uma rede de apoio mútuo de onde eles tiram suas forças para enfrentar as adversidades. Lembrando que os princípios que regem a Economia Popular englobam esse entrelaçamento do recíproco e do redistributivo em seu diálogo com o mercado.

Trata-se de suportes que se fazem presentes nos momentos mais delicados, aqueles que põem obstáculos sobre a lida diária desses trabalhadores. Polanyi (2012, p. 83), ao falar sobre as estruturas de apoio e conexões fundamentais, ressalta que as “principais formas de integração da economia humana são a reciprocidade, a redistribuição e a troca”. Nesse sentido, os vendedores trazem testemunhos valiosos, demonstrando como esses aspectos, de fato, ocorrem em suas trajetórias:

Quando eu estava doente, meus amigos sempre me ajudaram. Os vendedores daqui mesmo. Eles me deram, não emprestaram dinheiro pra mim, me deram pra me ajudar porque eu estava muito doente. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Todos nós vendedores nesses termos somos unidos, ninguém briga um com o outro, todo mundo ajuda. Às vezes, num momento em que uma amiga minha passou por um problema em casa e ficou sem dinheiro, eu ajudei. O da cerveja, pra que quando ela vendesse, me pagava depois. Ela dizia: “Me arranje 3 pacotes ou 4, que eu vou vender e com o apurado eu te pago”. Ainda não precisei ser ajudada, mas... Uma amiga precisou viajar e não tinha como pagar o depósito pro carrinho. Ai eu levei o carrinho dela pra minha casa. Ela foi se operar da vista e não tinha (condições). Eu disse: “Deixa que eu levo, que lá em casa tem espaço!”, Levei o carrinho dela pra guardar. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Percebe-se um cenário amistoso onde a reciprocidade e o afeto se fazem presentes, numa colaboração mútua que se constitui como parte imersa no processo desses vendedores de rua. O socorro pode ocorrer nas situações mais inusitadas, desde os níveis mais simples como guardar um equipamento ou trocar um pneu, até os mais complexos, como

disponibilizar dinheiro para compra de remédios, ou cotas para ajudar numa cirurgia ou na compra de alimentos, dentre outros:

Já encontrei muita gente boa, porque a gente que anda na rua, às vezes fura um pneu, né? E uma vez eu estava numa situação difícil e encontrei um amigo que me ajudou. Não retribuí pra ele, porque às vezes a gente faz as coisas e a gente não recebe da mesma pessoa, mas já retribuí pra outra pessoa que estava na mesma situação, com pneu também. Quando fura é um problema, principalmente se você não tiver um socorro pra (ajudar a) trocar. E essa pessoa me ajudou muito! (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Onde eu estou que a pessoa está ao meu redor e vejo que está precisando de ajuda, com certeza, tendo, eu ajudo aquela pessoa sim. Porque a gente não sabe o dia de amanhã. Porque nós estamos aqui e de uma hora pra outra pode acontecer alguma coisa, provavelmente. Um amigo meu esses tempos agora, antes do Círio, ele se acidentou. E eu peguei, mandei comprar remédio pra ajudar ele, acidente de moto. Graças a Deus, deu tudo certo, ele já está melhor, tá trabalhando. Não tá andando 100%, mas tá trabalhando, vende lanche. Então, o que a gente pode fazer pra ajudar um ao outro a gente se ajuda. Eu principalmente, porque a gente depende da rua... (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Nota-se aí uma similaridade com a construção maussiana de vínculos, ao se enxergar, como dizem Alves e Bursztyn (2009, p. 599), uma “valorização do sentido do trabalho e compromisso com a coletividade”, ou seja, uma troca realizada que “não envolve apenas os serviços, mas bens simbólicos, pela vontade de construir laços”. Parece evidente que a subtração de direitos é uma situação perene para quem sobrevive da informalidade, mas esta foi indiscutivelmente capilarizada em função da Covid-19. Sobre os reflexos dessa doença e das ações solidárias que se espalharam, assim nos sensibilizou um dos vendedores:

Na primeira doença não! (primeira onda do Covid) Mas na segunda que veio, perdemos bastantes conhecidos que trabalhavam principalmente ao nosso redor. A gente sentimos muito a falta deles, porque morreu mais de 15 pessoas. Nossos companheiros de Presidente Vargas. A gente, aqueles que tinham condição, fizemos até uma coleta pra colaborar, pra comprar remédios, alguma coisa, pra ajudar os que estavam doentes. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Karl Polanyi aponta que a dádiva e a contradádiva ocorrem em ocasiões diferentes e têm um caráter cerimonial que elimina qualquer ideia de equivalência ou mesmo de caridade. Uma equação que foge ao nosso senso de justiça, ao demonstrar que essa “adequação significa que a pessoa certa, na ocasião certa, deve retribuir o tipo certo de objeto” (POLANYI, 2012, p. 88).

Essa reciprocidade solidária nasce de uma série de vínculos que vão se estabelecendo ao longo da jornada desses trabalhadores. São ligações inicialmente de cunho profissional, uma vez que a maioria trabalha na região central de Belém, mas que depois se transformam em verdadeiros exemplos de amizade e companheirismo. Juntos, eles dividem não apenas as dificuldades, mas se divertem muito também, ao compartilharem seus momentos de perrengues, mas sobretudo alegrias e conquistas da vida.

Importante destacar que Mauss enxerga a sociedade como um fato total, onde a “vida social é essencialmente um sistema de prestações e contraprestações que obriga a todos os membros da comunidade” (MAUSS, 2003, p.49). No entanto, segundo esse autor, essa obrigação é acompanhada de uma liberdade de desobrigação, ainda que isso venha a gerar um conflito, uma guerra, fortalecendo os vínculos das relações sociais pela incerteza e não pela equivalência. Desse modo, evidencia que “todo e qualquer bem ou serviço produzido tem uma natureza que vai além da material. Ela é, sobretudo, simbólica” (ALVES, 2009, p. 594). Uma teoria que “representa um argumento sociológico poderoso para se fazer a crítica dos 2 grandes paradigmas da modernidade, o estado e o mercado” (MARTINS, 2005, p. 52).

Por sorte, os vendedores de rua não vivem só de obstáculos. Além das características apontadas, como a ausência de patrão, a solidariedade dos parceiros e a amizade com os clientes; a diversão no ambiente de trabalho é algo que chama a atenção. Essa diversão se dá principalmente na companhia de seus colegas, sem a percepção de quaisquer sinais de rivalidade ou concorrência, em encontros onde eles compartilham histórias de dificuldades, causos e experiências, sempre recheadas de muito humor, alegria, e inclusive um pouquinho de safadeza:

Aqui é uma terapia. Eu digo pra eles que eu sou uma psicóloga, porque cada um tem sua história, né? Tem dia que a história é boa, tem domingo que a história é ruim. Eu digo que sou a

psicóloga e eles morrem de rir. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Meus amigos mesmo da mesma linha (também ambulantes), a gente brinca, conversa, fala coisa boa, fala também (risos) sacanagem, essas coisas... A gente toma cerveja no final do trabalho, todo mundo feliz! Todo mundo fez boa venda, vai embora pra casa todo mundo feliz da vida! (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

A gente toma cerveja, bate papo... Geralmente, depois que eu fecho meu carrinho, eu tenho umas colegas aí que ficam lá tomando cerveja lá com elas e depois vou embora pra minha casa. (Conversamos) sobre o dia-a-dia, contando sobre o movimento que foi devagar, as vezes foi bom, pronto! (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Quando a gente tá numa rodada, tomando cerveja, principalmente aos domingos, a gente conta nossas diversões que a gente tem. As nossas emoções que é as pessoas que a gente conhece, as meninas que a gente namora, com certeza! Vem muita gente de fora, a gente com certeza vai dizer que a gente é de ferro? Não! A gente cai em tentação sim, com certeza! (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Apesar das dificuldades, é reconfortante perceber que existe uma parceria entre esses vendedores, também informal, ainda que fora de uma zona associativa e regulamentada. Uma “dádiva” que traz benefícios tanto no campo da solidariedade, como no de construção de relações sólidas de amizade e companheirismo, usando da alegria e da irreverência como ingredientes combativos fundamentais diante das fragilidades vivenciadas. Trata-se da construção de outros vínculos, que vão além do econômico, moldados sobretudo pela generosidade e pelo compartilhamento.

Essa solidariedade, esse companheirismo e sentimento de compartilhamento também serão temas pontuados na próxima seção, ao se abordar as especificidades vivenciadas pelas trabalhadoras e trabalhadores da Economia Popular paraense, durante o auge da pandemia de Covid-19.

3.7 - A Chiquita, o Círio e a Pandemia da COVID-19

*Esta cova em que estás, com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É de bom tamanho, nem largo nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
(Chico Buarque)*

No final de 2019, o mundo foi surpreendido com a chegada do vírus de COVID-19, com sua forte inclinação pandêmica. Lamentavelmente, este cenário se confirmou já no início de 2020, alterando abruptamente o cotidiano mundial, inclusive com reflexos diretos sobre este estudo, conforme expressamos no início desta tese, ao discorrermos sobre os aspectos metodológicos.

Com isso, as Festas do Círio de Nazaré e da Chiquita necessitaram de contornos extraordinários para se adaptarem aos efeitos cinzentos acarretados pelo isolamento. As medidas visaram evitar qualquer tipo de aglomeração, alinhando-se às orientações sinalizadas pelas autoridades sanitárias. Concordando com Freitas e Pena (2020, p.37) “trata-se, pois, de um desgaste global e um dos maiores eventos históricos dos últimos cem anos, que atinge todos os setores indistintamente”. Informação reiterada por Gustavo Vallejo (2020) que a classificou como “a mais grave crise sanitária que há memória em um século”.

Armus (2020) descreveu como um desafio brutal ter que articular uma resposta política à saúde pública em meio à incerteza trazida pela pandemia de Covid-19. Nesse contexto, um verdadeiro efeito ‘bola de neve’ emergiu pela interrupção, em dois anos consecutivos, das 13 famosas procissões que aconteceriam no período da Quadra Nazarena. Na edição de 2020, todas essas procissões foram canceladas, e o trabalho passou a ser coordenado visando a promoção de um Círio com uma programação exclusivamente virtual. Na ponta do *iceberg*, o turismo foi drasticamente reduzido e toda uma cadeia econômica dele diretamente dependente foi seriamente afetada.

O cenário habitual dessa festa, anterior a pandemia, expressa a relevante potência que ela possui. Com um fluxo turístico acentuado, a cidade tem a sua economia movimentada em

todas as escalas. Para se ter uma ideia, uma reportagem⁹⁰ do Liberal informou que só em 2019 o gasto presumido de turistas durante o Círio de Nazaré foi na ordem de 120 milhões de reais, impacto que, somado aos outros setores, pode ter chegado a 1 bilhão (VAZ, 2020). Pantoja (2006) explica que o Círio propicia uma oportunidade privilegiada para o mercado circular, fato que faz o comércio da cidade ter o segundo maior faturamento do ano.

Ocorre que a pandemia ampliou bastante o número de trabalhadores atuantes na informalidade, estes na busca por uma fonte emergencial de subsistência em função da ausência de um outro horizonte de geração de renda a vislumbrar. Maranhão (2021) aponta que o número de vendedores ambulantes aumentou durante a pandemia, assim como a variedade de produtos oferecidos ao público, muito embora a quantidade de clientes tenha reduzido, seja pelas condições sanitárias impostas pelo governo, seja pela perda do poder aquisitivo.

A grande corrida pelos serviços propostos pelos aplicativos de transporte e de entrega também reflete a situação nefasta produzida pela pandemia. De acordo com Freitas e Pena (2020, p.38) o imenso comércio na economia informal inclui também uma nova fonte de renda com aplicativos de empresas cujos trabalhadores não têm qualquer proteção social. Antunes (2020), por sua vez, destaca que o advento das tecnologias alteraram as relações de trabalho, enveredando por uma crescente flexibilidade e desregulamentação, germinando um proletariado digital cada vez mais informal, intermitente e uberizado, numa nova modalidade de servidão.

Essa situação se adequa ao pensamento foucaultiano, quando ele diz “logo, em toda parte desigualdades, em toda parte violências que fundamentam desigualdades, em toda parte guerras” (FOUCAULT, 2010, p.132). Observa-se que se trata de uma luta, uma batalha diária na guerra pela vida, num contexto de profundas desigualdades onde os desafios, além de perenes, em certas ocasiões como na pandemia, aprofundam-se.

Acertadamente, Nogueira, Amaral e Jones (2020) revelam que a pandemia escancarou os efeitos deletérios da reestruturação global dos mercados laborais, onde a economia

⁹⁰ A reportagem utilizou como fontes, dados apresentados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE no Estado do Pará, em conjunto com a Secretaria Estadual de Turismo do Pará - SETUR.

informal sofre com a escassez de renda gerada pela interrupção de suas atividades, muitas vezes correndo riscos ao permanecerem ativos em busca de sobrevivência.

Nesse ambiente, segmentos como os de hospedagem (pousadas e hotéis), alimentação (bares, restaurantes e lanchonetes) e de corridas em veículos privados (serviços de táxis e carros por aplicativos), viram suas demandas reduzirem vertiginosamente, implicando numa abrupta redução em suas arrecadações. Vilarins (2020) informa que cerca de 400 negócios vinculados ao turismo no Pará, fecharam as portas, por conta da crise acarretada pela pandemia. Em relação a pandemia, uma participante do Círio assim se expressou:

Foi uma perda muito grande, porque Belém é muito visada em outubro, pelo Círio. Como as pessoas não poderiam viajar porque ainda não tinham sido vacinadas e tudo, aquela tensão pela COVID, então aqui sofreu um grande abalo na economia. Restaurantes, os próprios hotéis, então houve um grande abalo. O Círio é uma porta da economia através do turismo, muito forte nesse período do ano. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Tanto pela robustez de sua estrutura, como por sua projeção nacional, o Círio atrai milhares de turistas todos os anos, promovendo a lotação máxima de sua rede hoteleira, setor que foi bastante prejudicado pela pandemia. Enquanto, em 2019, os 12.000 leitos foram totalmente ocupados, em 2020, apenas entre 15 e 25% das vagas de hospedagens foram estimadas para a cidade (DANTAS, 2020). Já em 2021, essa perspectiva foi elevada para um mínimo de 30%, variando de empreendimento para empreendimento⁹¹ (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

O Círio 2020 também apresentou outros dados lamentáveis, gerando 50% menos empregos em função da crise sanitária (DANTAS, 2020). Nesse cenário, o Círio representa um diferencial inequívoco também para a Economia Popular, sobretudo no Pará, que, em 2019, figurava como o estado que concentrava a maior porcentagem de trabalhadores informais no Brasil: 62,4%. (NOGUEIRA; AMARAL; JONES, 2020).

⁹¹ Estimativa do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado do Pará (SHRBS-PA), em reportagem para o portal Agência Brasil. Disponível em: <[Expectativa de ocupação de hotéis durante Círio de Nazaré é baixa | Radioagência Nacional \(ebc.com.br\)](#)>. Acesso em 04 Maio 2022.

Trindade (2021) destaca que a expansão descontrolada do coronavírus serviu para demonstrar a fragilidade das condições de existência de uma parcela significativa de trabalhadores brasileiros, como também para comprovar que, em conjunturas adversas, os piores efeitos recaem sobre o proletariado. Concordando com esse autor, podemos perceber os reflexos por ele apontados no depoimento a seguir:

Nós que trabalhamos no comércio informal, devido esse trajeto que teve dessa doença, o que aconteceu? Muita gente passa do horário de dormir, passa do horário de se alimentar, praticamente fica com desgaste físico. Eu sou um. Eu estou dormindo pouco e trabalhando muito, pra suprir as minhas necessidades, pra honrar meus compromissos, porque eu fiz muitas negociações para quitar minhas dívidas. Então, não só eu, mas com muitos companheiros que trabalham no mercado informal aqui em Belém, tá acontecendo isso. (Um prejuízo de) 35 a 45 mil reais (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Polanyi esboça que a classe trabalhadora e a economia de mercado surgiram juntas na história, inclusive trazendo, na esteira, o ódio ao amparo público. Ele semeia que uma economia de mercado plenamente autorregulada exige que os seres humanos sejam objetificados, o que destrói a sociedade e o meio-ambiente. Daí a necessidade de mobilização, um direito à não conformidade, que inclusive deve ser institucionalmente protegido (POLANYI, 2012).

Destacamos que, durante a pandemia, a organização do Círio buscou diálogo com equipes capacitadas de profissionais da saúde e cientistas ligados às universidades para fazerem seus prognósticos em relação ao evento. Todas as precauções, naquele momento absolutamente necessárias, foram tomadas. Sobre a não realização das festas presenciais e seus impactos em 2020, a coordenação do Círio assim se expressou:

Além da não realização do Círio, desde março a gente teve a basílica fechada, entre março e junho fechada, e depois com a capacidade reduzida. E aí você tem como consequência direta disso a diminuição da receita, dos dízimos. Isso impacta lá na ponta, que são as obras sociais. Nós tivemos dificuldades nas creches, nós fizemos grandes campanhas ano passado de arrecadação de alimentos, um evento que a gente chama de Círio solidário, para tentar diminuir um pouquinho essa dificuldade. Então teve um impacto muito grande nesse

aspecto. Nós temos aqui o nosso arraial (no Círio), que funciona por cerca de 90 dias. Ele começa em agosto e é desmontado no final de novembro, então fica setembro, outubro e novembro. Tem gente que se sustenta quase que o ano inteiro do que ganha aqui nesses 3 meses, entendeu? É o natal do paraense nesse sentido, é rede hoteleira. Pra você ter uma ideia, normalmente já haviam decretos de que durante a época do Círio os taxistas podiam rodar com bandeira 2, pra ter um acréscimo de renda... restaurantes e bares que também fazem parte da economia da cidade... (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

Pela fala da Organização do Círio, dá para perceber o tamanho da rede que é afetada pela não realização da festa, e o quanto a igreja também lida com sérias perdas financeiras. Por conta da pandemia, o Arraial também foi impactado, funcionando por apenas **16 dias em 2020**, e **26 dias em 2021**, diferentemente dos **90 dias habituais**. Vale a pena frisar que esse Arraial envolve grandes personagens da Economia Popular paraense, sendo mais uma peça de reforço para a economia dos pequenos produtores, a exemplo dos artesãos dos brinquedos de miriti, que vêm driblando as adversidades na tentativa de superar essa fase desoladora.

Por sua vez, a coordenação da Chiquita menciona o desejo de proximidade com o outro, do afeto, da ausência do calor humano que afetou o psicológico de tantas pessoas no decorrer desta pandemia: *“Essa coisa de você receber as pessoas, uma coisa que na pandemia fez-se muito, né? Um problema, porque a gente é do abraço, a gente é do afeto... Acho que as pessoas querem que tu leve ela pra outros lugares, né?” (Fragmento de Entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).*

Nesse cenário nebuloso, uma vendedora lamentou a ausência do Círio dizendo que *“a pandemia deixou tudo mais difícil e as coisas ficaram muito mais caras, as pessoas estão reclamando dos preços. Se não fosse a pandemia, isso aqui estaria lotado!”*. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021). Essa vendedora também destacou a pouca movimentação nas ruas, consequência inevitável do isolamento social necessário naquele momento.

Para muitos desses pequenos empreendedores⁹², as vendagens realizadas no Círio, além de representar a maior arrecadação anual, se consolidam como base da subsistência familiar por um extenso período. Soares (2021b, pp. 38-39) destaca que “muitos sustentam suas famílias com produtos religiosos que remetem à nossa Senhora”, já que o Círio movimentava a economia local, gerando “emprego e renda para quem trabalha comercializando os variados tipos de produtos católicos”.

Em função desses aspectos, o Círio é conhecido em Belém como o ‘Natal dos Paraenses’. Melo (2021) destaca que as vendas no Círio costumam superar as que ocorrem no período natalino. Um vendedor ressaltou as dificuldades vivenciadas nesses tempos pandêmicos, afirmando que “*é o nosso segundo natal [...] chego a arrumar uns 10mil reais no Círio*”. Este ambulante também teve que lidar com a perda de sua mercadoria que ficou fora da validade, pela impossibilidade de vendas durante a fase crítica de isolamento. Ele apresenta outros detalhes:

A gente faz uma programação com tudo que nós compramos o ano todo, já contando com essa venda do Círio que tem em Belém. Eu, particularmente, estava mexendo na minha casa, que já há dois anos estava parada. E eu comecei em 2019, feito um empréstimo no banco[...] e tô lutando pra pagar porque me quebrou as pernas. Porque dois anos seguidos (2020 e 2021 sem Círio) não teve a renda que é esperada. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

A questão do endividamento também se destacou pela dificuldade em honrar os compromissos financeiros assumidos antes da eclosão da pandemia. Foucault (2010, p.43) em sua obra ‘Em defesa da Sociedade’ alerta que vivemos “em guerra uns com os outros, uma frente de batalha que perpassa a sociedade inteira, contínua e permanentemente”. Essa batalha reflete a luta dos ambulantes, cujo cotidiano ficou ainda mais acirrado por conta da pandemia, adicionando desafios danosos a uma situação que já era bastante difícil.

Essa guerra contínua, impetrada por Foucault, emerge como reflexo das consequências do capitalismo neoliberal, onde cada um é obrigado a assumir para si as responsabilidades de seus destinos, apresentando uma falsa ideia meritocrática. No caso dos vendedores de rua, há

⁹² Refiro-me aos vendedores ambulantes como pequenos empreendedores por considerar que, de fato, eles são, independentemente de atuarem basicamente na informalidade. A construção de seus modelos de negócios passa pelas etapas gerenciais que são comuns a qualquer tipo de negócio, excetuando-se, nesse caso, os trâmites burocráticos e, por via de consequência, a total ausência de garantias.

um desafio deveras assolador, como pudemos constatar em alguns depoimentos, a exemplo deste, que apresenta os impactos sobre os planos familiares em decorrência da não realização das festas:

Difícil, porque a gente espera o ano todo né? E já fazem 2 anos, 3 anos né? Desde 2019. Com certeza abalou muito a situação financeira da gente. Por exemplo: Eu deixei de construir, terminar minha casa, né? Porque eu tô terminando de construir minha casa, né? A festa do Círio ajuda a gente muito na parte financeira. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Ocorre que, mesmo com a pandemia a todo vapor, 100 mil fiéis realizaram uma procissão totalmente improvisada no Círio de 2020. Cardoso (2020) sublinha que “devotos de Nossa Senhora foram para as ruas no sábado e fizeram uma Trasladação ‘informal’, mantendo a tradição de levar a santinha até a Catedral de Belém, de onde sai no domingo, durante o Círio”. Ao longo do trajeto, foi possível observar os devotos rezando o terço e cantando hinos de louvor, onde demonstravam a fé, procurando tomar cuidados como o uso de máscaras e tentando manter um relativo distanciamento dos demais.

Em meio a essa difícil realidade, a organização do Círio revelou que seu maior sonho seria poder realizar o Círio presencial em 2021, o que infelizmente, mais uma vez, não foi possível de acontecer:

Porque a gente já vem de um ano de muita saudade, muita dificuldade. Enfim, conformados obviamente, resignados com a questão sanitária, sendo impossível uma aglomeração com a dimensão que tem o Círio. Não dá pra gente desconsiderar as condições sanitárias que a gente tem que ter. Mas se eu tivesse que ver um desejo realizado, é que a gente conseguisse este ano (2021) evoluir com o programa de imunização para, ao chegar outubro e ter a chance de realizar a festa. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

No ano de 2021, foi possível perceber avanços significativos por conta do programa de imunização. Embora a programação tenha permanecido prioritariamente virtual, foi permitido que as missas na Basílica ocorressem de modo híbrido, exercendo o controle do número de fiéis no seu interior. Na programação externa, apenas uma procissão foi possível de acontecer,

justamente por se tratar de um cortejo veicular e inibidor de aglomerações. Como destacou Cardoso (2021), o traslado para Ananindeua foi a única das 13 romarias oficialmente realizada durante o Círio de 2021, inclusive com um percurso mais reduzido e sem as suas tradicionais paradas.

Repetindo o ocorrido em 2020, a procissão do segundo domingo de outubro de 2021 acabou acontecendo novamente de modo informal e totalmente improvisado, perfazendo o trajeto habitual do cortejo. A diferença foi que o número de participantes simplesmente quadruplicou em relação ao ano anterior, ainda que totalmente desestimulados pela organização da Círio. Segundo Soares (2021a, p.38), “O 229º Círio de Nazaré reuniu aproximadamente 400 mil pessoas pelas ruas da cidade, mesmo sem a realização oficial da procissão da festa. [...] Com o avanço da vacinação e a queda no número de casos de Covid-19 no Pará, os fiéis tomaram as ruas de Belém com o intuito de pagar promessas e manifestar a fé”. Já esta reportagem do jornal Amazônia mostra que milhares de “pessoas não abriram mão de manifestar gratidão, fé e devoção a Nazica”, desejosos que a doença vá embora e que em 2022 todos possam estar no Círio agradecendo por tudo (AMAZÔNIA, 2021).

Sobre o fato dos fiéis tomarem as ruas mesmo durante a pandemia, uma devota participante do Círio se pronunciou da seguinte forma:

A COVID veio nos mostrar que, cada dia mais, a gente tem que estar conectado com a nossa espiritualidade, com o nosso sagrado. Essa conexão do povo com a sua fé, o compromisso que as pessoas têm realmente com esse evento. Porque a gente pode ver que apesar das restrições da COVID, a gente viu mais pessoas nas ruas, se sentindo mais seguras porque já tomaram a segunda dose, creio eu. Então se sentiram mais seguras para estar aqui, pelo menos eu me senti mais segura pra estar aqui, bem, com máscara e tudo, e também com a proteção de Deus, que me sinto mais segura. Esse compromisso das pessoas com a sua fé, pagando suas promessas, renovando seus votos com o nosso Deus. (Fragmento de Entrevista com Dona Margarida, Outubro de 2021).

Mesmo com a pandemia, observamos que os circuitos processionais das ruas centrais de Belém ficaram expressivamente lotados de vendedoras e vendedores ambulantes, ofertando uma imensa variedade de produtos em seus carrinhos, girândolas e barracas. Comidas típicas,

bebidas, ervas medicinais, objetos religiosos e artesanatos em geral foram itens abundantes no período, colorindo as avenidas com peculiaridades da cultura paraense. Alguns deles, inclusive, se instalaram em frente ao Memorial dos Povos, onde ocorreu, extraordinariamente, a Festa da Chiquita de 2021, como veremos em seguida.

3.7.1 - A Festa virtual da Chiquita

A irreverente Festa da Chiquita seguiu o mesmo caminho das demais manifestações culturais, apropriando-se das ferramentas da internet para cravar sua tradicional participação no tempo nazareno. Vidigal (2020) ressalta que a Chiquita em 2020 “foi transmitida em *live*, sem plateia presencial e pôde ser assistida ao vivo pelo YouTube de Elói Iglesias”.

Face ao panorama de isolamento, a organização da Festa da Chiquita assim desabafou sobre a sua representatividade para o povo amazônico, e também acerca da impossibilidade do contato físico que lhe é tão peculiar:

Essa coisa de você receber as pessoas, algo que na pandemia não se fez muito, né? Com o problema, porque a gente é do abraço, a gente é do afeto... Acho que as pessoas querem que tu as leve pra outros lugares, né? A gente não tem o costume de sair, nós somos muito apegados, principalmente na comida, nos sabores, nos nossos cheiros, no nosso aroma [...] Nós temos um jeito. Na verdade, o Brasil do norte é outra coisa, entendeu? (Fragmento de entrevista com Elói Iglesias, Fevereiro de 2021).

Em 2021, em meio a uma situação mais confortável, em razão do programa de imunização, a Chiquita pôde ocorrer de maneira presencial, respeitando o limite de 200 pessoas, no anfiteatro do Memorial dos Povos, espaço multicultural situado no centro de Belém. Durante o evento, foi possível observar músicos e demais participantes utilizando máscaras, retirando-as quando da necessidade de consumir alimentos e bebidas. Segundo reportagem do Jornal da Amazônia (2021), o “evento Filhas da Chiquita tem a primeira edição fechada desde que se tornou patrimônio cultural”. Azevedo (2021, p.3) expõe que a Festa da Chiquita é um símbolo de resistência LGBTQIA+, e foi realizada num formato

pocket, bem mais comedido, porém mantendo a diversão e a sua relevância como ponto de resistência cultural.

Em 2021, por conta da realização presencial, mesmo com restrita limitação de público, a festa conseguiu atrair vendedores ambulantes para as imediações do evento, na Avenida Governador José Malcher, há poucos metros da Praça da República, como foi possível identificar nas Figuras 24 e 25, constantes da página 147. Carlos, Tavares e Trindade Júnior (2021) abordaram a importância econômica da Chiquita, enfatizando a presença de ambulantes vendendo comidas, bebidas e objetos variados, inclusive relacionados ao Círio.

Figura 28: Festa da Chiquita no Memorial dos Povos, em 2021



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Sobre a realização nesse local, a organização da Chiquita assim comentou: “*Ano passado a gente fez uma live e esse ano a gente conseguiu esse espaço. Na verdade, a chiquita revitalizou esse espaço que estava abandonado, esquecido*”. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Um dos vendedores assim se expressou sobre o evento de 2021: “*Quando chega essa época agora, o pessoal todo se aglomera ao redor deles (público LGBTQIA+) porque eles quando vêm, eles vêm pra gastar! Então eles bebem, eles comem, então todos que trabalham ali com certeza vão vender*”. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Figura 29: Memorial dos Povos – Festa da Chiquita 2021 (concentração)



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Já outra vendedora lamentou, fazendo uma breve comparação com o período anterior à pandemia: *“A dificuldade foi essa... porque (na Praça da República) eles botam palco e dá bastante gente... E agora foi diferente, uma coisa diferente, parece que nem é Círio”*. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021). Ela se refere ao número limitado de participantes no evento em 2021, por ter sido em local fechado, no Memorial dos Povos.

Percebe-se que é uma festa realmente esperada pelos ambulantes, que sentiram sua ausência justamente por conta das visíveis perdas que tiveram. Seja no Círio, seja na Chiquita, há uma cristalina noção dos efeitos negativos promovidos pela pandemia. Uma das vendedoras que atuam na Chiquita assegura que, para essa festa, *“Vem muita gente de fora, entendeu? Se agora não fosse a pandemia, você ia ver como ia ficar lotadão!”* (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021), referindo-se à Praça da República, cenário principal desse evento.

Com todos os tradicionais eventos do Círio se adaptando à conjuntura pandêmica, Belém viu o seu fluxo turístico despencar como nunca, produzindo situações desoladoras, principalmente sobre a massa trabalhadora mais vulnerável. *“Foi um impacto muito grande, tenho amigas que passou fome”* disse Fernanda, referindo-se a suas colegas de labuta. Já Renata lamentou essa ausência reforçando que *“é dessa venda que tiro meu sustento, alimentação, remédio, tudo!”* (Fragmentos de entrevistas com Renata e Fernanda, respectivamente, Outubro de 2021).

Mesmo diante dos riscos oferecidos pela pandemia, os vendedores ambulantes foram às ruas, na esperança de realizar suas vendas, embora o reduzido número de turistas não colaborasse para que tal ação se concretizasse. Priscila Soares (2021b) mostra que, além de transbordar o clima de fé, o Círio “movimenta também a economia local, gerando emprego e renda” para comerciantes e autônomos, sendo que, para alguns, é “a única fonte de renda que garante o sustento das famílias ao longo do ano.”

Por sua vez, Araújo e Brandão (2021, p.97) evidenciam que os efeitos nefastos da pandemia recaem sobre os segmentos sociais mais vulnerabilizados, agudizando a precarização já existente, “principalmente e diretamente os trabalhadores informais que se encontram à margem da proteção social”.

Para uma compreensão mais nítida, vejamos o que nos relatou uma vendedora acerca dessa situação: *“Foi um impacto pra muita gente, teve gente que passou fome. Para minhas amigas foi muito difícil, para mim não foi tanto porque meu marido tem o serviço dele, pois ele é empregado. Se não fosse isso, teria sido pior, né?”* (Fragmento de entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Mattei e Heinen (2020, p. 648) apontam que o fechamento de praticamente todos os serviços de lazer afetou os que vivem dos famosos bicos e que os efeitos da COVID-19 no Brasil, mais do que nunca, desvelaram “a incapacidade do mercado em oferecer soluções adequadas à degradação das condições de vida dos trabalhadores”. Por sua vez Diniz, Silva e Guerci (2020) mostraram que o avanço da pandemia gerou efeitos imediatos sobre a Economia Popular urbana, especialmente por envolver formatos com difícil substituição de atividades presenciais por não presenciais. Acerca dos prejuízos e dificuldades enfrentadas nos últimos tempos, os vendedores ambulantes dessa maneira se expressaram:

Devido a essa pandemia, eu, principalmente, não só eu, mas todos os meus companheiros que trabalham no comércio, com certeza. A gente depende da renda do dia: se a gente vender a gente come, a gente bebe, a gente produz. Se não vender nada, muita gente vai passar dificuldade, principalmente tipo, passamos aí um período fechado e eu não consegui receber o auxílio. Eu passei um momento difícil, porque lá em casa só era a minha mulher que recebia, então não tinha renda. A gente passou um aperreio muito grande. Não podia trabalhar porque não tinha muita gente na rua e foi isso, o prejuízo que a gente

teve. Uma perda muito grande de mercadoria se venceu, a gente não teve como botar pra vender, pois não tinha quem comprasse, a mercadoria se estragou tuda, e foi uma perda total! (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Olha, só piorou agora com essa pandemia, porque ninguém estava podendo trabalhar, mas estava tudo bem. Depois que veio a pandemia, piorou. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

Não melhorou nada nesses 15 anos, porque antes a gente vendia muito bem. A gente chegava a vender 8mil reais de lucro no Círio (Auto do Círio, Motorromaria e Festa da Chiquita). Agora na última (2020) caiu para 3mil o lucro. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Da pandemia pra cá, ficou meio difícil a situação, porque as coisas ficaram muito caras, né? O material que a gente trabalha ficou muito caro. (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Já uma devota assim lamentou a ausência do Círio em função da situação pandêmica:

Afetar a quantidade, entendeu? Das pessoas que poderiam estar presentes, participando do evento, que diminuiu consideravelmente, porque as pessoas não podem nem viajar. Muitas pessoas têm que ter as doses das vacinas, tem que ter atestado dizendo que não estão com o vírus e tudo mais, então causa um grande impacto sim, por afetar as duas procissões, a trasladação e a do Círio propriamente. Eu fico triste porque houve um grande impacto das pessoas que poderiam estar aqui, mas que por conta do vírus, economicamente está sofrendo, afinal de contas, muita gente depende do Círio pra obter alguma renda. (Fragmento de Entrevista com Dona Aparecida, Outubro de 2021).

Realmente, a pandemia configurou um panorama no qual percebemos o quão importante é a força redistributiva do Estado, fonte imprescindível de suporte para a parcela da população mais fragilizada. Laville (2008) apresenta que a solidariedade democrática representa um elo social voluntário entre os cidadãos, designando normas e prestações estabelecidas pelo Estado para reforçar a coesão social e corrigir desigualdades, representando um seguro importante que se constitui como um último recurso para os mais desprivilegiados.

Face a tantas adversidades, cada um desses trabalhadores precisou se desdobrar na luta pela sobrevivência, durante esse período cinzento da nossa história. Na pandemia, a solidariedade vigeu com bastante potência, sendo um dos reforços importantes para o nicho que envolve os trabalhadores de rua, vejamos:

Na primeira (fase da pandemia) doença não, mas segunda onda que veio, perdemos bastante conhecidos que trabalhavam principalmente ao nosso redor. A gente sentimos muito a falta deles, porque morreu mais de 15 pessoas. Nossos companheiros de Presidente Vargas. A gente, aqueles que tinham condição, fizemos até uma coleta pra colaborar, pra comprar remédios, algumas coisas, pra ajudar os que estavam doentes. Muitos sobreviveram e muitos não conseguiram sobreviver, devido ter outras doenças, tipo diabetes, outras doenças que tiveram que atingiu os órgãos, estes foram mais frágeis e morreram. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Além da solidariedade, a tentativa de obter êxito em suas proposituras de vendas fez com que o uso da criatividade se destacasse como elemento fundamental nessa jornada em tempos de isolamento, como veremos no próximo tópico.

3.7.2 - Criatividade para driblar os efeitos da Pandemia

O uso da criatividade foi essencial na elaboração de estratégias de vendas que pudessem ser utilizadas com segurança mesmo em tempos de isolamento. Melo (2021, p. 31) mostra em sua reportagem que a “criatividade para inovar a produção é fundamental a empreendedores que se inspiram na fé para confeccionar peças de artesanato e enfrentar a retração nos negócios provocada pela pandemia de covid-19”.

Na Economia Popular, um exemplo dessa criatividade foi expressado nos vendedores ambulantes que focaram nas vendas de máscaras de proteção facial para Covid-19, estampadas com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, conforme Figura 30:

Figura 30: Máscaras de proteção contra a Covid-19



Fonte: Imagem produzida pelo autor (outubro de 2021).

Outro detalhe percebido foi que, nos anos de 2020 e 2021, dentre os objetos em cera (os ex-votos) comprados pelos promesseiros, o item do pulmão se revelou como grande destaque. Reportagem de Carvalho (2021, p.20) esclarece que “partes do corpo humano em cera fazem parte das demonstrações de fé e gratidão à virgem de Nazaré”. Essa matéria aponta que, por conta da pandemia, a demanda de 2020 caiu em relação a 2019. Porém, em razão do grande número de infecções causadas pela covid-19, “o pulmão passou a ser o órgão mais solicitado pelos devotos”.

A possibilidade de acompanhar à distância a entrega dessas peças simulando órgãos do corpo humano, na Barca dos Milagres instalada na Basílica de Nazaré, com tudo registrado através de fotos e vídeos, foi uma das facilidades oferecidas pelos vendedores durante a pandemia. Tudo no intuito de promover a segurança dos promesseiros que conscientemente evitaram sair de casa, sendo um estímulo adicional para elevação das vendas. A organização do Círio assim explica sobre essas peças:

Tem as imagens e os que a gente chama de ex-votos de cera que são objetos, enfim, parte do corpo humano normalmente. A pessoa teve um problema qualquer de saúde, então a gente tem rim de cera, perna de cera, coração de cera. Em 2020, embora a gente não tenha tido o Círio como normalmente ele é feito, por não podermos realizar as procissões, nós tivemos alguns eventos. E o que chamou muito a atenção foi a quantidade de pulmões de cera (dos promesseiros), em razão da pandemia. (Fragmento de Entrevista com Seu Luiz, Fevereiro de 2021).

A Festa da Chiquita também usou da criatividade para que os pequenos empreendedores LGBTs tivessem um espaço de vendas garantido, em função do período pandêmico. Assim, foi criada a 1ª Feira de Produtores LGBTs do evento, objetivando fomentar as economias populares, mediante a comercialização de itens diversos, como alimentos, bebidas, produtos artesanais e outros exclusivamente relacionados à temática da diversidade sexual. As Figuras 31, 32 e 33 apresentam um pouco dos produtos que foram disponibilizados na Feira.

Figuras 31, 32 e 33: Feira de produtos voltados ao Público LGBT (1, 2 e 3)



Fonte: Imagens produzidas pelo autor (outubro de 2021).

Sobre essa inovação, a Direção da Chiquita destacou que a motivação para inovar veio justamente em razão da pandemia, visando atrair ainda mais a população LGBT, através dessa feirinha que rolou simultaneamente à Festa:

Hoje a gente já criou a feirinha do empreendedor LGBT, que era uma coisa que a gente não tinha. A gente começou este ano. A gente procura inovar todos os anos. A gente precisa fazer algo para atrair mais a população LGBT a vir com a gente pra esse evento. Este ano a gente já criou a feirinha de empreendedor individual, onde tivemos a instalação de seis barracas. (Fragmento de Entrevista com Bruno Gomes, Outubro de 2021).

Ainda no espectro criativo, o SEBRAE⁹³ instalou uma máquina de autoatendimento em pontos turísticos da cidade, vendendo produtos do Círio produzidos por pequenos empreendedores paraenses (CAVALCANTE, 2020). Em tempos de pandemia, a configuração

⁹³ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE.

desse negócio dispensou o contato físico entre pessoas, ajudando tanto na proteção como no aumento do volume de vendas, beneficiando dezenas de pequenos produtores.

Através dessas ações criativas, os próprios agentes dessa informalidade buscaram contornar as dificuldades, agindo por si mesmos na tentativa de sobressair a esse ambiente de incertezas. A maioria contou com a solidariedade de seus companheiros de jornada. Nesse contexto de desproteção, o Estado passa a ser visto com uma grande expectativa de apoio, uma chance de se superar esse momento adverso.

3.7.3 - O Estado como esperança de vida

Diante de tantas dificuldades, a única esperança desses trabalhadores foi canalizada para o posicionamento do Poder Público em relação às ações que seriam implementadas, visando contornar as consequências originadas pela pandemia. Freitas e Pena (2020) elucidam que a informalidade geralmente absorve pessoas fragilizadas e em situação de risco de fome, sem remuneração permanente, subempregados, necessitando de uma rápida ação dos governos para assegurar renda e dignidade às pessoas vulneráveis. Segundo esses autores, são grupos que deveriam estar recebendo melhores e mais amplos benefícios sociais, sobretudo relacionados ao direito à segurança alimentar e nutricional.

Nessa direção, Foucault advoga que o “mercado devia ser um lugar privilegiado de justiça distributiva [...] para pelo menos alguns produtos fundamentais, como os produtos alimentares” plenamente acessíveis aos mais pobres (FOUCAULT, 2021a, p.58). Vê-se que a fome precisa ser encarada como prioridade absoluta, devendo os governos envidarem esforços para garantir o mais básico dentre os benefícios possíveis. É urgente a necessidade de deflagração de ações efetivamente capazes de alterar esse cenário deprimente.

Para tanto, é preciso lembrar a importância do papel do Estado que, com sua capacidade gerencial e redistributiva, possa se empenhar na redução das desigualdades, enxergando na Economia Popular, um dos importantes braços para esse feito. Polanyi (2012) evidencia que o Estado, como uma instância distributiva, é bem mais que um órgão de defesa, sendo imperativo haver um certo grau de centralização para que essa esfera possa atuar.

A nível de Brasil, dados de maio de 2022 demonstram os reflexos da pandemia sobre a fome, onde, segundo informações da FGV Social⁹⁴, uma média estarrecedora de 35% dos brasileiros sofreu em algum momento com a falta de dinheiro para alimentação. “Sinteticamente, os famintos representam grupos de risco para a pandemia do Covid-19 configurando-se uma tragédia humana ainda maior”. Polanyi (2012) relata que o medo da fome é que faz com que o trabalhador despossuído se sujeite ao trabalho precarizado. Certamente, esse medo primário, relacionado ao fomento da vida, fez abundar o quantitativo de trabalhadores que se subjugaram à informalidade e à uberização, como pôde ser observado nesses tempos de pandemia, como consequência de uma impressionante alta da massa desempregada em nosso país.

Nesse cenário, é fundamental encontrar meios para que esses milhares de trabalhadores, com o auxílio de políticas públicas eficazes, possam deixar esse ambiente de desproteção e enfim alcançar uma vida minimamente digna. Segundo Garcia *et al.* (2019), trata-se de uma questão que necessita ser equalizada, com a participação do poder público e sem foco coercitivo, para que esse setor consiga migrar da informalidade para um nível de trabalho que proporcione segurança social aos que nele operam.

Infelizmente, a proposta de transferir dinheiro como estratégia de redistribuição de riqueza ainda é de difícil assimilação para aqueles que assumem que a única renda econômica aceitável é aquela vinculada ao esforço individual ou para os que consideram tais subsídios como meros recompensadores de uma vadiagem (SAVINO, 2021). Trata-se de uma espécie de darwinismo social, uma ideologia que justifica um sistema que dá

aos ‘vencedores’ as virtudes de uma adaptação bem sucedida e aos perdedores a responsabilidade pelo seu fracasso [...] Com isso, o egoísmo se torna ‘nobre’ e os valores ‘nobres’ se tornam inúteis; o acúmulo material vira sinal de sucesso e a existência da pobreza, um mal necessário da natureza das coisas. (FRANÇA FILHO, MAGNELLI E EYNAUD; 2020, P. 170).

Contudo, resta-nos ignorarmos temporariamente essas visões míopes e focarmos na procura por soluções, através da união de esforços, para que programas específicos de apoio possam ser implementados. Dito isso, é fundamental que as novas tentativas, quando

⁹⁴ Fonte disponível em: <https://cps.fgv.br/en/node/38164>. Acesso em 26 Maio 2022.

surgirem, tenham um potencial significativo como agentes na mudança da realidade dos nossos trabalhadores. Como sabiamente diz Foucault:

No fundo, não se pode dizer, não se pode imaginar, não se pode conceber que um indivíduo, seja feliz se o todo de que faz parte não for feliz. Ou melhor, não se pode apreciar exatamente a qualidade de um indivíduo, o seu valor, a sua virtude, não se lhe pode atribuir o coeficiente do bem ou do mal se não o pensarmos na reciprocidade, ou, em todo o caso, se não o pensarmos a partir do lugar que ocupa no todo, do papel que nele desempenha e dos efeitos que nele produz. 370-371. (FOUCAULT, 2021a).

O professor Monte-Mór chama a atenção para a importância do governo estadual, mas sobretudo do poder municipal, em atuar na contramão, fazendo esse movimento de baixo para cima, como forma de fortalecer a economia local e combater a exclusão. Ele afirma que “no contexto ‘neoliberal’ prevalecente, o município tem se tornado o refúgio, talvez o último reduto do que restou do Estado de Bem-Estar. Este autor alerta para a necessidade da apresentação de novos arranjos entre Estado e Sociedade Civil (MONTE-MÓR, 2008, p.8).

Nessa direção, visando minimizar os efeitos sombrios ocasionados pela Pandemia, o Município de Belém, foi contemplado com três programas: O “Bora Belém”, o “Renda Pará” e o “Incentiva + Pará”; os dois primeiros mais abrangentes e com ajudas que variaram entre 100 e 500 reais, a depender dos critérios preenchidos.

Apenas o Incentiva + Pará, de iniciativa do Governo do Estado através do Banpará e da SEDEME⁹⁵, teve como foco os empreendedores individuais que foram prejudicados por força da crise sanitária, inclusive os vendedores ambulantes, desde que estes comprovassem possuir inscrições ativas no CNPJ⁹⁶ e no sistema da JUCEPA. Por conta dessas exigências, os empreendedores que atuam na informalidade não puderam ser contemplados com o valor de

⁹⁵ Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia – SEDEME e Banco do Estado do Pará - BANPARÁ. Pontuamos que o Pará é um dos poucos estados brasileiros a manter um Banco próprio. Além dele, apenas outros cinco estados continuam a investir nessa perspectiva de um banco estadual agindo em prol do fomento de suas economias.

⁹⁶ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica – CNPJ e Junta Comercial do Estado do Pará - JUCEPA.

R\$2.000,00, ficando restritos à possibilidade de inserção nos dois primeiros programas, cujas ajudas financeiras apresentaram montantes bastante inferiores⁹⁷.

Para se ter uma ideia, todos os ambulantes entrevistados para esta pesquisa disseram jamais terem possuído qualquer tipo de regulamentação que os caracterizassem como microempreendedores, o que, por consequência, os deixou de fora das ações governamentais que poderiam lhes beneficiar nesse momento delicado.

Nesse panorama, um dos vendedores desabafa, reforçando o quanto estão desprotegidos e como suas reservas se esvaíram, fato que certamente reflete a realidade de muitos dos seus pares:

É que a gente não paga INSS, e se a gente cair doente, a gente precisa do apoio de um amigo que possa ajudar. Ou então a pessoa tem que guardar um dinheirinho aí pra se respaldar. Eu mesmo, particularmente, tive que gastar o que eu tinha guardado pra passar essa turbulência aí (pandemia), mas só que eu passei um apertado muito grande. (Fragmento de Entrevista com Juan, Outubro de 2021).

Alguns vendedores conseguiram se valer do auxílio emergencial ofertado pelo Governo Federal na pandemia, que vigorou em 2020 e 2021, tendo minorado bastante seu valor⁹⁸ ainda no final de 2020. Assim eles comentaram:

Ah, afetou bastante, foi difícil. O que ajudou a gente foi esse auxílio emergencial (federal), que deu uma ajuda. (Fragmento de Entrevista com Renata, Outubro de 2021).

Recebi (ajuda) dos amigos. Do governo recebi daqui de Belém, do Estado e o auxílio emergencial do Governo Federal, graças a Deus! (Fragmento de Entrevista com Fernanda, Outubro de 2021).

Sim, do governo federal. Não possui registro. (Fragmento de Entrevista com Emília, Outubro de 2021).

O fato é que não houve um programa específico de atendimento aos ambulantes que atuam na informalidade, razão pela qual estes ficaram completamente alheios aos benefícios

⁹⁷ Informações disponíveis em: <https://sedeme.pa.gov.br/incentiva-para>; <https://www.sedeme.pa.gov.br/renda-para> <https://fdr.com.br/2021/04/23/belem-cria-auxilio-emergencial-com-parcelas-de-r-450-para-publico-feminino/>. Acessos em: 7 de fev. 2022.

⁹⁸ Informações constantes do site <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/09/01/auxilio-emergencial-de-r-600-chega-ao-fim-qual-sera-o-novo-valor-e-ate-quando-sera-pago.htm>. Acesso em 07 maio 2023.

assistenciais mais robustos, estes precisamente voltados ao microempreendedor formalmente registrado.

A realidade demonstra que vários desses pequenos comerciantes não conseguem sair da informalidade. Fatores como condições financeiras precárias, ausência de orientação adequada, desconhecimento dos trâmites legais, ou simples despreparo, acabam desestimulando a busca por uma legalização. Há os que sentem verdadeira aflição para lidar com os formulários ofertados pelas repartições, necessitando de um apoio, um estímulo. Dados do IBGE apontam que 68% das pessoas que ficaram sem trabalho no segundo trimestre de 2020 tinham postos informais, ficando sem direito a quaisquer dos benefícios comuns aos que possuem carteira de trabalho assinada. (MONITOR MERCANTIL, 2021).

Em meio a esse quadro, estamos convictos de que é preciso ter ciência do importante papel prestado pelo vendedor ambulante, esse autoempreendedor. Lançar um novo olhar sobre esse segmento que, mesmo na informalidade, não deixa de ser um microempreendedor com uma significativa contribuição para a economia local. Através do seu trabalho, além de buscar garantir a subsistência familiar, ele faz o dinheiro circular e consegue oferecer uma alternativa de consumo de baixo custo junto às massas dos grandes centros urbanos, como é o caso de Belém.

A pandemia mostrou a urgência de um modelo alternativo que afrente o metabolismo antissocial do capital, aprofundador das desigualdades, um novo projeto de valorização do trabalho humano (ANTUNES, 2020). O processo é lento, dificultoso, mas não pode ser encarado como mera utopia, pois a resistência ao poder é um ingrediente inestimável para que a mudança possa de fato acontecer. Importante destacar que ninguém cai na informalidade por acaso, sendo basilar uma visão holística acerca das nuances sociais, políticas e econômicas que permeiam determinada sociedade. Acertadamente, Foucault aponta que “foi contra o novo regime de exploração legal do trabalho que se desenvolveram as ilegalidades operárias” precarizações como a baixa de salários, o prolongamento das horas de trabalho e os rigores dos regulamentos (FOUCAULT, 2014, p.269).

Em razão da crise emergida pela situação pandêmica, Diniz, Silva e Guerci (2020) chamam a atenção para a necessidade de estratégias de apoio estatal à Economia Popular. Algumas das sugestões apresentadas por esses autores para arrefecer os impactos sobre a

Economia Popular foram elencadas num Dossiê, onde destacamos: suspensão do pagamento de taxas de uso de vias públicas; apoio a iniciativas de comercialização via entregas a domicílio; oferta de material educativo sobre vendas *online*, além da necessidade da implementação de uma renda básica emergencial para as famílias que integram essa Economia.

Em relação aos vendedores ambulantes que atuam durante o período do Círio em Belém, seria interessante que o poder público encontrasse meios de ajudar financeiramente os agentes que dependem de eventos de grande porte como fontes primordiais de geração de renda e que se viram paralisados em função da pandemia. A participação do Estado é fundamental como meio de amenizar as crateras sociais advindas da autorregulação de mercado, como premissa neoliberal.

Sandra Caponi corrobora com essas ações, reforçando que é fundamental ofertar linhas de apoio financeiro às famílias que dependem da Economia Popular ou informal, já que tais trabalhadores vivenciam o desamparo social e a ausência de estratégias de proteção, tendo que lidar com uma hiperburocracia que multiplica os obstáculos, a solidão e o abandono num dos países mais ricos do mundo, que é o nosso. (CAPONI, 2020, p. 217).

Como visto, os programas sociais ofertados durante a pandemia foram escassos e com baixíssimas remunerações, sendo inadequados à real necessidade dos trabalhadores. A intenção parece ter sido ao menos de amenizar a situação face a vulnerabilidade vivenciada, e, assim, acalmar os ânimos da população, despertando sentimentos de gratidão com a rasa ajuda oferecida, ainda que fundamentalmente necessária, evitando assim possíveis colisões.

Foucault (2021b, p. 20]) enfatiza que o poder se concretiza por sua função repressiva, gerindo a vida dos homens por uma utilidade econômica máxima, diminuindo assim “sua capacidade de revolta, de resistência, de luta [...] neutralizando os efeitos do contrapoder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente”.

Esse autor pontua a existência de uma forma de prisão que preexiste à sua utilização nas leis penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário quando se elaboraram “por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna”. Desse

modo, forma-se em torno deles, um aparelho completo de observação, registro e notações, constituindo assim um saber que se acumula e se centraliza. (FOUCAULT, 2014, p.223).

Luís Coraggio (2018) conclama que é imperioso encarar a pobreza e neutralizar os mecanismos de exclusão, convocando as universidades e escolas para, reunindo saberes práticos e científicos, pesquisar métodos que possam solucionar tais problemas e também inventar novas formas de organização. França Filho (2002, p.13) é categórico ao mostrar que é preciso a escolha de um projeto político de sociedade que possibilite a sustentação das formas de vida de indivíduos que não estejam centradas apenas nas esferas do Estado e do mercado.

A ausência da Festa do Círio e de todos os demais eventos a ele aglutinados, agudizou uma situação que já era bastante difícil, já que a Economia Popular é uma das grandes protagonistas das festas brasileiras. Se essas festas não acontecem, a Economia Popular sofre com seus efeitos, especialmente em razão do seu caráter informal e da consequente ausência de proteção das esferas governamentais. Que os governos prestem mais atenção e valorizem esse nicho que é tão carente e ao mesmo tempo tão pulsante e presente em nosso país.

Durante a pandemia, adentramos compulsoriamente numa luta árdua contra o tempo, que nos fixou uma série de cicatrizes em função das tantas vidas perdidas, especialmente a de amigos e parentes mais próximos. Ficamos na torcida para que esse vírus seja totalmente extirpado, e que, assim como ocorreu em 2022, as Festas do Círio e da Chiquita possam ano a ano se repetirem, com todas as suas potências de aglomeração. Lembrando que essas festas oportunizam uma conexão *sui generis* entre experiências que são extremamente necessárias como fundamento da vida, seja através do lazer, da devoção, e também da economia popular como fonte de trabalho e subsistência. E que esses tantos vendedores e vendedoras de Belém consigam gozar de uma recuperação vitoriosa de seus negócios, enquanto outras soluções ainda mais concretas são sonhadas, na esperança de serem realmente abraçadas pela esfera governamental.

Podemos dizer que a potência dessas festas está explícita, num cenário onde as atividades de lazer conjugam os aspectos da devoção e da diversão em um mesmo ambiente, por vezes indistinguíveis e inseparáveis, de tão conectados que eles se manifestam. Foi possível enxergar mais concretamente como esses elementos encontram-se imbricados no

cenário paraense, seja perfazendo o caminho do devocional ao lazer, como no Círio; ou o seu inverso, do lazer à devoção, como ocorre na Chiquita. Uma festa que abraçou a luta LGBT para fazer a alegria da Praça da República, esbanjando garra, brilho e muita devoção à santa padroeira.

A esse lazer também se junta todo o tipo de negócio que se capilariza em razão dessas festas, sobretudo pelo caminho da economia popular. São trabalhadoras e trabalhadores que abdicam do seu ócio para se dedicarem aos seus negócios, ou seja negando seus ócios em prol de seus empreendimentos informais. Esse (neg)ócio, ou seja, essa negação do ócio ter por tarefa a geração de renda, contribuindo na batalha pela vida, e, dentro do possível, tentar resistir ao sistema que lhes rouba tanto o tempo quanto a dignidade. As vezes sofrendo, outras se divertindo, esse contramovimento se fixa num quadro de lutas por melhorias em diversos aspectos, como foi abordado ao longo deste trabalho.

Em face do exposto, torna-se imperioso reconhecer a importância desses eventos que entrelaçam movimentos fundamentais e intransponíveis para a sociedade brasileira, a exemplo do lazer, da devoção, da cultura, da diversidade sexual, e da Economia Popular. Estamos conscientes de que no enredo desses temas não há um protagonista, mas sim relações que se completam e se fortalecem na medida em que eles naturalmente surgem e se destacam por suas forças e representatividades. É nisso que acreditamos.

CONSIDERAÇÕES

*A vida devia ser bem melhor e será
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte!
(Gonzaguinha)*

Ao longo dessas tantas linhas, pudemos identificar as inúmeras imbricações que são possíveis de se relacionar com a Festa da Chiquita. Um evento de algumas horas, uma vez por ano, mas com um significado politicamente pujante, recheado de alteridades que a deixam ainda mais interessante.

A Chiquita fala de vidas sabotadas, mas que durante a festa são gozadas na sua plenitude e em tom de liberdade. Há quatro décadas ela dá o seu recado, sua parcela de contribuição para que a renovação do mundo aconteça, ao levantar uma bandeira nada leve, mas que imprime o que há de mais contundente na personalidade LGBT: A sua alegria! Esse contentamento que muitas vezes é escondido como forma de proteção, trancado nos armários, vitimado pelo preconceito. Como desejou um dos participantes: *“que a gente possa ser quem nós somos de verdade, sem precisar ter o peso na consciência, sem precisar ligar pro que as pessoas vão falar”* (Fragmento de Entrevista com Zezinho, Outubro de 2021).

Uma festa que enreda colaborações de níveis cultural, social, político e econômico, e que se conecta à religião de uma forma descontraída, exaltando Nossa Senhora de Nazaré do seu jeito, não menos devoto, na certeza de contar sua sensível proteção. Victor Melo expressa que os bens culturais relacionam valores e sensibilidades que “concedem existência concreta à sociedade”, inclusive questões econômicas, numa “conclamação para que percebamos as complexas articulações que se estabelecem”. (MELO, 2006, p. 31).

Um evento que promove a diversão e chama a atenção para causas favoráveis à população LGBT, conseguindo, além de tudo, movimentar uma significativa cadeia econômica, sobretudo relacionada à Economia Popular. No decorrer da festa, até mesmo antes e também um pouco depois dela, dezenas de vendedores ambulantes trabalham em prol do seu sustento, nas ruas, a fim de arrecadar uma renda extra que possa garantir muitas vezes o básico para suas famílias.

Por se encontrar aglutinada a uma grande festa religiosa, a Chiquita revela-se como uma prática social de lazer em um formato um tanto peculiar, ao exercitar num só pedaço, a devoção e a diversão, o sagrado e o profano. Daí por que suscita uma série de questões sobre seu modo de se colocar, de existir.

Conforme apreciação dos questionamentos formulados para este estudo, foi possível se aproximar do objetivo geral inicialmente proposto, que buscou compreender os sentidos que emergem das experiências socioculturais, políticas e econômicas da Festa da Chiquita ambientada no Círio de Nazaré, a partir do entrelaçamento entre a devoção, o divertimento e a economia popular.

Uma dinâmica complexa e cheia de minuciosidades, que foram, na medida do possível, acolhidas e detalhadas, conforme apreciação dos três objetivos específicos. Resumidamente, estes foram respectivamente dedicados ao Círio com suas particularidades devocionais e de diversão, o primeiro; à Chiquita com seus movimentos de luta, alegria e resistência, o segundo; e à Economia Popular, e seu contexto de vendedores de rua, abordando suas fragilidades e expectativas, o terceiro e último.

Os resultados encontrados deram sustentação à tese de que o entrelaçamento de aspectos como lazer, devoção e economia popular, fazem da Festa da Chiquita um importante símbolo sociocultural, político e econômico, com alertas contundentes na luta pelos direitos da comunidade LGBT e pela melhoria das condições de trabalho dos vendedores de rua que atuam na informalidade.

Ficou evidenciada a relevância sociocultural e política que a Festa da Chiquita possui, ao combater o preconceito estruturado sobre a comunidade LGBT, inclusive no âmbito da expressão devocional. Como visto, foram demonstradas as bandeiras levantadas pela Festa, suas causas no combate ao preconceito, bem como a importância de se estar há quatro décadas ocorrendo junto ao Círio de Nazaré. Além do reconhecimento do IPHAN, e da grande quantidade de participantes, a Chiquita permite que pessoas que vivem à margem social, possam ter um momento de descontração, gozando da liberdade de existir, tudo isso em plena praça pública. Nela, corpos silenciados vivem seus dias de protagonismo, sobretudo os corpos travestis que apresentam seus shows performáticos. Os discursos dos convidados no combate ao preconceito e na luta pela conquista de direitos tornou-se o grande mote da festa,

que faz a política através do fervor, de sua manifestação de lazer. Um de seus participantes assim a descreveu: *“Toda fé é igualitária. No Círio o LGBT se sente, querendo ou não, um pouco mais acolhido, um pouco mais abraçado!”*

Evidenciou-se também que a Festa da Chiquita mobiliza a Economia Popular, beneficiando os trabalhadores informais que realizam suas vendas em razão desse evento. Nos testemunhos ouvidos no decorrer da pesquisa, viu-se que a Festa da Chiquita, além da busca por material estruturante da festa, como equipamentos de som, vestimentas e adereços, movimentava a economia local sobretudo através dos vendedores de rua. Estes trabalhadores veem nessa festa, uma oportunidade ímpar de vendagem, sobretudo do item mais lucrativo e também mais procurado pelos brincantes: a cerveja. Toda sorte de bebidas, lanches, artesanatos e produtos religiosos é vendida na Praça da República, na noite da Chiquita.

Uma arrecadação que reforça a economia familiar desses trabalhadores, oportunidade em que muitos podem realizar alguns de seus sonhos pessoais. Outros, no entanto, demonstram através dessas vendas, uma garantia para o sustento familiar por um bom período, graças às oportunidades geradas pela festa do Círio. Por conta de suas características de fragilidade e ausência de amparo previdenciário, esses trabalhadores tiveram impactos ainda mais devastadores em função do isolamento necessário ao período pandêmico mais crítico, como também foi abordado.

A ausência da Festa da Chiquita em seu formato tradicional, nos anos de 2020 e 2021, deixaram ainda mais evidentes essas fragilidades, dadas as lacunas que se abriram em função da pandemia de Covid-19, prejudicando as atividades de lazer de rua e todas as possibilidades de conquistas sociais e econômicas que a elas se somam. Assim, o período pandêmico, além de provocar tensões em relação a saúde da população, com um quadro lamentável de contaminação e de mortes, capilarizou suas consequências por diversos setores da sociedade, afetando os cenários político, econômico, social e cultural do Estado do Pará.

Tanto em 2020 quanto em 2021, a bicentenária Festa do Círio foi obrigada a ser realizada de modo apenas virtual, diminuindo consideravelmente o número de turistas na época mais cobiçada do ano para a cidade de Belém. Vários setores sofreram, o comércio em geral teve seus prejuízos, mas o peso maior recaiu sobre o comerciante informal, a maioria completamente alijada de quaisquer direitos trabalhistas e/ou previdenciários. Além de lidar

com o desfortúnio da pandemia, que esvaziou as ruas, os impedindo de trabalhar, eles perderam também com a não realização do Círio e toda a sua complexa estrutura de festas.

Diante do exposto, foi possível enfatizar a força de dois grupos minoritários, carentes de acolhimento de políticas públicas no combate ao preconceito e na conquista de direitos. Em relação ao Público da Chiquita, a criminalização da homofobia, somada ao direito à devoção, e a visibilidade de suas existências em suas plenitudes, foram abordadas. Há também um desejo quanto a manutenção do direito ao casamento civil e à adoção, sem qualquer discriminação.

Num país com o mais alto índice de assassinatos de pessoas da comunidade LGBT, todas as ações solidárias a esse grupo serão sempre absolutamente pertinentes e bem-vindas. Apenas entre janeiro e abril de 2023⁹⁹ já foram 80 mortes, e destas 50 de pessoas travestis e mulheres trans. Alguns direitos já foram conquistados, mas é preciso avançar. A criminalização da homofobia ocorreu via Supremo Tribunal Federal, em 2019, equiparando-a ao crime de discriminação racial. Porém, a comunidade ainda não goza de uma legislação própria tramitada pelo Congresso. O direito ao casamento civil e à adoção permanecem válidos, mas há sempre uma faísca de diálogo com o retrocesso, face a um conservadorismo que tem se espreado no legislativo federal.

Um dos reconhecimentos importantes para a comunidade LGBT, seria o de um acolhimento mais contundente da Igreja em relação aos novos formatos de família, outras configurações fora do enquadramento heteronormativo. Importante lembrar que o Papa Francisco, chefe da Igreja Católica no mundo, tem sido bastante solidário à causa LGBT, mesmo entendendo que se trata de uma bandeira pesada para lidar diante dos dogmas seculares. Ainda assim, as vezes avançando, outras recuando (não se sabe precisamente o motivo) sempre que possível ele tem envidado esforços no sentido de quebrar os paradigmas existentes em relação a homossexualidade.

Mais especificamente, em se tratando da Festa da Chiquita, ações pontuais poderiam tornar o evento mais visível e passível de uma viabilidade mais confortável em sua realização. Um exemplo dessas ações seria, como bem sugeriu uma das participantes dos shows das *drags*, que o

⁹⁹ Informação publicada no perfil da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais – ANTRA no Instagram, no dia 15/052023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsRwqPYvoIF/>. Acesso em 16 Maio 2023.

evento não se limitasse ao final de semana do Círio, mas que prévias pudessem ocorrer, inclusive em clubes fechados, visando arrecadar recursos para o evento maior.

Outro caminho também seria, com antecedência, sensibilizar potenciais apoiadores, conscientizando-os da importância em se investir num evento voltado para a diversidade, tendo em vista o enorme potencial consumidor que esse público representa. Desse modo, seria possível conseguir patrocínios extras para investimento no espetáculo que é oferecido gratuitamente no sábado do Círio.

Visando a redução de custos, solicitar que os equipamentos necessários à realização da Festa da Chiquita, sejam inseridos conjuntamente com os dos demais eventos apoiados financeiramente pelo poder público durante o Círio, a exemplo do Auto do Círio e do Arrastão do Pavulagem. Itens como aparelhamento sonoro, palco e iluminação fazem parte desse contexto específico.

Eventos extras como a promoção ou participação em seminários, palestras, colóquios que divulguem a diversidade e o importante papel da Chiquita no âmbito da luta pelos direitos dos LGBTs, também seriam de grande valia para a promoção de políticas públicas que agreguem valor às pautas defendidas pela comunidade.

Quanto aos vendedores ambulantes, foi possível reconhecer a potência desses trabalhadores, e suas contribuições para uma movimentação econômica que necessita ser acolhida pelas esferas institucionais, reconhecendo a importância de sua particular dinâmica na estrutura social de nosso país.

Evidenciamos a necessidade de uma legislação acolhedora e sensível a causa da Economia Popular, coerente com a sua realidade e reconhecedora do seu imprescindível valor junto a sociedade que a cerca, como por exemplo, um cadastramento desses vendedores a partir da esfera Municipal. Tal conduta já daria uma fotografia parcial da conjuntura vivenciada, de modo a agir politicamente e de forma mais precisa sobre esse segmento.

O primeiro passo poderia ser a formalização de uma comissão, para que esta coordenasse os trabalhos, sendo constituída através de uma portaria com as devidas regulamentações e prerrogativas necessárias. Em seguida seria formada uma equipe com a finalidade de promover um levantamento dos ambulantes que atuam na região central de

Belém. De posse de um formulário simples e ao mesmo tempo eficaz, pegar os contatos desses vendedores e vendedoras, identificando dados importantes como renda, configuração familiar, condições de moradia, grau de instrução e vínculo previdenciário.

O próximo passo seria, a partir desse levantamento, convidá-los para uma reunião, de modo a ouvir seus anseios, dificuldades, sugestões, com o objetivo de entender mais pormenorizadamente a realidade desse segmento. Nesse encontro, o primeiro de muitos, eles já seriam informados sobre as possibilidades de regulação e dos caminhos necessários para adquirir uma proteção previdenciária, nas condições legais vigentes. Ao perceber as dificuldades nesse sentido, a comissão levaria aos setores competentes os empecilhos mais comuns detectados, como forma de pensar políticas públicas que consigam se adequar a realidade percebida, inclusive com programas específicos de incentivos financeiros por parte do município.

Haveria aí uma possibilidade para que o Poder Público procurasse formalizar parcerias com outras esferas governamentais e outros órgãos públicos, aí inclusos universidades, institutos federais e até com a iniciativa privada e ainda órgãos que atuem no setor comercial, de modo a promover a capacitação desses vendedores de rua. O foco seria tanto na otimização dos seus serviços como no atendimento ao público. Palestras, cursos, oficinas, e o estímulo ao cadastramento destes como microempreendedores individuais, realçando os benefícios de se estar minimamente protegidos, seriam ações de grande valia para esses profissionais de rua. Esse trabalho, a princípio na região central, também poderá, paulatinamente, ir avançando pelos bairros mais afastados e periferias.

Seria de extrema importância que os vendedores de rua se organizassem em termos de associação ou cooperativas, buscando a redução de custos a partir da possibilidade de realização de compras coletivas, além de dar uma maior visibilidade às suas pautas, sobretudo assistenciais e previdenciárias.

Em relação aos megaeventos, como o caso do Círio de Nazaré, fazer um chamamento, convidando-os a se habilitar para as vendas durante a Quadra Nazarena, oferecendo um programa de capacitação específico para esse período. Nessa etapa, buscar-se-ia uma organização em termos de padronização dos equipamentos de trabalho com adesivos, além de sombrinhas que dessem conta de proteger os equipamentos desses vendedores, das chuvas que

diariamente caem em Belém. Já os vendedores seriam identificados com coletes contendo a logomarca da imagem oficial da santa para aquele determinado ano. Também poderia se pensar num cartaz de divulgação dos produtos de maior saída como objetos religiosos, lanches e bebidas, visando atrair clientes e facilitar as vendas. Como estímulo e contrapartida, a Prefeitura ou Estado financiaria esse material, de modo que esses vendedores que atuam o ano inteiro nas ruas, mas, sobretudo no Círio, não tenham qualquer despesa para se habilitar a usufruir desse material.

Seria interessante pensar na adoção de rodízios em pontos com grande aglomeração de pessoas durante as festas, para que todos tivessem chances igualitárias de realização de vendas nos mais diversos pontos turísticos da cidade.

Também seriam convidados a gozar desses benefícios, os interessados em realizar as vendas especificamente no período no Círio, ou seja, aqueles vendedores que trabalham sazonalmente, apenas em eventos de grande aglomeração de pessoas. Com isso, se conheceria o perfil desses vendedores sazonais, dando-lhes também suporte em questão de padronização de coletes com identificação e adesivos para seus equipamentos. Imprescindível ainda ouvir os anseios desses trabalhadores sazonais, bem assim os impactos dessa atividade em seus orçamentos.

A partir de uma primeira experiência, a Comissão faria uma avaliação de seu trabalho no pós-Círio, visando identificar os pontos que necessitam ser corrigidos e melhorados, para que no ano posterior possam ser produzidos resultados ainda mais promissores ou ao menos condizentes com o objetivo esperado. Destacamos que em todos os aspectos aqui apontados, as novas tecnologias digitais poderiam se constituir como um valioso suporte, face as suas inúmeras possibilidades de aplicação.

A legislação que disciplina os auxílios financeiros e previdenciários tem deixado de fora importantes agentes econômicos que, por suas condições especiais, deveriam ser contemplados com programas alinhados às suas especificidades, como é o caso dos vendedores informais. O Professor Monte-Mór (2008) alerta que é preciso criar alternativas, modelos participativos que se aproximem do aprendizado social, redefinindo as estratégias de intervenções nos processos decisórios, visando o bem-estar comum. Dessa forma, esperamos por políticas públicas que atuem no sentido de que esses microempreendedores

informalizados possam ser beneficiados com regras assistenciais alternativas, que os transporte para uma formalização pautada na justiça e no reconhecimento do seu potencial valor.

Apesar de tudo, o cenário caótico promovido pela pandemia acabou demonstrando o quanto as festas são importantes, instrumentos de lazer imprescindíveis para o fortalecimento da cultura de uma região, de um país. O povo brasileiro é festeiro por excelência, e a festa religiosa do Círio é um acontecimento grandioso não apenas pelo expressivo número de participantes, mas principalmente pela riqueza cultural que a ele se conecta.

Como sugestões para novos estudos, recomendamos o aprofundamento de festas que tenham cunho político e social, discorrendo sobre cada uma de suas possíveis conexões. A Festa da Chiquita, por exemplo, poderia ser estudada sob o aspecto eminentemente religioso, com foco em sua estrutura devocional, que é bastante peculiar. Em relação ao Círio, festas como o Auto do Círio e o Arrastão do Pavulagem são propostas férteis de trabalho acadêmico na área do lazer, inclusive associadas à economia popular.

Seria interessante também um estudo que demonstrasse o vínculo dos vendedores ambulantes com as festas de rua que acontecem em Belém em outros períodos, podendo se fazer um comparativo com as que ocorrem especificamente durante o Círio. Com isso, seria possível reiterar a importância desse segmento empreendedor, reforçando a contribuição para a mobilização de políticas públicas a seu favor. Lembramos que o Brasil possui uma fertilidade festiva de Norte a Sul, com variadas oportunidades de interessantes estudos. Um trabalho desse tipo que envolvesse apenas as mulheres que são arrimo de família e atuam na informalidade também seria valioso.

A mensagem principal deste trabalho se pauta na luta para que, através da união de esforços entre governos e sociedade civil, seja possível gerar uma rede de apoio mais consistente sobre esse segmento que acolhe os vendedores ambulantes. Foucault, (2021a, p. 48) diz que “a economia é uma disciplina ateia; uma disciplina sem Deus” Desse modo, é preciso mudar esse contexto tão visível e patente em nosso Brasil.

Que sejam criadas condições de garantir a esses comerciantes, legislações mais flexíveis, que permitam um acesso mais fácil ao crédito e também maneiras alternativas de consolidar suas garantias assistenciais e proteções previdenciárias. Medidas que se adequem a

situação real desses trabalhadores, que os tire da informalidade, conduzindo-os a um ambiente digno do importante papel que esse nicho desempenha nos centros urbanos de todo o nosso país.

Evidencia-se também que a Chiquita se destaca sobretudo por sua ação política, apresentando as demandas do público homossexual, que necessita de um respaldo social para que possa ser acolhido com mais respeito. Uma festa que reforça a dignidade LGBT e que luta pelo pleno acesso dessa comunidade a todos os espaços públicos, independentemente de suas orientações pessoais. Destaca-se ainda, por força do contexto, o direito dessas pessoas exercerem suas devoções sem barreiras e com liberdade, em quaisquer das religiões que desejarem seguir e professar sua fé.

Acreditamos estar vivenciando um momento único de conscientização dos erros passados e reflexão do presente, com uma chance ímpar de encararmos o tempo atual para, com a contribuição da ciência e da tecnologia, procurarmos corrigir os danos que vêm sendo causados à sociedade. Urge pensar cada vez mais na coletividade, como razão absoluta de manutenção sustentável da vida humana.

De fato, podemos indagar se, por meio da educação, seria possível contribuir para a promoção de uma nova consciência social? Seria possível abrir portas para inovações enriquecedoras, que tornem a vida mais justa e interessante? Segundo Costa, Soares e Debortoli (2016), há nos estudos atuais um desafio em se interpelar o lazer entrelaçando-o a práticas sociais mais complexas. Para esses autores, ao dar voz às minorias, contribui-se para que se consiga alargar o conceito de lazer, percebendo-o de um modo diferente, mais acolhedor.

Entendemos, assim, que a luta inevitavelmente envolve riscos, pois as revoluções nunca são amenas. Precisamos de união, de gestão de talentos, educadores, pesquisadores, cientistas, de todas as áreas paridas pela educação, de modo a encontrar mecanismos de mudarmos a situação de vulnerabilidade sob a qual várias pessoas e por inúmeras razões estão imersas. É preciso abrir o mundo para que outras verdades, mais acolhedoras, sejam estabelecidas. Desse modo, a educação poderia ser vista como o portal para uma nova dimensão, àquele que abre caminhos para a promoção de cidadãos livres, autônomos, seguros e também felizes, por que não?

Que todos os brasileiros possam ter a chance de adquirir uma nova consciência, reunindo conhecimentos capazes de contribuir para o progresso desta nação, nas mais variadas frentes em que lhes aprouverem atuar. Trazendo para mim as palavras desse autor que representou um importante suporte para este trabalho:

Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; [...] que contribui no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (quero dizer qual revolução e qual pena). Que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la. (FOUCAULT, 2021b, p. 362).

Com essa mensagem foucaultiana chegamos ao final deste trabalho, se é que para um trabalho como este, possa existir um final. Acredito que não, pois ele estará sempre borbulhando ideias em nossas mentes. Se assim for, uma importante missão terá sido cumprida, pois o sonho não pode parar, não deve esperar. O percurso ainda é longo, mas, ao acolher essas temáticas, espero estar dando a minha dose de contribuição para fazer do mundo um lugar mais equânime, oportunizando espaços discussão a pensar soluções para que muito mais pessoas tenham acesso a viver em condições minimamente aceitáveis de dignidade e de respeito¹⁰⁰. Com a confiança Nelas: Viva a Chiquita e Salve Nossa Senhora de Nazaré!

¹⁰⁰ Coincidentemente, se é que coincidências existem, esta tese terminou de ser escrita e revisada na manhã de 17 de maio de 2023, ou seja, no “Dia Internacional contra a Homofobia”. Esta data comemora a retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doenças - CID, pela Organização Mundial da Saúde, no ano de 1990, quando este autor já contava com 12 anos de idade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo. **Círio de Nazaré reúne mais de 2 milhões de fiéis em Belém.** Correio Braziliense, site oficial. 13/10/2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/10/13/interna-brasil,797290/cirio-de-nazare-reune-mais-de-2-milhoes-de-fieis-em-belem.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2019.

AGUIÃO, Silvia. **Fazer-se no “Estado”: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBTQIA+” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281317/1/Aguiao_Silvia_D.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

ALMEIDA, Miguel Valle. **“Orientação sexual e direitos humanos universais” in A Chave do Armário: homossexualidade, casamento, família.** Florianópolis: EDUFSC, 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1k6z4pF8dSCjTEXLNxxTdBjwBmkRR6uq/view?usp=sharing>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **É dia de festa: reflexões sobre os movimentos de transformação do Círio de Nazaré e sua relação com o espaço da cidade de Belém/PA. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 12, n. 24, jul./dez. 2013.** Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/2359/1571>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ALTMAN, Max. Operamundi.uol (site oficial). **Hoje na História: 1978 - Ativista por direitos LGBTQIA+ Harvey Milk é assassinado em São Francisco.** 27/11/2013. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/32627/hoje-na-historia-1978-ativista-por-direitos-LGBTQIA+-harvey-milk-e-assassinado-em-sao-francisco>. Acesso em: 06 fev. 2020.

ALVES, Maria Odete; BURSZTYN, Marcel. **Raízes e Prática de Economia Solidária: Articulando Economia Plural e Dádiva numa Experiência do Ceará.** Documentos técnico-científicos. **Revista Econômica do Nordeste.** UNB, Brasília, Volume 40, n.03, p. 587-603, Julho – Setembro, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299487135_Raizes_e_Pratica_de_Economia_Solidaria_Articulando_Economia_Plural_e_Dadiva_numa_Experiencia_do_Ceara. Acesso em 02 nov. 2022.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto: Um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1980.

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de. **O relacionamento homoerótico na Grécia antiga: uma prática pedagógica.** **Faces da História,** Assis-SP, v.4, nº2, p. 58-72, Jun.-Dez., 2017.

Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/271>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARAÚJO, I. S. de; BRANDÃO, V. B. G. TRABALHO E RENDA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL. **Revista Práxis**, 2, 96–111, 2021. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2545>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ARMUS, D. No hay epidemia que afecte más a los ricos que a los pobres. **El País**. Paris, 21 de Out. 2020. Disponível em: <https://elpais.com/planeta-futuro/2020-10-21/no-hay-epidemia-que-haya-afectado-mas-a-los-ricos-que-a-los-pobres.html>. Acesso em: 25 maio 2022.

AZEVEDO, Lais. Festa da Chiquita em versão comidada. **Diário do Pará**, Belém, ano 38, nº 13.571, 9 e 10 out. 2021. Você, p. 3

AZEVEDO, Laís. Hoje (12) é dia de divar na Chiquita. **Diário do Pará Online**. Site oficial. 12/10/2019. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/cirio/537164/hoje-12-e-dia-de-divar-na-chiquita>. Acesso em: 15 out. 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHÍNOV, Valentin. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed., São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1999.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos de ócio e leisure studies – O atual debate filosófico, político e cultural. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p.20-30, jan./abr. 2016. Disponível em: http://mariammanuelbaptista.com/pdf/037_EstudodeOcio.pdf. Acesso em: 05 fev. 2020.

BITAR, Helder Fadul; REYMÃO, Ana Elizabeth Neirão. De Nazaré para Sé: Círio de Nazaré, Cultura, Economia e Direito ao Desenvolvimento. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**. Curitiba, v. 27, n. 3, p. 50-71, set./dez. 2022. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/1947>. Acesso em 01 Fev. 2023.

BRAMANTE, Antônio Carlos. **Gestão estratégica de negócios de lazer**. Brasília:SESI/DN, 2006.

BRITO, Arthur Erik Monteiro Costa de Brito; GOMES, Dérick Lima. A festa da chiquita: espaço sagrado e profano na fé-sta do Círio de Nazaré – Belém, Pará. **Revista de Geografia (Recife)** V. 33, No. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229161>. Acesso em: 17 dez. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Pandemia pela Covid-19** • Estud. av. 34 Mai-Ago, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; TAVARES, Maria Goretti da Costa; TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Círio de Nazaré: Tempos e espaços da festa em uma metrópole da Amazônia. **Revista Geografar**. Curitiba, v.16, n.1, p. 200-228, jan. a jun./2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/75856/44287>>. Acesso em: 21 Abril 2023.

CARNEIRO, Taymã; MAIA, Caio; FRANÇA, Andréa. G1 PA, site oficial. **Domingo de Círio teve multidão de cerca de 2 milhões de pessoas em Belém do Pará**. 13/10/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/10/13/domingo-de-cirio-teve-multidao-de-cerca-de-2-milhoes-de-pessoas-em-belem-do-para.ghtml>. Acesso em 21 out. 2019.

CARRARA, Sérgio. Moralidades, Racionalidades e Políticas Sexuais no Brasil Contemporâneo. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 2015, vol.21, n.2, pp.323-345. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132015000200323&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 13 abr. 2020.

CARVALHO, Luciana. Pulmões lideram objetos de promessa. **O liberal**. Belém, ano 75, n. 36.960, 9 e 10 out. 2021. Atualidades, p. 20.

COELHO, Danísia Sousa. **Lugar de fala e população LGBTQI+**. 2020. 48f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unifametro.edu.br/handle/123456789/430>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CORAGGIO, Jose Luis. Potenciar la Economía Popular Solidaria: una respuesta al neoliberalismo. **Otra Economía**, 11(20):4-18, julio-diciembre 2018. Disponível em: <https://www.coraggioeconomia.org/jlc/archivos%20para%20descargar/POTENCIAR%20LA%20EPS%20CORAGGIO%20REVISTA%20OE.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

CORAGGIO, José Luis. Karl Polanyi y la otra economía en América Latina, in Karl Polanyi. **Textos escogidos**, UNGS/CLACSO, Buenos Aires, 2012. Disponível em: https://www.coraggioeconomia.org/jlc_publicaciones_ep.htm. Acesso em: 01 fev. 2021.

CORTE, Tiago; CORTE, Thaís. A democracia no século XXI: crise, conceito e qualidade. In: Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 10, n. 2, p.178-201, mai-ago, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/45992/26312>. Acesso em 01 Fev. 2023.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. A festa dentro da festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos (07)**, UFPR, 2006,

pp.83-100. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7441>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

COSTA, H. S. M.; MONTE-MÓR, R. L. (Org.). **Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2015.

COSTA, Karla Tereza Ocelli; SOARES, Khellen Cristina Pires Correia; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer e Alteridade em “Outros” Modos de Viver: Aproximações com a antropologia. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG**. v.19, n.1., 2016. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1538>. Acesso em: 07 dez. 2018.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DANTAS, Abílio. Círio gera 50% menos empregos. **O liberal**. Belém, ano 74, n. 36.601, 11 Out. 2020. Panorama, p. 1.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, envelhecimento e participação social. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: [Lazer, Envelhecimento e Participação Social | LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer \(ufmg.br\)](https://www.ufmg.br/licere/revista-do-programa-de-pos-graduacao-interdisciplinar-em-estudos-do-lazer). Acesso em 22 out. 2021.

DINIZ, Sibelle Cornélio, SILVA, Gabrielle Lima, GUERCI, Mariana Rodvalho. Economia Popular Urbana e o COVID-19: Desafios para a região metropolitana de Belo Horizonte. Nota Técnica. **Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Colmeia Solidária**, CEDEPLAR, UFMG, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.cedeplar.ufmg.br/noticias/1230-nota-tecnica-economia-popular-urbana-e-o-covid-19-desafios-e-propostas-para-a-regiao-metropolitana-de-belo-horizonte>. Acesso em: 09 maio 2021.

DINIZ, Sibelle Cornélio. Possibilidades da economia popular e solidária no Brasil contemporâneo: apontamentos. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.29, n.3, p.963-985, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-63512019000300963&script=sci_arttext. Acesso em: 18 jun. 2020.

DISCINI, Norma. **Carnavalização**. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. (2018) No Círio de Nazaré, as filhas da Chiquita também fazem a festa: resistência, conflitos e reinvenção de uma urbe amazônica. **Revista EcoPós**. Revista do Programa de pós-graduação em comunicação e cultura da Escola de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. (21), n. (3). Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/12377. Acesso em 07 mar. 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, (20), 40-55, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>. Acesso em 18 Jun. 2021.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Círio de Nazaré, festa e paixão**. – Belém: EDUFPA, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1.^a ed., São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa-PT: Edições 70, 2021.a

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.b

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade. V. 2: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A., Guilhon. 10.^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.a

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade. V. 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A., Guilhon. 10.^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.b

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 42.^a ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2.^a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; MAGNELLI, André; EYNAUD, Philippe. Para superar o divórcio entre economia e sociedade: diagnóstico crítico e notas propositivas em um contexto de pandemia. **Revista Nau Social**. v.11, n.20. p. 167-184, Mai/out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36609>. Acesso em: 28 jul. 2023.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Análises & Dados**. v.12, n.1. p. 9-19, Jun. 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25741>. Acesso em: 05 jul. 2023.

FRANÇA, Vera. Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito. **Intexto**, v. 2, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3392>. Acesso em: 19 mai. 2020.

FREITAS, M do C. S. de F.; PENA, P. G. L. Fome e pandemia de Covid-19 no Brasil. **Tessituras Revista de Antropologia e Arqueologia**. Pelotas, v.8, s.1, p. 34-40, jan. a jun./2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18903>. Acesso em: 28 jan. 2022.

GABBAY, Marcelo M. Representações Sobre O Carimbó: Tradição X Modernidade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 9., 2010, Rio Branco (AC). **Anais...** Rio Branco (AC): Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, 1-15. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0223-1.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

GABRIEL, Patrick Bittencourt.; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Algumas aproximações possíveis de lazer e religião. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG**. v.10, n.3. Dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/926>. Acesso em: 05 fev. 2020.

GAGO, Veronica. What are popular economies? Some reflections from Argentina. **Radical Philosophy**, 2.02, p. 31-38, 2018. Disponível em: <https://www.radicalphilosophy.com/article/what-are-popular-economies>. Acesso em 05 fev. 2021.

GAGO, Veronica. **La razón neoliberal: Economías barrocas y pragmática popular**. – 1ª e. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.

GARCIA, Josemeire Aparecida; SOUZA, Ezequias Ferreira de Souza. F. de; TEIXEIRA, Thainara Pimentel; MIRANDA, Maria Geralda de. Informalidade: O perfil do trabalhador ambulante de Manhuaçu. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO DO UNIFACIG: SOCIEDADE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 5., 2019, Manhuaçu (MG). **Anais**. Manhuaçu (MG): UNIFACIG, 2019. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/1359>. Acesso em: 05 fev. 2021.

GIUSTI, Dominik. Portal G1. **Festa da chiquita simboliza o lado profano do Círio de Nazaré**. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2013/noticia/2013/10/festa-da-chiquita-simboliza-o-lado-profano-do-cirio-de-nazare.html>. Acesso em: 10 dez. 2018.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. In: (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

GONZÁLEZ, Ángela Sierra. Una aproximación a la teoría queer: el debate sobre la libertad y la ciudadanía humanidades. **Cuadernos del Ateneo**, N° 26, 2008, pp. 29-42. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3106547>. Acesso em 06 ago. 2021.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GREEN, J., QUINALHA, R., CAETANO, M., & FERNANDES, M. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

HEINTZMAN, Paul. Have Leisure and Know that I Am God: Christianity and Leisure. In: SPRACKLEN, Karl; LASHUA, Breet; SHARPE, Erin; SWAIN, Spencer. **The Palgrave Handbook of Leisure Theory**. London: Palgrave Mcmillan, p. 187-202, 2017.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. (Dossiê Iphan, 1).

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Parecer 01/2004**. Brasília, 17 ago. 2004. Disponível em: [Parecer DPI cirio de nazare.pdf \(iphan.gov.br\)](http://www.iphan.gov.br/Parecer_DPI_cirio_de_nazare.pdf). Acesso em: 29 Ago. 2022.

LAS CASAS, A.L. 2009. **Marketing: conceitos, exercícios, casos**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LAVILLE, J. L. Do século 19 ao século 21: permanência e transformações da solidariedade em economia. **Pesquisas Teóricas • Rev. katálysis** 11 (1) • Jun 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/z5HnpGHwvLQdxCyBg34LXPh/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LEITE, Vanessa Jorge. **“Impróprio para menores?” Adolescentes e diversidade sexual e de gênero nas políticas públicas brasileiras contemporâneas**. 2014. 364f. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social (IMS/ UERJ), 2014. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7182. Acesso em 16 out. 2020.

LEÓN, A. de. As artes da tirania: sexo, Foucault e Teoria Queer. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, [S. l.], n. 10, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/11828>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec / Unesp, 2003.

MARANHÃO, R. de A.; Comércio informal nos trens urbanos da cidade do Rio de Janeiro durante a pandemia de Covid-19. **Boletim de Conjuntura**. Boa Vista, v.8, n.22, p. 57-70, 2021. Disponível em: [ttps://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/4](https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/4). Acesso em: 23 fev. 2022.

MARIA MARINHO, C.; FERREIRA VERAS, E. Michel Foucault e a teoria queer. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 31 jul. 2017.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 73. Centro de Estudos Sociais de Universidade de Coimbra: Coimbra, Portugal, p. 45-66, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/954>. Acesso em 02 nov. 2022.

MATTEI, Lauro; HEINEN, Vicente Leoblein. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **J. Polit. Econ.** 40 (4) • Oct-Dec 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/8snSbBwVqmYgd5pZVQ5Vhkn/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUC, São Paulo, 2010. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3216>. Acesso em 15 out. 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTEIRO, Mayra. Círio é festa popular, plural e diversa. *O liberal*, Belém, ano 75, n. 36.960, p. 71, 9 e 10 out. 2021

MELO, Emilly. Fé orienta o trabalho de artesãos e designers. **O liberal**. Belém, ano 75, n. 36.960, 9 e 10 out. 2021. Atualidades, p. 31.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MENEZES, Wilson Ferreira; DEDECCA, Cláudio Salvadori. A informalidade no mercado de trabalho brasileiro: rendimento e principais características. **Revista Nexos Econômicos**, V. 6, N.2, P. 11-41, 2012. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revnexeco/article/view/9247>. Acesso em: 03 dez. 2020.

MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Melhoramentos: São Paulo, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 07 set. 2022.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normatização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 04 out. 2020.

Monitor Mercantil. Trabalho informal foi o que mais sofreu impacto negativo na pandemia. **Jornal Monitor Mercantil**. 30 mar. 2021. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/trabalho-informal-foi-o-que-mais-sofreu-impacto-negativo-na-pandemia/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

MONTARROYOS, Heraldo Elias. Veado e veadeiros na procissão do Círio de Nazaré: O mito medieval português de Dom Fuas Roupinho reencenado inconscientemente na Festa gay da Chiquita. **E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP** N.º 6, maio de 2018. Disponível em: https://www.iscap.pt/cei/E-REI%20Site/6Artigos/Artigos/Heraldo%20Montarroyos_Veado%20Festa%20Chiquita.pdf. Acesso em: 19 dez. 2018.

MONTE-MÓR, Roberto Luis M. Urbanização Extensiva e Economia dos Setores Populares. In: OLIVEIRA, M.P. et al (Orgs.). **O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas**. Rio de Janeiro: Lamparina/ Faperj/Anpege, v. 2, p. 128-140, 2008.

Disponível em: http://www.artecidade.org.br/mg_es/textos/urbanizacao.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

MORAES, Daniel Cardoso de Lima de. **Memórias de uma Chiquita Bacana**: uma breve história da Festa da Chiquita em Belém do Pará, suas dificuldades e lutas. 2022. 25 f. Artigo (Especialização em Ensino de História e América Latina) – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

MUNHOZ, Marcos Martinez. O impacto da mídia no ritual religioso de autopenitência do corpo na comunidade de penitentes da cidade de Barbalha no Ceará. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16., 2014, João Pessoa (PB). Anais... João Pessoa (PB): Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, 1-14 p. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0158-1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. Diálogos entre corpografia e etnografia. Ponto Urbe. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. 19/2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3316>. Acesso em: 15 out. 2020.

NATIVIDADE, Marcelo. **Margens da política: Estado, direitos sexuais e religiões**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

NOGUEIRA, Mara; AMARAL, Aiko Ikemura; JONES, Goreth A. Os impactos do COVID-19 no precarizado mercado laboral brasileiro demandam políticas abrangentes como a renda básica universal. **LSE Latin America and Caribbean Blog**. 26 Ago. 2020. Disponível em: http://eprints.lse.ac.uk/104861/1/latamcaribbean_2020_05_26_os_impactos_do_covid_19_no_precarizado.pdf. Acesso em: 28 maio 2021.

PAIVA, Vitor. Como e porque nasceu a bandeira arco-íris do movimento LGBTQIA+Q+ e o que Harvey Milk tem a ver com isso. Julho de 2017. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/07/como-e-porque-nasceu-a-bandeira-arco-iris-do-movimento-LGBTQIA+q-e-o-que-harvey-milk-tem-a-ver-com-isso/>. Acesso em: 06 fev. 2020.

PANTOJA, Vanda. Negócios sagrados: notas sobre o Círio de Nazaré em Belém-Pará. **Novos cadernos NAEA**, V. 15, n. 2. P. 261-278, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/682>. Acesso em: 10 maio 2020.

PANTOJA, Vanda. **Negócios Sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré**. Belém: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPA, 2006.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA, Felipe. **Festa da Chiquita: O baile gay e trans no meio da maior procissão do país**. Uol notícias. Site oficial. 13/10/2019. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/10/13/festa-da-chiquita-o-baile-gays-e-trans-no-meio-da-maior-procissao-do-pais.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.

PEREIRA, Joyce Kimarce do Carmo. **Entre festejos e ofícios: Um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos Sinos de São João del-Rei/Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Entre%20festejos%20e%20of%20C3%ADcios.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2018.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade entre brasil e Portugal: olhares partilhados. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**. Instituto Universitário de Lisboa. CIES e-Working Paper N.º 209/2017. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14531>. Acesso em: 17 dez. 2018.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PEREZ, Léa Freitas. **Festas e viajantes nas Minas oitocentistas, primeira aproximação. In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades**. UFRN/IFRN, 2008. Disponível em: https://anaiscolquiofestas2.files.wordpress.com/2011/08/ii-coloquio-festas-e-sociabilidades-anais-completo_lt.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

POLANYI, Karl. Aristóteles descobre a economia. In: LEVIIT, K.P. (Org.). **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Tradução: Vera Ribeiro. Contraponto, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Milton. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha Da Chiquita!” Notas etnográficas da Festa da Chiquita dm Belém-PA. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Ponto Urbe 16, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2646>. Acesso em: 07 mar. 2020.

ROZÁRIO, Elton Santa Brígida do. Para além da plumas e paetês: Movimento LGBTQIA+ no enfrentamento da LGBTQIA+FOBIA. **Anais do 16.º Encontro Nacional de Serviço Social – XVI ENPESS**. UFES, Vitória-ES, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro – 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1. ED. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAVINO, G. A. Las economías populares en contextos de pandemia. SEDICI Repositório Institucional de la Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2021. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/120427>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SERRA, Debora Rodrigues de Oliveira. O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: Uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-PA. **Revista Geo**, UERJ. Rio de Janeiro, n.30, p.240-176, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/18275>. Acesso em: 28 out. 2019.

SILVA, José Maria. Festa, devoção e identidades no Círio de Nazaré (Pará). **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 61, n1, p. 158-171, jan./jun. 2021. Disponível em: revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/775/684. Acesso em: 07 Set. 2022.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. “Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 6, jul./dez., 2014. Disponível em: http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-6/artigos/9_Eu_Sou_a_Filha_da_Chiquita.pdf. Acesso em: 25 dez. 2018.

SOARES, Priscila. Mesmo sem procissão oficial, 400 mil foram às ruas de Belém neste domingo. **Diário do Pará**. Belém, ano 38, nº 13.572, 11 de out. 2021a. p. 10.

SOARES, Priscila. Comerciantes e artesãos movimentam a economia local. **Diário do Pará**. Belém, ano 38, nº 13.571, 9 e 10 de out. 2021. Círio 2021b, p. 38.

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão-Pará**. 3a edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

TREVISAN, J. Silvério **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

YURI, Alexandre. G1 PA. Site oficial. 09/10/2015. **Organização garante ‘Festa da Chiquita’ na véspera do Círio**. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2015/noticia/2015/10/organizacao-garante-festa-da-chiquita-na-vespera-do-cirio.html>. Acesso em: 06 fev. 2020.

VALLEJO, Gustavo. **Biopolítica de la pandemia**. Madrid: Sociedad española de História de La Medicina, 2020. Disponível em: <https://sehmepidemiassaludglobal.wordpress.com/2020/11/18/biopoliticas-pandemia-vallejo/>. Acesso em: 25 maio 2022.

VIEIRA, F. G. D. Perspectivas e limites da pesquisa qualitativa na produção de conhecimento em Marketing. **Revista de Negócios**, v. 18, n. 1, 2013.

VILARINS, T. Pandemia fecha 400 empresas de turismo no Pará. **O liberal**. Belém, ano 74, n. 36.601, 11 Out. 2020. Panorama, p. 6.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O(a) Senhor(a) está sendo convidada(o) como voluntária(o) a participar da pesquisa “**A FESTA DA CHIQUITA NO CONTEXTO DO CÍRIO DE NAZARÉ: UMA EXPERIÊNCIA DE LAZER NO ENTRELAÇAMENTO ENTRE A DEVOÇÃO, O DIVERTIMENTO E O (NEG)ÓCIO**”, coordenada pelo Professor Doutor José Alfredo Oliveira Debortoli, contando com a participação do doutorando Bartos Batista Bernardes. Esta pesquisa tem como objetivo compreender melhor as experiências de lazer no ambiente das Festas da Chiquita e do Círio de Nazaré, a partir dos seus múltiplos aspectos, tanto relacionados à devoção quanto ao divertimento, bem como às possibilidades de negócios (sobretudo atreladas à economia popular) que surgem a partir desse complexo movimento sociocultural.

O(a) Senhor(a) será entrevistado(a) por num período de 2 horas, em dia e horário que lhe for conveniente, no período de 01 a 31 de outubro de 2021. Ao responder às perguntas do questionário, o(a) senhor(a) poderá se sentir desconfortável com algumas questões que podem lhe trazer lembranças ruins. Caso isso ocorra, o(a) senhor(a) pode recusar a responder à questão ou desistir da participação, sem que isso lhe traga qualquer penalidade.

Afirmamos o compromisso de tornar público os resultados deste trabalho, garantindo-lhe que o(a) senhor(a) não terá o seu nome divulgado, e que seu anonimato se dará por meio do uso de um pseudônimo ou de outro formato que assegure a sua não identificação, a exemplo de uma simbologia numérica.

O(a) Senhor(a) fica ciente de que o conteúdo gerado nesta entrevista poderá ser divulgado tanto na mídia convencional (jornais e portais da internet de circulação regional, nacional e internacional), mas principalmente em eventos acadêmicos e científicos, a exemplo de aulas, congressos, seminários, colóquios, além de publicações em jornais, periódicos e revistas científicas.

O(a) Senhor(a), como voluntário(a), pode recusar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização ou prejuízo ao tratamento a que está sendo submetido(a) nesta instituição. O(a) Senhor(a) receberá uma via deste documento devidamente assinada por um dos pesquisadores e terá sua dignidade e autonomia respeitadas.

A SEGUIR O(A) SENHOR(A) PODERÁ AUTORIZAR OU NÃO A GRAVAÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO DA ENTREVISTA QUE VOCÊ IRÁ CONCEDER PARA ESTA PESQUISA:

GRAVAÇÃO DE ÁUDIO

Desejamos que esta entrevista tenha o seu áudio gravado na íntegra, o que poderá ser ou não autorizado pelo(a) senhor(a), sem que haja qualquer tipo de prejuízo, assinalando em uma das duas opções abaixo:

- () SIM, autorizo a gravação na íntegra, da entrevista que concederei.
- () NÃO, eu não autorizo a gravação da entrevista que concederei.

GRAVAÇÃO DE VÍDEO

Desejamos que esta entrevista seja filmada, gravado o seu vídeo na íntegra, o que poderá ser ou não autorizado pelo(a) senhor(a), assinalando em uma das duas opções abaixo:

() SIM, autorizo a filmagem na íntegra, da entrevista que concederei.

() NÃO, eu não autorizo a filmagem da entrevista que concederei.

Disponibilizamos através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, NaPrática, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte/MG, através do telefone (31) 3409-2333 ou pelo e-mail bartinho3011@gmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o COEP-UFMG, através do telefone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br, endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º Andar – sala 2005 – Campus Pampulha – Belo Horizonte – MG – CEP: 31270-901.

Diante do que aqui foi exposto, se você leu e entendeu a proposta da pesquisa, e se você tirou todas as dúvidas que possui em relação à mesma, por favor assine o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal, concordando livremente em ser um participante voluntário deste estudo.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Belém-PA, _____ de _____ de _____.

Doutorando em Estudos do Lazer

Assinatura da Pessoa Voluntária

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

APÊNDICE B1 – PARTICIPANTES DA FESTA DA CHIQUITA

PERGUNTAS:

PERGUNTA 01: O que é a Festa da Chiquita?

PERGUNTA 02: O que lhe faz participar da Festa da Chiquita?

PERGUNTA 03: Como você vê a relação da Festa da Chiquita e o Círio de Nazaré?

PERGUNTA 04: Como é fazer parte da comunidade LGBTQIA+ na atualidade?

PERGUNTA 05: Qual o seu grande sonho em relação a comunidade LGBT?

PERGUNTA 06: No decorrer do evento você identifica aspectos de lutas e resistências de combate ao preconceito e à homofobia? Em caso positivo, de que maneira eles acontecem?

PERGUNTA 07: Você diria que há um mercado para o público da Chiquita em específico?

PERGUNTA 08: Quais os tipos de produtos e serviços você consome, em decorrência de sua participação na Festa da Chiquita (tanto antes quanto durante a festa)?

PERGUNTA 09: Você consome algum dos produtos ofertados pelos vendedores ambulantes que atuam no Círio?

PERGUNTA 10: Você se considera uma pessoa devotada a Nossa Senhora de Nazaré? *(em caso negativo, pular para a questão 11).*

PERGUNTA 11: Você já sofreu algum preconceito ao demonstrar essa devoção?

PERGUNTA 12: Em seu cotidiano, você pratica alguma religião? Comente sua resposta.

PERGUNTA 13: O que o Círio de Nazaré e a Festa da Chiquita significam pra você?

PERGUNTA 14: Que momento da Festa da Chiquita é mais aguardado por você?

PERGUNTA 15: Que sugestão você daria para que a Festa da Chiquita pudesse se tornar melhor?

APÊNDICE B2 – VENDEDORES INFORMAIS DE BELÉM

PERGUNTAS:

PERGUNTA 01: O que lhe motiva a comercializar seus produtos nos ambientes da Chiquita e do Círio?

PERGUNTA 02: De que modo a realização do Círio impacta sobre o seu negócio?

PERGUNTA 03: O que esse negócio representa para você?

PERGUNTA 04: Como se dá a preparação dos seus negócios para atuação durante o período do Círio?

PERGUNTA 05: Como se dão as políticas de ocupação dos espaços públicos para o comerciante informal atuar no período do Círio? Qual diferença para ocupação em outras épocas do ano?

PERGUNTA 06: Existem mais pessoas trabalhando com você? E onde você costuma adquirir seus produtos?

PERGUNTA 07: Quais as estratégias de vendas que você utiliza em seu negócio? Há outras formas de comercialização?

PERGUNTA 08: Em que outros eventos ou locais você costuma realizar suas vendas?

PERGUNTA 09: Qual a sua opinião sobre a realização da Chiquita no mesmo final de semana do Círio?

PERGUNTA 10: Para você, quais são os setores comerciais que mais se beneficiam da Festa do Chiquita?

PERGUNTA 11: Que mudanças ocorreram nos seus negócios recentemente?

PERGUNTA 12: Você faz parte de algum tipo de cooperativa, associação ou grupo que possibilite benefícios através de uma organização, a exemplo de compras compartilhadas de insumos ou vendas compartilhadas de produtos ou cessão de espaços em pontos estratégicos? Existe algum tipo de parceria com outros vendedores?

PERGUNTA 13: Existe alguma instituição (governamental ou não) que dê apoio ao seu empreendimento?

PERGUNTA 14: Como você começou o seu negócio? Houve alguma influência?

PERGUNTA 15: Os seus produtos são pensados exclusivamente para a demanda local no período do Círio e da Chiquita ou também para outras épocas do ano?

PERGUNTA 16: Você se diverte durante seu trabalho? Que tipos de vínculos são estabelecidos durante o seu ofício?

PERGUNTA 17: Quais as principais vantagens no seu tipo de negócio?

PERGUNTA 18: Quais as principais desvantagens no seu tipo de negócio?

PERGUNTA 19: Em seu cotidiano, você pratica alguma religião? Comente sua resposta.

PERGUNTA 20: Você se considera uma pessoa devotada a Nossa Senhora de Nazaré?

PERGUNTA 21: Durante a pandemia do COVID-19 você chegou a receber algum tipo de apoio? Comente.

PERGUNTA 22: Como foi lidar com a não realização do Círio no ano de 2020 e quais os impactos sentidos em função dessa ausência?

PERGUNTA 23: Como você definiria a Festa da Chiquita?

PERGUNTA 24: Você acha que o público da Chiquita enfrenta algum tipo de preconceito?

PERGUNTA 25: Como é ser vendedor ambulante na atualidade?

PERGUNTA 26: Você considera sofrer algum tipo de preconceito em razão da sua atividade?

APÊNDICE B3 – REPRESENTANTES DO CÍRIO DE NAZARÉ
ORGANIZAÇÃO E DEVOTOS

PERGUNTAS:

PERGUNTA 01: O que lhe motiva a participar do Círio de Nazaré?

PERGUNTA 02: O que há de mais importante na Festa do Círio?

PERGUNTA 03: Como você definiria o Círio de Nazaré?

PERGUNTA 04: Qual dos inúmeros eventos que ocorrem no Círio mais lhe emociona?

PERGUNTA 05: Como você observa a contribuição do Círio para o desenvolvimento social, cultural e econômico de Belém?

PERGUNTA 06: Qual a sua demanda por produtos e serviços por ocasião da Festa do Círio, ou seja, que tipos de gastos você realiza no decorrer da Quadra Nazarena?

PERGUNTA 07: Você consome algum dos produtos ofertados pelos vendedores ambulantes que atuam no Círio?

PERGUNTA 08: Sobre os eventos culturais que acontecem em abundância na cidade de Belém no período do Círio, mesmo fora da esfera religiosa, você participa de algum? Qual a sua visão sobre esses eventos?

PERGUNTA 09: Qual a sua opinião sobre a realização da Festa da Chiquita no mesmo período do Círio de Nazaré?

PERGUNTA 10: Em termos econômicos, você acredita que a Festa da Chiquita traz algum benefício para a cidade?

PERGUNTA 11: Você tem algum contato com algum participante da Festa da Chiquita, ou membro da sua equipe organizadora?

PERGUNTA 12: Qual a sua opinião sobre a realização da Festa da Chiquita durante o Círio de Nazaré e o que se desdobra a partir do entrelaçamento entre essas festas?

PERGUNTA 13: Você considera que o público da Chiquita pode ser devoto de Nossa Senhora de Nazaré?

PERGUNTA 14: Você acredita que o público da Chiquita ainda sofre preconceitos motivado por suas características de festa voltada para o público homossexual?

APÊNDICE B4 – ORGANIZAÇÃO DA CHIQUITA

PERGUNTAS:

PERGUNTA 01: Como você definiria a Festa da Chiquita Bacana?

PERGUNTA 02: Qual a relação da Festa da Chiquita com o evento do Círio de Nazaré e como se deu o encontro entre essas duas festas?

PERGUNTA 03: Qual a sua opinião sobre a realização da Festa da Chiquita durante o Círio de Nazaré e o que se desdobra a partir do entrelaçamento entre essas festas?

PERGUNTA 04: Quais as principais lutas abraçadas pela Festa da Chiquita na atualidade e de que modo elas se manifestam no decorrer do evento?

PERGUNTA 05: Como é fazer parte da comunidade LGBTQIA+ na atualidade?

PERGUNTA 06: Como se dá a preparação da Festa da Chiquita?

PERGUNTA 07: Quais os avanços percebidos desde 1978, quando a Chiquita teve início?

PERGUNTA 08: Houveram retrocessos também? Em caso positivo, quais?

PERGUNTA 09: Quais os principais obstáculos enfrentados ao longo desses anos?

PERGUNTA 10: Quais os principais apoios recebidos na história da Chiquita?

PERGUNTA 11: Você diria que há um mercado para o público da Chiquita em específico?

PERGUNTA 12: Quais os tipos de produtos e serviços mais consumidos pelo público da Chiquita?

PERGUNTA 13: Há algum tipo de controle por parte da organização da Chiquita, acerca dos vendedores ambulantes que atuam na Praça durante a Festa?

PERGUNTA 14: De uma maneira geral, qual a contribuição da Chiquita para o comércio belenense? Quem tem oportunidades de ganhos durante essa Festa?

PERGUNTA 15: Qual a relação da Chiquita com a equipe organizadora da Festa religiosa do Círio?

PERGUNTA 16: Como se dá a relação com a devoção à Nossa Senhora de Nazaré na Festa da Chiquita?

PERGUNTA 17: Qual o significado para a Festa da Chiquita, do reconhecimento desse evento tanto pelo IPHAN quanto pela UNESCO? Frutos foram colhidos a partir desses reconhecimentos?

PERGUNTA 18: Qual a importância do Círio e da Chiquita pra você?

PERGUNTA 19: Como você enxerga a Festa da Chiquita daqui há 10 anos? O que ainda falta ser realizado pela Festa da Chiquita?

PERGUNTA 20: Se você pudesse, o que mudaria na Festa do Círio, para que a Festa da Chiquita pudesse se tornar ainda melhor?